

Gabriela Ramos Souza

IMPrensa LITERÁRIA E MODERNIDADE:
O NATURALISMO NO PERIÓDICO *A QUINZENA* (1887-1888)

Belo Horizonte

2016

Gabriela Ramos Souza

IMPrensa LITERÁRIA E MODERNIDADE:
O NATURALISMO NO PERIÓDICO *A QUINZENA* (1887-1888)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de pesquisa: Literatura, Memória e História Cultural

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas

Faculdade de Letras - UFMG

Belo Horizonte

2016

S729i Souza, Gabriela Ramos.
Imprensa literária e modernidade [manuscrito] : o naturalismo no periódico *A Quinzena* (1887-1888) / Gabriela Ramos Souza. – 2017.
190 f., enc. : il., facsims., p&b.
Orientador: Marcus Vinicius de Freitas.
Área de concentração: Literatura Brasileira.
Linha de pesquisa: Literatura, Memória e História Cultural.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 133-141.
Apêndices: f. 142-173.
Anexos: f. 174-190.

1. Literatura brasileira – Ceará – História e crítica – Teses. 2. *A Quinzena* – Periódicos – Teses. 3. Naturalismo na literatura – Teses. 4. Imprensa e literatura – Teses. 5. Modernismo (Literatura) – Teses. 6. Paiva, Oliveira, 1861-1892. – Crítica e interpretação – Teses. I. Freitas, Marcus Vinicius de, 1959-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : B869.09



pós-lit
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de
Letras - FALE

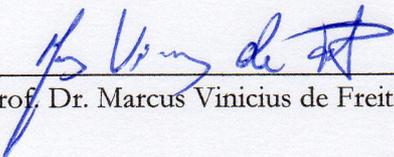


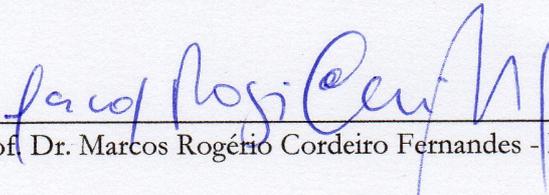
Dissertação intitulada *Imprensa literária e modernidade: o naturalismo no periódico "A Quinzena" (1887-1888)*, de autoria da Mestranda GABRIELA RAMOS SOUZA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

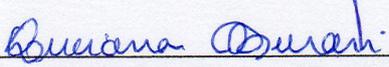
Área de Concentração: Literatura Brasileira/Mestrado

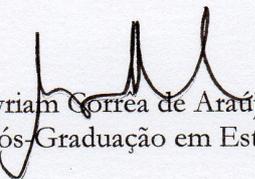
Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:


Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas - FALE/UFMG - Orientador


Prof. Dr. Marcos Rogério Cordeiro Fernandes - FALE/UFMG


Profa. Dra. Luciana Murari - PUC/RS


Profa. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Aos que compartilharam, pacientemente, o seu tão precioso tempo, contribuindo com leituras, ideias e vivências. Àqueles que, muito mais do que me passar conhecimento acadêmico, foram sustentáculo.

Ao professor Marcus Vinicius de Freitas, por aceitar me orientar, pela condução precisa e objetiva deste trabalho e pela generosidade.

Ao professor Ronaldo Salgado, mestre e amigo do jornalismo, pelos preciosos ensinamentos, pelo suporte com o qual pude contar no período de escrita e pela bibliografia indicada.

Ao professor Sânzio de Azevedo, pela prontidão em responder às minhas questões.

Ao escritor Raymundo Netto, pelas conversas sobre o trabalho e recomendações de livros.

À professora Maria Cecília Boechat, pelas importantes correções na elaboração do projeto.

Ao professor Batista de Lima, por me inspirar a trabalhar com o objeto desta dissertação.

Aos professores da banca, Luciana Murari e Marcos Rogério Cordeiro Fernandes, pelas significativas contribuições durante a defesa da dissertação.

Aos funcionários do Instituto do Ceará que colaboraram com esta pesquisa.

A todos os amigos e colegas que Belo Horizonte me apresentou e que me possibilitaram um trajeto suave e agradável no meu período de exílio.

À Rayane Pacheco, companheira de casa, de estudos e de caminhadas na lagoa, pela amizade.

Ao luxo da aldeia, andarilhos das terras alencarinhas, Alicianne Gonçalves, Paulo César Teles, Viviane Lima, Danilo Patrício e Lucas Assunção, responsáveis por dias mais leves.

À Deise Santana e à Paloma Sette, pelo convívio tranquilo que facilitou o trabalho cotidiano.

Ao Bruno Hott, amizade e companhia que ganhei nos últimos meses de escrita.

Aos solícitos colegas da pós-graduação, sempre dispostos a ajudar com dicas valiosas.

Aos amigos de longe, e de longa data, que se mantiveram presentes e foram fundamentais nessa jornada, em diferentes momentos, dando-me força, compartilhando sonhos e projetos. À Camila Torres, que leu parte da pesquisa, à Elane Conde, amiga das longas conversas, e ao Felipe Almeida, amigo sempre disponível, pela revisão de texto desta dissertação.

À minha família, pelo apoio contínuo. À Capes, pela concessão da bolsa de estudos.

*Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar!
Belchior*

RESUMO

Impulsionada pelo ideal moderno de progresso e de desenvolvimento por meio da construção de uma nação brasileira e de uma civilização cearense com a divulgação da literatura, das demais artes e das ciências, a agremiação Clube Literário (1886), criada por um grupo de intelectuais integrados à vida literária do Ceará, produziu 30 edições do periódico *A Quinzena*. A folha foi divulgada entre 1887 e 1888, com periodicidade quinzenal, sendo a primeira publicação da imprensa literária da província a ser elaborada por uma sociedade de escritores. As páginas do periódico nos apresentam o ponto de vista de autores fora do circuito concentrado na Corte, que excluía as variadas manifestações espalhadas pelo país, mostrando outro perfil de absorção da modernidade. Mesmo fora do centro, os intelectuais da província do Ceará mantiveram atividades da vida cultural bastante intensa, atrás apenas do Rio de Janeiro, na busca pela integração ao projeto nacional de construção de uma literatura brasileira. Herdeiros da geração de 1870 e envolvidos com a campanha abolicionista, a qual resultou na libertação dos cativos no Ceará em 1884, os membros do Clube Literário eram advindos do jornal político *Libertador*. Reunidos na busca por promover a literatura, tinham o objetivo de formar público leitor para suas produções. Portanto, a publicação reuniu intelectuais de diversos campos do conhecimento, com destaque para a atuação dos escritores Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo, Juvenal Galeno e Antônio Sales. Em todos os números, eram publicados pelo menos um poema, um conto e um texto de crítica literária. Por meio de um panorama da conjuntura histórica da província e das manifestações da cultura literária, observamos o nascimento do periódico *A Quinzena*, integrado à formação de uma imprensa literária local, influenciada por uma experiência nacional. Com a análise do quinzenário, verificamos os temas e as abordagens mais frequentes, influências teóricas e tendências estéticas absorvidas pelos redatores, que buscavam divulgar os pensamentos mais em voga do período a fim de estarem envolvidos com os debates modernos do Rio de Janeiro e da Europa. É identificada, portanto, a maior recorrência de temas ligados às ciências naturais e à literatura naturalista, essa última desenvolvida, sobretudo, nos ensaios críticos de literatura. Com a análise da produção do escritor Oliveira Paiva, por meio dos ensaios e contos publicados na folha, observamos a defesa da estética naturalista, entendida, pelos membros do grupo, como sendo o caminho para a construção de uma literatura brasileira. Identificamos, assim, pontos de contato entre o projeto individual do escritor com um projeto coletivo da agremiação, relacionado às demandas modernas nacionais que vieram a reverberar, anos depois, no Brasil, tanto na literatura como em diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: *A Quinzena*, Clube Literário, imprensa literária, modernidade, Oliveira Paiva.

ABSTRACT

Driven by a modern ideal of progress and development through the construction of the Brazilian nation and the civilization from the Brazilian state of Ceará through the propagation of literature as well as other arts and sciences, the Literary Club society (Clube Literário, 1886) produced 30 editions of the publication *A Quinzena*, which was created by a group of intellectuals who were part of Ceará's literary scene. The bimonthly was promoted between 1887-1888, becoming the first publication from the province's literary press to have been produced by a writers' society. In its pages, the periodical presents the point of view of authors outside the royal court's circuit, which excluded the diverse manifestations spread across the country, showing another side of society's absorption of modernity. Despite remaining outside this nucleus, intellectuals from the then-province of Ceará maintained very intense cultural lives and activities, second only to Rio de Janeiro in their search for integration to the national project that was the construction of a Brazilian literature. Heirs to the 1870 generation and involved with the abolitionist campaign that resulted in the liberation of Ceará's captives in 1884, members of the Literary Club came from the political newspaper *Libertador*. United in pursuit of promoting literature, they aimed to create a readership for their productions. For that reason the publication gathered intellectuals from various fields of knowledge, but especially the work of writers Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo, Juvenal Galeno and Antônio Sales. At least one poem, short story and literary critique were published in every issue. Through the panorama of the province's historical context and manifestations of the literary culture, we observe the birth of *A Quinzena* as related to the formation of a local literary press, influenced by the national experience. The analysis of the bimonthly publication identifies frequent themes and approaches as well as theoretical influences and aesthetic tendencies absorbed by the writers, who aimed to promote the period's most current thinking in order to be involved with the modern debates taking place in Rio de Janeiro and in Europe. Therefore, we identify themes related to the natural sciences and naturalistic literature as the most recurrent, the last one developed mainly in critical literary essays. With the analysis of writer Oliveira Paiva's production of essays and short stories in the publication, we identify a defense of a naturalistic aesthetic, understood by members of the group as the path to the construction of Brazilian literature. We identify, therefore, points of contact between the writer's individual project and the club's collective project, related to modern national demands that would go on to reverberate years later in Brazil across literature, and in many other knowledge areas.

Keywords: *A Quinzena*, Literary Club, literary press, modernity, Oliveira Paiva.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Primeira página da edição número 1	47
IMAGEM 2: Primeiros anúncios	74

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Seções de notícias literárias e culturais	51
TABELA 2: Temas das crônicas <i>Os Quinze Dias</i>	82
TABELA 3: Artigos publicados em <i>A Quinzena</i>	119
TABELA 4: Participações de membros e colaboradores	149

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO UM: IMPRENSA LITERÁRIA E AGREMIações NO CEARÁ DO SÉCULO XIX.....	17
1.1 IMPRENSA LITERÁRIA NO BRASIL.....	19
1.1.2 <i>A literatura no jornal</i>	26
1.2 ATRASO ECONÔMICO, SOCIAL E CULTURAL.....	32
1.2.1 <i>Um público para os grupos de letrados</i>	39
1.3 PADARIA ESPIRITUAL: A ASCENSÃO DA IMPRENSA LITERÁRIA.....	41
CAPÍTULO DOIS: A QUINZENA.....	45
2.1 ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO POSTOS EM PRÁTICA.....	48
2.2 O PROJETO PROGRESSISTA E CIVILIZADOR NOS EDITORIAIS.....	53
2.3 LINHA EDITORIAL.....	62
2.3.1 <i>O projeto literário</i>	64
2.3.2 <i>Ensaio científico</i>	68
2.3.3 <i>Anúncios: perfil de consumo fortalezense</i>	71
2.4 <i>Os QUINZE DIAS</i> , POR JOÃO LOPES.....	76
CAPÍTULO TRÊS: OLIVEIRA PAIVA E A BUSCA POR UMA ESTÉTICA NATURALISTA.....	83
3.1 O NATURALISMO NA PROVÍNCIA.....	86
3.2 CRÍTICA LITERÁRIA.....	90
3.3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA OBRA DE OLIVEIRA PAIVA.....	99
3.3.1 <i>Contos como exercício</i>	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	133
PERIÓDICOS.....	139
APÊNDICES.....	142
APÊNDICE A: MEMBROS E COLABORADORES DO CLUBE LITERÁRIO.....	142
APÊNDICE B: ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	150
ANEXOS.....	174
ANEXO A: SUMÁRIOS DAS 30 EDIÇÕES D' <i>A QUINZENA</i>	174
ANEXO B: ENSAIOS SOBRE O NATURALISMO, POR OLIVEIRA PAIVA.....	186
<i>O Naturalismo</i>	186
<i>O que vem a ser uma obra naturalista?</i>	188

INTRODUÇÃO

Envolvidos pela onda moderna, da segunda metade do século XIX, formada pelos ventos soprados da Europa e da Corte, os intelectuais na província do Ceará aproveitaram o espaço na imprensa para divulgar a literatura, as demais artes e as ciências, levantando também as bandeiras do abolicionismo e do republicanismo. Vindos do jornal político *Libertador*, pertencente à Sociedade Cearense Libertadora, um grupo desses intelectuais, desejoso de construir um projeto de nação brasileira, em prol da civilização e do progresso, uniu-se em torno do Clube Literário (1886), tendo como resultado o periódico *A Quinzena* (1887-1888), primeira publicação da imprensa literária da província a ser elaborada por uma sociedade de escritores. No corpo de redatores, figuraram os escritores Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo, Juvenal Galeno e Antônio Sales, além de colaboradores como Farias Brito, Capistrano de Abreu e Papi Júnior.

Nas 30 edições da publicação, estão distribuídos textos literários, artigos e ensaios críticos que percorrem os projetos individuais dos redatores e o projeto comum da agremiação literária – na qualidade de grupo constituído por uma elite local – de construção de uma nação brasileira e do estabelecimento do sentido de “ser cearense”, em busca de um ideal moderno de civilização. Portanto, as constantes secas na província são mostradas como responsáveis pela formação de um povo forte, numa livre adequação das teorias deterministas em voga no final do século XIX, e a campanha da abolição é tratada como prova do pioneirismo cearense.

O fato de a província do Ceará ter sido a primeira do Brasil a libertar os escravos, em 25 de agosto de 1884, é um dos principais sustentáculos políticos ressaltado pelo periódico. Ainda que a abolição seja apresentada como um assunto superado em *A Quinzena*, o acontecimento é uma referência constante. A abordagem da libertação dos escravos dada pela elite que dominava o meio impresso naquele período reverberou, também, no modelo reproduzido pela historiografia local¹, que passou a destacar a província como a “Terra da Luz”.

A libertação dos cativos, porém, coadunava claramente com as necessidades do mercado inglês, que tinha amplo espaço no Ceará, conquistado, sobretudo, com a exportação da produção algodoeira local e com a abertura de casas estrangeiras na capital Fortaleza por volta da década de 1860. Ademais, casava-se com as baixas demandas por escravos na província, maltratada por longos períodos de estiagem, como a seca de 1877, que freou a

¹ Sobre as diferentes abordagens, no campo da história, da abolição no Ceará, ver mais em OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **Banquete Literário**: as idéias “científicas” do século XIX nas produções literárias de Fortaleza (O Club Literário). Dissertação de mestrado. Recife, CFCH, PPH – UFPE, 2000.

expansão econômica. Além disso, ainda que a história destaque um nome popular no processo de abolição – o do jangadeiro Chico da Matilde, que se recusou a embarcar escravos para as províncias do Sul em 31 de agosto de 1881² –, esse movimento veio das mãos de uma elite, em que o jornal *Libertador*, e sua equipe formada pelos futuros integrantes d'*A Quinzena*, tiveram papel efetivo.

Tratado de forma secundária desde o período da colonização, o Ceará nunca havia sido um atrativo real do poder central português: suas terras eram áridas, o litoral de difícil atracagem e os nativos resistentes à dominação³. No século XIX, a imagem que marcou a província foi da seca, que causou, pela primeira vez, movimentação do governo central, com a Comissão Científica de Exploração⁴ (1856) enviada pelo poder imperial, também chamada de Comissão das Borboletas. Essa mobilização era motivada, principalmente, pela busca de integração da nação. Diante do papel desprestigiado, mesmo em comparação a províncias nortistas⁵, como Pernambuco e Bahia, que chegaram a ser polos econômicos durante o período colonial, o desenvolvimento da vida cultural ficou aquém no Ceará, assim como as vidas econômica e social. Portanto, a busca dos intelectuais envolvidos na imprensa era ampla, relacionada não apenas com a promoção da literatura, mas também com uma constituição de diferentes setores do conhecimento e da sociedade.

Antes da formação do Clube Literário, seus participantes não haviam sido apenas atuantes na campanha de libertação dos escravos – e, anos depois, colaboradores na instituição da República. Eles eram herdeiros da geração de 1870, que na província cearense se manifestou por meio da Academia Francesa⁶, com Rocha Lima, Araripe Júnior, Capistrano

² Na data, tendo como aliada a população das classes mais baixas e os demais colegas jangadeiros, Francisco José do Nascimento, o Chico da Matilde e futuro “Dragão do Mar”, ganhou destaque no impedimento de embarque de escravos para outras províncias. A demanda por cativos em outras regiões partia após a Lei Eusébio de Queirós, responsável pelo fim do tráfico negreiro interatlântico, intensificando o tráfico interprovincial. Com o episódio na praia do Mucuripe, em Fortaleza, o Ceará passou a ser tratado como referência da campanha pela imprensa carioca, com o Chico da Matilde estampando a capa da *Revista Ilustrada* de 1884. O evento fez parte de uma sequência de manifestações abolicionistas. Conforme relatou o *Libertador* de 7 de fevereiro de 1881 (edição 3, ano I), no texto *Os acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro*, 1.500 homens, de todas as classes, protestaram na praia naquele dia contra os escravocratas, anunciando: “No porto do Ceará não se embarca mais escravos”.

³ Nas primeiras tentativas de colonização, tanto portugueses como franceses foram atacados pelos nativos, com o padre jesuíta Francisco Pinto assassinado em 1607, na Serra de Ibiapaba, em uma das investidas de aproximação com os índios do interior da província.

⁴ Foi uma expedição organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, realizada entre 1859 e 1861. Mais detalhes no capítulo 1 desta dissertação.

⁵ Vale ressaltar que, no período tratado, ainda não havia a denominação Nordeste, criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para a região em que o Ceará está inserido. Portanto, o Ceará era tido como localizado ao Norte.

⁶ Atuante entre 1872 e 1875, e liderada por Rocha Lima, foi composta por importantes nomes nacionais, que chegaram a integrar a Escola de Recife, como Araripe Júnior, Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua. Também participaram Tomaz Pompeu, Virgílio Brígido, Xilderico Farias e França Leite. Ver mais detalhes da formação da agremiação; sobre Capistrano de Abreu, Araripe Júnior e Rocha Lima em COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Pallas; Brasília, INL, 1976.

de Abreu e Clóvis Beviláqua. Além disso, muitos deles estudaram na Faculdade de Direito do Recife, trazendo as teorias e o pensamento científico predominante no Brasil e no mundo. Combinado a esse movimento, com a construção do porto de Fortaleza, na década de 1860, a capital passou a receber de modo mais intenso mercadorias e informações, por meio de livros, jornais e revistas. Diante dessa agitação em torno das atividades culturais, José Veríssimo (2001) indica que a vida literária do Ceará do século XIX ficava atrás apenas do Rio de Janeiro. Evidencia-nos, portanto, a necessidade de pesquisas acerca das manifestações provincianas para os estudos no campo da literatura brasileira:

Na literatura provinciana não há nada que a distinga, senão o espírito chamado provinciano, que não é propriamente um espírito de distinção e de isenção, mais fácil de adquirir em uma grande cidade, e ao contrário tem sempre alguma coisa de estreiteza do meio. Devemos animá-la, entretanto, porque hoje, como ontem, são os grupos literários provincianos a sementeira da nossa literatura. (VERÍSSIMO, 2001, p. 133)

A motivação para o estudo do periódico *A Quinzena* surgiu ao notarmos a ausência de pesquisas no campo da literatura centradas na produção do Clube Literário. A historiografia literária, de modo geral, ressalta a atuação da Academia Francesa e salta para a Padaria Espiritual⁷, sucessora do Clube Literário, sem citá-lo⁸. Já os pesquisadores que se concentraram nas produções de intelectuais cearenses, ou de escritores integrados à vida literária do Ceará⁹, apesar de citarem a atuação do Clube, costumam isolar a análise em alguns textos dos escritores mais conhecidos, sem observar o conjunto da publicação. Entendemos, no entanto, a literatura produzida naquele período como integrada ao contexto da imprensa, em que textos de ficção e não ficção mantinham relação dentro dos objetivos da agremiação literária. Não significa, porém, que tratamos literatura e jornalismo como correspondentes. Compreendemos as peculiaridades, mas também damos relevo às suas relações.

Observamos que há uma quantidade mais significativa de pesquisas voltadas para a produção e atuação da Padaria Espiritual, que ganhou destaque por ser associada a uma forma de antecipação da Semana de Arte Moderna de 1922 (Cf. AZEVEDO, 1976). Essa visão anacrônica reforça a exclusão das manifestações literárias do período moderno, ao esquecer as

⁷ Surgida em 1892, publicou na imprensa o jornal *O Pão* (1892-1896). Dentre os principais membros estão Antônio Sales, Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo. Foi o grupo literário mais importante na história do estado do Ceará.

⁸ Como exemplo, temos os textos de José Veríssimo (*Que é literatura? E outros escritos*, 2001), de Brito Broca (*A vida literária no Brasil*, 2005), de Alfredo Bosi (*História Concisa da Literatura Brasileira*, 1995) e de Afrânio Coutinho (*Conceito de literatura brasileira*, 1976), que tratam brevemente das manifestações literárias nas províncias, mas se esquecem de fazer ao menos uma referência ao Clube Literário.

⁹ AZEVEDO (1976), BARREIRA (1948), MOTA (1994), MACIEL (1998), dentre outros.

atividades que antecederam o movimento modernista no país, como observou Francisco Foot Hardman nas suas obras *Trem fantasma: a modernidade na selva* (1984) e *A vingança de Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna* (2009), que abordam as contradições provocadas no Brasil no período moderno.

Estudar *A Quinzena* é dar a devida importância à publicação em sua contribuição na imprensa literária do país. Desse modo, entendemos o periódico em seu momento histórico – e com suas contradições –, em que o projeto intelectual moderno buscava pela aliança entre o progresso e a relação com a natureza, refletindo por meio dos estudos nos campos das ciências naturais e da literatura naturalista¹⁰, a partir da importação de um ideal de civilização europeu.

Para esta pesquisa, também temos como referência o trabalho *Banquete literário: as ideias “científicas” do século XIX nas produções literárias de Fortaleza (O Club Literário)*, de Cláudia Oliveira de Freitas (2000). A historiadora faz um apanhado detalhado acerca do Clube Literário, observando, sob a perspectiva da modernidade, a importação das tendências teóricas, a adaptação para as demandas locais e a construção da imagem do pioneirismo cearense pela imprensa¹¹, tendo como base os periódicos *A Quinzena* e o *Libertador*. A diferença da nossa pesquisa se dá na forma de análise, uma vez que o aspecto histórico, em Oliveira (2000), é muito mais ressaltado em detrimento dos demais.

A nosso ver, analisar *A Quinzena* nos permite observar não apenas seu caráter histórico na construção da modernidade, na divulgação das ciências e das artes, mas também na constituição de uma imprensa literária e, principalmente, na formação de uma literatura voltada para as tendências naturalistas. Além disso, é oportunidade de responder a questões frequentes na historiografia literária, que, por vezes, apresenta certo tom de surpresa ao constatar a agitada vida literária do Ceará, questionando: como pode numa província pobre ter existido tantas agremiações literárias? É a partir de questões como essa, inclusive, que José Ramos Tinhorão (2006) lança base para a sua obra *A Província e o Naturalismo*, sobre a produção literária no Ceará:

Realmente, que estranha conjuntura de fatores humanos ou divinos poderia explicar que, num dado momento histórico, se viesse a formar numa província pobre do Império uma geração de homens capazes de discutir, no mesmo plano dos núcleos

¹⁰ Mais em MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2009.

¹¹ A pesquisadora também se detém na observação da construção da imagem do sentido de “ser cearense”, analisando a abordagem da historiografia acerca da abolição dos cativos em 1884. Ao mostrar a construção da imagem do evento no Ceará por importantes historiadores cearenses, ela opõe com estudos que demonstram que a libertação não foi um movimento necessariamente uniforme naquele ano na província, sendo efetivo apenas anos depois.

intelectuais da Corte, as mais recentes conquistas da ciência ou as últimas modas filosóficas ou literárias? (TINHORÃO, 2006, p. 19-20)

Procuramos, no primeiro capítulo, evidenciar a conjuntura na qual o Clube Literário estava inserido, até a publicação d'*A Quinzena*, percebendo aspectos históricos da província cearense e de constituição da imprensa brasileira. Entendemos, portanto, a formação da literatura e do jornalismo brasileiros na imprensa do século XIX como integrados, apresentando as peculiaridades de cada área.

Antes mesmo de uma separação efetiva, o exercício na imprensa, ainda longe de um jornalismo de caráter noticioso, também servia como prática da crítica literária e da ficção, por meio de folhetins, contos, crônicas ou poemas. Juntos, jornalismo e literatura constituíram o que chamamos de imprensa literária, em que o projeto d'*A Quinzena* está plenamente integrado: dentro de uma perspectiva de promoção da modernidade, unia ciência, por meio da divulgação das teorias mais populares da época, política, crítica e literatura. Para alcançar o objetivo de construir uma civilização cearense e uma nação brasileira a partir do periódico, os escritores-jornalistas tinham consciência da necessidade da formação de um público leitor¹². Existia, portanto, a contínua tentativa de tornar o impresso mais atrativo aos leitores.

Além de nos voltarmos para a historiografia da imprensa, tomamos como referência estudos acerca de periódicos do final do século XIX, que também se centram nas manifestações modernas de escritores na imprensa, a exemplo da pesquisa de Marcus Vinicius de Freitas (2011), sobre o jornal *Aurora brasileira* (1873-1875), e de Gabriela Campos Vieira (2001), sobre *O novo mundo* (1870-1879). Nesses trabalhos, a visão acerca do papel dos escritores e a leitura das funções da literatura são feitas por meio do entendimento da integração na imprensa de diferentes áreas, o que é fundamental para a nossa pesquisa.

No capítulo dois, fizemos uma análise mais detalhada do conteúdo abordado pela publicação do Clube Literário, observando os temas mais recorrentes nas seções. Percorremos ensaios e artigos sobre ciências naturais, assim como identificamos as tendências teóricas incorporadas e reproduzidas. No campo da literatura, verificamos a publicação de contos, poemas e crônicas de diferentes tendências estéticas, além de nos determos nos ensaios críticos sobre literatura. Nos editoriais e na crônica *Os quinze dias*, do fundador do grupo, João Lopes, percebemos a forte relação da agremiação com a política.

Por fim, no terceiro capítulo, com foco maior na produção literária, observamos a atuação do escritor Oliveira Paiva na publicação e a busca em desenvolver uma estética

¹² Sobre a busca por formar um público leitor por meio da imprensa, e a conjuntura histórica do final do século XIX, ver mais em DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

naturalista mais apropriada à literatura nacional, guiado pelo projeto literário dos membros do grupo. Para isso, analisamos os ensaios teóricos sobre naturalismo de Paiva e de outros colaboradores, assim como a produção ficcional do escritor por meio de contos.

Fica evidente, porém, que a tríade que deveria construir a nação – as letras, as ciências e as artes, segundo os membros do Clube Literário – era desigual e se concentrava na literatura, com destaque para o desenvolvimento da estética naturalista, condizente com uma literatura brasileira proposta pelos membros da agremiação. Segundo eles, o caminho de uma província pobre em direção ao progresso era a imprensa que, casada com a literatura, seria uma das sementeiras em prol do desenvolvimento da civilização, no combate aos “homens práticos”, apenas voltados para a política. Verificando os passos dados em torno da ânsia dessa elite intelectual, é possível identificar erros e acertos na incorporação moderna. Por esse caminho, percebemos a necessidade dos intelectuais do Ceará de integrarem a literatura com outras áreas do conhecimento.

CAPÍTULO UM: IMPRENSA LITERÁRIA E AGREMIações NO CEARÁ DO SÉCULO XIX

O Ceará do final do século XIX, integrado às tendências do projeto moderno nacional, viveu um momento propício para a literatura e para o jornalismo devido à intensa vida literária, por meio da atividade das sociedades de intelectuais, e ao elevado número de jornais e revistas que passaram a ser publicados no interior e na capital. De 1870 a 1900, foram registradas 37 sociedades literárias¹³ na província, muitas das quais se utilizaram da imprensa para publicar os trabalhos dos seus participantes. Apenas na década de 1870, circularam 76 publicações impressas no Ceará¹⁴. Na década de 1880, marcada pela intensa campanha abolicionista divulgada pela imprensa, surgiram 175 novas publicações.

O periódico *A Quinzena* (1887-1888), do Clube Literário, é resultado do impulso das manifestações das vidas cultural e literária, que não estavam necessariamente dissociadas das atividades políticas. Por ter sido a primeira publicação produzida por uma agremiação literária na província, consideramos como o início efetivo da imprensa literária no Ceará, que passou a se desenvolver com maior intensidade no decorrer da década de 1890.

Os periódicos com essa linha editorial apresentavam características comuns, aliando literatura com variadas temáticas. Portanto, observamos nessas publicações, que consideramos mais próximas ao que chamamos de imprensa literária do século XIX, os seguintes elementos mais recorrentes: 1) a divulgação de textos literários, como contos, crônicas, poesias, folhetins, ensaios ou crítica literária; 2) a autodenominação enquanto publicação literária – seja por meio de uma chamada, descrição do que se trata o impresso em um cabeçalho ou em textos de editorial; 3) a divulgação de notícias em torno de uma cultura literária, acerca de lançamentos de livros, revistas e jornais literários ou sobre a atividade dos escritores, assim como das livrarias e de demais locais que impulsionavam a vida cultural ou literária e reuniam intelectuais; 4) a preocupação bem definida da linha editorial e do corpo de redatores pela formação de um público leitor e pela busca em promover a literatura – normalmente dentro do projeto moderno de divulgar a ciência e de construir uma civilização; 5) o entendimento de que o jornalismo era um meio de possibilitar o avanço da literatura no

¹³ Leonardo Mota (1994), responsável pelo levantamento, também contabilizou mais 48 grupos até 1935.

¹⁴ Conforme o historiador Geraldo Nobre (2006), apesar do declínio no número de publicações na província em relação à década anterior, causada pela retração econômica ocasionada pela seca, houve uma evolução significativa no jornalismo da década de 1870 devido à atuação de jornais políticos mais antigos, que também passaram a ter a concorrência de publicações noticiosas e literárias.

país; 6) a participação de escritores, cujas funções se confundiam com a do jornalista, na equipe editorial ou redacional.

N’*A Quinzena*, em todas as edições, há pelo menos um poema, um conto e um ensaio sobre literatura, com destaque para os escritores Oliveira Paiva, Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo e Antônio Sales. O editorial da primeira edição, de 15 de janeiro de 1887, *Preliminares* – publicado pelo fundador do grupo, o político e jornalista João Lopes – também nos apresenta uma série de elementos que podemos integrar ao que entendemos dentro dos parâmetros indicados acima acerca da imprensa literária. Primeiramente, o editorial denomina a publicação enquanto literária, apresentando os desafios da empreitada diante do predomínio dos jornais políticos e da falta de um público formado. Também pontua a importância da publicação em consonância com os avanços que a província vinha garantindo, como: a campanha abolicionista local, que acarretou na antecipação do fim do trabalho escravo¹⁵; o estabelecimento do ensino primário para mulheres, antepondo-se a outras regiões do país; e a não adesão à Revolta do Quebra-Quilos como forma de adotar melhorias ao comércio e à insipiente indústria. “Em relação à imprensa, e é este o ponto capital para a nossa argumentação, nota-se a mesma tendência boa e progressista. Foi Fortaleza, das cidades de província, a que fez segundo o pelotão à vanguarda da imprensa fluminense, instituindo o jornal de dois vinténs” (LOPES, 15 jan. 1887, p. 2)¹⁶.

Nos pontos citados por João Lopes, encontramos justamente o que Luciana Murari (2009) chama de medidas modernizantes (p. 24), tomadas no projeto nacional de busca pelo progresso. Dentre essas medidas, notamos que foram tópicos bastante enfatizados no decorrer das edições d’*A Quinzena*, como motivos do pioneirismo cearense, os seguintes: a campanha abolicionista, a defesa do republicanismo, o recrutamento militar¹⁷, a mudança de sistema de pesos e medidas, a adesão à questão religiosa¹⁸ e a incorporação de capital estrangeiro, sobretudo o inglês e o americano¹⁹. Além disso, conforme detalha a pesquisadora, o imaginário nacionalista incorporou a natureza nas construções simbólicas, processo percebido nas diferentes manifestações literárias do periódico. Murari (2009) também destaca que a representação da natureza brasileira vem acompanhada, nesse projeto nacional, da perspectiva

¹⁵ Ver mais em GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984. Sobre a relação entre as atividades econômicas e o fim da escravidão no Ceará e no país, recomenda-se BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro**. São Paulo: Pioneira, 1977.

¹⁶ A grafia das palavras nos periódicos foi corrigida, em toda a dissertação, aos moldes do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa mais recente. Não alteramos, no entanto, a pontuação dos textos reproduzidos. Também adequamos a grafia dos nomes dos membros e colaboradores do grupo.

¹⁷ Observado durante a Guerra do Paraguai.

¹⁸ O tema foi bastante debatido pelo periódico *Fraternidade*, jornal cearense da loja maçônica.

¹⁹ Os investimentos ocorreram durante os breves momentos de *boom* econômico, por meio da cotonicultura e da instalação de casas comerciais.

de “um futuro que, esperava-se, acompanharia os processos da técnica, da inovação contínua, o aumento da produtividade, a ascensão do conhecimento e o estabelecimento de uma sólida institucionalidade política liberal similar à dos modernos países capitalistas” (p. 63).

Como o Clube Literário era um grupo formado por colaboradores do jornal político *Libertador*²⁰, com *A Quinzena* impressa em sua tipografia, entendemo-la como um movimento literário na imprensa também de forte carga política. Além disso, eram sucessores da agremiação Academia Francesa, grupo literário e filosófico responsável por ressaltar o projeto moderno na província por meio da importação das ideias positivistas e cientificistas europeias. Por isso, o projeto literário do periódico do Clube se misturava com a publicação de textos variados, tratando sobre costumes, filosofia, ciência, história e antropologia. Ainda no primeiro editorial, João Lopes evidencia o objetivo literário da publicação:

Ora, nada mais natural do que, sobre os fatos que aí ficam apontados, constituir *A Quinzena* o castelo de suas esperanças, de sua confiança mesmo no meio cujo gosto vai tentar, apresentando-se-lhe como publicação puramente literária. O Clube, de que é propriedade, confia muito que poderá mantê-la dentro do seu programa, o que não é fácil, atendendo a pouca intensidade da vida literária entre nós, mas não é impossível, em vista dos nobres estímulos que o levaram a constituir-se e animaram-no a deitar órgão na imprensa. Falamos de programa sem que formulássemos. Julgamo-lo escusado, pois ficou escrito: *A Quinzena* é uma publicação puramente literária. (LOPES, 15 jan. 1887, p. 2)

Outro elemento importante do periódico, que reforça sua integração à imprensa literária, é a divulgação de notícias em torno de uma cultura literária – seja sobre escritores, lançamentos de livros ou revistas literárias – normalmente descritas na crônica *Os quinze dias* ou nas seções *Da Corte, Letras e Artes, Livros e Folhetos, Pelo mundo artístico* e *Recibos*. No segundo capítulo, serão detalhadas as seções para podermos perceber melhor os projetos jornalístico e literário dos membros do grupo por meio da publicação.

1.1 Imprensa literária no Brasil

Nelson Werneck Sodré (2011), em *História da Imprensa no Brasil*, diferencia a imprensa política da imprensa literária (p. 276), demarcando o surgimento dessa última

²⁰ O jornal da Sociedade Cearense Libertadora foi fundamental na promoção da literatura na província, pois divulgava as atividades do Clube Literário e publicou contos e folhetins, a exemplo do primeiro romance de Oliveira Paiva, *A Afilhada* (1889). Também se destacaram no jornal três escritores conhecidos como “os poetas da abolição”, integrantes do Clube Literário: Antônio Bezerra de Menezes, Antônio Martins e Justiniano de Serpa.

durante o Império, no período de “conciliação”²¹, de maior estabilidade política e econômica. Apesar da diferença clara entre periódicos políticos e literários, a linha que os divide muitas vezes não é tão evidente, sobretudo nos primeiros anos de imprensa.

Ainda que a literatura tenha passado a se destacar mais a partir da imprensa do Império²², principalmente depois da segunda metade do século XIX, muitos jornais políticos já publicavam material literário. O surgimento do jornalismo e da literatura não se deu necessariamente tão logo surgiu a imprensa, que teve muito mais uma função informativa, em um primeiro momento²³, do que de formação de opinião pública ou mesmo de formação de um público leitor.

Na imprensa brasileira, Sodré (2011) demarca os períodos de acordo com a conjuntura no país, levando em consideração aspectos econômicos e políticos. Tanto é que o autor chama de imprensa áulica o período que marca a fase inicial da imprensa no país, devido ao caráter oficioso²⁴. Desse modo, desqualifica-a como formação efetiva de uma imprensa brasileira, sendo marcada, conforme ele, apenas com uma publicação impressa da Revolução de 1817 em Pernambuco, que culminou no maior desenvolvimento das tipografias do Nordeste e impulsionou a atividade intelectual nessa região. Se levarmos em consideração esse posicionamento de Sodré, porém, estaríamos excluindo uma série de publicações que tiveram efeito sobre a imprensa literária melhor constituída no final do século XIX.

Marco Morel (2008), ao abordar os primeiros impressos no país²⁵, destaca que a formação da imprensa brasileira não se deu em meio a um vazio cultural, herdando uma tradição impressa portuguesa. Além disso, o pesquisador ressalta que a imprensa surgiu ainda dentro de condições à parte de uma democracia moderna, de sociedades industriais ou de culturas de massas (p. 28), o que não exclui sua importância na constituição das atividades impressas.

²¹ FREITAS (2002) também aborda a imprensa no Império, com foco na imprensa literária, em sua obra *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. O pesquisador nos mostra as relações entre imprensa, Estado, intelectuais do romantismo e estudiosos das ciências naturais.

²² Para ler mais sobre a imprensa no Império, desde a imprensa partidária até a imprensa literária, ver mais em MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de Império*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

²³ Ver mais em MELO, José Marques. **Sociologia da imprensa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1973.

²⁴ O autor também destaca que esse primeiro momento, denominado de imprensa áulica, não se tratava efetivamente de uma imprensa brasileira devido às condições materiais bastante reduzidas, sendo classificada por ele enquanto imprensa artesanal.

²⁵ Sobre os primórdios das atividades impressas, o pesquisador diz o seguinte: “Antes mesmo de 1808, foi possível inventariar mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro, incluindo não só livros, mas impressos anônimos, relatando festejos e acontecimentos, antologias e índices, além de alguns manuscritos inéditos de autores clássicos. Eram textos variados: desde narrativas históricas até poesias, passando pela agricultura, medicina, botânica, discursos, sermões, relatos de viagens e naufrágios, literatura em prosa, gramática e até polêmicas” (MOREL, 2008, p. 24).

Sem negar aqueles três fatores [*o atraso, a censura e o oficialismo*], em geral mais facilmente perceptíveis pelo acúmulo de trabalhos e referências nessa linha, é possível acrescentar outro elemento para facilitar nossa compreensão: de que o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu numa espécie de vazio cultural, mas em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria. Ou seja, o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar a cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais. A circulação de palavras – faladas, manuscritas ou impressas – não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira, não ficava estanque a um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa. (MOREL, 2008, p. 25)

O que vamos perceber, porém, durante o Império, é uma imprensa prioritariamente voltada para as questões políticas e, em um dado momento, uma imprensa literária. Em se tratando do movimento, em torno da imprensa, ocorrido na Europa, ao abordar esfera pública, Jürgen Habermas (1984) divide em três momentos, que também podem ser observados no Brasil, guardadas as devidas proporções: imprensa artesanal, imprensa literária²⁶ e imprensa industrial. A primeira praticamente não se desenvolveu no país, enquanto a segunda se manifestou de forma mais intensa a partir da década de 1820, quando o caráter oficioso já não era a principal linha editorial de boa parte das publicações²⁷. Sobre a transição da primeira para a segunda fase, o filósofo diz o seguinte:

A verdadeira transformação não ocorreu, em verdade, somente com a autonomização da redação; ela iniciou-se com os “jornais eruditos” no continente, as revistas semanais moralistas e as políticas na Inglaterra, logo que escritores, individualmente, utilizaram-se do novo instrumento da imprensa periódica para obter para seus argumentos, movidos com intenções pedagógicas, efeitos propagandísticos. Falou-se dessa segunda fase como a do “jornalismo literário”. Neste momento, os fins econômico-mercantis de tais empresas permaneciam em segundo plano; eles burlavam todas as leis de rentabilidade, eram muitas vezes, desde o começo, negócios deficitários. O impulso pedagógico, mais tarde progressivamente político, deixava-se, por assim dizer, financiar pela falência. Na Inglaterra, jornais e revistas deste tipo eram frequentemente “passatempos da aristocracia financeira”; eles surgiram no continente europeu, com mais frequência, da iniciativa individual de eruditos e escritores. (HABERMAS, 1984, p. 142).

Nessa segunda fase, a intenção de obter lucros estava em segundo plano, o que acarretava uma atividade praticamente fadada à falência. Podemos relacionar esse momento descrito por Habermas (1984) com a imprensa brasileira, que foi fortemente marcada pelo

²⁶ Nesse caso, Habermas se refere aos periódicos europeus do século XVII, enquanto, a nosso ver, no Brasil, pode ser observada uma imprensa literária a partir da segunda metade do século XIX.

²⁷ Tanto é que Lustosa (2000) indica o “nascimento” da imprensa brasileira juntamente com as transformações políticas do início daquela década, já sem a censura e após a Revolução Constitucionalista portuguesa de 1820, a Revolução do Porto.

caráter pedagógico de busca em formar um público leitor em um país com altas taxas de analfabetismo, além de manter, por meio do caráter político, a tentativa de formar uma opinião pública consonante à linha editorial das publicações, normalmente elaboradas por membros das classes mais altas.

Isabel Lustosa, tratando da imprensa periódica do Império, evidencia-nos exatamente a função de “educar as pessoas”, ganhando destaque o papel do intelectual e do homem de letras: “(...) cabia ao jornalista o importante papel de suprir as deficiências que a carência de livros e de informações especializadas acarretava. Quase todo jornal começava com uma carta de intenções. Os redatores estavam conscientes da importância do seu papel naquele momento” (LUSTOSA, 2000, p. 30).

Portanto, podemos destacar na imprensa brasileira, dentro das atividades mais preocupadas com a formação de público leitor, uma fase literária mais intensa no período do Império, como demonstrou Sodré (2011). Percebemos, nesse caso, que a atividade lucrativa não vinha em um primeiro plano. Devemos ressaltar, em contrapartida, que a literatura no jornal teve diversas funções na imprensa – e não apenas o objetivo de formar leitor –, chegando a ser também motor de uma atividade lucrativa ao ser utilizada como meio de atrair público leitor e aumentar a venda dos periódicos, inclusive os predominantemente políticos.

O periódico *A Quinzena* se estabelece nessas definições de imprensa literária não apenas por carregar o sentido pedagógico oriundo também da herança do jornal *Libertador*, de formador de opinião pública, ou do momento político ao qual estava inserido, mas também devido à função instrutiva evidente nos ensaios e artigos, que abordavam uma série de teorias científicas em voga no período. Além disso, o primeiro editorial da publicação – que seria uma espécie de “carta de intenções”, como indicado por Lustosa (2000) – já trata acerca da difícil empreitada em se estabelecer em meio a uma imprensa eminentemente partidária, em uma província cujo interesse pela literatura era praticamente incipiente, ou seja, já havia a consciência de que a publicação não era um meio propício ao lucro financeiro.

A terceira fase descrita por Habermas (1984) é o momento em que os jornais se desenvolvem como empresas capitalistas, dentro da lógica de uma imprensa industrial. Com a maior necessidade de manter um espaço para publicidade – que já havia na imprensa literária, mas que não era determinante no conteúdo das publicações –, os jornais começaram a também sofrer, nessa fase, interferências externas, estranhas aos seus próprios interesses, segundo o filósofo. Passa-se “de uma atividade literária para uma jornalística: a escolha dos dados torna-se mais importante do que o artigo de fundo; o tratamento e o julgamento das notícias, sua

revisão e diagramação mais urgente do que a perseguição literariamente efetiva de uma ‘linha’” (p. 146).

Nesse sentido, a imprensa brasileira do século XX, ao incorporar o modelo jornalístico norte-americano de busca pelo texto objetivo e imparcial, impôs, no decorrer das décadas, uma linha de separação bem destacada não apenas nos gêneros textuais produzidos na imprensa em relação à atividade do século XIX, mas também na função de quem os elaborava. É nesse momento em que há a segmentação das ocupações dentro da redação, com o redator perdendo autonomia para a figura do editor, sobretudo com a divisão em editorias, formada por repórteres especializados. Se Machado de Assis começou na Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo – conhecendo nomes importantes da imprensa literária como Manuel Antônio de Almeida e Francisco de Paula Brito, que facilitaram os caminhos para a publicação de seus poemas, contos, crônicas e crítica nos jornais, além de coletar sua obra em livro –, esse movimento hoje parece ainda mais difícil, já que a redação sequer costuma ter contato com a tipografia.

Raras eram as personalidades que fossem apenas jornalistas no século XIX²⁸. Havia o acúmulo de uma série de funções, com destaque para políticos, médicos, advogados e historiadores. Oliveira Paiva, por exemplo, trocou os estudos para se tornar eclesiástico pela Escola Militar no Rio de Janeiro, tendo ocupado cargos públicos no Ceará. Rodolfo Teófilo era farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Juvenal Galeno, neto de abastados produtores cafeeiros, foi comerciante e acumulou funções em cargos públicos, assim como Antônio Sales, que atuou no comércio, foi político e também funcionário público. Além disso, todos mantinham forte relação com as campanhas políticas, ainda que não tenham exercido efetivamente cargos políticos.

No Brasil, mais ainda do que noutros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam oradores. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: o literato é jornalista, é orador e é político. (ROMERO *apud* SODRÉ, 2011, p. 277)

Nesse sentido, tratando do intelectual brasileiro do século XIX, Luiz Costa Lima (1981) indica que havia uma formação em torno de uma cultura oral, que ele chama de cultura

²⁸ Nelson Werneck Sodré (2011), ao tratar do período da imprensa literária, afirma que, na fase anterior, da imprensa política, “Cipriano Barata, Soares, Borges da Fonseca não eram homens de letras, a rigor, mas tão somente jornalistas” (p. 276). A colocação é feita em contrapartida ao momento em que os homens ligados às atividades literárias passaram a dominar a imprensa, com destaque para Justiniano José da Rocha e Paula Brito, que ampliaram as possibilidades de atuação dos escritores. Porém, é importante destacar que, além de político, Cipriano Barata também era médico, Jorge Soares Lisboa teve ativa participação na busca pela emancipação política do país e Borges da Fonseca chegou ao cargo de presidente do Partido Liberal.

auditiva, também percebida na escrita literária. “(...) a maneira de converter a página escrita em forma oral consistia em oferecer uma leitura fácil, fluente, embalada pela ritmicidade dos versos iguais e pela prosa digestiva, de tema nativista e/ou sentimental” (p. 7). Desse modo, fosse o político ou o literato, a relação com a linguagem oral, a nosso ver, imprimiu nesses intelectuais uma linguagem mais fácil e próxima do público leitor mediano, que é, em alguma medida, a marca do jornalismo.

Entendemos que, no século XIX, a função de jornalista podia estar despregada da realizada pelo escritor, mas a figura do escritor era praticamente indissociável do jornalista, principalmente quando se tratava de romancistas e contistas. A forte relação entre as funções de jornalista e de escritor pode ser observada a partir da diferenciação estrutural entre os letrados europeus em relação a outras atividades sociais, ainda por volta de 1600. Conforme o historiador Peter Burke (2003), esse processo se iniciou com os escritores formando um grupo quase independente e influente, uma vez que coletavam, organizavam e divulgavam as informações. Já por volta de 1700, o termo “jornalista” começou a ser usado em francês, inglês e italiano para tratar de quem escrevia em revistas cultas ou literárias em oposição aos *gazetiers*, que eram publicações de menor status e que relatavam as notícias em base diária ou semanal (BURKE, 2003, p. 34). Assim, os jornalistas se tornaram figuras influentes devido à quantidade crescente de periódicos, por meio do sucesso literário das publicações, sendo considerados homens letrados com ideias políticas próprias. Processo semelhante ocorreu na imprensa literária do século XIX no Brasil, com o jornal sendo o meio mais rápido de se divulgar os trabalhos e de se obter reconhecimento pelos escritores. A publicação em livro, no entanto, era cheia de obstáculos: o custo da impressão era bastante elevado – e inicialmente ficava a cargo dos escritores –, além da imensa dificuldade de comercialização.

Sabemos, entretanto, que a lista de escritores brasileiros que atuaram nas redações durante o século XX também se manteve extensa, principalmente na primeira metade do século. Porém, a tendência, com o passar das décadas, foi de um distanciamento cada vez mais claro entre essas duas funções. Inclusive, ainda que os jornais mantivessem editorias de cultura, o espaço da literatura sofreu uma perda drástica devido ao maior destaque dado para outros tipos de manifestações artísticas. Mesmo os suplementos que trazem, ainda hoje, textos literários, como crônicas, normalmente essas publicações aparecem em um espaço bastante reduzido em relação ao conjunto do periódico. Além disso, esses textos literários, na maioria dos casos, são elaborados por um escritor cuja função, de modo geral, não se confunde mais com a do jornalista, não atuando diretamente na redação. Também fica evidente que a maior facilidade da publicação em livro no país – pelo menos em comparação ao século XIX –

possibilitou que os escritores ganhassem autonomia em relação às atividades jornalísticas. Ainda no caso das revistas segmentadas da atualidade, o espaço destinado à literatura não é o mesmo. Em geral, busca-se oferecer um conteúdo diferenciado, já que a imprensa periódica não serve tanto como intermédio entre o público leitor e o acesso à literatura. Isso porque o público tem, atualmente, muito mais facilidade de acesso às obras literárias. Desse modo, a lógica de organização dessas publicações é muito mais mercantilizada – e não parte de projetos individuais ou coletivos de literatos, mas das demandas do mercado –, tendo bem demarcado o público-alvo a que se destinam, definido por meio de pesquisas que investigam escolaridade do leitor, classe social, hábitos e interesses e preferências por plataformas de leitura. No século XIX, não havia esse direcionamento ainda bem estabelecido, já que a maior parte da população sequer tinha formação para a leitura básica. O intuito dos jornais e das revistas estava relacionado principalmente ao projeto de construir uma nação por meio da imprensa, atingindo a maior faixa possível de leitores – que era mínima, se comparada com a enorme quantidade de pessoas sem acesso aos periódicos²⁹.

Se antes o jornal era lugar de uma crítica elaborada – mesmo já sendo tratado como um meio de leitura rápida e superficial –, a imprensa periódica passou a dar maior espaço a resenhas cada vez mais descritivas e superficiais, seguindo o critério mais informativo e menos opinativo, uma vez que a crítica partiu para as universidades. Se os escritores já se queixavam da rapidez com que tinham de elaborar seus trabalhos para atender à demanda “mercadológica” da época, com o passar dos anos essa exigência em relação à produção quase “instantânea”³⁰ dos jornalistas se intensificou com as inovações tecnológicas das redações, reforçando o caráter prioritariamente informativo e pouco crítico – já que não há possibilidade para fazer longas reflexões por falta de tempo e espaço (no caso dos impressos).

²⁹ Ao tratar da expansão dos jornais no Rio de Janeiro, com o aumento do número de leitores, Ubiratam Machado (2010) nos dá uma amostra da quantidade insipiente que a imprensa atendia: “Em 1870, Reinaldo Carlos Montoro calcula em 30 mil o número de exemplares vendidos diariamente pelos jornais da Corte. Dez anos antes, esse número seria, quanto muito, de 20 mil, diminuindo progressivamente à medida que se recua no tempo. Na década de 1840, a média diária de cariocas que compravam periódicos mal chegaria a 5 mil” (p. 53-54). Para se ter uma ideia de como o público era reduzido, segundo dados reunidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), a população do Rio de Janeiro em 1872 era de mais de 274 mil pessoas. Se apenas 30 mil exemplares eram vendidos em 1870, isso nos indica, segundo cálculos nossos, que cerca de 10% da população adquiria periódicos. Sabemos que o jornal era compartilhado por várias pessoas, contudo, certamente não alcançava sequer metade da população do Rio de Janeiro. Se esse era o quadro na capital do país, onde a vida literária era mais intensa, nas províncias, a situação certamente era muito mais desanimadora. Dados do IBGE disponíveis em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acesso em: 30 junho 2015. Não encontramos dados relativos ao Ceará no período citado.

³⁰ Com o advento da internet, a produção de informação mais rápida passou a integrar uma das exigências nas redações, mesmo de jornais impressos, uma vez que todos eles mantêm sítios eletrônicos ou páginas nas redes sociais.

Por esses motivos, a imprensa literária a que nos reportamos não pode ser confundida tanto pela natureza editorial – devido à abordagem e à utilização de determinados gêneros textuais mais recorrentes, com conteúdo jornalístico mais de caráter opinativo, crítico e ensaístico –, quanto pelo período histórico ao qual estava inserida. Assim, podemos demarcar a imprensa literária em relação ao que se vem a chamar, décadas depois, de jornalismo literário³¹, novo jornalismo³² ou de jornalismo cultural³³. Desse modo, entendemos a imprensa literária em um amplo contexto, levando em consideração as relações entre jornalismo, literatura e política no período moderno.

1.1.2 A literatura no jornal

Antes de se constituir como um meio de divulgação de obras literárias nacionais ou de passar a ser uma atividade lucrativa, a chegada efetiva das tipografias no país foi acompanhada primeiramente da função de servir ao governo, com a impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro*, na Imprensa Régia, em 1808, voltada para divulgação de ofícios, assuntos relacionados à Europa ou à família Real. Em contrapartida, o *Correio Brasiliense*³⁴, primeiro jornal a circular regularmente no Brasil, mantinha uma linha política cujo perfil era a busca por formar a opinião pública, mesclando informações políticas com temas científicos e

³¹ O jornalismo literário praticado na atualidade não trata de ficção, mesclando técnicas jornalísticas e literárias na elaboração de reportagens, biografias ou romances-reportagem (ou livros-reportagem). Ainda que os folhetins do século XIX retratassem a sociedade da época, eram, primeiramente, produções ficcionais, o que já exclui qualquer semelhança com o que se venha chamar de jornalismo literário no século XX.

³² O Novo Jornalismo (ou *New Journalism*) é um gênero de não ficção surgido na década de 1960 nos Estados Unidos – também reproduzido no Brasil – que mistura a narrativa jornalística com a literária, tendo como principais nomes Tom Wolfe, Norman Mailer e Truman Capote. O intuito era fugir do parâmetro objetivo da notícia jornalística, do *lead* tradicional (primeiro parágrafo do texto noticioso em que devem ser organizadas as informações mais importantes por meio da resposta às seguintes perguntas básicas: “O que?”, “Quem?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?” e “Por quê?”); e do uso da pirâmide invertida, em que as informações são organizadas a partir do acontecimento mais singular até o menos importante do ponto de vista informativo.

³³ Normalmente segmentado em uma editoria de cultura e/ou entretenimento, por meio de cadernos com assuntos variados, que abordam literatura, artes plásticas, música, teatro, cinema e televisão. Daniel Piza (2009), apesar de explicar que não há uma história formal para o que ele chama de jornalismo cultural, traz, como marco, a revista inglesa *The Spectator*, de 1711. Na publicação, Richard Steele e Joseph Addison apresentam ensaios acerca de livros, óperas, costumes, política, festivais, música e teatro. O jornalismo cultural estaria voltado, com esta primeira publicação, segundo Piza, “ao homem da cidade ‘moderno’, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política. Sua ideia era a de que o conhecimento era divertido, não mais sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam” (p. 12). Entendemos, entretanto, apenas como mais uma forma utilizada na imprensa para conquistar leitores, muito diferente das revistas especializadas da atualidade, cujas linhas editoriais são bem definidas de acordo com determinado público-alvo, ou dos cadernos de cultura dos jornais. No caso do Brasil, Piza (2009) enfatiza enquanto jornalismo cultural o trabalho da crítica na imprensa, com Machado de Assis, José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Júnior. Porém, como se tratava de uma crítica literária, também enquadramos na conceituação de imprensa literária.

³⁴ Publicado em Londres por Hipólito da Costa, começou a circular em 1º de junho de 1808, três meses antes da *Gazeta do Rio de Janeiro*.

culturais. Logo na primeira edição, trouxe as seções *Política, Comércio e Artes, Reflexões, Correspondência e Literatura e Ciências*³⁵, comprovando que a cultura literária era tema de interesse já nessa primeira publicação, ainda que não significasse o surgimento mais solidificado de uma imprensa literária. Seções como essas vão se repetir em inúmeros jornais de meados do século XIX, independentemente da inclinação editorial.

Diante da enorme quantidade de jornais partidários, a historiografia da imprensa brasileira normalmente ressalta as questões políticas que envolviam as primeiras publicações da imprensa periódica. Contudo, interessa-nos a formação de um público leitor, principalmente quando acompanhada da divulgação, em alguma instância, da literatura nacional ou estrangeira. No caso do segundo jornal publicado no país, o *Idade d'Ouro do Brazil* (1811-1823), impresso na Bahia, a linha também era oficialista, mas trazia seções que abordavam arte, literatura, sociedade e economia. Chegou, inclusive, a noticiar a primeira publicação literária do país, também impressa na Bahia: *Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812-1814)³⁶. Mesmo com a duração efêmera dessa segunda publicação, e da fragilidade dos conteúdos jornalístico e literário, consideramos como o primeiro indício para a formação de uma imprensa literária, uma vez que apresenta o caráter pedagógico reproduzido pelas publicações literárias do final do século, além de deixar clara a intenção de divulgar filosofia e ciência. Apesar do periódico apresentar texto em que se autodenomina literário, segundo o historiador Hélio Vianna (1945), no entanto, é possível identificar apenas um artigo “propriamente literário”, em que é ressaltada a importância das letras e das ciências para “florescer uma nação” (p. 30).

O segundo jornal literário do Brasil, o *Patriota* (1813-1814), publicado no Rio de Janeiro também pela Imprensa Régia, é outra mostra das primeiras tentativas de ressaltar a cultura literária por meio da imprensa, mas que fracassou assim como o primeiro. Fundado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, teve colaboração de homens das letras da época (Cf. SODRÉ, 2011): Borges de Barros (Visconde Pedra Branca), Mariano Pereira da Fonseca (marquês de Marica), Silva Alvarenga, Silvestre Pinheiro Ferreira, dentre outros (p. 56).

³⁵ Tratava de literatura, trazendo informações sobre livros e crítica.

³⁶ Segue trecho publicado no periódico, que nos remete à imprensa literária: “O Folheto que oferecemos ao Público, mostra de alguma forma o plano que havemos concebido, e que, quanto a nós é, desejamos desempenhar na redação e publicação do presente Periódico. Discursos sobre os costumes e as virtudes morais e sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral; estratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumo de viagens; pedaços de autores clássicos portugueses, quer em prosa, quer em verso, cuja leitura tende a formar gosto e pureza na linguagem; algumas anedotas e boas respostas, etc. – tais são os materiais de que tencionamos servir-nos para a coordenação desta obra, que algumas vezes oferecerá artigos que tenham relação com os estudos científicos propriamente ditos, e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importância das novas descobertas filosóficas (AS VARIEDADES *apud* VIANNA, 1945, p. 28-29)”.

Sabemos que na imprensa predominantemente política pouco era o espaço para literatura, afora as publicações especializadas. Por isso, com o declínio das folhas políticas, a relação entre jornalismo e literatura se intensificou, sobretudo a partir de 1830. Na busca por atrair uma maior quantidade de leitores, como o público feminino, os periódicos passaram a lançar primeiramente poesias, partindo para os contos e os folhetins, por meio de obras estrangeiras, sobretudo francesas. Segundo Barbosa Lima Sobrinho (1960), “ainda que não tenha nascido no jornal, o conto foi o gênero da ficção que logo se ajustou aos periódicos, pela simplicidade do entrecho e pela linguagem singela e corrente” (p. 9). Por isso, com o crescimento das publicações impressas, acompanhado do aumento do número de páginas das edições, o conto passou a ser gênero de fundamental importância, tornando-se uma “seção jornalística” obrigatória para atrair leitores e surgindo “como gênero autônomo, no período de influência romântica, a partir de 1836”³⁷ (p. 19).

Os folhetins passaram a ganhar maior destaque a partir da década de 1840 no Brasil³⁸, seguindo a mesma lógica de publicação da imprensa francesa, cujo surgimento do gênero se deu na década de 1830. Assim como na França, nos jornais brasileiros as histórias eram divididas em capítulos e publicadas nos rodapés dos periódicos. Os primeiros folhetins estrangeiros causaram tanto sucesso e alvoroço na imprensa local que passaram a ser reproduzidos por uma série de jornais, dando, posteriormente, espaço aos romances nacionais. Com a lógica de produção mais rápida das histórias, para poder se adequar ao tempo dos jornais e atender a demanda do público pelos folhetins, a estrutura dos romances se desenhou dentro desse cenário jornalístico. José Ramos Tinhorão (1994) descreve que, para alcançar sucesso, os folhetinistas utilizavam uma espécie de fórmula, com personagens-tipo (a vítima, o vilão e o herói), além da técnica teatral, com a descrição da situação dramática, o agravamento das tensões e a perspectiva de resolução – que refletiu na produção dos romances românticos brasileiros.

O estudo dos inícios da vida literária, contemporânea do romantismo, mostra hoje não ter existido realmente um único romancista brasileiro do século XIX completamente alheio à influência dos folhetins. De forma geral, essa influência não chegava a ser confessada, evidentemente, devido ao tom populesco e fácil da maioria das histórias em capítulos – o que lhes tirava a respeitabilidade literária de trabalho “sério” – mas nem por isso os estilos e as técnicas sensacionalistas e sentimentais dos escritores de folhetins deixaram de exibir suas marcas, mesmo nas obras dos grandes escritores. Aliás, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. (TINHORÃO, 1994, p. 30)

³⁷ Conforme pesquisa de Lima Sobrinho (1960), *O Chronista* foi o pioneiro na utilização do gênero, iniciando em 5 de maio de 1836 a publicação de contos estrangeiros.

³⁸ Ver mais em MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Entendemos que o desenvolvimento da imprensa brasileira veio acompanhado também da formação de uma literatura nacional, sendo, em muitos casos, o periódico o único espaço propício para os escritores divulgarem seus trabalhos. Também notamos que, logo na primeira revista literária do país, *Variedade ou Ensaios de Literatura*, assim como nas ações iniciais em torno tanto da literatura quanto do jornalismo, já havia a busca pelo “florescimento” da nação brasileira, à época ainda com poucos mecanismos que pudessem dar margem ao desenvolvimento cultural e científico – desejo que vai se delinear melhor com a chegada do final do século e a propagação dos ideais modernos. Por isso, em muitos casos desses periódicos literários, o que às vezes era tratado como literatura não está bem delimitado no campo de uma teoria literária.

Gabriela Vieira de Campos (2001), ao analisar o jornal *O Novo Mundo* (1870-1879), detalha a relação entre o literário e o não-literário nesse tipo de publicação, observando que havia uma tentativa de se conciliar tradição literária ao que ela chama de literatura “mais prática e útil”, que entendemos dentro da conceituação de uma imprensa literária e do seu caráter pedagógico. Ao apresentar os limites entre o que é jornalismo e literatura, e a relação entre o jornalista e o escritor, a pesquisadora analisa a publicação com uma lupa que amplia a função do jornal, no intuito de melhor compreender o movimento da imprensa naquele período histórico, em vez de tratar apenas como “coadjuvantes silenciosos” (p. 6).

A pesquisa de Marcus Vinicius de Freitas (2011) sobre o jornal *Aurora brasileira* (1873-1875) busca não fechar numa linha de divisão clara entre jornalismo e literatura, estabelecendo relações das duas áreas também com a história e com a ciência. Desse modo, entende o periódico “como literatura e como agente no espaço cultural, e não apenas como fonte de outras ordens do conhecimento” (p. 19), colocações que cabem justamente para as funções exercidas pela publicação do Clube Literário. Como temos apresentado, não apenas as atividades dos intelectuais do século XIX eram menos delimitadas, mas também as áreas do conhecimento aos quais eles estavam ligados, refletindo na produção divulgada pela imprensa.

Héris Arnt (2002) é outra pesquisadora que busca estabelecer os limites entre jornalismo e literatura, trazendo uma acepção de jornalismo literário semelhante, em alguma instância, ao que delineamos como imprensa literária³⁹. Difere, contudo, por observar uma influência mais intensa por parte da literatura no jornalismo – sem tratar com mais atenção o

³⁹ A estudiosa diz o seguinte: “Jornalismo literário, na acepção que damos ao termo, não se refere à imprensa especializada em literatura, que foi um fenômeno que nasceu com os jornais e perdura, hoje, nos suplementos culturais e na crítica. Jornalismo literário é um estilo que se desenvolveu no século XIX e se caracterizou pela militância de escritores na imprensa e pela publicação de crônicas, contos e folhetins” (ARNT, 2001, p. 8).

caminho inverso. Entendemos a percepção da autora, mas consideramos como um movimento muitas vezes de “mão dupla”, em que ambas as áreas se influenciaram.

A autora se equivoca, porém, ao afirmar que “no século XIX, a literatura divulgada pelos jornais estava à frente das discussões políticas e do questionamento ao sistema social. Nesse período, literatura e jornalismo eram indissociáveis” (p. 16). Ora, se a literatura estava à frente dos outros assuntos, por que os jornais e as revistas literárias tinham duração tão efêmera se comparado às publicações políticas, sendo, inclusive, empreendimentos muitas vezes condenados à falência?

Além disso, apesar de terem surgido concomitantemente, e terem sido fundamentais para o desenvolvimento um do outro, possibilitando o aumento de público, a literatura não precisou necessariamente do jornalismo para existir, assim como o jornalismo tinha autonomia sem a literatura. Fosse assim, as obras dos folhetinistas não teriam sido publicadas posteriormente, ainda no século XIX, em livro, como foi o caso de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida ou das obras de José de Alencar, a exemplo de *O Guarani*, *Lucíola*, *Diva* e *Iracema*, dentre tantas outras. Sabemos que muitas vezes as obras reunidas em livro não alcançavam o mesmo sucesso de vendas dos jornais por uma série de motivos, como a dificuldade de acesso, o elevado preço do livro e a reunião, por parte dos leitores, dos folhetins recortados dos jornais – ou seja, em alguma medida, o jornal podia dificultar a venda da obra em livro, mas isso não era determinante. Não podemos imputar uma “culpa” ao jornalismo se as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil daquele período não colaboravam com um florescimento da literatura de forma mais autônoma. Com a prática de subscrição, por meio da assinatura anual dos leitores que se comprometiam a pagar pelas obras, foi possível baratear as edições – com a imprensa entrando como meio de divulgação das demandas dos livreiros e dos editores. Entendemos, portanto, que literatura e jornalismo eram integrados e complementares, e não indissociáveis, pois, no Brasil daquele período, diante de um reduzido público leitor, ações conjuntas eram fundamentais para a sobrevivência e a maior propagação de ambas as áreas.

Nicolau Sevcenko (2014) percebe a mudança no jornalismo praticado a partir da República no Brasil – surgido com as novas técnicas de comunicação e denominado por ele de “novo jornalismo” – como um momento extremamente crítico para a literatura no país. Segundo ele, a crise na literatura e a redução do seu papel foram ocasionadas principalmente pelas novas práticas jornalísticas – voltadas para as tendências mercadológicas e de manipulação da consciência das massas –, além das mudanças de hábitos urbanos, em que o

tempo para a leitura estava cada vez mais reduzido. Ainda conforme o autor, “o jornalismo, impondo uma vigorosa padronização à linguagem e empregando com baixas remunerações praticamente todos os homens de letras nas suas redações, acabou necessariamente exercendo um efeito geral negativo sobre a criação artística” (p. 126). Porém, qual seria o papel da literatura (e do jornalismo) em um país predominantemente analfabeto? Antes das mudanças no jornalismo, a literatura tinha um significativo público leitor? De quem era a responsabilidade pelo fracasso do espaço da literatura no país em contraponto com o jornalismo?

João do Rio (1905), ao perguntar a 35 escritores se “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mal a arte literária”, obteve a maioria das respostas positivas, ainda que entremeadas de uma série de ponderações. Por vezes, essa perspectiva positiva é acompanhada da opinião em torno do componente civilizador a que estaria encarregada a aliança entre jornalismo e literatura. Olavo Bilac, por exemplo, reconhece o papel do jornal como meio de o escritor se fazer ler, diante da imensa faixa de analfabetos. Para Garcia Redondo, o jornalismo “é fator excelente”, também por possibilitar o exercício da palavra e consagrar o escritor. Segundo Sílvio Romero, “o jornalismo tem sido o animador, o protetor, e, ainda mais, o criador da literatura brasileira há cerca de um século a esta parte (...). É por onde os homens de letras chegam a influir nos destinos deste desgraçado país” (p. 17). Assim como muitos, Medeiros de Albuquerque também pondera que a ausência de leitores e a falta de instrução da população são o que mais prejudicam a literatura, sendo o jornalismo um meio que contribui com a preparação de um público. “O mal não é do jornalismo: é do tempo que lhes toma um ofício qualquer, que não os deixa livres para a meditação e a produção” (p. 25). Já Félix Pacheco, que seguiu a mesma linha de ressaltar a questão do Brasil ser um país de analfabetos, lembrou que “toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa. Uma ou outra exceção servirá apenas para confirmar a regra. Raros são os homens que não maldizem a própria profissão” (p. 55). Essa relação, comum no final do século XIX e mantida também com outras áreas do conhecimento, é explicada por Sodré:

Essa não é apenas uma grande época literária [*final do século XIX*]. O desenvolvimento das letras, no Brasil, acelera-se com a fundação dos cursos jurídicos, com o início das atividades públicas, de governo, de administração, de legislação, com o surto da imprensa. A cultura haurida nos livros e transmitida pela palavra escrita ou falada passara a encontrar espaço na vida brasileira, desde a autonomia e a estruturação do aparelho de Estado. As Academias eram as antecâmaras do Parlamento, como observou Nabuco. Como era reduzida a camada culta, não havia, de início, especialização, consoante observou Sílvio Romero: o parlamentar era homem de letras e de imprensa; o romancista era também teatrólogo, e todos eram poetas. (2011, p. 357-358)

1.2 Atraso econômico, social e cultural

A busca por constituir um público, a que se referem os escritores, foi crucial na incorporação do projeto moderno. Se mesmo na Corte, centro econômico e cultural do país, esse era um problema, nas províncias foi uma das condições determinantes para o baixo alcance das atividades dos letrados. Como se sabe, apesar dos movimentos em torno de uma imprensa literária terem se intensificado a partir da década de 1840, é apenas com a geração de 1870 que ela ganha contornos significativos, em especial, nas províncias nortistas. Por isso, até por volta de 1870, as atividades da cultura literária no Ceará contaram com poucos acontecimentos relevantes.

Apesar de sabermos que a forte pulsação econômica não é fator de determinação para que as atividades literárias sejam promissoras, entendemos que essa ausência dificultou bastante toda a conjuntura social, política e cultural da província. Desse modo, a primeira manifestação da cultura literária no Ceará foi pontual, ocorrendo apenas em 1813 com os Oiteiros, grupo que se reunia em Fortaleza no palácio do governador Manuel Inácio de Sampaio (mandato de 1812 a 1820) para recitar poesias.

Assim como Sânzio de Azevedo (1976) e Dolor Barreira (1948), fixamos os Oiteiros como primeira manifestação da cultura literária independentemente da falta de uma continuidade sistemática do grupo ou de uma produção de alto valor estético; mesmo que tenham apresentado certo atraso cronológico em relação ao contexto dos primeiros indícios de formação de uma literatura nacional, por considerarmos a função exercida enquanto início de uma cultura literária local⁴⁰. Além disso, foi uma sociedade que seguiu uma série de tendências europeias também absorvidas por outras agremiações no Brasil, adaptando-as às particularidades do grupo⁴¹.

⁴⁰ Ao tratar dos primórdios da formação da literatura brasileira, Candido (2006) ressalta que, no século XVIII, as Academias eram os principais meios de expressão dos letrados, que produziam uma literatura bastante associativa. Segundo o crítico, naquele período ela proporcionava a criação de uma vida intelectual e acarretava em algum tipo de produção, dando destaque a posição de escritor em relação às outras funções que esses letrados exerciam socialmente, além de permitir a formação de um público para as produções literárias, ainda que de baixo valor estético. Por outro lado, no Ceará ainda não se tinha uma conjuntura que proporcionasse ainda no século XVIII as mínimas condições para uma articulação entre letrados e para a formação de uma literatura. Desse modo, os Oiteiros podem ser vistos na perspectiva de diferenciação do papel social enquanto letrados, além de proporcionarem a formação de um público, ainda incipiente, para as suas poesias, sendo o primeiro passo para a constituição de uma vida literária e intelectual do Ceará.

⁴¹ “Sua poesia não se afastava dos louvores aos heróis e aos governantes, com o que seguiam um dos postulados neoclássicos de Luís Antônio Verney, teórico da corrente em Portugal; mas ainda impregnados de racionalismo barroco, os poetas dos Oiteiros não se entregaram aos temas pastoris, a fim de embelezar a realidade. Daí, sua produção versificada, que não se eleva pela grandeza do estro, não poder ser considerada puramente arcádica ou neoclássica” (AZEVEDO, 1976, p. 19).

A conjuntura de surgimento dos Oiteiros veio integrada a uma série de atividades possibilitadas pelo governo de Sampaio, considerado um “homem ilustrado” e de “bom gosto beletrístico” (Cf. MOTA, 1994), que reforçou a mesma lógica nacional de valorizar uma cultura erudita europeia. Além disso, proporcionou uma série de mudanças estruturais arquitetônicas com o intuito de retirar da capital cearense o título de vila para ganhar ares de cidade, integrando o desenvolvimento econômico:

Mais intimamente, muito obteve de sua atuação a capitalzinha da Colônia, que vivia a sonhar com honras de cidade, sem olhar-se a si de tão pequena e atrasada, aquela mesma vilazinha em formato quadrangular, de quatro ruas querendo sair, sem coragem, da indefectível praça ou largo da matriz e do pelourinho, edificada em cima das areias quase escaldando os pés dos seus 1.200 habitantes – tal o giz do Koster.

O arquiteto Antônio José da Silva Paulet, trazido por Sampaio como Ajudante de ordens do Governo e seu mais inteligente e esforçado auxiliar, traçou-lhe o plano de reforma e crescimento, inspirado no urbanismo mais em voga então, consertando vielas tortas em suas linheiras cruzadas perpendicularmente, ao gosto das urbes hispano-americanas. (GIRÃO, 1985, p. 253)

Dentre outros acontecimentos ocorridos no mandato de Sampaio também houve a criação dos Correios, a instalação da alfândega e a construção de prédios públicos, a exemplo do Mercado Municipal⁴². Ainda que fossem movimentos naturais a caminho do projeto progressista, o percurso para esse ideal seria extenso e cheio de percalços, uma vez que foi seguido por um longo período de marasmo. O Ceará, assim como as demais províncias nortistas, passou praticamente todo o período joanino e regencial alheio aos interesses centrais. Tanto é que a província se integrou à Revolução de 1817 e, com maior intensidade, à Confederação do Equador, em 1824, na luta contra o absolutismo e a centralização econômica. Foi nesse intenso momento político, inclusive, que surgiu o primeiro jornal da província, o *Diário do Governo do Ceará*, em 1824. Porém, segundo o historiador Geraldo Nobre (2006), a imprensa do Ceará antes de 1840 foi inexpressiva, produzindo órgãos especificamente administrativos e políticos.

No caso das atividades literárias, a província teria um novo momento relevante apenas com a publicação do livro *Prelúdios Poéticos* (1856), por Juvenal Galeno, no Rio de Janeiro, marcando início do período romântico na província⁴³, conforme destaca o pesquisador Sânzio

⁴² Ver mais em ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza; Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.

⁴³ Juvenal Galeno foi enviado ao Rio de Janeiro por seu pai com o intuito de adquirir conhecimentos sobre as técnicas de plantio do café. Recomendado por Rufino José de Almeida, que logo o apresentou ao proprietário da *Marmota Fluminense*, Francisco Paula Brito, Juvenal Galeno ficou envolvido pelo ambiente da imprensa. Passou, então, a escrever e a publicar no jornal, o que proporcionou que ele mantivesse relações com nomes como Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e Quintino Bocaiúva. Diante do ocorrido, o escritor ficou apenas um pouco mais de um ano na capital do país, uma vez que os objetivos da sua temporada na cidade eram

Azevedo (1972). O escritor também foi responsável, aos 13 anos de idade, pelo primeiro jornal dedicado exclusivamente à literatura no Ceará, o *Sempre Viva*⁴⁴ (1849), destinado “a deleitar e instruir o belo sexo” – que representou, de certa forma, o primeiro indício de imprensa literária na província, preocupado em atender o público feminino durante o período romântico (Cf. NOBRE, 2006). Segundo Antônio Sales (1966), no período de maior força da estética romântica no país, o Ceará ainda engatinhava na literatura. Dentre as justificativas, está o atraso do estabelecimento da instrução secundária. Portanto, se a província era um ambiente estranho ao surgimento de letrados – uma vez que o sistema educacional mal havia se estabelecido⁴⁵ – esperar por um público leitor para a literatura é praticamente improvável. Sales diz o seguinte:

O romantismo, a escola que mais profundamente já se adaptou à nossa índole, e, malgrado certos excessos, a única cuja influência pôde a alma brasileira se manifestar viva e pujantemente, liberta do pseudo-classicismo, e do amaneirado bucolismo português, o romantismo, dizemos, começara já a sua ótima colheita de Minas ao Maranhão. Mas ao enfrentar a ponta do Mucuripe, passava ao largo como antigamente o faziam as naus dos exploradores, pouco desejosos de experimentarem a sorte do mal aventurado Pêro Coelho.

E isso era natural, porque uma literatura não se improvisa. Resultado de uma cultura intelectual mais ou menos longa, florescência da abundância e da paz, como poderiam medrar as letras num solo tão negligentemente arroteado? (SALES, 1966, p. 258)

A chegada da Comissão Científica de Exploração⁴⁶, em 1859, foi um momento marcante não apenas para a literatura, mas também para a integração do Ceará ao progresso que o Brasil estava experimentando. A partir do evento, Juvenal Galeno passou a travar uma relação mais próxima com o escritor Gonçalves Dias, responsável pela seção etnográfica e narrativa de viagem⁴⁷.

outros. Ainda assim, ele conseguiu reunir os poemas publicados no jornal e os editou em *Prelúdios Poéticos*.

⁴⁴ Mesmo com cada número custando 40 réis, a publicação, impressa na tipografia do jornal político *Pedro II*, era basicamente mantida pelos pais de Juvenal Galeno, o que também contribuiu com a sua duração efêmera.

⁴⁵ Apesar de ter abrigado algumas escolas primárias no século XVIII, em que se ensinava basicamente a ler, a escrever e a contar, a primeira Escola Normal do Ceará foi criada apenas em 1837 na capital da província. O Liceu do Ceará foi criado em 1845, possibilitando que os filhos da elite tivessem ensino secundário no estado. Contudo, só em 1863 surgiu o Atheneu Cearense, de ensino privado – e de onde saíram os primeiros grupos de intelectuais –, e em 1864 o Seminário da Prainha, o Colégio da Imaculada Conceição e a Escola de Aprendizes de Marinheiros. Ver mais em MENEZES, Djacir. A educação no Ceará: repasse histórico-social (das origens coloniais a 1930). In: FILHO, Antônio Martins; GIRÃO, Raimundo (Org.). **O Ceará**. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966.

⁴⁶ A Comissão se estabeleceu no Ceará de 1859 a 1861, tendo como principal intuito encontrar metais preciosos na região. Além de Gonçalves Dias, estiveram, dentre os integrantes, Guilherme Capanema, Raja Gabaglia e outras personalidades. O grupo estava dividido em cinco seções: botânica, geológica e mineralógica, zoológica, astronômica e geográfica e etnográfica e narrativa de viagem. Ver mais em KURY, Lorelai Brilhante. **Comissão científica do Império**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Studio, 2009.

⁴⁷ De modo geral, a crítica costuma afirmar que a relação foi decisiva para a obra de Juvenal Galeno, que teria optado pela poesia popular após conselho de Gonçalves Dias, em 1859. Azevedo (2010), ao analisar a obra, indica que, em *Prelúdios Poéticos*, de 1856, o escritor utilizava-se apenas da métrica neoclássica, mas era

Além disso, a Comissão representou a tentativa do governo Imperial em integrar as províncias a um projeto nacional de constituição da nação brasileira. “A província do Ceará no ano de 1859 já poderia ocupar [*no acervo do Museu Nacional*] a letra S em verbetes como Seca e Subversão” (RIOS, 2006, p. 11). Era, portanto, projeto de nacionalização da ciência na busca por promover a industrialização em um estado fadado às repetidas intempéries climáticas, servindo como meio de o império conciliar com uma província normalmente envolvida nas ações políticas contrárias ao poder central.

É importante observar que o impulso econômico da época do governador Sampaio havia sido momento singular na história do estado. Era reflexo da expansão da atividade da cotonicultura na virada do século XVIII para o XIX, cujo pico foi em 1805⁴⁸, ao superar a atividade açucareira no país – com um momento econômico similar apenas na década de 1860, também com a produção algodoeira. Esse segundo período de crescimento econômico-urbano, além de provocar o aumento da população, foi marcado pela chegada de casas comerciais de diferentes lugares do Brasil e da Europa, atraídos pela especulação da produção. No período, também houve a construção do porto de Fortaleza⁴⁹, que permitiu um maior fluxo da província com cidades do Brasil e do mundo por meio da exportação; potencializada com a instalação da estrada de ferro de Baturité (1873) – município a cerca de 100 quilômetros da capital –, possibilitando a chegada dos produtos do interior em Fortaleza.

O historiador Sebastião Rogério Ponte (2014) faz uma análise detalhada acerca das contradições presentes nesse período na capital cearense, que passou, segundo explica, por um processo disciplinar a partir de 1860, por meio da ordenação urbana e social relacionada a medidas de reajustamento das camadas populares e executado a partir de estratégias embelezadoras, saneadoras e higienizadoras. Nesse período, surgiram em Fortaleza classes

“genuinamente romântico”; e faz questão de enfatizar que os poemas já tinham, antes do evento com Dias, “notas precursoras da poesia de raiz popular que haveria de consagrar Juvenal Galeno” (p. 18). Sobre a relação com Gonçalves Dias, o crítico diz o seguinte: “Não é fora de propósito imaginar que Gonçalves Dias, ao receber do então jovem poeta um exemplar de seu livro, viu que nele o que havia de mais original eram os poemas de cunho popular, daí, sim, o conselho para que o autor desenvolvesse essa faceta de sua inspiração” (p. 21). Galeno foi figura praticamente isolada nas atividades literárias do Ceará. Publicou a primeira obra impressa no Ceará, *A Machadada* (1960), e criou, em 1861, uma tipográfica própria voltada para publicar sua obra poética. Também escreveu a primeira peça teatral a ser levada em cena no estado, *Quem com ferro fere, com o ferro será ferido* (1861).

⁴⁸ Até aquele momento, a pecuária era praticamente a única atividade econômica, e mal gerava retorno financeiro. Com a cotonicultura, foi possível exportar o produto e aumentar significativamente os ganhos da província, devido às demandas provocadas pela Revolução Industrial, na Inglaterra, e pela Independência dos Estados Unidos.

⁴⁹ Raja Gabaglia, durante o período da Comissão, indicou que um dos principais fatores para a falta de desenvolvimento no Ceará era a precariedade do porto, principal mecanismo para a integração com o comércio nacional e internacional. Foi por meio do porto de Fortaleza, portanto, que a cidade se tornou um centro cosmopolita. Mais em RIOS, Kênia Sousa. Apresentação: A Comissão Científica e a seca do Ceará. In: CAPANEMA, Guilherme Schurch de. **A Seca no Ceará**: escritos de Guilherme Capanema e Raja Gabaglia. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Museu do Ceará, 2006.

emergentes dominantes formadas por membros de grupos burgueses e de setores médios, compostos por profissionais liberais. Sob a influência do positivismo, do evolucionismo e do racionalismo científico, esse grupo se opunha ao regime da época e ressaltava um projeto de progresso da civilização por meio da modernização, valorizando o trabalho assalariado, a república e o abolicionismo. Foi justamente nessa década, precisamente no ano de 1866, que ocorreu a primeira Exposição Provincial no Ceará, conforme registra Francisco Foot Hardman (1988) – no texto *Brasil na era do espetáculo: figuras de fábrica nos sertões*, sobre as exposições nacionais. Segundo ele, o evento representa a inauguração da fase moderna “das trocas desiguais” (p. 69).

Não há dúvida, porém, de que o apelo maior desse tipo de espetáculo se dirigia para o lado mais moderno da produção humana, cuja matriz suprema residia na fábrica. Sincronizar-se, desde as regiões mais atrasadas tecnologicamente, com esse movimento universal já sob compasso do maquinismo significa, de toda sorte, congrega-se no concerto das nações mediante os cânones da ideologia do progresso. (HARDMAN, 1988, p. 70)

Portanto, Hardman demarca, do discurso do então presidente da província naquele ano, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, a ênfase no trabalho e na indústria. Também em meio a esses movimentos, e com as novas classes formadas, constituiu-se uma elite intelectualizada disposta a pôr em prática a organização em torno das agremiações literárias, aliando a literatura ao combate político e ideológico.

Surgiu, em 1870, a primeira agremiação literária do Ceará, a Fênix Estudantil⁵⁰, formada por estudantes. Contudo, apenas com a Academia Francesa é que a atividade em torno de uma associação de letrados de fato teve reflexo significativo na conjuntura cearense. Com nomes como Araripe Júnior, Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua, que vieram a integrar a Escola de Recife, a Academia foi responsável por incorporar as tendências europeias em seu projeto local de desenvolvimento, por meio do positivismo de Comte e Taine, do evolucionismo de Darwin e Spencer e do determinismo de Buckle. Contando com a participação de João Lopes, que posteriormente fundou o Clube Literário, contribuiu com o debate filosófico e científico no estado.

Além disso, já com a Academia Francesa se iniciou o debate na imprensa, por meio do jornal da loja maçônica *Fraternidade*, que manteve sucessivas polêmicas com o *Tribuna Católica*⁵¹. O grupo também foi responsável em criar em 1874 a Escola Popular, com aulas

⁵⁰ Liderada por Rocha Lima e integrada por jovens estudantes do colégio Atheneu Cearense em 1870, foi responsável pela formação, anos depois da Academia Francesa.

⁵¹ A questão envolvia as concepções de civilização, progresso e liberdade, defendidas pelos maçons contra o autoritarismo e conservadorismo católico.

gratuitas para operários e voltada para a formação de um público leitor por meio do debate de questões filosóficas, religiosas e históricas. Outro grupo interessante da década de 1870 no Ceará, mas pouco citado nas pesquisas sobre as agremiações, foi o *Gabinete Cearense de Leitura* (1875-1886)⁵². “Com as vistas voltadas para o mais eficiente ensino da família cearense, não bastou ao *Gabinete* ter abertas aos seus frequentadores as portas da sua biblioteca” (BARREIRA, 1946, p. 110), mantendo também um caráter “civilizador” por meio de cursos com aulas de línguas e ciências.

Contudo, a seca de 1877 a 1879 freou algumas ações em prol do desenvolvimento local, sobretudo as de controle urbano. À época, a capital da província, que contava com cerca de 30 mil habitantes, recebeu mais de 100 mil retirantes afetados pela estiagem, muitos dos quais morreram devido às condições precárias de saúde⁵³.

Sobre o período moderno no país, Hardman (2009) também nos aponta uma série de contradições operadas pelo “Estado nacional moderno” na busca pela nacionalização e pelo modelo civilizatório progressista. Nessa conjuntura, em vez de serem dadas soluções reais que integrassem a província à nação, a seca passou a ser vista positivamente de modo a gerar mão de obra não apenas em Fortaleza, mas também a ser utilizada pelo Império em outras regiões do país, como na Amazônia⁵⁴. Desse modo, foi nos períodos de estiagem que o maior volume de obras públicas começou a ser executado no Ceará, como a construção de prédios, estradas e ruas, aproveitando os famintos retirantes do interior. Em contrapartida, também possibilitou a construção de açudes e reservatórios de água, em que se utilizava o desenvolvimento técnico em contraponto ao fenômeno climático natural. Assim, a província experimentava a alternância entre a miséria e o progresso – em que a miséria era muito mais ecoante.

Hardman (2009) analisa, por meio da obra de Euclides da Cunha, os resultados desanimadores desse processo civilizador, que só viria a ser amplamente sentido com o advento da República. Percebemos, assim, que toda a projeção em torno da literatura e da imprensa era um projeto de poucos. Até porque a maioria da população sequer tinha escolaridade suficiente para ter acesso às informações por meio da imprensa, que, por sua vez,

⁵² Foi formado por Rocha Lima, Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, João Lopes, Xilderico de Farias, Clóvis Beviláqua, Antônio Martins, Guilherme Studart, Paula Nei, dentre outros.

⁵³ Em BRUNO, Arthur; FARIAS, Airton de. **Fortaleza: uma breve história**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

⁵⁴ Na obra *Trem fantasma: a modernidade na selva*, em que aborda a construção da ferrovia Madeira Mamoré, na Amazônia, Hardman (1988) apresenta os lados extremos do impulso “civilizador” provocado pela modernidade no país, na tentativa de ocupar o território e levar o desenvolvimento para regiões inóspitas. O pesquisador diz o seguinte: (...) as grandes obras públicas e privadas – inclusive, com destaque, o processo de expansão planetária das ferrovias –, produzem, sob a égide da concorrência de capitais e mercados que se internacionalizam, esses novos exércitos de trabalhadores nômades, recrutados em sua maioria compulsoriamente, cuja atividade subterrânea e anônima vai deixando um enorme rastro de morte: essa é a outra face da guerra não declarada” (p. 46).

não conseguia dar conta das dimensões do país e de suas reais necessidades de desenvolvimento.

Nesse passo, vale refletir sobre a configuração essencial do Estado-máquina no Brasil, que se constituiu, ao mesmo tempo, como aparelho material de dominação e como construção nacional-mítica de uma comunidade imaginada, desde, mais visivelmente pelo menos, a guerra contra o Paraguai, processo que teve nova e decisiva inflexão, todavia, com o advento da República, porquanto ancorada na engenharia militar e na política positivista. (HARDMAN, 2009, p. 180)

Apesar disso, parece-nos – do ponto de vista do objeto de estudo deste trabalho e no olhar atento para a trajetória percorrida pelos intelectuais do final do século XIX no Ceará – que, ainda que fosse um projeto perpetrado pela elite local, havia, em alguma medida, a busca por um caminho que pudesse tirar a província do atraso ao qual estava impregnada, além de ser meio de combate ao tratamento desprivilegiado em relação ao governo central. Porém, como projeto de uma elite, era contraditório e não conseguia integrar efetivamente todas as classes. Mesmo com as dificuldades de desenvolvimento, Fortaleza conseguiu seguir algumas linhas desse progresso promovido pelas novas classes, com avanços urbanos e industriais, mas sem repercussão no sertão cearense, envolto no modelo econômico “arcaico” de subsistência.

É nesse sentido que Hardman (2009) sugere um olhar sobre o Nordeste como sociedade complexa e contraditória, em que a modernidade já estava presente, proporcionada pelo aspecto urbano-industrial das capitais. O conjunto de contradições era sentido não apenas no estado como um todo – em relação à Fortaleza comparada às demais cidades –, mas também dentro da própria capital da província, que agrupava transformações isoladas, que não contemplavam toda a população.

Desse modo, a incorporação das tendências realistas e naturalistas nas obras dos escritores foi, assim, consonante ao projeto de retratar a realidade local como forma de um projeto modernizante que pretendia combater as estruturas retrógradas. No caso de Oliveira Paiva, por exemplo, podemos perceber a preocupação com a descrição do ambiente social e urbano cearense, no romance *A Afilhada* (1889), em que Fortaleza é retratada pelo olhar modernizante, trazendo também o contraponto de ambiente atrasado do ponto de vista civilizatório. Em *Dona Guidinha do Poço*, é projetada a cultura e o ambiente sertanejo, retratado por meio de suas camadas sociais e de seus conflitos, em momento de prosperidade que foge à lógica de miséria das secas, temas que serão observados no capítulo três.

1.2.1 Um público para os grupos de letrados

Ao analisar o perfil dos intelectuais do Ceará, Gleudson Passos Cardoso (2002) os divide em dois grupos: “Mocidade Cearense” e “Novos do Ceará”. A Mocidade Cearense, segundo o autor, era formada por um grupo mais envolvido com as atividades intelectuais entre as décadas de 1870 e 1880, cujas ideias giravam em torno do racionalismo filosófico – por meio do cientificismo, com a busca pela construção de uma civilização moderna – e do movimento abolicionista. A maioria deles estaria vinculada às classes sociais que exerciam o poder na política local e normalmente eram membros de grupos emergentes médio-burgueses oriundos da economia gerada pela cotonicultura⁵⁵. Dentre eles estavam os integrantes da Academia Francesa, Sociedade Cearense Libertadora, Centro Abolicionista e Clube Literário, além dos fundadores do Instituto do Ceará, da Academia Cearense e do Centro Literário.

Já os Novos do Ceará seriam constituídos por letrados fundadores da Padaria Espiritual e uma parte do Centro Literário, advindos dos setores médios-baixos e das classes populares da capital e do interior. Eles seriam influenciados, conforme Cardoso (2002), pelas ideias abolicionistas e pela democracia – empolgados com o projeto republicano que pregava a ascensão social pelo mérito –, estando envolvidos com um projeto regional, além de manterem o combate à burguesia.

O ambiente propício para as atividades desses grupos veio junto com a maior movimentação do porto de Fortaleza, com os navios trazendo não apenas mercadorias, mas também jornais, revistas e livros de diferentes centros. O fluxo nacional e internacional era garantido em, pelo menos, sete dias de cada mês durante a década de 1870⁵⁶. Ozângela de Arruda Silva (2008), ao observar a circulação de romances na Fortaleza oitocentista, indica que houve um estabelecimento de um público leitor no decorrer dos últimos anos do século.

⁵⁵ “Tomás Pompeu de S. Brasil Filho, bacharel em Direito, industrial, era filho do chefe liberal Senador Pompeu, ‘descendente de abastados fazendeiros dos sertões de Santa Quitéria e de Sobral, que sofreram fortes abalos com as secas’. Dr. Guilherme Studart, médico, historiador, posteriormente o Barão de Studart, era filho de um comerciante inglês que foi também agente do consulado britânico no Ceará. Tristão de Alencar Araripe Jr, bacharel, crítico literário, jornalista, era filho do líder liberal Tristão de Alencar Araripe e sobrinho do Senador José Martiniano de Alencar. Paulino Nogueira, bacharel, etnólogo, oriundo da poderosa família Borges da Fonseca do município de Russas, que desde o período colonial exercia autoridade política (...). Por fim, Antônio Bezerra era historiador, filho do político, burocrata, ideólogo do tradicionalismo católico durante a campanha de romanização no Ceará, o professor Manoel Soares da Silva Bezerra. Obviamente houve outros intelectuais pertencentes à Mocidade Cearense, como João Lopes, Antônio Martins, João Cordeiro, Abel Garcia, Pedro Queirós, Júlio César Fonseca, dentre tantos outros. E em boa medida eles estavam circulando pelos mesmos grêmios filosófico-políticos e periódicos literários” (CARDOSO, 2002, p. 45-46).

⁵⁶ Ver mais em OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. Também em CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

Esse público tinha acesso, por meio da atuação dos livreiros, tanto às obras antigas como às recém-lançadas no Rio de Janeiro. Isso porque, segundo a autora, os livreiros locais mantinham interação com vendedores de livros e editoras de outras regiões.

Apesar dos avanços significativos no sentido de propagar uma cultura letrada, o novo momento de reestruturação social não foi suficiente para apagar o forte atraso da província em relação ao desenvolvimento cultural. Porém, esse não era apenas um problema local. Para se ter uma ideia, em todo o país, em 1890, de 100 brasileiros apenas 14 sabiam ler (VERISSÍMO *apud* Servcenko, 2014, p. 110). Na província, os números eram ainda mais desanimadores:

(...) na década de 1870 é importante ressaltar que, em 1872, 88,46% da população era analfabeta (85,84% deduzindo a população menor de 5 anos de idade). Das províncias era a menor taxa de alfabetização. Em 1875, o Ceará era a oitava província em número absoluto de escolas, possuindo menos da metade das de Pernambuco e quase igualando-se às províncias do Pará e Alagoas, com 265 e 236 escolas respectivamente. (OLIVEIRA, 2002, p. 24)

Portanto, ainda que o Ceará tenha seguido tendências nacionais, não podemos dar um destaque maior do que a província realmente teve dentro da conjuntura cultural do país, sobretudo naquele período. Não foi à toa que, Franklin Távora, com seu movimento separatista literário, deu eco à insatisfação com o tratamento secundário direcionado às províncias nortistas também no campo da literatura. Devido à concentração das manifestações da cultura literária – além da rejeição comum de boa parte dos escritores do Rio em relação à produção nortista –, muitos escritores se viam obrigados a participarem de uma vida literária na Corte como forma de legitimação; para obterem algum tipo de reconhecimento e divulgação de seus trabalhos. Por isso, as agremiações literárias também foram meio de os intelectuais produzirem e ganharem respaldo nacional, promovendo a vida literária provinciana. A imprensa, por meio da formação de uma imprensa literária local, foi o meio encontrado para divulgar os trabalhos e possibilitar a tão desejada construção de uma civilização cearense projetada a partir da nova configuração social.

Segundo Veríssimo (2001), durante o período em questão, “não é muito dizer que seja depois do Rio o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a produção” (p. 127). Conforme Brito Broca (2005), o impulso em lançar academias no Ceará – assim como em outros estados localizados mais ao norte do país, em relação ao Rio de Janeiro, como Bahia, Pará e Maranhão –, sobretudo depois da Padaria Espiritual, era uma amostra do crescente esforço em “criar uma atmosfera literária e possibilidade de êxito no mundo das letras aos que se recusavam ou não podiam buscar a consagração na rua do

Ouvidor” (p. 98). Ao listar as principais manifestações literárias cearenses, o crítico diz o seguinte:

O Ceará sempre foi o estado do Brasil onde mais floresceram as academias literárias. A primeira delas, a Fênix Estudantil, fundada em 1870, deu origem à Academia Francesa, que sofreu os reflexos da “escola de Recife”, através de Rocha Lima. Desde então, as associações ali se multiplicaram.

De um dissídio entre “os padeiros”, membros da Padaria Espiritual, resultou a fundação do Centro Literário, cuja existência verdadeiramente ativa vai de 1895 a 1905. “O Ceará não para, o Ceará não cansa” – escrevia Valentim de Magalhães, referindo-se principalmente a essa agremiação, que editou livros e revistas, a exemplo da Padaria. Paralela ao Centro, influenciou, também poderosamente na vida literária do estado a Academia Cearense, cuja primeira fase vai de 1894 a 1922 (...). Visitando o Ceará, no fim do século XIX, Aderbal Carvalho anotava: “Nesse estado a literatura já chega a ser uma mania. Não há cearense que não rabisque o seu conto”. (BROCA, 2005, p. 98)

1.3 Padaria Espiritual: a ascensão da imprensa literária

Das manifestações literárias que ocorreram no estado durante os séculos XIX e XX, a Padaria Espiritual (1892) é a que tem o maior destaque na história do Ceará, com o jornal *O Pão* (1892-1896) impresso pelo grupo. Entendemos o seu sucesso na imprensa literária devido à influência exercida pelo periódico *A Quinzena*, que antecedeu e criou ambiente propício para a publicação da Padaria, emprestando a sua experiência no novo projeto por meio da figura do escritor Antônio Sales, líder da nova sociedade, além de outros membros participantes.

O texto de abertura da edição de 1º de janeiro de 1895 (número 2, ano 2) do jornal – após uma longa pausa na publicação – trata dos motivos que moviam o grupo, relacionados com a questão já levantada pelo Clube Literário de promoção da literatura, mas com a maior pretensão do reconhecimento nacional: “Certos de que outro tanto nos desejam, prometemos nada poupar para que o Ceará figure na vanguarda do movimento literário que presentemente se desenrola no País de par com os generosos esforços para a nossa regeneração política” (VOLTANDO, 1895, p. 1).

O reconhecimento da Padaria Espiritual se dá, portanto, pelo fato de ter agrupado importantes nomes da literatura brasileira⁵⁷, pela repercussão da publicação do jornal e pela originalidade do seu programa de instalação⁵⁸. Seu sucesso na província ocorreu por conta de

⁵⁷ Dentre os nomes de destaque da literatura local estavam Antônio Sales, José Carlos Júnior e Antônio Bezerra, além dos conhecidos nacionalmente Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha.

⁵⁸ O grupo se definia como “uma sociedade de rapazes das Letras e Artes”, por reunir escritores, um músico e um pintor, “cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios em particular e aos povos em geral”. Ver mais em: AZEVEDO, Sânzio. **Breve história da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

certo pioneirismo na forma de debater os temas de interesse dos integrantes, além do tom humorístico de alguns dos textos da primeira fase da sociedade. Ademais, o grupo conseguiu promover escritores cearenses por meio da publicação de livros⁵⁹, em sua segunda fase (Cf. AZEVEDO, 2011).

Desde o início da formação da sociedade, os membros da Padaria organizaram-se de modo a enviar cartas a escritores portugueses, como Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Antônio Nobre e Abel Botelho – o único que respondeu à solicitação – com o intuito de pedir exemplares das obras desses autores para a biblioteca da agremiação, além de comunicar a existência do grupo. Eles também trocaram correspondência com Olavo Bilac, Raimundo Correia, Clóvis Beviláqua e Garcia Redondo.

Elaborado por Antônio Sales, o programa de instalação foi lido na sessão inaugural, além de ter sido publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro⁶⁰. O grupo fazia, assim, parte de uma conjuntura de imprensa literária que significava não apenas publicar um periódico com maior volume de textos literários (como contos, crônicas, poemas e ensaios) em comparação com os demais jornais, mas também de criar uma lógica para alimentar esse movimento, a partir da divulgação das manifestações da cultura literária de todo o país ou das diferentes formas de se integrar à modernidade.

No jornal da Padaria, havia seções com resenhas de livros ou de revistas recebidas pelo grupo; com reprodução de correspondência trocada entre a agremiação, escritores e intelectuais da Corte e de outras províncias do Brasil; com textos acerca da vida de escritores reconhecidos nacionalmente; e com poemas voltados para prestar homenagem aos nomes da literatura da época. Para isso, a publicação se ocupou em ressaltar as diferentes manifestações

⁵⁹ Nas sessões, os escritores discutiam o conteúdo de suas futuras publicações, além dos títulos, formato e capa, como foi o caso do famoso romance *A Normalista*, de Adolfo Caminha, em que foi discutido um dos capítulos, além de terem sido publicadas resenhas nas páginas do jornal. Muitos outros escritores pautaram as reuniões com o tema das suas publicações. Rodolfo Teófilo, por exemplo, teve seu livro *Os Brilhantes* como tema de um dos encontros.

⁶⁰ Sobre a repercussão do grupo, Leonardo Mota (1994) diz o seguinte: “A Padaria deu que falar a todo o Brasil e toda a imprensa brasileira lhe fez o elogio, ‘desde as gazetinhas de 20 centímetros até as de 1 metro, qual o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro’. E, como ufanamente se assinalou mais tarde, ‘esplêndida’, ‘benemérita’, ‘incansável’, ‘operosa’, ‘adorável’, eram os qualificativos com que os maiores críticos distinguiam a associação dos irreverentes letrados fortalezenses. Coelho Neto, Augusto de Lima, Pardal Mallet, Araripe Júnior, o Padre Correia de Almeida mantiveram correspondência com a Padaria.

Coelho Neto, Augusto de Lima, Pardal Mallet, Araripe Júnior, o padre Correia de Almeida mantiveram correspondência com a Padaria. Afonso Celso dedicou-lhe um romance. Raimundo Correia visitou-nos em agosto de 1894, e os Padeiros o cercaram tão carinhosamente e ele gostou tanto da nossa terra, que ‘chegou ao ponto de assumir a paternidade das mais arrojadas hipérboles que o Antônio Bezerra formulou sobre o Ceará Grande’”. (p. 72).

da cultura literária em seções fixas, como *Bibliografia*⁶¹, *A nossa correspondência*⁶², *Medalhas*⁶³, *Imprensa literária*⁶⁴, *Arquivo*⁶⁵, *Carteira*⁶⁶, dentro outras que apareciam em menor frequência. É interessante ressaltar que a maioria dessas seções foram incluídas na segunda fase do grupo (1894), divulgadas nas edições a partir de 1895.

Em relação à publicação em livro, segundo Sânzio de Azevedo (2012), afora *Phantos* (1893), de Lopes Filho, foram publicados na segunda fase da agremiação os livros: *Versos* (1894), de Antônio de Castro; *Flocos* (1894), de Sabino Batista; *Contos do Ceará* (1894), de Eduardo Sabóia; *Cromos* (1895), de Xavier de Castro; *Trovas do Norte* (1895), de Antônio Sales; *Os Brilhantes* (1895), de Rodolfo Teófilo; *Vagas* (1896), de Sabino Batista; *Dolentes* (1897), de José de Carvalho; e *Violação* (1898), de Rodolfo Teófilo⁶⁷. Além das obras, *O Paroara*, também de Rodolfo Teófilo, editado em 1899 (ano em que o grupo já não mais existia), havia sido citado em uma das seções do jornal *O Pão*⁶⁸.

Observamos que, muito mais que os membros do Clube Literário, os integrantes da Padaria Espiritual faziam questão de manter uma troca intelectual, mesmo que isso acarretasse na solicitação de ajuda a figuras públicas para que divulgassem o grupo aos seus conhecidos⁶⁹. Não encontramos na publicação do Clube nenhuma referência direta à troca de correspondência, nem mesmo homenagens ou elogios a figuras nacionais em busca de visibilidade. Entendemos, porém, que não foram apenas essas questões que deram maior

⁶¹ Publicada a partir do número 7 do ano 2, de 1º de janeiro de 1895, nessa primeira edição a seção trouxe resenha da Revista da Faculdade Livre de Direito do Estado de Minas Gerais (ano 1, número 1), publicada em Ouro Preto, em 1894, e recebida pelo grupo.

⁶² Com esse título a partir da edição 8 (ano 2), de 15 de janeiro de 1895, trazia na íntegra os textos da correspondência trocada pelos chamados sócios correspondentes. Nesse número, trouxe texto de Afonso Celso, Clóvis Beviláqua e Augusto de Lima, todos direcionados a Antonio Sales, ou ao seu pseudônimo, Moacyr Jurema.

⁶³ Trouxe poemas em homenagem a Machado de Assis, Padre Correa de Almeida e Aluísio Azevedo na primeira edição em que foi publicada (número 7, ano 2).

⁶⁴ Divulgada a partir da edição 14, do ano 2, trazendo um breve resumo acerca das revistas e jornais recebidos pelo grupo, dentre eles: *A Semana*, *Revista Brasileira* e *Crônica Ilustrada*, do Rio de Janeiro; *O Cisne*, de Ouro Preto (MG); *A Renascença* e *O Livro*, da Bahia; *Revista Contemporânea*, *Revista Moderna* e *A Vanguarda*, de Pernambuco; *A Luva*, de Santos (SP); *Revista Portuguesa*, de Lisboa, Portugal.

⁶⁵ Trata de livros e folhetos recebidos de todo o país para integrarem a biblioteca da publicação. A coluna aparece com esse nome a partir da edição 15 (ano 2), de 1º de maio de 1895. Tem função semelhante a outras já distribuídas em diferentes seções de edições anteriores.

⁶⁶ Teve funções variadas nas diferentes fases do grupo. Na segunda fase, ganhou contornos mais sérios, divulgando jornais, grupos ou personalidades da literatura. Porém, foi publicada desde a edição 2 do primeiro ano, de 30 de outubro de 1892, quando tratou de assuntos variados envolvendo questões da província, de modo geral.

⁶⁷ Ver também sobre livros publicados em: MOTA, 1994, p. 171.

⁶⁸ Ver mais em: AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual, um grêmio cultural. In: CARDOSO, Gleudson Passos; PONTE, Sebastião Rogério (Org.). **Padaria Espiritual: vários olhares**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

⁶⁹ Um dos trechos reproduzidos vem “D’A Província do Recife” e traz o seguinte: “Recebi ontem dois ofícios: um do Exmo. Sr. Governador do Estado (...) outro de Moacyr Jurema, 1º Secretário da Padaria Espiritual, pedindo-me para que secunde aquela agremiação ‘moral e materialmente, recomendando-a em todos os círculos de minhas relações’”. (PÃO, 10 jul. 1892, p. 2)

relevo à Padaria e a sua publicação, mas também a relação que normalmente se estabelece entre os estatutos do grupo a uma forma de antecipação da Semana de Arte Moderna de 1922. Sânzio de Azevedo trata dessa relação:

Nem é necessário repisar o fato de a Padaria Espiritual haver-se antecipado ao movimento modernista, principalmente quando condenou, em obras de nossa literatura, quaisquer alusões a nomes de animais ou vegetais estranhos a nosso País. Isso numa província, no século passado, bem antes portanto de Monteiro Lobato e da Semana de 1922. (AZEVEDO, 1976, p. 164)

Apesar de encontrarmos traços no programa de instalação ou mesmo na abordagem dos textos dos escritores do jornal que possam ser relacionados ao movimento modernista, consideramos equivocada essa relação uma vez que não temos notícias de referências diretas ou indiretas da influência dos temas debatidos pela Padaria com as questões levantadas pela Semana Modernista de São Paulo. Por outro lado, compreendemos que essa associação é estabelecida como meio de ressaltar a importância da manifestação cearense em âmbito nacional, ao promover um ponto de contato com um movimento que marcou o século XX e que ocorreu no polo centralizador cultural brasileiro, com a busca pela renovação estética nas artes do país. No ensaio *Antigos modernistas*, Hardman (2009) nos evidencia a tendência anacrônica de boa parte da crítica em remeter o movimento de 1922 como meio de reler o passado cultural do Brasil, gerando alguns efeitos:

a) Exclusão de amplo e multifacetado universo sociocultural, político, regional que não se enquadrava nos cânones de 1922, em que se tratando, embora, de processos intrínsecos aos avatares da modernidade; b) redução das relações internacionais na cultura brasileira e eventuais contatos entre artistas brasileiros e movimentos estéticos europeus, quando, na verdade, o internacionalismo e o simultaneísmo espaço-temporal se tinham configurado como experiências arraigadas na vida cotidiana do País; c) definição esteticista para o sentido próprio do modernismo, abandonando-se, com isso, outras dimensões políticas, sociais, filosóficas e culturais decisivas à percepção das temporalidades em choque que põem em movimento e fazem alterar os significados da oposição antigo/moderno muito antes de 1922 (HARDMAN, 2009, p. 169)

Portanto, a partir do momento em que a historiografia literária passa a tratar com o olhar modernista de 1922, ela parece apagar todo o movimento anterior, de fundamental importância para o estabelecimento da imprensa literária no Ceará e no Brasil. Desse modo, seguir com a análise minuciosa da primeira publicação produzida por uma agremiação, de uma das províncias de vida literária mais intensa no século XIX, nos permite localizar a relação entre escritores e imprensa, jornalismo e literatura dentro das configurações do Brasil moderno, que envolvem, também, história e ciência.

CAPÍTULO DOIS: *A QUINZENA*

A Quinzena foi publicada de 15 de janeiro de 1887 a 10 de junho de 1888, totalizando 30 edições: 22 no primeiro ano e oito no segundo. Impressa duas vezes por mês, como indica o expediente, a tentativa era manter periodicidade quinzenal⁷⁰. Cada edição continha oito páginas, normalmente com três colunas cada uma⁷¹. Apenas os poemas eram impressos no espaço de duas colunas, mas sem a divisão da coluna; também havia poemas que ocupavam uma página toda, dividida em apenas duas colunas. Essas diferenciações no design da página eram feitas provavelmente no intuito de conservar a estrutura dos versos e das estrofes⁷². A diagramação da publicação permanece praticamente a mesma em todas as edições, sofrendo pequenas alterações no decorrer dos números. Algumas vezes, porém, percebemos que os textos maiores eram impressos em fonte menor, possivelmente para caberem, sem cortes, na quantidade de páginas determinada. Ainda assim, muitos foram os textos que tiveram de ser continuados nas edições seguintes.

Para esta pesquisa, tivemos acesso a um volume fac-similar elaborado pela Academia Cearense de Letras, de 1984, que contém todos os números do órgão do Clube Literário. São poucas as páginas com textos ilegíveis devido à má impressão da reprodução do material. O cabeçalho de cada edição está todo em caixa alta e é dividido em três partes. Contém, primeiramente, o nome da publicação, *A Quinzena*, em fonte maior, seguido, abaixo, pelos dizeres: “Propriedade do Clube Literário”. Também traz, abaixo do nome do quinzenário e dividido por uma linha horizontal, uma caixa com três espaços, dividida por duas linhas verticais, contendo: o ano da publicação, uma lista com os nomes dos redatores e o número da edição. Abaixo, também dividido por linhas horizontais, há o local e a data da impressão. Até o número 10 – com exceção da sexta edição –, há a referência, no canto direito da última página, à tipografia do *Libertador*, local onde a publicação era impressa.

O nome do gerente passou a ser impresso no local em que vinha o nome dos redatores apenas a partir da edição 15 (ano I), com a lista de redatores migrando para a primeira coluna

⁷⁰ As edições normalmente eram publicadas nos dias 15 e 30 de cada mês, contudo, a partir do número 12 do ano I, de 5 de julho de 1887, houve um atraso mais significativo, que passou a ter certa recorrência. Em alguns casos, o atraso foi de quase um mês.

⁷¹ Apenas as edições um e dois, do primeiro ano, tiveram páginas divididas em duas colunas. Porém, provavelmente por caberem menos textos nessas duas colunas, com mais espaços em branco na página, a publicação vem em três colunas a partir do terceiro número. Inclusive, no expediente da segunda edição, é justificado que, por falta de espaço, foram retirados alguns artigos.

⁷² Tanto é que o poema *Amor de bardo*, de Juvenal Galeno foi publicado duas vezes, sem alterações no texto: a primeira na edição 12 (ano I) e a segunda na edição seguinte (13, ano I). A nota de pé de página justifica o seguinte: “Reproduzida por ter saído mutilada na última edição”. Essa mutilação se trata apenas da continuação do poema em uma página diferente na primeira edição, e não o corte do conteúdo.

da publicação⁷³. Na primeira coluna, também era de praxe vir – logo abaixo da lista de redatores – o sumário, com os textos da edição e autores, e o expediente, com informações dos valores de assinatura e o endereço da administração. O escritório d'*A Quinzena* era localizado na Rua Major Facundo, no Centro de Fortaleza, capital da província, mesmo local onde eram realizadas as reuniões do Clube Literário.

Os preços das assinaturas para Fortaleza saíam por 2\$000 a trimestral, 4\$000 a semestral e 8\$000 a anual. Para o interior e demais províncias custavam 5\$000 o semestre e 10\$000 o ano. Contudo, a partir da primeira edição do segundo ano, de 15 de janeiro de 1888, uma das medidas tomadas como forma de popularizar o quinzenário foi a de reduzir o valor das assinaturas a 6\$000 por ano, tanto para a capital como para o interior do estado, além de limitar as assinaturas a pelo menos um semestre. Outras medidas também foram tomadas a partir dessa edição como meio de angariar mais leitores. Elas serão apresentadas no decorrer deste capítulo.

⁷³ A partir da edição 1, ano II, a lista de redatores não vem mais impressa.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 1

FORTALEZA, 15 DE JANEIRO DE 1887.

SUMMARIO

<i>Expediente.</i>	
<i>Preliminares</i>	—JOÃO LOPES
<i>Origem da palavra Ceará</i>	—PAULINO NOGUEIRA.
<i>Lumen-Numen</i>	—VIRILIO BRIGIDO.
<i> Corda sensível</i>	—OLIVEIRA PAIVA.
<i>O Regresso</i>	—JUVENAL GALENO.
<i>Os Quinze dias</i>	—ANTONIO MARTINS.
<i>A Escola</i>	—J. DE SERPA.
<i>Creanças</i>	—JOSÉ OLYMPIO.

EXPEDIENTE

A QUINZENA publica-se duas vezes por mez.

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

PRELIMINARES

Não faltará quem considere arriscado, temerario mesmo, este emprehendimento a que nos abalançamos.

Si na capital do imperio, metropole da civilisação sul americana, o meio não é propicio ás lettras e as publicações exclu-

sivamente litterarias mal podem, a custa de tenaz e mortificante sacrificio, romper a espessa crosta da indiferença publica para arrastar uma vida penosa e ephemera; na provincia, aqui por estes recantos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificamente rotineira da vida provincialna, para escrever sobre lettras e artes e sciencias.

Vão assim objectar-nos os *homens praticos*, que, por pouco que saibam, sabem bellamente sentenciar *ex-cathedra* que o nosso publico é infenso, sinão hostile a isso de litteratura «que não bota ninguem para diante».

Não seremos nós quem conteste a desoladora verdade inspirada pela experiencia longa e fria do bom senso. Podemos mesmo subsidiar taes conceitos com observações proprias, em dez annos de jornalismo.

A imprensa partidaria, feita á imagem e semelhança da nossa sociedade essencialmente burgueza e votante, vive para ahi sabe Deus como, quasi a finir-se a mingua de alento, operando milagres de resistencia, a metter-se teimosamente pelos olhos do povo que lhe volta costas e convencidamente afirma que a boa politica é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos.

E, entretanto, é a imprensa partidaria quem abre caminho para os empregos, quem sagra benemeritos os amigos, quem traz pela rua da amargura os adversarios, quem institue tenentes-coroneis e destitue subdelegados.

Ficam, portanto, sabendo os *homens praticos*, que não somos ingenuos, que não temos peneira nos olhos, que não vemos tudo côr de rosa.

Sabemos d'ante-mão que muito caro nos vae custar cada um desses *ephemeros* prazeres intellectuaes, deliciosos prazeres que só comprehendel-os e poder aspiral-os é já uma fortuna immensa, um gaudio ineffavel.

Não havia seções fixas por conta da falta de espaço em relação à quantidade de material disponível. Foram publicados 225 textos⁷⁴ – dos quais 210 foram assinados –, dentre artigos, ensaios, crônicas, contos e poemas, com 157 impressos no ano I e 68 no ano II⁷⁵. Desse total, foram 75 poemas, 54 contos, 15 crônicas⁷⁶ e uma fábula, além das 13 colunas (ou crônicas) de notícias culturais, que serão detalhadas neste capítulo. Além disso, foram 62 ensaios e artigos, quatro editoriais mais um informativo com os estatutos do Clube Literário. Os sumários das edições podem ser conferidos nos apêndices; a lista de textos publicados integra a tabela 4 desta dissertação.

Muitos dos ensaios têm a continuação publicada nas edições posteriores, sendo divididos em até seis partes. Os ensaios do colaborador Paulino Nogueira são os mais longos, assim como os de Farias Brito. Em relação aos textos literários, os mais longos ficam a cargo de Rodolfo Teófilo e suas duas séries de contos científicistas: *História Natural*⁷⁷ e *Ciências Naturais*⁷⁸.

Percebemos na publicação dois momentos de busca por mudanças e melhorias, evidenciadas nos editoriais e em algumas alterações visíveis na folha. A primeira foi anunciada na edição 10 (ano I), no editorial de abertura, com as pequenas novidades percebidas na edição seguinte. O editorial, a ser analisado mais adiante, é uma espécie de comemoração pelas dez edições publicadas, o que teria estimulado a equipe redacional a procurar novas formas de dar mais força ao projeto coletivo dos integrantes do Clube Literário. A segunda veio com o aniversário de um ano, com alterações muito mais significativas, também a serem analisadas em outro tópico do capítulo. Outra novidade surgiu no número 11 (ano I), com os anúncios, que passaram a ser divulgados sempre na última página das edições.

2.1 Estatutos do Clube Literário postos em prática

Publicados no número 17 do ano I, os Estatutos do Clube Literário traçam os principais objetivos do grupo. O Artigo I desses estatutos destaca que o “Clube Literário tem

⁷⁴ Não incluímos a republicação do poema *Amor de bardo* (edições 12 e 13, ano I), de Juvenal Galeno, e do poema *Fases*, de Bruno Jaci, impresso sem alterações, nos números 2 e 3 do segundo ano.

⁷⁵ A contabilização total também não inclui os dois poemas repetidos. Caso sejam considerados, seriam 227 textos publicados, 158 no primeiro ano e 69 no segundo, com um total de 77 poemas.

⁷⁶ O número inclui tanto crônicas históricas como crônicas mais de caráter opinativo. Dois textos assinados por Mademoiselle***, ainda que provavelmente tenham sido considerados contos pelos membros da equipe redacional, classificamos como crônicas por não apresentarem personagens, narrador, enredo e ação dramática.

⁷⁷ Esses contos apresentam como subtítulo *As donzelinhas*, *As borboletas*, *O cafeeiro*, *As flores*, *A reprodução dos vegetais* e *A vida dos vegetais*.

⁷⁸ Trata dos seguintes temas: *A luz*, *Ar e atmosfera*, *Água* e *Os vulcões*.

por fim promover e ativar o progresso intelectual de seus associados”⁷⁹, que seriam “homens dados às letras”⁸⁰ (Artigo V). Além disso, determina sessão semanal da diretoria e mensal da assembleia geral (Artigo VII). Em relação ao seu programa, o artigo VIII diz o seguinte:

Para realização de seu programa o Clube manterá um órgão na imprensa, promoverá conferências públicas, procurará relacionar-se com os vultos da literatura, das artes, e da ciência, corresponder-se-á com as corporações congêneres do império e do estrangeiro, e intervirá perante os poderes públicos quando assim for necessário.⁸¹

Desse tópico, identificamos que a relação com os “vultos” fica evidente nas seções que noticiavam os acontecimentos culturais do Brasil e do mundo. No primeiro ano, temos a seção *Da Corte*⁸², que se trata de uma coluna, ou crônica de notícias, acerca da conjuntura da cultura nacional, centralizada no Rio de Janeiro. Com caráter informativo e opinativo, era elaborada entre 15 a 20 dias antes da edição d’*A Quinzena*, tratando de temas relacionados à cultura em geral: literatura, música, teatro e pintura, além de falar de ações em torno dos artistas, de equipamentos culturais ou eventos artísticos e populares, a exemplo do Carnaval. Chegou a ocupar mais de três colunas por edição, o que representava uma página inteira⁸³. A seção é assinada por Mário, porém, não conseguimos identificar mais detalhes acerca do redator. Ficamos claro, entretanto, se tratar de um correspondente.

A seção *Letras e Artes*, publicada apenas em um número, segue a mesma lógica da coluna de notícias culturais anterior. Em contrapartida, o olhar, apesar de estar direcionado para as manifestações de fora do estado e do país, vem de dentro da província do Ceará e não de um correspondente. Primeiramente, aborda a importância da imprensa científica e literária, com destaque para *A Semana*, do Rio de Janeiro. O texto, que não está assinado, lista as províncias cuja vida literária era mais intensa, seja por meio da imprensa ou por meio de agremiações, mostrando otimismo em relação aos acontecimentos literários no país. Além disso, traz um trecho de um periódico de Lisboa não especificado, em que trata das publicações em livro de traduções estrangeiras ou de escritores portugueses. Também noticia a publicação em folhetim, em um jornal do Rio de Janeiro, de *A Relíquia*, de Eça de Queiroz, além da venda em livro da obra no Pará e na Corte. Por fim, traz a seguinte crítica: “Ao Ceará

⁷⁹ ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO. *A Quinzena*. Fortaleza, ano I, n. 17, p. 7, 17 set. 1887.

⁸⁰ Sobre esse artigo, Cláudia Freitas de Oliveira (2000) faz a seguinte observação, em relação ao perfil social e econômico dos integrantes do grupo: “ao mesmo tempo que estes intelectuais intencionaram propiciar a vitalização das atividades intelectuais em Fortaleza e desejaram que o povo da capital se interessasse pelos assuntos referentes ao letramento, eles excluíram este mesmo povo, quando não permitiram que qualquer pessoa publicasse artigos em *A Quinzena*” (p. 77).

⁸¹ ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO. Op. cit., p. 8.

⁸² Publicada nos números 3, 5 e 7.

⁸³ Na edição 5 (ano I), veio em mais de seis colunas, uma vez que foram acumuladas duas seções devido ao Carnaval.

é que há de chegar quando ninguém mais por aqui quiser lê-la, pois que, aqui, em tratando-se de novidade literária as livrarias são ainda da opinião da preguiça – andar de vagar (sic) para chegar de pressa”⁸⁴. Desse modo, mostra-nos os contrapontos debatidos no quinzenário: o otimismo, nesse caso, com as movimentações literárias, e uma insatisfação geral dos letrados cearenses, evidenciada na dificuldade de ter contato com as obras que estavam em alta.

Livros e folhetos também não é assinada e só foi publicada uma vez, na edição 16 (ano I), ocupando três colunas. É uma seção sobre as publicações recebidas pelo Clube Literário, em que é ressaltada a imprensa literária⁸⁵. Teve destaque na coluna a revista *Arquivo Brasileiro*, publicada por Clóvis Beviláqua no Recife, cujo sumário foi transcrito, além da *Revista Federal*, do Clube Republicano Rio Grandense. Foi traçada, sobre esta última, uma série de elogios por conta do caráter republicano, da crítica ao regime escravocrata e das questões científicas e evolucionistas abordadas pela publicação recebida. O fechamento das notícias da seção serve como oportunidade para se emitir uma opinião política, além de ressaltar as qualidades do empenho do grupo na imprensa.

[O povo], quando adquirir a consciência da sua própria força e compreender a necessidade da substituição do regime estreito que manietta o espírito de livre associação, a força da iniciativa individual, faz bancarrota de dinheiro e moral pública e esteriliza os nossos esforços para a opulência intelectual, moral e industrial do país, sancionará com o beneplácito de sua soberana adesão à ideia que hoje apenas alguns espíritos privilegiadamente dotados de civismo pregam na imprensa.⁸⁶

Palco e salões, também sem assinatura e ocupando três colunas, tem foco na crítica teatral. O texto sai em defesa do entretenimento das operetas ao estilo *vaudeville*⁸⁷ apresentadas no teatro de Fortaleza, tão criticadas na capital cearense por não seguir um modelo rigoroso artístico, ao que o texto da seção argumenta: “A gente moderna precisaria mesmo dessa variedade. (...) O que não impede que esse todo mundo (...) acompanhe a fina flor das pessoas de gosto aos generosos de espetáculos esmeradamente e genuinamente artísticos”⁸⁸. Além disso, comenta sobre a opereta de uma companhia local, tecendo críticas à apresentação geral e elogiando o desempenho de um dos atores. Sobre os salões, o autor se abstém, uma vez que “foram simplesmente os bailes de costume”⁸⁹.

⁸⁴ LETRAS E ARTES. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n.11, p. 6, 15 jun. 1887.

⁸⁵ Foge dessa linha apenas o primeiro tópico em que trata de um discurso na Câmara dos Deputados.

⁸⁶ LIVROS E FOLHETOS. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n.16, p. 8, 4 set. 1887.

⁸⁷ Entretenimento de variedades surgido nos Estados Unidos.

⁸⁸ PALCO E SALÕES. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 19, p. 1, 18 nov. 1887.

⁸⁹ *Ibid.* p. 2.

Recibos e Pelo mundo artístico são duas seções que surgem no segundo ano da publicação, momento de busca do grupo em se deter ainda mais nos assuntos literários. Contudo, das oito edições do segundo ano, *Recibos* surge apenas na 2 e na 4, ocupando um curto espaço de uma coluna e meia. Exercia a mesma função da seção *Livros e folhetos*, uma vez que se limita a noticiar acerca das publicações da imprensa literária do país. No caso da edição de número 2 (ano II), traz uma crítica sobre *A Semana*, que estava sob nova direção; elogia a *Revista da Família Acadêmica*, da Escola Militar do Rio de Janeiro, além de também elogiar uma publicação sobre o baile de Carnaval, elaborado pelo Clube Iracema⁹⁰. No número 4 (ano II), a seção trata sobre as duas primeiras publicações citadas na edição anterior – provavelmente as duas únicas que receberam de fora –, aproveitando para ressaltar o nome do cearense Araripe Júnior, que atuava n^o *A Semana*, e de Edmundo Barros, da publicação da Escola Militar, que teve o poema *Paisagens* transcrito naquela edição d^a *Quinzena*.

Por fim, a seção *Pelo mundo artístico* foi publicada da edição 1 a 5 do segundo ano, com caráter muito mais noticioso e quase nada opinativo. Trata de lançamentos de livros, peças de teatro, apresentações musicais, eventos gerais das manifestações culturais⁹¹ e acerca da vida de artistas. Nesse último caso, aborda a viagem do escritor François Coppée, a chegada do compositor Alberto Nepomuceno no Ceará e a morte do pintor François Bovin. Apesar de se concentrar nos eventos parisienses, também fala do que ocorre em Portugal, na Alemanha e, em menor grau, no Rio de Janeiro.

TABELA 1: Seções de notícias literárias e culturais⁹²

Título	Autor	Assunto	Edições
<i>Da Corte</i>	Mário	Crônica de notícias de ações e eventos culturais do Rio de Janeiro	I-3, 5, 7
<i>Letras e Artes</i>	-	Notícias e opinião sobre imprensa e literatura	I-15
<i>Livros e Folhetos</i>	-	Notícia de jornais e revistas recebidos pelo Clube Literário	I-16
<i>Palcos e Salões</i>	-	Crítica de teatro	I-19
<i>Recibos</i>	-	Crítica sobre imprensa literária	II-2, 4
<i>Pelo mundo artístico</i>	-	Crônica de notícias de ações de eventos culturais do Brasil e do mundo	II-1, 2, 3, 4, 5

Ainda que essas seções não apresentem uma correspondência direta – exceto no caso de *Livros e folhetos* e *Recibos* –, mostra-nos a preocupação de manter contato com outras

⁹⁰ Fundado em 1884, foi um ambiente criado pela nova classe média de Fortaleza. Era espaço voltado para diferentes eventos culturais.

⁹¹ Tratou da votação de um prêmio teatral em Lisboa, o jubileu de um ator de teatro em Berlim e a descoberta de um método de pintura em Paris.

⁹² A edição é identificada pelo ano de publicação, por meio dos algarismos I ou II, seguido pelo número.

províncias e com o exterior, sobretudo com o Rio de Janeiro e com Paris, também possibilitando ao leitor uma noção do que acontecia lá fora. Além disso, são seções que integram a publicação no conceito de imprensa literária, na busca por promover a divulgação das atividades culturais.

Outro tópico interessante dos estatutos do Clube Literário é o Artigo IX, que nos indica que a direção da publicação e o grupo de redatores eram eleitos por uma comissão: “As sessões da comissão de redação serão convocadas e presididas pelo redator chefe, que será sempre o mais votado”⁹³. Nas 14 primeiras edições, a equipe de redação era formada por João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio. A esses nomes se juntaram, a partir da edição 15 até a 22, José Carlos Júnior, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues. Fazer parte da redação não significava necessariamente ter um texto publicado, assim como muitos dos textos divulgados eram de nomes que não estavam na equipe redacional. No segundo ano, não sabemos qual foi exatamente o grupo de redação, uma vez que não está listado nas edições. Nos apêndices desta dissertação, há uma pequena biografia dos participantes e colaboradores identificados, além de uma listagem com as edições em que seus trabalhos foram publicados.

A partir da edição 15 (ano I), passa a vir indicado, no cabeçalho da publicação, o nome do gerente, José Olímpio, com o cargo ocupado por Oliveira Paiva no segundo ano. Fica evidente, com a mudança na gerência, a redução das publicações mais teóricas voltadas para as ciências naturais, o maior incremento de textos literários e o surgimento de novos colaboradores. Nesse momento, apareceu uma lista nova de escritores, como Álvaro Martins, Ana Nogueira, Papi Júnior e Xavier de Castro, além de nomes não identificados durante a pesquisa⁹⁴. Também foram publicadas no segundo ano transcrições da *Revista da Família Acadêmica*, *d’A Semana*, da *Gazeta do Norte* e do *Libertador*.

No caso da direção do Clube, era formada, segundo o Artigo III, de “uma mesa composta de um presidente, dois secretários e um tesoureiro, eleitos anualmente pela maioria dos sócios presentes em sessão de assembleia geral”⁹⁵. Na assinatura dos estatutos, são indicados Juvenal Galeno como presidente; João Lopes, vice-presidente; Justiniano de Serpa, 1º secretário; Antônio Sales, 2º secretário; e Oliveira Paiva, tesoureiro⁹⁶.

⁹³ ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO, loc. cit.

⁹⁴ Dentre pseudônimos e nomes desconhecidos estão: Amphrisio, Emanuel Carneiro, L. Cabral, Mademoiselle, Manoel Cezar (ou M. de Mello Cezar), Mário e Sílvio.

⁹⁵ ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO, loc. cit.

⁹⁶ Os Estatutos são do primeiro ano da publicação e Paiva só passou ao cargo de gerente a partir do segundo ano, como demonstrado.

No Artigo X, ao tratar do guarda do Clube, os estatutos determinam que o local de reuniões, que continha uma biblioteca própria, deveria “abrir às 9 horas da manhã e fechar às 9 horas da noite”, evidenciando que os membros tinham um ambiente propício aos estudos e à leitura diária com largo período de funcionamento, contendo à disposição dos sócios jornais e revistas nacionais e estrangeiros. Além disso, era cobrada multa de 1\$000 para os sócios que não justificassem por escrito ou verbalmente a falta em algum dos encontros estabelecidos, o que mostrava o comprometimento com as sessões e com os debates marcados.

2.2 O projeto progressista e civilizador nos editoriais

Os quatro editoriais publicados⁹⁷ são de fundamental importância para compreendermos as visões jornalística e literária do grupo aliada ao projeto moderno, além dos empecilhos em manter a proposta buscada pelos membros da publicação. O primeiro editorial, *Preliminares*, citado no capítulo anterior, é talvez o mais importante na percepção geral do programa do Clube Literário. O autor, João Lopes, detalha a ausência de um ambiente propício para as letras, apresenta a disposição dos membros do grupo em romperem a “espessa crosta da indiferença pública”⁹⁸ e mostra-se esperançoso com os possíveis resultados. Ainda que houvesse uma perspectiva positiva em torno do projeto na imprensa, as dificuldades próprias desse tipo de publicação também eram constantemente colocadas nos textos opinativos d’*A Quinzena*. Desse modo, havia a oposição entre a esperança com o progresso e as dificuldades relativas à ausência de público leitor ou mesmo ao atraso geral ao qual a província estava mergulhada. Dentre os problemas mais recorrentes, barreira para o maior alcance do periódico, a falta de público era provavelmente o mais expressivo – dificuldade comungada pela imprensa literária de todo o país:

Se na capital do império, metrópole da civilização sul americana, o meio não é propício às letras e as publicações exclusivamente literárias mal podem a custa de tenaz e mortificante sacrificio, romper a espessa crosta da indiferença pública para arrastar uma vida penosa e efêmera; na província, aqui por este recanto do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificante rotineira da vida provinciana para escrever sobre letras e artes e ciências. (LOPES, 15 jan. 1887, p. 1)

Portanto, ainda que algumas vezes o sucesso da folha seja ressaltado no decorrer das edições, ou que seja reforçada a ideia de que o povo cearense estava à frente dos demais brasileiros, havia a consciência de que nem tudo era progresso. Porém, não temos a noção real

⁹⁷ Nas edições 1, 10 e 14, do ano I, e no número 1, do ano II.

⁹⁸ LOPES, João. *Preliminares. A Quinzena*. Fortaleza, ano I, n. 1, p. 1, 15 jan. 1887.

da relação do público com o periódico, do número de assinantes ou acerca da forma de como a folha era sustentada. Além do valor das assinaturas, sabemos que os sócios efetivos pagavam uma taxa de 5\$000 para se tornarem membros e uma mensalidade 2\$000⁹⁹, mas não temos ideia se esse valor era suficiente e para onde esse dinheiro era direcionado – se era voltado para impressão, para as demandas do escritório da agremiação ou para outras atividades.

Independentemente de termos essas informações, sabemos que o público de jornais, e, sobretudo, de literatura, era bastante reduzido no final do século XIX no Brasil. O fato de ter sido usado o espaço de anúncios para divulgar o horário de funcionamento do Clube Literário, voltado apenas para os sócios, reforça a conjectura de que não havia um mercado significativo para *A Quinzena*. Além disso, na edição 11 (ano I), em que surgem os primeiros avisos, um deles também era para os sócios, informando o horário de uma sessão – assunto que poderia muito bem ser resolvido entre os próprios membros, sem necessidade de ir à imprensa, a não ser que houvesse a vontade de mostrar a todos os leitores o que ocorria com o grupo. Outro aviso solicitava aos assinantes a revisão das assinaturas vencidas, para evitar que a remessa fosse sustada – mostrando-nos que talvez não houvesse um comprometimento muito forte do público pagante.

Observando especificamente os textos de João Lopes, como as crônicas *Os Quinze Dias*, a serem analisadas mais adiante, percebemos certo exagero nas opiniões, principalmente quando se trata da falta de público dos impressos. Acreditamos, no entanto, que o tom exagerado possa também ser influência herdada da imprensa partidária. Ainda que se trate de um editorial, notamos claramente traços da escrita do autor que, tendo sido deputado, fez questão de levantar assuntos políticos e de criticar a imprensa partidária local. Percebemos um contraponto na fala de Lopes: a exaltação das potencialidades do Ceará e, por outro lado, a revelação das reais condições locais, por meio da crítica política.

A preocupação de mostrar os avanços cearenses diante da conjuntura nacional, como forma de apresentar um viés progressista – que, segundo os textos, já estaria presente em uma província tão atrasada – é característica comum do projeto geral da publicação, percorrendo artigos e ensaios de outros redatores. Desse modo, era um meio de integrar o Ceará a uma perspectiva de avanço: “O Ceará apresenta o fenômeno de ser uma exceção à quietude bem-aventurada, que caracteriza todo o Brasil, excetuando a corte, S. Paulo e S. Pedro do Sul. Sem

⁹⁹ Os sócios correspondentes estavam dispensados de pagarem esses valores. Em ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO, loc. cit.

saber como e porque é radicalmente evolucionista o povo cearense” (LOPES, 15 jan. 1887, p. 2).

Não apenas no primeiro editorial da publicação, mas também em outros textos da edição e de outros números, principalmente nos de caráter científico, há essa preocupação com a construção do significado de “ser cearense”. Esse posicionamento evidencia a relação com o projeto nacional moderno partindo, primeiramente, da necessidade de formação de uma história local. Cláudia Freitas de Oliveira (2000) detalha como os intelectuais buscaram construir o caráter e a índole do cearense com os episódios da seca e da abolição, por meio da imagem de “um povo heroico, determinado, resignado e forte” (OLIVEIRA, 2000, p. 230), que passou a ser reproduzida pela historiografia cearense, sendo considerado pela autora como uma forma de “construir uma ‘identidade’ do povo cearense” (p. 231).

No caso específico da abolição, o fato de ter sido o Ceará a província pioneira no processo de emancipação negra, representou um dos maiores motivos de orgulho para as elites, naquele fins de século, além de ser visto como a grande “volta por cima”, após os anos de seca, onde a miséria reinava no Ceará.

A partir desses dois episódios – o flagelo da seca e a abolição da escravatura – se construirá uma imagem positiva do cearense, nos últimos anos do século XIX. Um, de trágicas características se revelará em um momento de fortaleza do povo. O outro de conotação positiva, será a confirmação dessa virtude. Dois fatos opostos, mas ambos com um mesmo resultado: representavam a demonstração de que uma província, mesmo pobre economicamente, poderia se revelar grandiosa. Os intelectuais do *Club Literario* nutriam de esperanças em poder contribuir para seu “engrandecimento”. A forma de sua contribuição estaria no desenvolvimento da cultura letrada. (OLIVEIRA, 2000, p. 231)

Ainda no primeiro editorial, João Lopes coloca, em nome da agremiação, a folha “à disposição a todas as inteligências, reservando-se, porém, o direito de, com a maior franqueza proferir seu veredito aprovativo ou condenatório dos trabalhos destinados à publicação” (LOPES, 15 jan. 1887, p. 2). Em contrapartida, os textos são assinados, em sua maioria, nas 30 edições, por membros do grupo, sendo pequena a lista de correspondentes ou de nomes desconhecidos – o que nos faz presumir que dificilmente a agremiação estivesse de fato aberta a receber trabalhos fora do círculo de amigos intelectuais¹⁰⁰. Devemos destacar, no entanto, que a partir do segundo ano da publicação a lista de novos escritores se ampliou significativamente.

¹⁰⁰ Isso fica mais claro com o inciso do Artigo V dos estatutos: “Qualquer sócio efetivo pode propor a admissão de sócios. A diretoria em sessão e por maioria dos votos decidirá sobre a aceitação ou recusa do candidato proposto”. ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO. Op. cit., p. 7.

Já o editorial da edição 10 (ano I) surge com um pedido de desculpas pelo atraso¹⁰¹, trazendo o assinante como uma figura benevolente por entender a situação da folha e por ser responsável pela conquista da agremiação, consagrada com a divulgação dos dez números. A perspectiva é de que os leitores reconheçam o “empenho” e o “sacrifício”, “não nos faltando a coadjuvação”¹⁰². De modo a atender ao seu público, o grupo lista a necessidade dos seguintes avanços:

Procurando corresponder a benevolência dos que nos ajudaram nesta penosa tarefa, resolvemos, com algum sacrifício mais, melhorar o material de impressão e o próximo número saíra todo em tipo mais acomodado a este gênero de publicações, quanto à elegância e que promete a inserção de maior quantidade de matéria.¹⁰³

Não tivemos condições, porém, de verificar se de fato isso ocorreu, uma vez que o nosso acesso ao material da publicação foi obtido por meio da edição fac-similar. Notamos que a preocupação com as melhorias da folha foi assunto frequente nos dois editoriais seguintes, portanto, entendemos que havia esforços reais em torno desse tipo de movimento.

As conferências do Clube Literário, editorial assinado por Oliveira Paiva, expõe, de forma mais detalhada, os objetivos d’*A Quinzena*, construindo, junto com *Preliminares*, a noção do grupo em torno do projeto modernizante. O autor utiliza a metáfora do paraíso bíblico¹⁰⁴, de *Gênesis*, para exemplificar o papel de atuação da agremiação: a serpente representaria os intelectuais, os cearenses surgem como os “que vivem, para aí, quais Adões crônicos”¹⁰⁵; a “árvore” seria a tribuna e a imprensa; e o “pomo”, “a palavra dirigida à parte feminina do ser”¹⁰⁶. O intuito, conforme o texto, deveria ser a busca pelo conhecimento, como forma de promover o desenvolvimento local. Desse modo, o pecado mortal ao invés de ser o consumo do fruto da árvore do conhecimento – como trata o imaginário geral em torno da história bíblica – seria a ignorância, que se daria ao se desprezar o poder desse “fruto”:

Enquanto o homem não abre as suas veias à inoculação do prodigioso filtro do sentimento, não passa de selvagem, ou quando muito, de bárbaro. Para ser nobre é preciso saber sentir. Os nossos bons patrícios convençam-se de que eles não foram feitos somente para comer carne e farinha: isso era edênico de mais; é preciso que eles provem da árvore do bem e do mal. (PAIVA, 31 jul. 1887, p. 1)

¹⁰¹ Não entendemos o porquê da indicação sobre o atraso, uma vez que ele foi de apenas um dia, já que a edição foi publicada em 31 de maio de 1887, enquanto que a anterior havia sido em 15 de maio. Logo após esse número, os atrasos passaram a ser muito mais significativos.

¹⁰² A QUINZENA. *A Quinzena*. Fortaleza, ano I, n.2, p. 1, 31 jan. 1887.

¹⁰³ *Ibid.*

¹⁰⁴ Oliveira Paiva, que estudou no Seminário do Crato, constantemente se utiliza de referências bíblicas em seus textos, sobretudo os literários.

¹⁰⁵ PAIVA, Oliveira. *As conferências do Clube Literário. A Quinzena*. Fortaleza, ano I, n.14, p. 1, 31 jul. 1887.

¹⁰⁶ *Ibid.*

A serpente, ou os intelectuais, seria responsável por trazer a verdade e o conhecimento a esse povo carente de desenvolvimento, dando aos cearenses as armas necessárias: “o Livro e a Palavra em ação”¹⁰⁷. São vários os termos e as ideias que nos remetem ao projeto moderno, ao levantar a tribuna e a imprensa como “síntese da civilização” e enxergar na literatura o caminho em direção ao patriotismo e à construção de uma nação. As conferências, a serem inauguradas pelo Clube Literário, além do lançamento d’*A Quinzena*, eram, para eles, derrocada de “bastilha em bastilha, a tirania da indiferença”¹⁰⁸ – em uma alusão à Revolução Francesa – sendo mais um indicativo das influências do projeto do grupo.

Esse editorial, ainda que trate do atraso da província do Ceará, apresenta mais uma vez o otimismo com a possibilidade de proporcionar desenvolvimento intelectual por meio das letras, ao manter na imprensa uma publicação com o perfil do periódico. Isso porque, como se sabe, as diversas áreas do conhecimento eram pouco desenvolvidas no Brasil no final do século XIX. Portanto, os intelectuais utilizavam a imprensa, por meio do jornalismo, como meio para difusão do conhecimento. Sobre o atraso da província e as perspectivas do grupo com a publicação, o texto do editorial diz o seguinte:

Primeiro que tudo, instrução é prenda que por aqui não há; pelo que o estudo acurado, a aplicação científica do homem sobre a natureza para chegar à compreensão da sublimidade do coração humano é geralmente impossível aqui. No campo da Arte, nem possuímos a majestade dos monumentos arquitetônicos nem a vida silenciosa das estátuas, nem o despertar de uma natureza nova e melhor ao fiat do pintor, nem a transfiguração misteriosa que nos incute a alta música. Arte e Ciência, portanto, não nos conduzirão ao solo de homens civilizados. Resta indagar se as Letras poderão servir de aias a este povo infante. Comece-se por encarar que, as Letras, cujos órgãos são a tribuna e a imprensa, hoje em dia por tal modo se interessam com a humanidade, que elas podem dar-se como a melhor síntese da civilização (PAIVA, 31 jul. 1887, p. 1).

Nesse sentido, percebemos a sobreposição das letras, e conseqüentemente do papel dos escritores, em detrimento das demais áreas do conhecimento, demonstrando um posicionamento do corpo editorial ingênuo acerca das funções da literatura na província, ao acreditarem ser possível alcançar o desenvolvimento esperado somente por meio dela, excluindo também a ciência e a arte. Herdeiros ainda de uma cultura auditiva (Cf. COSTA LIMA, 1981), a literatura provinciana estava em processo de construção, tomando como referencial a incorporação das tendências europeias. Ademais, mostra uma perceptiva contraditória, uma vez que o Ceará era tido por atrasado em relação ao Brasil “central”, cujas

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ Ibid.

referências eram a Corte e as províncias do sul mais desenvolvidas. Enquanto isso, os intelectuais locais também estabeleciam essa diferença, em outra proporção e na perspectiva regional, numa tentativa de se aproximarem do modelo moderno. Luciana Murari (2009) também discute essas questões:

A acentuada heterogeneidade social, a herança escravista, a paradoxal convivência do paradigma moderno e de culturas “arcaicas”, a precariedade do sistema político-institucional, a própria dificuldade de reconhecer-se como povo, tornava dramática esta percepção do fosso entre o desejo de modernidade e o Brasil real que esses intelectuais buscavam identificar, descrever e, sobretudo, transformar.

Essa conjuntura era profundamente inquietante para a elite brasileira, que se acreditava afinada intelectual e espiritualmente com a sensibilidade e o pensamento europeus. Daí a postura de superioridade e isolamento subjacente a grande parte do discurso ao mundo de alteridade representado pelos espaços incultos, o meio rural, os desertos, as florestas, os sertões e seus igualmente “bárbaros” habitantes. A dualidade cada vez mais exacerbada entre os países centrais da economia capitalista e as regiões periféricas, haja vista o crescente integrado mercado mundial, foi usualmente remetida a uma cisão considerável entre o intelectual e o povo, tantas vezes condenado por uma inferioridade intrínseca que, se assumia mais frequentemente a máscara do estigma racial, era nitidamente social e cultural. (p. 36-37)

De volta à discussão do editorial elaborado por Oliveira Paiva, temos o trabalho como o caminho para o progresso, enquanto o ócio do espírito levaria aos “gozos do Empíreo”¹⁰⁹ e à civilização, afastando os cearenses do pecado mortal do inferno. Desse modo, a visão de progresso se limita ao tratamento dado por essa elite cultural e econômica da província, que não conseguia, porém, agregar boa parte da população.

Acreditamos que a ausência de uma formação educacional adequada afastava de fato o público leitor dos temas abordados, alguns bastante complexos. Isso porque, em boa parte dos artigos e ensaios, os escritores citavam uma série de teóricos e teorias sem primeiramente fazerem uma explanação didática sobre o pensamento dos estudiosos referenciados. Além disso, alguns dos assuntos eram muito densos, a exemplo dos textos publicados por Farias Brito, que discutem desde as ciências exatas aplicadas à psicologia e à filosofia até o papel da poesia – passando pela metafísica e pelos conceitos modernos. Outro exemplo é a produção dos contos científicistas de Rodolfo Teófilo que – mesmo com o claro papel pedagógico de aproximar o leitor das ciências naturais por meio da leveza de uma estrutura narrativa e do diálogo dos personagens – pesam devido ao caráter excessivamente descritivo acerca de temas muito específicos, de pouco conhecimento da população em geral, sobre botânica, entomologia, geologia, química e física¹¹⁰.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Cláudia Freitas de Oliveira (2000) também aborda o distanciamento dos temas levantados na publicação em relação ao interesse da maioria da população do Ceará. O que percebemos, no entanto, é que muito mais do que

Outro erro muito comum entre os editores d'*A Quinzena* no sentido de dificultar o entendimento da leitura estava em cortar artigos e ensaios, publicando a continuação em outras edições. O grande problema fica evidente nos textos subsequentes, que vinham sem uma prévia do que havia sido tratado nos números anteriores, pressupondo que o leitor necessariamente tenha lido o artigo¹¹¹. Sobre a distância dos escritores da população, Cláudia Freitas de Oliveira (2000), ainda que reconheça que os integrantes do Clube eram fruto de sua época, ao justificar o viés elitista, faz a seguinte ponderação:

O veículo para promover o “progresso cultural” de Fortaleza era, entretanto, naquele momento, tão elitista quanto a visão de cultura do grupo; haja vista que, em primeiro lugar a ideia de cultura estava intimamente relacionada ao letramento e a instrução formal e em segundo, o veículo encontrado para promover o progresso era elitista, na medida em que a maioria da população fortalezense não possuía algum tipo de instrução escolar e em fins da década de 80, havia em Fortaleza 17 mil analfabetos (Ponte, idem: p. 95). Portanto não era de se estranhar que poucos tivessem acesso às ideias contidas nos periódicos onde eles escreviam. A repercussão dos seus discursos provavelmente ficou limitada a uma classe social ou aos seus pares. (...)
 Não podemos, evidentemente, deixar de mencionar que o grupo chegou a promover algumas conferências e possuía mesmo uma intenção de que o “povo” tivesse gosto pelas letras mas, mesmo quando eram realizadas algumas dessas conferências destinadas ao público em geral, aparentemente, o debate restringia-se aos sócios. (OLIVEIRA, 2000, p. 73-74)

Ainda que fosse elitista e excludente – já que o público era restrito –, o que nos dá uma visão do quão contraditório essas ações eram, percebemos que havia, no entanto, uma preocupação na busca por avanços nacionais e locais, como citado no capítulo anterior. E os intelectuais d'*A Quinzena* não foram tão ingênuos a ponto de não perceberem o abismo que os separava da população em geral assim como do público dos periódicos daquele período. Talvez não houvesse uma noção real de como se aproximar desse público, mas havia a consciência da necessidade de que pontos de contatos fossem criados. Como sabemos, a imprensa periódica atual baseia sua produção no leitor mediano, com um texto objetivo e simples, seguindo a gramática normativa, mas longe de uma escrita e de um conteúdo eruditos. No caso das publicações especializadas, o vocabulário e o conteúdo na imprensa contemporânea podem se valer de meios diferenciados na sua produção – com termos e assuntos específicos –, uma vez que o público-alvo é bem direcionado e que se tem certa garantia de que ele se identificará e compreenderá o conteúdo disponibilizado. No caso da

o tema em si, a forma de abordar os assuntos de fato era o que podia ocasionar o desinteresse do leitor mediano.

¹¹¹ Não sabemos se eram vendidos números avulsos, o que dificultaria para o leitor que não fosse assinante ter acesso ao material de outras edições. Independentemente disso, faltava sensibilidade acerca do modo de leitura do público de jornais e revistas, que seleciona os artigos não necessariamente na ordem estabelecida na edição, mas na sequência de interesses pessoais, sendo possível que muitos sequer tenham lido o artigo nos números anteriores.

imprensa do século XIX, ainda não se tinha uma noção clara acerca dos métodos de mercado para angariar determinado público. A imprensa literária, herdeira da imprensa artesanal e da imprensa partidária, era feita por meio da tentativa e do erro. Portanto, a duração efêmera de publicações tão específicas quanto *A Quinzena*, voltadas para as ciências e para a literatura – era praticamente regra. Contudo, essa imprensa literária foi meio de experiência e de construção de novos modos de se fazer imprensa e literatura, na busca pela difusão do conhecimento¹¹².

Após um ano de publicação do quinzenário, a edição de aniversário traz um editorial que nos apresenta o entendimento desses escritores-jornalistas acerca da experiência vivida, propondo novas mudanças. O texto primeiramente faz a distinção entre o público da imprensa diária e dos escritores populares com os seus leitores: “(...) não é destes q’deve uma publicação puramente literária, feita de bocados de belas letras e ensaios científicos, esperar animação e auxílio espontâneo”¹¹³. Ainda assim, mantém-se por parte do grupo a confiança em romper com a indiferença da maioria dos leitores devido ao que eles consideravam como espírito progressista cearense. “E não nos enganamos. A modesta revista do Clube Literário viveu, dificilmente é certo, mas viveu, apesar de não ter podido tomar a orientação que lhe convinha e convém, da qual depende sua melhor aceitação e popularização”¹¹⁴. Esse texto nos apresenta mais uma vez uma posição contraditória: há a crítica aos leitores dos outros tipos de publicações, diferenciando seu público leitor, por meio de um posicionamento elitista, mas há a clara esperança em se alcançar um maior número de pessoas. Ora, se a quantidade de alfabetizados era ínfima na província, caso o grupo não se empenhasse na educação dos cearenses – como fez a Academia Francesa com sua Escola Popular – onde eles iriam

¹¹² Moema de Rezende Vergara (2010), ao analisar a fase José Veríssimo na *Revista Brasileira* (1895-1900), aponta-nos uma série de características próprias dos projetos envolvendo a divulgação das ciências e da literatura nos periódicos no final do século XIX, que podem ser relacionadas aos papéis exercidos pela publicação do Clube. A autora, ao observar a função dos intelectuais envolvidos na imprensa, acaba por também imprimir atribuições observadas na agremiação cearense: “Aqueles homens eram legítimos herdeiros dos ideais da geração de 1870, portadora de uma visão de mundo que entrecruzava sem muitas dificuldades a ciência e a literatura, expressa principalmente na produção literária do naturalismo. Além disso, o nacionalismo de então também pode ser apontado como elemento de convergência, pois seria, antes de tudo, uma atitude intelectual que redundaria em uma ação civilizatória. Esse espírito nacionalista unia cientistas e literatos sob o mesmo ideal de construção de um ‘pensamento genuinamente brasileiro’ que seria capaz de entender e atuar sobre a nossa realidade, sem o recurso da cópia e imitação de modelos estrangeiros” (VERGARA, 2010, p. 152). Ver também sobre os intelectuais do período em KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Congressos Profissionais no final do Século XIX e início do século XX: ciência e política. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

¹¹³ A QUINZENA. *A Quinzena*. Fortaleza, ano II, n.1, p. 1, 31 jan. 1888.

¹¹⁴ Ibid.

conseguir mais público para não cessar com a publicação?¹¹⁵ Na imprensa diária e nos leitores dos escritores populares.

Por isso, ainda que considerassem sua publicação mais elevada que as demais, houve a tentativa, própria dos veículos inseridos na imprensa, de buscar se adequar ao seu público, mantendo uma via de mão dupla. Nesse sentido, entra o projeto jornalístico na promoção do literário, formando o que consideramos imprensa literária. O objetivo era deixar de falar apenas para os seus leitores restritos – talvez os próprios sócios e grupos de amigos – e ampliar para um público maior, dentro das possibilidades de adaptação, no intuito de atingir quem eles queriam alcançar, ainda que indiretamente: a população cearense. O texto do editorial nos revela uma série de mudanças desejadas pelos membros do Clube para promover a estabilidade da publicação, com seções e textos mais atrativos: “Tornar a folha mais variada, distribuir pelas suas páginas mais abundante cópia de assuntos, tornar menos frequentes as produções de longo fôlego ou ameniza-las dosando-as de maneira a não sacrificarem outras mais apetecidas, vai ser nosso empenho”¹¹⁶. O tópico que propõe reduzir as produções mais longas é um exemplo claro, a nosso ver, da necessidade de publicar textos menos densos e de mais fácil compreensão dos leitores.

Entretanto, poucas mudanças podem ser percebidas no decorrer das sete edições seguintes. Notamos, porém, uma maior quantidade de poemas e de contos, inclusive de novos autores. Além disso, *A Quinzena* passou a trazer mais ensaios críticos sobre literatura, aproximando-a de publicações com caráter especializado. Também manteve, em todas as edições do segundo ano, colunas sobre notícias da vida cultural. Desse modo, atingiu o objetivo de divulgar literatura e promover escritores, apesar da maior quantidade de pseudônimos no segundo ano que não conseguimos identificar.

Ainda que não figurem como editoriais, *O bom gosto fortalezense*, sem assinatura, e *O nosso progresso*, de Antônio Bezerra, são artigos que poderiam ser enquadrados nesse grupo. O primeiro trata sobre a melhor aceitação dos cearenses para as manifestações artísticas e culturais, além de insistir na crítica política, devido à ausência de apoio do governo provincial a esse tipo de atividade. Nesse texto, passa a ideia de que o impresso do Clube Literário é bem-aceito no mercado, eliminando a impressão de que o público seja restrito: “(...) falamos

¹¹⁵ Sobre o assunto, Oliveira (2000) diz o seguinte: “(...) eles [*Clube Literário*] só se esforçavam em desenvolver a dita cultura intelectual na sociedade, partindo da criação de grêmios, jornais, revistas e da promoção de conferências. Não possuíam um compromisso social com aquele mesmo povo que exaltava tanto. Eles apenas acreditavam que o desenvolvimento intelectual poderia ser viável através do esforço feito por eles mesmos a partir da discussão, da produção (e da reprodução) de idéias (sic). Assim, não tinham objetivos amplos que revertessem, por exemplo, o quadro de analfabetismo de Fortaleza ou ainda não tinham propostas de promover aulas sistemáticas para o grosso da população”. (p. 232, 233)

¹¹⁶ A QUINZENA. Loc. cit.

com franqueza, *A Quinzena* se desvanece pelo favor que o público cearense lhe tem dispensado”¹¹⁷. Já *O nosso progresso*¹¹⁸ é uma espécie de retrospecto acerca dos avanços educacionais e culturais da província do Ceará desde o início da segunda metade do século XIX, lembrando nomes dos principais intelectuais, agremiações literárias e periódicos publicados na imprensa, possibilitando, na década de 1880, a formação de um público leitor.

2.3 Linha editorial

A linha editorial d’*A Quinzena* era bem definida, ainda que nem sempre fosse executada: voltava-se para o pensamento moderno, que ressaltava a natureza por meio das ciências naturais e da literatura realista-naturalista, na busca constante pela verdade. Nesse sentido, havia a necessidade de se estabelecer um caminho em torno do progresso por meio da construção de uma civilização brasileira com o auxílio de diferentes campos do conhecimento também em formação. Para isso, procurava-se estruturar o sentido de nação com outras bandeiras, como a defesa do abolicionismo, do trabalho livre, do republicanismo e da promoção da educação. Portanto, havia um combate às doutrinas passadas, a exemplo da metafísica, no campo filosófico, da monarquia, na política, e do romantismo, na literatura.

Ainda assim, os participantes do Clube Literário agregavam tendências teóricas e literárias por vezes opostas. Mesmo ao proporem uma publicação “puramente literária”¹¹⁹, existia a consciência do grupo – principalmente da figura de João Lopes, criador da agremiação – do viés político ainda necessário no caminho em torno da construção da “civilização cearense”, uma vez que era uma província bastante esquecida em relação aos interesses do governo central. A partir do reconhecimento do papel do Ceará nos avanços nacionais – sobretudo no âmbito político –, esperavam desenvolver um ambiente propício à cultura.

A relação do movimento literário com as manifestações políticas, e com os estudos no campo das ciências naturais, era própria do momento histórico ao qual estavam inseridos. Como exemplificado no capítulo anterior, jornalistas eram escritores, que por sua vez também eram historiadores, filósofos ou advogados. Como no Ceará basicamente a formação dos principais intelectuais era na Faculdade de Direito do Recife¹²⁰, praticamente Rodolfo Teófilo era o único de fato ligado às ciências naturais, principalmente por sua formação de

¹¹⁷ O BOM GOSTO FORTALEZENSE. *A Quinzena*. Fortaleza, ano II, n. 3, p. 7, 23 fev. 1888.

¹¹⁸ BEZERRA, Antônio. *A Quinzena*. Fortaleza, ano II, n.7, p. 3, 3 mai. 1888.

¹¹⁹ LOPES, João. Preliminares. *A Quinzena*. Fortaleza, ano I, n. 1, p. 2, 15 jan. 1887; *A QUINZENA*. *A Quinzena*. Fortaleza, ano II, n.1, p. 1, 31 jan. 1888.

¹²⁰ Ver detalhes nos apêndices com pequena biografia dos membros do Clube Literário.

farmacêutico pela Faculdade de Medicina da Bahia. Além dele, Guilherme Studart era graduado em medicina pela mesma universidade, mas se destacou com seus trabalhos no campo da história, com pequena participação no Clube Literário. A agremiação congregou, desse modo, jornalistas, escritores, tradutores, professores¹²¹, historiadores, políticos¹²², juizes, promotores, advogados, funcionários públicos, comerciantes, um filósofo, além de um médico e de um farmacêutico.

O contato político se dava em diferentes contextos, também ocasionado pela formação bacharelar, que, por sua vez, possibilitava a ocupação de cargos no funcionalismo público ao regressarem à província. Porém, muitos dos participantes não passaram por uma instrução universitária formal. Vale destacar que todos tinham alguma ligação com a imprensa, sobretudo em órgãos políticos. Como o movimento abolicionista foi uma das bandeiras dos intelectuais da província, foi muito natural no Ceará que os engajados com as lutas políticas fossem os mesmos a tocarem o projeto literário: “*A Quinzena* foi, desta forma, jornal de literatos que mal saíam de uma luta de natureza sócio-política” (LINHARES *apud* ADERALDO, 1984, p. 12). Tristão de Ataíde também destaca a relação política do Clube Literário ao detalhar as principais agremiações do Ceará:

O Ceará já teve três movimentos intelectuais – o movimento filosófico de 1870 (que outro não é que guapamente capitaneado pela chamada Academia Francesa do Ceará) (...); o movimento político de 1880, em torno do qual se fez todo o movimento abolicionista (no qual o Ceará teve como se sabe um papel saliente) e republicano, com o jornal *Libertador* e a revista *A Quinzena* (podia, antes, ter chamado literário o movimento que, na década de 1880, *A Quinzena* encabeçou, porque realmente assim foi, como *oportuno tempore* se evidenciará); e finalmente, o movimento literário de 1890, com a fundação da Padaria Espiritual e do seu órgão *O Pão*. (ATAÍDE *apud* BARREIRA, 1948, p. 83)

Nos artigos e ensaios que abordam política em *A Quinzena*, fica claro o apoio à mudança do regime monárquico para o republicano, além de levantarem com orgulho temas relacionados à campanha abolicionista. O destaque da educação fica claro nos temas de poemas e contos, além de artigos, a exemplo dos ensaios sobre *A educação moral das crianças na escola*¹²³, de Francisca Clotilde – que era pedagoga –, e dos textos acerca do educador italiano *Pestalozzi*¹²⁴, de José de Barcelos, que também foi professor, responsável

¹²¹ Dos membros do Clube Literário, um dos cargos mais comuns era o de professor. Dentre os que atuaram na docência estão: Álvaro Martins, Ana Nogueira, Francisca Clotilde, José Carlos Júnior, José de Barcelos, Paulino Nogueira, Virgílio Brígido e os colaboradores Capistrano de Abreu, João Gonçalves Dias Sobreira e Papi Júnior.

¹²² Vários deles ocuparam cargos políticos, com destaque para Paulino Nogueira, vice-presidente da província do Ceará em 1878, e Justiniano de Serpa, presidente da província em 1920.

¹²³ Edição 3 (ano I).

¹²⁴ Edições 11 e 12 (ano I).

por missões no Brasil e na Europa acerca de métodos educacionais a serem aplicados no Ceará. Já o papel engajado da mulher é ressaltado nos ensaios de Abel Garcia, intitulados *A mulher cearense*¹²⁵. Nos textos, o autor estrutura um argumento, baseado nas teorias evolucionistas e deterministas, de superioridade da mulher da província do Ceará em relação às de outros lugares “mais civilizados”, como as parisienses, que estariam, conforme ele, menos integradas às atividades da vida pública¹²⁶.

Essa diferenciação teria surgido, conforme Garcia, devido às dificuldades próprias da província, como os momentos de seca, que exigiriam uma participação mais ativa da cearense. Portanto, o determinismo é aplicado no sentido de defender a construção de um povo mais forte e de uma mulher superior às demais. Assim, segundo defende Oliveira (2000), não há apenas a reprodução do pensamento europeu importado pelos participantes da agremiação, mas a seleção e adequação das tendências teóricas às demandas locais na construção do projeto moderno.

2.3.1 O projeto literário

No campo literário, concentra-se a busca em definir e desenvolver o conceito de uma literatura naturalista, vista como o meio fundamental na busca pela verdade e no rompimento com o passado romântico. Para Sâncio de Azevedo (1985), o Clube Literário inaugura o realismo no Ceará, contudo, segundo ele, realistas foram apenas Oliveira Paiva e Rodolfo Teófilo, em relação à produção literária, além de Abel Garcia, no campo teórico – que escreveu ensaio crítico, *N’um álbum de família* (ano I, n.14), acerca da produção romântica de Francisca Clotilde, defendendo o naturalismo como modelo a ser seguido. O crítico também destaca a produção romântica no quinzenário dos escritores Juvenal Galeno, Virgílio Brígido, Justiniano de Serpa, Antônio Martins, Antônio Bezerra e Francisca Clotilde, “o que não é para admirar numa escritora que seria romântica por toda a vida, quer no conto, quer na poesia, quer ainda no romance, mesmo em *A Divorciada*, em 1902!” (AZEVEDO, 1985, p. 13).

É interessante destacar, porém, que o conteúdo dos contos de Francisca Clotilde em *A Quinzena* é envolto de uma crítica social, em relação às classes e, sobretudo, no que diz respeito à condição feminina. Em seu artigo *A mulher na família*, porém, a visão

¹²⁵ Edições 2, 3 e 4 (ano I).

¹²⁶ “(...) a mulher conquistou, por sucessivas acumulações, hereditárias, qualidades superiores d’espírito, que habilitaram-n’a (sic) mais tarde a representar uma figura distinta na história da civilização brasileira.

A aproximação mental e moral entre o homem e a mulher na sociedade moderna é um fato excepcional. No Ceará, onde a mulher revela uma privilegiada organização psicológica, isso verifica-se de modo admirável”. (GARCIA, 30 jan. 1887, p. 2)

conservadora, própria do período histórico no qual estava inserida, é mais destacada do que o posicionamento de combate às funções sociais determinadas para o gênero. No texto, a autora ressalta a importância social do protagonismo feminino no lar em contraponto ao papel social exercido em outras atividades no mundo pelo sexo masculino¹²⁷. A importância da mulher seria, segundo Clotilde, refletida na sociedade por meio da formação dos filhos e da boa manutenção do ambiente familiar. Em contrapartida, no conto *A enjeitada*, ao narrar a história de uma mulher que engravida sem ser casada, tendo de abandonar sua filha, traz uma série de críticas à condição feminina em comparação ao homem, que não é julgado pela sociedade e “tem o direito de entrar com a fronte erguida nos salões, onde se ostenta a gente melhor e será recebido com atenções e obséquios” (CLOTILDE, 15 out. 1887, p. 7). Nesse mesmo conto, questiona uma série de imposições às mulheres, destacando a hipocrisia social. A escritora, dentre os membros d’*A Quinzena*, é considerada como a mais inclinada à tendência romântica.

No final do século XIX, era um movimento natural de uma sociedade literária reunir escritores de variadas tendências estéticas. Um projeto como o d’*A Quinzena*, em uma província pobre como a do Ceará – mesmo que tenha passado por momentos de impulsão econômica –, evidencia a necessidade de uma imprensa literária naquele período como meio de promover os trabalhos dos escritores locais, bastante preteridos na conjuntura nacional, ainda que não haja esse tipo de reclamação nos textos do quinzenário. Aliás, não era apenas a literatura produzida no Ceará que ficava à margem de um projeto modernizador nacional, mas todos os outros campos, seja político, social ou econômico. Se em São Paulo – que passaria, décadas depois, a ser centro econômico – a modernidade era sentida por meio da economia cafeeira e, posteriormente, da industrialização, as províncias nortistas passaram longe dessa lógica de progresso – reflexos sentidos até hoje na conjuntura econômica. Portanto, era evidente a necessidade da união dos intelectuais na busca por integrarem as mudanças nacionais em qualquer esfera¹²⁸.

¹²⁷ CLOTILDE, Francisca. A mulher na família. *A Quinzena*. Fortaleza, ano I, n.5, p. 8, 15 mar. 1887. Idem, op. cit., n.6, p. 7-8, 30 mar. 1887.

¹²⁸ A pesquisa de Freitas (2011) sobre o jornal *Aurora brasileira* (1873-1875), produzido pelos estudantes brasileiros na Universidade Cornell, nos Estados Unidos, é uma mostra da busca em se dar destaque na imprensa às transformações modernas sofridas em São Paulo, cujo polo industrial ainda estava em processo de formação.

Ao abordar o movimento separatista literário proposto por Franklin Távora¹²⁹, Antonio Candido (2006) faz uma análise do que a manifestação representava na conjuntura brasileira, reflexo também dos movimentos separatistas que já haviam se passado no Nordeste na primeira metade do século XIX, a exemplo da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador¹³⁰, em 1824, em que havia a reivindicação contra o absolutismo e a centralização econômica.

Candido (2006) destaca que o nacionalismo romântico se transformou na região em regionalismo literário. “O regionalismo pinturesco de um Trajano Galvão, um Juvenal Galeno ou mesmo um Alencar, torna-se, com ele, programa quase culto, acentuando com a decadência do Nordeste a supremacia política do Sul” (p. 614). O crítico indica o senso da terra – por meio da paisagem –, o patriotismo regional e a reivindicação do nacionalismo do Norte como os três elementos levantados por Távora que persistiriam no regionalismo literário do Nordeste. Desse modo, ele afirma que a maior virtude do escritor foi a de perceber a importância literária de um levantamento regional, além de pontuar o benefício, para a ficção, do contato de uma realidade concreta.

Conscientes de formarem uma equipe vigorosa, fruto da maturidade da sua região, os escritores nordestinos não se conformaram em ser pássaros do crepúsculo e desenvolveram, com relação às instituições intelectuais e políticas, uma virulência crítica permeada de intensa susceptibilidade – excelente fermento de dúvida, análise e irreverência, que contribuiu decisivamente para desenvolver o movimento crítico do decênio de 1870. É a famosa Escola do Recife, que levou ao máximo esta tendência, prolongando-se por todo o Pós-romantismo e, em nossos dias, pelo “romance nordestino” e a obra de Gilberto Freyre. Para Sílvio Romero, apóstolo combativo e convicto do regionalismo nordestino, o resto do país vivia armando conspirações de silêncio contra a sua região, desconhecendo-lhe o talento, procurando escamotear a prioridade e a primazia que lhe cabiam na vida intelectual – vezo reivindicatório que ainda hoje persiste. (CANDIDO, 2006, p. 614-615)

A questão acerca de qualquer separatismo entre as regiões parecia superada, uma vez que não encontramos nenhuma menção em *A Quinzena* a esse tipo de assunto. Há a exaltação ao Ceará, mas também a preocupação com o nacionalismo e o patriotismo brasileiro. Além disso, é destacada a necessidade de integração da província com as tendências nacionais e estrangeiras do período. No campo literário, por meio dos ensaios teóricos, percebemos,

¹²⁹ No prefácio do livro *O Cabeleira*, Franklin Távora diz o seguinte sobre esse movimento: “As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro. A feição primitiva, unicamente modificada pela cultura que as raças, as índoles, e os costumes recebem dos tempos ou do progresso, pode-se afirmar que ainda se conserva ali em sua pureza, em sua genuína expressão” (1876, p. 4).

¹³⁰ A Confederação do Equador teve maior reação no Ceará em comparação com a Revolução de 1817, comandada na província por José Martiniano de Alencar (pai do escritor José de Alencar).

porém, toda uma linha voltada para a tentativa de elaborar uma literatura naturalista e regionalista, calcada na busca em retratar a realidade local, eco da manifestação promovida por Távora na década de 1870, ainda que não seja referenciado. Como sabemos, boa parte dos intelectuais do Ceará estudou na Faculdade de Direito do Recife¹³¹, sofrendo, inevitavelmente, as influências dos intelectuais de Pernambuco, possibilitando uma forma de integração das manifestações culturais entre as províncias nortistas. Além disso, ainda que a Academia Francesa, do Ceará, tenha existido concomitantemente à Escola de Recife¹³², é mais uma evidência da participação da província cearense na conjuntura da geração de 1870, evidenciada por meio do anticlericalismo – na Questão Religiosa –, do cientificismo, do abolicionismo e do questionamento do *status quo* imperial¹³³, este último, bastante evidente nas crônicas *Os quinze dias*, de João Lopes.

Portanto, consideramos como os textos mais interessantes e compatíveis com o projeto literário coletivo d'*A Quinzena* aqueles que abordam o naturalismo e o realismo, como é o caso de *Apontamentos esparsos*, de José Carlos Júnior, *Um romance naturalista*, de Abel Garcia, *O naturalismo* e *O que vem a ser uma obra naturalista*, esses últimos assinados por Gil Bert, pseudônimo de Oliveira Paiva. Em todos eles – que serão melhor analisados no capítulo seguinte –, há uma preocupação de desenvolver o conceito acerca do que consideram a verdadeira literatura naturalista no intuito de promover a formação de uma literatura brasileira de destaque e de qualidade.

Dividido em três partes, o texto de José Carlos Júnior desenvolve a ideia de uma literatura nacional baseada no exemplo da literatura russa. O objetivo seria o desenvolvimento de uma produção literária em consonância com a sociedade brasileira sem simplesmente copiar o que é feito no estrangeiro. Seguindo a mesma lógica de defesa do naturalismo nacional e crítica ao modelo reproduzido no Brasil, de importação francesa sem a devida adequação às demandas locais, Abel Garcia critica o romance *O hóspede*, de Pardal Mallet¹³⁴, e Gil Bert, pseudônimo de Oliveira Paiva, critica o romance *O homem*, de Aluísio Azevedo¹³⁵.

¹³¹ Estudaram direito no Recife: Abel Garcia, Farias Brito, João Lopes, Júlio Tabosa, Justiniano de Serpa, Martinho Rodrigues, Paulino Nogueira, Virgílio Brígido e o colaborador Capistrano de Abreu.

¹³² Cairo (1996) ressalta que a Academia surgiu paralelamente à Escola de Recife, sem que houvesse influência direta de uma na outra, apesar do trânsito entre os membros participantes. “Ao lado da influência germânica, a Escola de Recife elegeu o evolucionismo de Spencer e o positivismo, enquanto que à marca francesa de Taine e Comte, a Academia Francesa somava o evolucionismo de Spencer e o determinismo de Buckle” (CAIRO, 1996, p. 28-29).

¹³³ Ver mais em ALONSO. **Idéias em Movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

¹³⁴ Edição 17, ano I.

¹³⁵ Edições 1 e 2, ano II.

Já os ensaios intitulados *O papel da poesia*¹³⁶, dividido em quatro partes, de Farias Brito, abordam o pensamento moderno, levantando questões acerca das ciências naturais, da filosofia e da literatura. Ainda que nos aponte uma série de elementos que nos remetam indiretamente ao conceito de uma literatura realista, o foco dos ensaios é mais amplo, concluindo-se o seguinte: “o fim da ciência é a verdade, o fim da filosofia é o bem, o fim da poesia é o belo” (BRITO, 15 mai. 1887, p. 2). O autor define, na terceira parte do ensaio, a função da poesia:

O homem tem necessidade de completar o quadro terrivelmente esmagador da realidade pela concepção harmoniosa de um mundo ideal. A realidade o aterra: é preciso entrever a possibilidade de um mundo melhor. Tal é a missão da poesia. (...) a ciência não faz poesia e o quadro que apresenta da vida nada tem de poético. Daí mesmo é que vem a necessidade da poesia, que serve em tal caso para completá-la. Toda poesia digna de merecer esse nome, deve ser científica; isto, porém, no sentido de que não pode deixar de sofrer a influência do estado intelectual da época em que é produzida. (BRITO, 30 abr. 1887, p. 2)

Ainda no campo literário, foram publicados *Victor Hugo*, por Francisca Clotilde, texto de homenagem sobre a vida e a obra do escritor, e *Milton e as fases de sua vida*, por Guilherme Studart, sobre o escritor inglês John Milton. Além desses artigos, outros menos densos, sobre a conjuntura das manifestações literárias, são: *Uma observação*, de L. Cabral e *Romancite*, de Domício da Gama, transcrito d’*A Semana*, do Rio de Janeiro. O primeiro aborda, do ponto de vista do pensamento moderno, a retórica na literatura que, segundo o autor, ocorre por meio do bom senso estético¹³⁷ e o segundo faz uma forte crítica aos romances nacionais, de fraca qualidade literária, publicados em grande quantidade¹³⁸.

2.3.2 Ensaio científico

As ciências naturais é uma das áreas que entra com mais força, apesar de não ser um ponto discutido nos editoriais, ficando a cargo dos artigos e dos ensaios que abordam história, antropologia, biologia, filosofia e psicologia, assim como outros campos do conhecimento. O historiador Paulino Nogueira foi um dos maiores contribuidores no desenvolvimento dos assuntos da área no quinzenário, tendo publicado ensaios em 20 edições, todos no primeiro ano. Alguns dos textos chegam a ocupar cerca de oito colunas, o que representa mais de duas páginas e meia de uma edição. Os trabalhos de Nogueira são voltados para a pesquisa em

¹³⁶ Edições 6 a 9, ano I.

¹³⁷ CABRAL, L.. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n.6, p. 8, 30 mar. 1887

¹³⁸ GAMA, Domício. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n.7, p. 6, 3 mai. 1888.

torno de termos relativos à história e à cultura do Ceará e do Nordeste, tendo sido realizado, para isso, levantamento histórico e etimológico, incluindo também referências literárias. Foram publicados em *A Quinzena*, pelo historiador: *Origem da palavra Ceará*, *O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará*, *Origem da palavra Aquiraz*, *A jangada*, *O caipora*, *Carnaúba*, *Capoeira*, *O cajueiro*, *O papagaio*, *A cor morena*, *O urubu*, *O cavalo*, *A mãe d'água* e *Barões assinalados*.

Nas áreas afins, Guilherme Studart publicou *A jangada*, em resposta a Paulino Nogueira, e *A papisa Joana ou uma legenda parasita*, sobre os avanços nas pesquisas do campo da história. Capistrano de Abreu também publicou texto em resposta à pesquisa de Nogueira, com ensaio também intitulado *Origem da palavra Ceará*.

Os contos científicistas de Rodolfo Teófilo, *História natural* e *Ciências naturais*, apesar de serem enquadrados no campo literário, podem muito bem integrar este tópico, uma vez que possuem carga científica muito forte. Publicados em onze números, os contos são, quase sempre, os textos mais longos das edições; alguns chegam a ocupar nove colunas, o que representa três páginas.

O excesso da descrição científica do escritor Rodolfo Teófilo, confundida na sua produção literária com seu papel profissional e social de cientista e farmacêutico, é comumente combatido pela crítica, sobretudo no seu romance mais conhecido, *A Fome* (1890), sobre o episódio da seca no Ceará. Indica-se como falha da obra o excesso de descrição das cenas trágicas, de mazela e degradação humana durante o evento da seca, tema abordado pelo escritor apenas no conto *O lazareto*, na edição 3, ano II, de *A Quinzena*. Lúcia Miguel Pereira diz o seguinte sobre o romance *A Fome*: “o desejo de exhibir conhecimentos científicos lhe tornou o estilo, já de si empedrado e baço, comicamente desajeitado para a ficção, e privou as suas personagens da fraca vitalidade que possuíam” (1988, p. 133). Porém, Rodolfo Teófilo foi um dos poucos participantes da agremiação que conseguiu de fato se integrar aos estudos das ciências naturais e à literatura, como pretendia o grupo, dando uma grande contribuição nos dois campos para a província do Ceará.

Em um apanhado sobre a obra do escritor, Murari (2010) apresenta as características mais presentes nos romances no intuito de verificar uma das expressões do naturalismo. Segundo a pesquisadora, a posição de “homem de ciência” (p. 223) promove um projeto intelectual, literário e não-literário, dentro de uma pretensão historiográfica, com propósito didático.

(...) sua produção textual foi conduzida pelo princípio do pragmatismo, da formação da opinião pública, da normatização das condutas e de uma espécie de discurso pedagógico voltado para o esclarecimento de um meio social definido a partir de suas características e condutas desviantes. (p. 222)

Vale lembrar, no entanto, que a produção no periódico do grupo antecedeu os romances, apresentando traços peculiares em relação ao restante de sua produção ficcional, afora o conto citado, *O lazareto*. Porém, o escritor mantém a característica geral de sua obra de divulgação das ciências, por meio de uma estética naturalista, e do caráter pedagógico. Em *História natural*, fala sobre as donzelinas, as borboletas, as flores, a reprodução e a vida dos vegetais. Nos textos sobre *Ciências naturais*, discorre acerca da luz, do ar e da atmosfera, da água e dos vulcões.

Os contos são sempre em primeira pessoa, com um narrador-protagonista mantendo diálogo com a personagem “companheira”, provavelmente sua esposa. De modo geral, a complicação da narrativa se dá a partir das dúvidas da companheira sobre elementos da natureza. A personagem faz inúmeras perguntas que impulsionam o caráter científico da narrativa por meio das explicações do narrador-personagem. Como as descrições científicas são longas, não é possível identificar um clímax na maioria delas. Normalmente, a companheira não faz interlocuções significativas, mas, a partir dos conhecimentos adquiridos, nos contos que seguem, mostra-se mais atenta aos eventos naturais. Já o personagem principal é mais complexo. Além de trazer reflexões sobre a ciência, em alguns contos, em menor medida, também trata sobre economia, educação feminina e abolição dos escravos. Por vezes, apresenta um caráter memorialista, ao retomar fatos da infância e da juventude, onde foge do espaço temporal comumente utilizado. O espaço é o campo ou a cidade. No campo, há mais possibilidade de se ter assunto para o início das descrições e, com certa frequência, as explicações começam com a observação dos agentes da natureza – como é o caso do texto que fala sobre as donzelinhas, em que os personagens observam, durante uma caminhada, o momento em que elas voam sobre as águas. Os elementos da botânica fazem parte da fauna e flora cearenses, mas há descrições de eventos naturais comuns em outros lugares do mundo, como no caso do conto sobre os vulcões.

Antônio Bezerra também publicou em *A Quinzena* um artigo, mais compacto e objetivo, sobre temas recorrentes nos textos do farmacêutico: *Os insetos na fecundação dos vegetais*, fazendo referência a um dos contos já divulgados no quinzenário.

Ainda que houvesse, de modo geral no Clube Literário, a busca pelo afastamento da metafísica e aproximação da racionalidade, isso nem sempre é alcançado. Primeiramente,

porque havia em muitos redatores uma carga religiosa que transparecia nos textos, inclusive nos contos cientificistas de Rodolfo Teófilo. O autor chega a explicar, do ponto de vista científico, o livro bíblico de *Gênesis*, sobre a formação da Terra, em seu conto sobre os vulcões. Segundo, porque o pensamento em torno da busca pela verdade e da racionalidade ainda estava em construção entre os intelectuais cearenses. Tanto é que o contraponto metafísico e o excesso de cientificismo é um dos assuntos abordados por Farias Brito¹³⁹, que escreve os ensaios teóricos mais densos, tendo publicado trabalhos em 17 edições. Além dos ensaios já citados, o autor publicou: *Dois palavras sobre a psicologia etnográfica*, *A alma reduzida a um problema de matemática*, *O suicídio como consequência da falta de convicção* e *A fórmula psicológica $x---lg.y$* .

Apesar de se deter mais nos ensaios, o autor também publicou poemas que transparecem claramente a sua defesa pelo projeto moderno, a exemplo de *Visão do futuro*¹⁴⁰, em que contrapõe a decadência da geração passada com a esperança do futuro, e *Luz e Sombra*, em que também estabelece uma série de oposições. No poema, a luz seria a razão, a força universal da natureza e a inteligência. Por outro lado, a sombra representaria o mal e o despotismo. *Os dois vultos* também é outro poema que lista uma série de temas relacionados à modernidade, como o progresso, o combate à escravidão e ao absolutismo. Mais uma vez, o autor se concentra em dois pontos opostos: passado e futuro, representados pela Europa e pelo “Novo Mundo”, a América¹⁴¹.

Por fim, é interessante ressaltar o artigo *Herbert Spencer*, de homenagem à vida e à obra do filósofo inglês, teórico valorizado pela sua influência positiva, tão cara entre os participantes do Clube Literário. O autor do texto, Joaquim Manoel Simões, ainda que critique o viés metafísico do estudioso, ressalta a evolução do pensamento moderno por meio dos trabalhos do filósofo.

2.3.3 Anúncios: perfil de consumo fortalezense

Os anúncios, publicados a partir do número 11 do ano I sempre na última página das edições, revelam muito sobre os momentos social e econômico pelos quais a capital cearense passava na época. As publicidades mais recorrentes são de pontos comerciais concentrados no

¹³⁹ Sobre a metafísica nos trabalhos de Farias Brito, sobretudo em *A Quinzena* e no jornal *Libertador*; ver mais em OLIVEIRA (2000).

¹⁴⁰ O autor, nesse caso, publicou dois poemas com este nome, nas edições 15 e 17 (ano I), apresentando a mesma temática.

¹⁴¹ É importante ressaltar que, ainda que os poemas tratem da necessidade de superar o passado, há o entendimento de se considerar o legado das gerações anteriores.

Centro de Fortaleza¹⁴², como alfaiatarias, farmácias e lojas de utensílios gerais. A maioria destaca a importação de produtos europeus, principalmente de Paris, mostrando-nos que Fortaleza não “importava” apenas as ideias europeias em voga, mas também os produtos. A importação das tendências francesas, comuns em todo o país, foi bastante intensa em Fortaleza, presente na reestruturação urbana da cidade e no modo de se vestir da população, que, para ter a mesma elegância parisiense, usava ternos e vestidos longos, mesmo com o clima quente e úmido durante todo o ano, além do sol forte.

Portanto, a maioria dos anúncios ressalta a importação de mercadorias, como a Alfaiataria de Olegário A. dos Santos¹⁴³ e a Silva Carneiro & Cia. Importados, este último, um armazém de estivas com produtos variados, como “vinhos finíssimos”¹⁴⁴. A Motta Vieira & Cia¹⁴⁵, ainda que não especifique com que tipo de artigo trabalhe, também trata da questão do fluxo de mercadorias, trazendo a seguinte informação: “Importadores e exportadores”. Já a Notre-Dame de Paris¹⁴⁶ – que nos evidencia a tendência local em utilizar termos franceses – e a Libertadora¹⁴⁷ eram os anunciantes com os textos publicitários mais atraentes, voltados para o consumo de vestuário importado da Europa. A primeira destaca os produtos elegantes e de luxo, a segunda, ainda que fale dos produtos de bom gosto, ressalta a relação com o cliente, por meio dos preços baixos e melhor atendimento.

¹⁴² Dos estabelecimentos comerciais que indicavam o endereço, todos estavam nos principais logradouros do Centro, como a Praça do Ferreira, a Rua do Major Facundo (mesma rua do Clube Literário), Rua Formosa (atual Rua Barão do Rio Branco) e Rua da Boa Vista (atual Rua Floriano Peixoto).

¹⁴³ “Alfaiataria de Olegário A. dos Santos. Praça do Ferreira. 32. Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francesas e roupas por medida”. Publicado nas edições 11 a 15 e 22, do ano I, e 1 a 4, ano II.

¹⁴⁴ “Silva Carneiro & C. Importadores. Casa de comissões. Armazém de estivas. Mercearia. Gêneros de superior qualidade por todos os vapores, diretamente. Sortimento de vinhos finíssimos. Rua Formosa -72.” Publicado nas edições 16 a 20 e 22, ano I, e edições 1 e 2, ano II.

¹⁴⁵ “Motta Vieira & C.^a. 88-Major Facundo-88. Fortaleza. Importadores e exportadores.” Publicado nas edições 11, 13 a 22, ano I, e edições 1, 2, 6 e 7, ano II.

¹⁴⁶ “Notre-Dame de Paris. Loja de modas e novidades. Rua da Boa-Vista N.41. Este estabelecimento se acha montado com elegância e luxo, recebe diretamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim oferecer vantagens nos preços a todos os seus fregueses. Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades. Enxovais para casamentos e batizados. Nabor A. Chagas & C.^a. Ceará”. Anúncio publicado nas edições 11 a 16, do ano I.

¹⁴⁷ “Libertadora. 48-Rua da Boa Vista-48. Este imenso estabelecimento sem dúvida é o mais notável na província, e que com o sistema adotado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus fregueses com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebendo-se mensalmente de Paris o que há de primoroso em Fazendas, Modas e Novidades. Vende suas mercadorias por preços quase impossíveis, merecendo assim a Popularidade e Simpatia do muito ilustrado público cearense, - especialmente das Exm.^{as}. Sras. Contando cinco anos de existência este notável estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus próprios colegas, seus proprietários não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu sistema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade”. Anúncio publicado nas edições 11 a 20, 22, do ano I, e nas edições 1, 2 e 5, do ano II.

Os dois únicos anúncios ilustrados – na verdade, as únicas ilustrações de toda a publicação – eram da drogaria Guilherme Rocha & Cia.¹⁴⁸ e da Livro-papelaria de Gualter R. Silva¹⁴⁹. O quinzenário também tem, dentre os primeiros anunciantes, a loja de roupas e acessórios Costa Souza¹⁵⁰, o estabelecimento de utensílios domésticos Confúcio¹⁵¹, a joalheria J. Well & Cia.¹⁵² e a Farmácia Albano, que ressalta o fato de ter produtos estrangeiros¹⁵³. Um anunciante que destoa das mercadorias são as Loterias Cearenses, presente em quase todas os números do primeiro ano¹⁵⁴. É importante ressaltar que, nas edições, alguns anunciantes alternam, sendo muitos deles eliminados, com as colunas preenchidas pelas continuações dos textos dos redatores, provavelmente por não conseguirem editá-los de forma adequada. De modo geral, o espaço foi predominado pelos estabelecimentos comerciais¹⁵⁵.

¹⁴⁸ “Guilherme Rocha & C.^a. Drogaria. Rua Formosa N.º 71”. Publicado nas edições 11 a 18 e 20, ano I, e edições 1 a 5, ano II.

¹⁴⁹ “Libro-papelaria de Gualter R. Silva. Montada para satisfazer ao comércio e às repartições públicas. Livros impressos de letras e ciências e sobretudo de ensino. Recebe consignações de qualquer mercadoria. Grande depósito de papéis pintados aos preços de fábrica”. Publicado nas edições 11, 13, 14 e 15, do ano I.

¹⁵⁰ “Costa Souza. Especialidades em fazendas modernas, chapéus, calçados, luvas e perfumarias finas. Fortaleza. 86 A Rua do Major Facundo”. Edições 11 a 15, ano I.

¹⁵¹ “Confúcio. Único estabelecimento especial em artigos para uso doméstico. Louças, vidros, mobílias etc. Objetos para viagens, brinquedos para crianças. Artigos para jogos. Utensílios para escritórios, banheiros, etc, etc. 59-Rua do Major Facundo-59”. Edições 11 a 20, ano I, e 1 e 2, ano II.

¹⁵² “J. Weill & C.^a. A mais antiga casa de Joias desta província tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito à Joalheria. Relógios de todos os gêneros. Compram sempre ouro velho e moedas. 73-Rua do Major Facundo-73”. Nas edições 11 a 20 e 22, ano I, 1 a 7, ano II.

¹⁵³ “Pharmácia Albano. Grande depósito de produtos químicos e especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras. Sortimento completo de homeopatia em tintura, glóbulos e carteiras. Receitas a qualquer hora. Preços módicos. 36-Rua da Boa-Vista-36. Ceará”. Nas edições 11 a 15, 18 a 20 e 22, ano I, e edições 1, 2, 5, 6 e 7, ano II.

¹⁵⁴ “Loterias Cearenses. Garantidas. Novo plano. Extrações todas as semanas, sem transferência. Bilhetes à venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na Tesouraria das Loterias”. Nas edições 11 a 22, ano II.

¹⁵⁵ O espaço voltado para anúncio foi bem utilizado no sentido de exercer a função de publicizar as demandas do mercado local, exceto em duas situações (nas edições 11, 13, 14 e 15, do ano I) em que foi utilizado para informar sobre o horário de funcionamento da sala do Clube Literário, que era voltado para os sócios, e sobre *A Quinzena*, informando endereço onde deveriam ser resolvidas questões administrativas – informação que já continha no expediente. Além de serem voltados para um público muito restrito, parece-nos anúncios de pouca utilidade, por serem conteúdos de fácil acesso dos interessados.

ANNUNCIOS

A QUINZENA

Escriptorio da Redacção
RUA DO MAJOR FACUNDO--56
Todos os negocios relativos à administração trata-se com
O gerente,
JOSE' OLYMPIO.

CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas da manhã às 10 da noite.
Acham-se à disposição dos Srs. socios jornaes e revistas nacionaes e estrangeiros.

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

Motta Vieira & C.^a

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

Notie-Bame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 44

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim offerecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades.
Enxovas para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.
Ceará.

COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas modernas, chapéus, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza

86-B Rua do Major Facundo

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso comercio, conquistando, assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathy** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

LOTERIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transferencia. Bilhetes à venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

Joalheria. Relogios de todos os generos
Compram sempre **ouro velho** e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc
Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

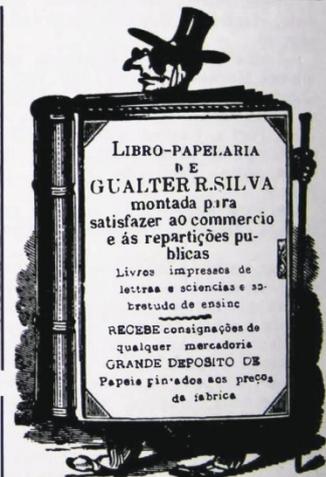
ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria
RUA FORMOZA N.º 71.
Drogaria



Pharmacia Albano

GRANDE DEPOSITO

DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36

CEARA'

Percebemos, portanto, que havia a preocupação de atrair um público, principalmente feminino, para itens de moda vestuário. Isso nos evidencia um mercado potencial na capital da província – desenvolvida na segunda metade do século XIX, como apresentado no capítulo um – em consonância com as transformações sociourbanas e culturais do projeto modernizador, na busca constante da classe dominante em estabelecer o progresso por meio da incorporação de um modo de pensar e agir europeu. Conforme o historiador Sebastião Rogério Ponte (2014), a partir de 1870, 40% dos estabelecimentos comerciais existentes em Fortaleza eram de firmas estrangeiras, o que permitiu a dinamização das relações capitalistas. O referencial francês, segundo o pesquisador, refletia a tentativa de “romper com a tradição e o ‘provincianismo’” (p. 160), lançando bases para uma nova estrutura social civilizada, como pregavam os participantes do Clube Literário. Ponte faz a seguinte observação acerca do consumo de peças de vestuário, que seguiam as tendências inglesas e francesas:

Dependendo de um público endinheirado para consumi-la, a moda caiu como uma luva para a *jeunesse dorée* emergente em Fortaleza, ávida por evidenciar, pelo requinte da aparência, a sua consagração socioeconômica. E não faltavam, agora, oportunidades sociais e urbanas para esta visibilidade: havia distintos modelos para vestir fosse nos bailes dos clubes, no carnaval, nas tardes de turfe, nos *footings* do Passeio Público, nas solenidades ou no interlúdio de uma conversação entre pares no Café Riche.

Entretanto, a propósito da definição de moda, o sociólogo francês Gilles Lipovetsky não a considera essencialmente uma estratégia de distinção e prestígio sociais ou mesmo um signo das ambições de classes (...). Concordando com Gabriel de Tarde, Lipovetsky enfatiza que a moda, por adotar sempre a novidade, é substancialmente a celebração do presente social, e conseqüentemente, um instrumento de negação do poder do passado tradicional: uma forma de ruptura com o domínio do costume.

Considerando que, além do desejo de prestígio social, as novas elites sociais e profissionais fortalezenses também inauguravam, através do apreço às novas vogas mundanas, o culto moderno do presente social, é plausível considerar sua atração pela moda como um rompimento com os costumes tradicionais então presentes na sociedade cearense. (PONTE, 2014, p. 162)

Outro anúncio que também evidencia transformações significativas no ambiente de sociabilidade dos fortalezenses aos moldes franceses é do Café Java¹⁵⁶, estabelecimento quisto entre os intelectuais¹⁵⁷ do final do século XIX. Além da publicidade do café, novidade na edição 16 (ano I), na edição 20 (ano 1) surge um anúncio do Passeio Público¹⁵⁸, acerca de uma

¹⁵⁶ “Café Java. No elegante quiosque da Praça do Ferreira. Em frente ao paço municipal. Café fabricado a capricho. Chocolate único, como só aqui se fabrica. Cerveja fria. Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para o Café Java. Manuel Pereira dos Santos”. Nas edições 16 a 18 e 20 a 22, ano I, e edições 1 e 2, ano II.

¹⁵⁷ Foi no Café Java que nasceu, em 1892, a Padaria Espiritual.

¹⁵⁸ É a mais antiga praça de Fortaleza, localizada no Centro da cidade, denominada oficialmente como Praça dos Mártires. Era dividida em três níveis, para cada classe social: baixa, média e alta.

exposição de quadros à luz oxídrica¹⁵⁹. Com as inovações no segundo ano da publicação, o mesmo ocorre com a página de publicidade, com novos anunciantes a partir da primeira edição: o Colégio Santa Rosa de Lima, voltado para mulheres, com “ensino pelos métodos mais modernos”¹⁶⁰ – seguindo a tendência educacional valorizada pelo Clube Literário – e do Curso de Francês teórico e prático de Mr. De Viremont¹⁶¹, evidenciando mais uma ligação com a cultura francesa. Também passaram a ser anunciadas as corridas de cavalinhos no Passeio Público, nas edições 1 e 2 (ambas do ano II)¹⁶², que novamente nos mostra que a população fortalezense contava com atividades de lazer ou voltadas para a vida cultural.

No caso da última edição da publicação (número 8, ano II), o espaço da publicidade está totalmente fora do padrão que manteve nos números anteriores, uma vez que toda a página foi ocupada, sem divisão em colunas, por um anúncio do Theatro S. Luiz, com detalhes dos integrantes do elenco da Grande Companhia Dramática, “empresa e direção da atriz Apollonia”.

2.4 Os Quinze Dias, por João Lopes

A crônica é uma espécie de voz consonante aos editoriais, trazendo um viés político mais forte em relação a todas as demais seções da publicação e mesclando, em menor medida, também o caráter informativo, próprio das seções acerca de notícias culturais. Publicada em onze edições, apenas na primeira foi assinada por Antônio Martins, sendo em todas as outras por João Lopes.

Segundo Dolor Barreira (1948), “na segunda fase d’*O Pão*, Antônio Sales cronicava *Os Quinze Dias*, com uma elegância e graciosidade, que também faziam lembrar João Lopes” (p. 157), sendo uma das heranças deixadas pela primeira folha da imprensa literária cearense no exercício do jornalismo local. Por outro lado, as referências da seção, a nosso ver, vinham de uma experiência executada quase dez anos antes por Machado de Assis com as crônicas *História de Quinze Dias*, publicadas na revista *Ilustração Brasileira*, do Rio de Janeiro, entre

¹⁵⁹ “Passeio Público. Brilhante exposição de quadros à luz oxídrica. Domingos haverá melhor e mais cômoda instalação. Preparem-se grandes surpresas. No recinto reservado paga-se de entrada: Adultos 300 Réis, Crianças 200 Réis”.

¹⁶⁰ “Colégio de Santa Rosa de Lima. Situado no saudável subúrbio do Benfica, servido pela linha de bonde. As aulas reabrem-se no dia 15 de fevereiro próximo. Recebem-se alunas externas, semi-internas e internas. Ensino pelos métodos mais modernos. O programa e condições de admissão serão publicados no *Libertador*. A diretora, Júlia Amaral”. Edições 1 e 2, ano II.

¹⁶¹ Tendo publicado dois textos n’*A Quinzena* – uma crônica histórica e um poema – Mr. De Viremont manteve forte vínculo com os membros do Clube Literário. Segundo Cláudia Freitas de Oliveira (2000), o consultório dele ficava na sala do Clube Literário e ele divulgava os seus serviços médicos por meio do jornal *Libertador*.

¹⁶² “Passeio Público. As corridas de cavalinhos são d’ora em diante aos Domingos, Terças, Quintas e Sábados. Das 5 horas da tarde às 9 da noite”.

julho de 1876 a janeiro de 1878. Percebemos essa possível influência a começar pelo título e periodicidade projetada, já que a proposta de Lopes era cronicar sobre os principais acontecimentos dos últimos 15 dias na província ou no Brasil. Porém, se nem a publicação conseguiu ter circulação com frequência quinzenal – ainda que fosse nomeada de *A Quinzena* –, a coluna muito menos teve a possibilidade de ser impressa em todas as edições. Coincidência ou não, na primeira crônica o tema do calor, “assunto pouco cronicável”¹⁶³, tomou parte da seção, remetendo-nos à crônica de Machado de Assis acerca dos temas comuns entre cronistas:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue*; está começada a crônica. (ASSIS, 2008, p. 34)¹⁶⁴

Ao abordar o calor na capital cearense, “tirano que teima em reduzir-nos a torresmo em vida”¹⁶⁵, Lopes aproveita para trazer a questão da falta de chuva no Ceará – “do telhado para cima só gato e Deus (...) e matuto” –, alcançando o tema da seca iminente e da imigração dos sertanejos. Portanto, ainda que trate de assuntos banais, por meio de um tom mais leve, de modo geral imprime a crítica política.

Pode parecer destoar do conjunto da publicação – que aposta prioritariamente nos ensaios teóricos e nos textos literários – por trazer textos de linguagem mais simples e focar no debate político de forma mais aberta. Contudo, a nosso ver, é um dos mecanismos de maior impulsão dentro do projeto do Clube Literário uma vez que o jornalismo era visto pelos intelectuais como canal transformador da sociedade, sendo essa seção a que mais apresenta traços jornalísticos.

A política é intrínseca à *Quinzena*, mesmo que critiquem as folhas partidárias, sendo o assunto que mantém maior ponto de contato com o jornalismo, aliando ao conteúdo literário. Como a seção de Lopes é composta por crônicas, algumas vezes a linha que separa jornalismo e literatura fica tênue, já que o autor utiliza-se de mecanismos próprios do gênero, ainda que os textos permaneçam, no conjunto geral, muito mais próximos do jornalismo crítico e opinativo. Gênero iminentemente jornalístico, por necessariamente nascer nos periódicos, as

¹⁶³ LOPES, João. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 4, p. 4, 28 fev. 1887.

¹⁶⁴ O ano é referente ao sítio do Ministério da Educação que disponibiliza a obra completa do escritor e a paginação ao arquivo, na extensão em PDF, do qual a citação foi retirada. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr07.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

¹⁶⁵ LOPES, op. cit.

crônicas podem ganhar perenidade sobretudo quando compiladas e publicadas em livro – o que não foi o caso da seção *Os Quinze Dias*, já que estava muito mais relacionada aos assuntos factuais¹⁶⁶ daquele período.

Um exemplo da boa execução do exercício da crônica – e sua mescla entre jornalismo e literatura – ocorre ao noticiar uma tragédia, assunto factual, como a descrição do naufrágio de um navio por meio de metáforas: “Paz aos que dormem amortalhados no lençol das águas e aos que tem por túmulo as câmaras do areal da praia”¹⁶⁷. Em outra edição¹⁶⁸, foi publicada a crônica que melhor condensa as intenções do Clube Literário, também retratada por um estilo pouco explorado por João Lopes. Em terceira pessoa, o narrador observador descreve os momentos do naufrágio noticiado na edição anterior, mas a partir da perspectiva de uma protagonista peculiar: um maço d’*A Quinzena*, “o parente mais próximo que tínhamos a bordo do desgraçado paquete”¹⁶⁹. Ao personificar a folha, é descrito todo o momento pelo qual teria passado, experimentando “as agruras da vida”, desde que saiu do “teto paterno”¹⁷⁰.

No navio, *A Quinzena* foi puxada pela orelha, atirada em um canto empoeirado, empurrada pelo *Libertador* com sua carga de notícias e esmagada com o peso do imediato, que se sentou em cima dela. O relacionamento com as folhas diárias não foi o esperado: as “parentas ricas e vaidosas” fingiram não a conhecerem, inclusive o *Libertador*, “irmão de leite”¹⁷¹. Sozinha e com enjoo, o momento do naufrágio foi outro desafio, uma vez que não sabia nadar e levou pontapés dos outros náufragos ao tentar se salvar. Contudo, ainda com todas as adversidades, uma ardentia “generosa” – fosforescência própria do mar agitado – se comoveu: “-Vem, minha irmã. Tu és o santelmo da mocidade corajosa e crente, vem comigo pelos caminhos do abismo, que só bem conheço eu, o santelmo das galerias submarinas. Nós ambas servimos para iluminar: tu o espírito dos homens, eu os palácios das nereidas. Vem e salva-te”(LOPES, 30 abr. 1887, p.6).

Fica clara a ideia estabelecida nos editoriais acerca da imensa dificuldade de sobrevivência de uma publicação literária em meio à hostilidade do público – os náufragos que a deixariam morrer – e à indiferença do restante da imprensa dominante no mercado, que ignora a sua presença e importância¹⁷². Porém, a esperança fala mais alto e, quase como um

¹⁶⁶ Para o padrão de periodicidade da publicação, os temas podem ser considerados factuais, mesmo sendo publicados 15 dias depois de ocorridos.

¹⁶⁷ Idem, ano I, n. 6, p. 5, 30 mar. 1887.

¹⁶⁸ Idem, ano I, n. 8, p. 6, 30 abr. 1887.

¹⁶⁹ Op. cit., p. 6.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² Posição contraditória ao que foi publicado no expediente da segunda edição (ano I), em que agradecem o reconhecimento dos amigos da imprensa.

milagre, por meio de uma luz inesperada em um ambiente perigoso – talvez a luz da consciência e da razão que o grupo esperava iluminar nas demais mentes –, a publicação é salva para poder ajudar os homens. Ainda assim, apresenta-se tímida diante do desafio que a espera: “mais tarde acharam a tristezinha entre dois cadáveres”¹⁷³.

Na mesma edição, a seção intercala dois momentos relativos à imprensa literária, noticiando o início das sessões do Clube Literário e o fim da *Revista do Norte*, do Recife. A cada notícia cultural dada, as dificuldades desse tipo de atividade são intercaladas pela opinião crítica do cronista. Portanto, ao tratar do fim da publicação pernambucana, o lamento é enfatizado e a dor relacionada à própria experiência:

Deus tenha a *Revista* por muitas eternidades em sua santa glória, sem *A Quinzena*, mirrada planta exótica, indígena dos países privilegiados, que vegeta aqui neste canto sáfaro, a custa d’um mourejar constante e pesado como o buril de um infeliz lançado pelo infortúnio ao escuro tétrico do convento.¹⁷⁴

O encerramento das atividades da *Revista do Norte* – publicada em um estado cujo espaço para a cultura literária era mais bem desenvolvido do que no Ceará –, ocasionado pela falta de assinantes, revela a dimensão dos empecilhos enfrentados pelo Clube para pôr em circulação a sua folha. Em se tratando das dificuldades, na edição 20 (ano I) a seção ficou incumbida de justificar o atraso da publicação, reforçando o lamento relativo aos obstáculos encontrados. Por meio do texto, a situação nos parece mais séria, ainda que haja uma convicção esperançosa. Há a promessa de continuar os trabalhos, mesmo diante dos problemas, contudo, Lopes deixa claro que o cumprimento só será possível com o apoio dos assinantes. Em contrapartida, para tratar do atraso da seção, o tom é envolto de pilhérias: “Não é preciso arregalar tanto os olhos, o espantado e paciente leitor. Lá porque uma pessoa passa quatro quinze dias sem dar o ar da graça, que é muita, louvado seja Deus, não é motivo para você fazer essa cara de quem viu alma de outro mundo” (LOPES, 2 dez. 1887, p. 6)¹⁷⁵.

Mecanismo comum entre os cronistas, a interlocução com o leitor e a metalinguagem – normalmente para falar da falta de assunto e para preencher o espaço¹⁷⁶ – são constantes na

¹⁷³ LOPES, op. cit.

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ Ano I, n. 20.

¹⁷⁶ A nosso ver, tratava-se mais de um mecanismo para dialogar com os leitores ou mesmo um meio de seguir o modelo elaborado por cronistas de maior sucesso. Como a publicação tinha espaço de menos e textos demais, já que essa seção deixou inclusive de ser publicada por esse motivo, sabemos muito bem que a questão não se tratava efetivamente de falta de assunto acerca do que havia se passado na província. No que diz respeito a falta de assunto em relação a eventos literários, fica mais patente essa justificativa, que chegou a ser utilizada e serviu de mote para mais uma crítica: “E tenho concluído a crônica dos quinze dias consignando somente fatos políticos, porque não os há literários e porque meu adorado poeta o D. João o dr. Guerra Junqueiro deu à política salvo conduto para misturar-se com as letras. Excelente a ideia do poeta do Melro; Excelente principalmente

seção e surgem com frequência na abertura e no fechamento das crônicas. Ainda que trate de política e literatura, o autor aborda assuntos cotidianos como a novena, a quermesse¹⁷⁷ e a inauguração de um monumento do general Tibúrcio¹⁷⁸, por exemplo, sem perder a visão crítica acerca dos acontecimentos. Na edição 20 (ano I), em que se detém mais nos assuntos culturais, aproveita o espaço para narrar um evento no Clube Iracema de modo subjetivo, descrevendo o ambiente, as sensações provocadas pela música e a dança no salão, além de noticiar – de forma objetiva – demais acontecimentos nos salões, teatros e no Passeio Público¹⁷⁹.

Dentre os temas mais frequentes, além de política, estão o papel da imprensa e o projeto moderno. Diluídos em política temos a abolição¹⁸⁰, a seca, a questão militar e os rumos do governo do Império. Seca e a emigração integram os temas de crítica ao governo local e imperial em vários momentos. Um deles fica evidente na previsão de uma futura seca – fenômeno que fez com que o poder imperial movesse ações com o intuito de minimizar seus efeitos –, fato citado em uma das crônicas também por meio da crítica política, em que os governantes, em vez de combatê-la, são tratados como responsáveis pela tragédia anunciada com o evento climático¹⁸¹. Em outro momento, o cronista reclama do governo central novamente pela posição desprestigiada da província, ao afirmar que “a quermesse tem muito mais valor probante em favor da vitalidade do Ceará do que os balancetes do tesouro”¹⁸². Isso nos remete ao episódio da seca de 1877, quando o barão de Cotegipe¹⁸³, então ministro da

para nós os cronistas das folhas literárias cá destas regiões, que estaríamos na tinta se fossemos esperar por acontecimentos literários que servissem para encher tiras destinadas a figurar nas crônicas confiadas às nossas presumidas aptidões crônicas” (LOPES, João. Os Quinze Dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n.9, p. 8, 15 mai.1887).

¹⁷⁷ Ao abordar o assunto, aproveitou para ressaltar as qualidades do povo cearense e estabelecer a crítica ao poder central por tratar a província de forma secundária.

¹⁷⁸ O general Tibúrcio foi um cearense atuante na Guerra do Paraguai. O autor trata do tema em duas seções, abordando-o por meio do viés patriótico.

¹⁷⁹ Todos na edição 20 (ano I).

¹⁸⁰ Uma das crônicas mais interessantes se trata da menção à vitória de Joaquim Nabuco como deputado de Recife, com o apoio d’*A Quinzena*. A alusão à campanha abolicionista, tida como forma de patriotismo e o caminho para a democracia, é destacada na nota: “Lá onde se colocou o grande parlamentar e admirável tribuno não hão de subir as pragas e apodos, mas, coando-se pelas camadas do azul, irão formar coro de aplausos as expansões do patriotismo as notas vermelhas da democracia: as vozes da gratidão dos negros parias que servem de pábulo ao nosso egoísmo e à nossa crueldade” (Idem, ano I, n. 18, p. 5, 15 out. 1887).

¹⁸¹ “A seca teve a amabilidade de adiantar a sua visita anunciada para 1892 e apresentou-se nos antes mesmo da comemoração centenária da revolução francesa.

Veio ver se o patriótico e zeloso governo de sua majestade o rei itinerante e doente tinha feito alguma coisa contra ela; veio espiar em que estavam as obras dos açudes de Quixadá, Lavras e Itacolomi; que adiantamento levava o prolongamento da via férrea de Baturité. Verificando por seus próprios olhos que a terra... perdão, que o inverno frio há de comer, que os ministros brasileiros e os deputados cearenses são os melhores amigos e nada fazem que possa ser-lhe contrariedade, embaraço ou decepção, a seca resolveu aboletar-se aqui, onde demorar-se-á o tempo que Deus for servido e ela bem tratada.

E faz muito bem a seca”. (Idem, ano II, n. 3, p. 8, 23 fev. 1888)

¹⁸² Idem, ano I, n.15, p. 5, 26 ago. 1887.

¹⁸³ Figura frequentemente citada nas crônicas, o ministro não ficou imune às críticas de Lopes.

fazenda, informou que o Tesouro não teria mais como socorrer o Ceará, gerando a famosa frase que teria sido proferida pelo imperador Dom Pedro II: “Não restará uma única joia na Coroa, mas nenhum nordestino morrerá de fome”.

Como o poder imperial não mantinha ações que o cronista considerava suficientes em prol da província cearense, a situação do governo era esmiuçada por meio da galhofa e da “língua ferina” próprias do estilo de João Lopes. Dom Pedro II, ainda que seja tido como uma figura de respeito, tem seu perfil traçado pelo viés jocoso em seis das dez crônicas. As fofocas sobre seu estado de saúde servem de metáfora para a situação da política do Império. A debilidade física pela qual passou é relacionada à fraqueza do governo. A monarquia é tratada como um sistema que não pode ser sustentado, causando uma espécie de divórcio entre o governo e o povo.

O monarca brasileiro está a banhos em Baden-Baden, onde tem passado bem de saúde, muito obrigado.

Nas horas vagas o imperador faz sonetos ruins, a que a reportagem da comitiva atira-se como gato a bofes, e pensa na solução do problema da navegação aérea, com que S. M. pretende abreviar as distancias e suprimir o enjoo. (...)

A nação toma banho também, como o dono da nação, com uma diferença apenas: o rei lava nas águas termais, o resquício que lhe ficou d’aquela esquisita moléstia chamado estado satisfatório, em quanto a nação banha-se... em pranchadas de sabre, para lavar-se da hedionda nódoa de querer considerar livres os pretinhos ilegalmente matriculados em Campos. (LOPES, 15 jun. 1887, p. 5)¹⁸⁴

Em se tratando de política, o cronista aborda diferentes acontecimentos, com destaque para a questão militar, cuja resolução, segundo Lopes, não foi mais insatisfatório para nenhum dos envolvidos – o governo, o exército ou os republicanos: “quem foi verdadeiramente roubado com a tal solução fomos nós as cronistas (sic), os que em determinados dias do mês temos de botar para ali casos e fatos de encher o olho e de encher tiras de almaço, que sirvam de pasto ao cobiçoso apetite do assinante exigente” (LOPES, 15 jun. 1887, p. 5).

São vários os trechos que deixam em evidência o estilo que Lopes insere em seus textos, mas em nenhum momento o projeto coletivo do Clube Literário é deixado de lado, sobretudo ao reforçar ideias relacionadas ao republicanismo, ao trabalho livre e ao patriotismo. O patriotismo, e a construção da nação brasileira, vêm junto à exaltação do Ceará. O entusiasmo em torno da abolição é um dos mecanismos também utilizados na seção, assim como a busca em descrever um caráter próprio do povo do Ceará e em ressaltar os acontecimentos locais: “O Ceará, em que pes (sic) aos maldizeres e aos pessimistas tem esta superioridade incontestável – o poder de assimilação desenvolvido em proporções

¹⁸⁴ Ano I, n. 11.

inalcançáveis por outros povos, mais vantajosamente armados para o certamen da vida” (LOPES, 26 ago. 1887, p. 5).

TABELA 2: Temas das crônicas *Os Quinze Dias*

Autor	Assunto	Edição
Antônio Martins	Crítica ao governo, ao absolutismo e ao escravismo; momento político e econômico do Ceará; saneamento	I-1
João Lopes	Falta de chuva; emigração sertaneja; novena	I-4
João Lopes	Abolição; naufrágio do paquete <i>Bahia</i>	I-6
João Lopes	Papel d' <i>A Quinzena</i> ; sessão do Clube Literário; fim da <i>Revista do Norte</i> ; Apresentação da Companhia Popular	I-8
João Lopes	Situação política e de saúde de Dom Pedro II; questão militar de Portugal e do Brasil; crime de infanticídio	I-9
João Lopes	Questão militar; política imperial; naufrágio do navio <i>Ceará</i> ; morte do filho de Antônio Martins	I-10
João Lopes	Questão militar; viagem da princesa Isabel; crítica ao poder imperial; situação de saúde do rei da Alemanha	I-11
João Lopes	Quermesse; monumento do general Tibúrcio; política imperial	I-15
João Lopes	Dificuldades de publicar; eleição de Joaquim Nabuco; política imperial	I-18
João Lopes	Dificuldades de publicar; evento no Clube Iracema; teatro e salões; evento no Passeio Público	I-20
João Lopes	Seca; inauguração do monumento do general Tibúrcio; crítica às classes burguesas	II-6

CAPÍTULO TRÊS: OLIVEIRA PAIVA E A BUSCA POR UMA ESTÉTICA NATURALISTA

A produção literária de Manoel de Oliveira Paiva foi breve, mas o escritor manteve uma participação bastante expressiva na execução do projeto moderno e do desenvolvimento de uma imprensa literária no Ceará, com destaque para sua atuação nos periódicos *Libertador* e *A Quinzena*. Mesmo com uma trajetória pessoal marcada pela debilidade física, ocasionada por uma tuberculose, descoberta antes mesmo dos 20 anos de idade, Paiva não se sentiu impedido de manter atividade nas vidas política e literária cearenses, mas foi retirado de cena ainda muito jovem, aos 31 anos, com o agravamento da doença. Por isso, não pode presenciar o ápice da imprensa literária na província com o jornal *O Pão*, da Padaria Espiritual, encabeçada pelo colega Antônio Sales. Foi Sales, inclusive, confiante no talento do escritor, o responsável por guardar os originais do romance *Dona Guidinha do Poço*, obra que consagrou Paiva na literatura brasileira já no século XX.

Nascido em 2 de julho de 1861, em Fortaleza, Oliveira Paiva teve um curto período de instrução formal em instituições de ensino de respaldo. Aos 14 anos de idade, foi enviado ao Seminário do Crato¹⁸⁵, no interior do Ceará, onde permaneceu de 1875 a 1877¹⁸⁶. Ainda que tenha se voltado, anos depois, ao anticlericalismo, fica evidente que a religiosidade permeia a obra do escritor por meio, sobretudo, das referências bíblicas – possivelmente mais familiarizadas durante o período em que foi seminarista¹⁸⁷.

Após a temporada no seminário, os esforços do futuro escritor se concentraram na tentativa de entrada na Escola Militar da Praia Vermelha¹⁸⁸, do Rio de Janeiro, que era um centro de formação de oficiais do Exército, onde permaneceu de 1880 a 1883¹⁸⁹. As dificuldades para entrar na Escola foram ocasionadas principalmente pela fraqueza física em oposição ao destaque obtido nas provas dos processos seletivos. A vaga, porém, só foi

¹⁸⁵ A decisão foi tomada por sua mãe, a cearense Maria Isabel de Paiva Oliveira, após a morte do pai marceneiro – o português de Açores, da Ilha de São Miguel, radicado no Ceará, João Francisco de Oliveira.

¹⁸⁶ Após recusar-se a entregar um colega indisciplinado, Oliveira Paiva gerou um mal-estar no seminário, sendo punido por isso. Por conta do caso, a família decidiu retirá-lo da instituição.

¹⁸⁷ Rolando Morel Pinto (1967) – que investigou toda a obra do escritor, além de fazer um apanhado biográfico – conta-nos que Oliveira Paiva foi criado em um ambiente de grande religiosidade. Segundo Pinto, “(...) seu pai imprimiu à família uma tradição de austeras práticas religiosas, ele mesmo dando exemplo de fervorosa fé católica” (p. 30). Além disso, as irmãs do escritor também foram enviadas, assim como ele, a instituições religiosas.

¹⁸⁸ A Escola Militar da Praia Vermelha funcionou de 1858 até 1904, sendo um dos centros da Real Academia Militar, criada em 1810 como uma das medidas da transferência da família real portuguesa para o Brasil. Foi um espaço importante para a difusão dos ideais modernos da segunda metade do século XIX. Ver mais em GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides, elite modernizadora e enquadramento. In: **Euclides da Cunha**. São Paulo, Ática, 1984.

¹⁸⁹ Com o agravamento de uma tuberculose, Oliveira Paiva retornou ao Ceará.

conquistada com a ajuda do seu padrinho, o escritor e historiador Antônio Bezerra de Menezes – que também seria seu colega no Clube Literário –, após usar da influência política com os membros do Partido Liberal para a realização da matrícula (Cf. TINHORÃO, 1986).

Parece mais ou menos claro que Oliveira Paiva não chegou a demonstrar pessoalmente maior vocação específica para qualquer dos tipos de carreira que se lhe ofereciam, mas não há dúvida de que a aventura da viagem ao Rio de Janeiro correspondia bem mais à sua curiosidade de provinciano. É que os primeiros anos de sua formação escolar coincidiram com os acontecimentos da Guerra do Paraguai, cujos ecos de bravura não deixavam de repercutir no ânimo dos meninos da sua geração, necessariamente envolvidos pela propaganda patriótica, traduzida desde logo no campo da própria literatura, através de romances como *O culto do dever*, lançado em 1865 pelo então popularíssimo Joaquim Manuel de Macedo. Meninos esses que, aliás, viriam a ser os primeiros representantes das classes médias das principais cidades brasileiras a formar, nas fileiras do Exército, aquele contingente de pequena burguesia destinado 20 anos mais tarde a instaurar a República. (TINHORÃO, 1986, p. 10)

Oliveira Paiva, portanto, era um dos integrantes dessa nova classe média também em constituição na capital cearense, defensora do abolicionismo e do republicanismo e que influenciou decisivamente nos destinos políticos do país com o advento da República, sucessora da geração de 1870. A Escola Militar, após a Guerra do Paraguai, como se sabe, teve forte caráter abolicionista e republicano, com destaque para a organização secreta Libertadora, que era composta pelos alunos, além do Clube Republicano (Cf. GALVÃO, 1984), ambos da década de 1880. Ainda que não tenhamos notícias da participação efetiva de Paiva nesses grupos, em seu regresso ao Ceará ele se aliou, rapidamente, aos movimentos locais que levantavam as mesmas bandeiras. Inclusive, uma de suas temporadas de volta a Fortaleza, para melhorar dos problemas de saúde, em 1881, coincidiu com o período da campanha dos jangadeiros – apoiados pela Sociedade Cearense Libertadora e envolvendo um grupo significativo de populares – que se recusaram a transportar escravos para os navios a serem enviados ao Espírito Santo, momento decisivo de combate à escravidão no Ceará (Cf. TINHORÃO, 1986).

Muito provavelmente, os ideais de Oliveira Paiva sofreram influência da estadia no Rio, somando-se ao fato de integrar justamente a pequena burguesia cearense, grupo responsável por tentar pôr em prática os efeitos do período moderno na província. Além disso, a relação com os estudantes da escola permaneceu mesmo após o regresso ao Ceará, uma vez que foram noticiados, nas páginas d'*A Quinzena*, os trabalhos desenvolvidos na *Revista da*

Família Acadêmica, órgão da Escola Militar, logo durante o período em que foi gerente do quinzenário do Clube¹⁹⁰.

Vale ressaltar que, dos participantes da agremiação, Oliveira Paiva foi um dos mais inclinados às atividades literárias, mas isso não significou perda do ideal político ou científico do periódico do grupo. Mesmo não se destacando nas carreiras¹⁹¹ para as quais a vida de estudante estava direcionada, percebemos que o período de instrução formal perpassou pelo projeto enquanto escritor. Além disso, o projeto coletivo da publicação do órgão do Clube Literário também se aliou, com certa facilidade, a um empreendimento individual.

Acreditamos que esses projetos estão refletidos, em alguma medida, na obra ficcional de Oliveira Paiva, constituída pela busca por uma estética naturalista melhor condizente com as necessidades da literatura nacional e de construção de uma nação brasileira. É tanto que, os primeiros textos literários do escritor são voltados para a propaganda de libertação dos escravos, temática também abordada em um conto, durante a época em que publicou no periódico do Clube, mas já sem o caráter panfletário.

Ao analisar a produção do escritor em *Experiência e ficção de Oliveira Paiva*, Rolando Morel Pinto (1967) nos revela que, ainda no segundo semestre de 1882, Oliveira Paiva iniciou com trabalhos literários na imprensa, colaborando assiduamente com a revista literária dos alunos da Escola Militar, *Cruzada*, a partir do segundo número, de 15 de agosto de 1882, publicando folhetins e poemas¹⁹². Já em 1883, de volta a Fortaleza, publicou *Zabelinha ou a Tacha Maldita*¹⁹³ e, em 1884, *Vinte cinco de março*, textos em verso divulgados em folhetos voltados para a propaganda abolicionista e republicana. Durante o mesmo período, o autor escreveu o folhetim *Dois túmulos*, os sonetos *Sons de viola*, assim como crônicas políticas no jornal *Libertador*, onde manteve uma atuação bastante intensa e variada (Cf. PINTO, 1993). Pinto (1967) lista uma série de textos de autoria do escritor no periódico político também assinados com os pseudônimos Gil ou Gil Bert¹⁹⁴. Segundo o

¹⁹⁰ Ver mais em RECIBOS. **A Quinzena**. Fortaleza ano II, n. 2, p. 6, 31 jan. 1888. Idem, ano II, n. 4, p. 8, 11 mar. 1888.

¹⁹¹ Da vida profissional de Oliveira Paiva, temos notícias de que, além de escritor e jornalista, ele atuou em cargos públicos durante a República, ocupando as funções de secretário do governador do Estado do Ceará, do Coronel Luís Antônio Ferraz, e de primeiro oficial da Secretaria do Ceará.

¹⁹² São de autoria do escritor o drama de três atos *Tal filha, tal esposa*, divulgado em folhetins, além dos poemas *Justiça Humana*, *História de uma rola*, *Transparências-I*, *Transparencianas* e *A Missa*. Ver mais em PINTO (1967) e em TINHORÃO (1986).

¹⁹³ A dedicatória da obra diz o seguinte: “Este livro é um tributo de homenagem que a LIBERTADORA ESTUDANTAL presta à PROMOTORA DA INSTRUÇÃO DOS LIBERTOS e à LIBERTADORA CEARENSE. A esta porque libertou o escravo, àquela porque instrui o liberto. Publicamo-lo, ainda, porque anelamos pela dita de Antônio Bezerra, Justiniano Serpa e Antônio Martins (...)” (PAIVA *apud* PINTO, 1993, p. 360).

¹⁹⁴ Diante da confusão de Dolor Barreira (1946) em indicar João Lopes como o detentor do pseudônimo, Pinto (1967) nos apresenta variados indícios que confirmam ser, de fato, uma das assinaturas de Oliveira Paiva. Azevedo (1982) destaca, ainda, que João Lopes nunca escreveu contos (p. 178).

pesquisador, Paiva dividiu a crônica semanal fixa *A Semana* com Antônio Martins e João Lopes – que viriam escrever as crônicas *Os quinze dias*, em *A Quinzena*; publicou as crônicas *Do sertão*; os versos *Chuva*, *Quem pode, pode* e *Auri sacra*; os folhetins do romance *A Afilhada*; além dos textos em prosa *Cheganças*, *Quadros e episódios*, dentre outros.

3.1 O naturalismo na província

Antes de adentrarmos especificamente na análise dos ensaios e contos publicados por Oliveira Paiva em *A Quinzena*, faz-se necessário observar como se deu o naturalismo na literatura produzida no Ceará por outros escritores integrados à vida literária provinciana. José Ramos Tinhorão (2006), ao tentar compreender as manifestações literárias no Ceará, paralelamente ao movimento econômico, na obra *A província e o naturalismo*, destaca que a produção literária na província só surgiu efetivamente com o Clube Literário, composto por intelectuais da classe média¹⁹⁵. Porém, ainda que tivessem promovido a campanha abolicionista na política e a introdução de métodos naturalistas na literatura, apresentavam uma produção literária própria, diferente da que foi desenvolvida em outras províncias, mesmo as nortistas, ou por escritores cearenses, como José de Alencar e Franklin Távora.

(...) José de Alencar, vivendo na Corte, identificado com os “interesses nacionais” – que eram os dos grandes proprietários do Sul – fazia uma literatura que correspondia, com seus ubirajaras e suas iracemas, seus sertanejos e seus gaúchos, à valorização do *produto nacional*.

Franklin Távora, vivendo no Recife, identificado com os interesses locais – que eram os dos plantadores de cana e de algodão – fazia uma “literatura do Norte”, isto é, uma literatura que correspondia, com os índios do Jaguaribe, seus matutos, lourenços e cabeleiras, à valorização do *produto regional*.

(...) Os intelectuais da classe média de Fortaleza, por seu turno, nascidos numa província que devia o surto de progresso à quase autonomia da sua economia, permaneceram alheios a tais influências. E foi por isso que, reunidos no Clube Literário, puderam fazer sua entrada na literatura expressando, pioneiramente, a tendência do grupo social europeu com o qual apresentavam maiores afinidades: os elementos da classe média da França, empenhados naquele momento em compreender a realidade decepcionante da sociedade burguesa em que viviam, pela aplicação dos princípios científicos no estudo das suas instituições. (TINHORÃO, 2010, p. 91-93, grifos do autor)

Isso explica, portanto, como surgiram romancistas voltados para as tendências naturalistas¹⁹⁶ em uma província pouco desenvolvida economicamente do país, a exemplo de Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha¹⁹⁷. Por meio dos ensaios d'*A Quinzena* e da

¹⁹⁵ Também em SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

¹⁹⁶ Ver também em MURARI (2009).

¹⁹⁷ Foi integrante da Padaria Espiritual com o pseudônimo, ou “nome de guerra”, Félix Guanabario, e autor dos romances *A normalista* (1893) e *Bom crioulo* (1895).

conjuntura ao qual o Ceará estava envolvido – apresentada no capítulo um –, percebemos o quanto os escritores puderam amadurecer um projeto literário naturalista – mesmo que executassem de modos diferentes – com as agremiações literárias, promovendo a crítica e a produção ficcional na imprensa literária. Dessa forma, as observações de Tinhorão (2006) nos dão uma visão ampla e significativa sobre as manifestações literárias às quais esses escritores estavam integrados:

Esse método naturalista [*de influência francesa*], que resultava na crua denúncia dos vícios das elites dirigentes e das contradições sociais geradas pelo capitalismo industrial, ajustava-se perfeitamente à realidade social do Ceará. Tal como na França, os elementos da classe média cearense também haviam sido deixados pela burguesia à sua própria sorte, após a união temporária, para o combate do inimigo comum. Em Fortaleza isso ficara patente em 1884, quando, após uma ativa campanha contra a escravidão, ao lado dos representantes do alto comércio, a classe percebeu que a aliança só duraria enquanto os seus poderosos aliados precisaram dela para derrubar a instituição que prejudicava o comércio com a retenção de capitais. (TINHORÃO, 2006, p. 94)

Flora Süssekind (1984) também desloca o escritor e seu romance *Dona Guidinha do Poço* – bem como Adolfo Caminha, com *Bom crioulo*, e Domingos Olímpio, com *Luzia-homem* – do modelo naturalista mais comum no país. A diferença crucial se dá, sobretudo, com o rompimento dos protagonistas – que fogem do projeto “médico-terapêutico” – e suas personagens femininas, de famílias abastadas e envoltas em casos clínicos, como a histeria. No caso do personagem principal de *Bom crioulo*, há em destaque um negro homossexual, enquanto que em *Luzia-Homem* e *Dona Guidinha do Poço* são mulheres que apresentam características mais facilmente associadas ao universo masculino do final do século XIX, fazendo com que Süssekind (1984) as demarcasse como “donzela-guerreira” (p. 144). Essa definição se dá sobretudo pela forma como foram educadas e como agem no mundo, diferindo dos modelos de mulheres tradicionais à época, ressaltando-se a personalidade forte e o modo de ser ativo e desafiador das personagens. Além disso, ela ressalta que os cenários desses romances também escapam do modelo mais comum no naturalismo no Brasil. A protagonista do romance de Paiva ganha proeminência por sua atitude e, também, por seu poder aquisitivo, fator que determina a sua posição e postura diante do marido e da sociedade local. Porém, a quebra do papel feminino acarreta em um final trágico, uma vez que acaba por ser afronto a uma sociedade patriarcal, como destaca Süssekind:

Guidinha não é presa por mandar matar o marido, mas porque o faz às claras. Como às claras cometera adultério e afrontara as regras locais de convivência social. Não ordena nada além de um “costume velho” do mundo masculino, que herdara junto com a fazenda Poço da Moita. Só que, no mundo das tocias, tais costumes, tais

mortes se executam à traição. Com Guidinha, adultério e assassinato se revestem de paixão e clareza. O que acaba por levá-la à prisão. (Süssekind, 1984, p. 149)

Até poder ser colocado junto com as demais obras brasileiras naturalistas, a trajetória de divulgação do romance de maior destaque de Oliveira Paiva não foi simples. Falecido em 1892, com o agravamento da tuberculose, o romance só foi publicado 1952. Antes disso, o material havia sido recolhido e transcrito por Antônio Sales, sendo parcialmente publicado na *Revista Brasileira*, em 1899, que não teve continuidade devido ao fim do periódico¹⁹⁸. O caminho até o reconhecimento, como citamos, veio por meio da publicação dos romances e análises críticas por Lúcia Miguel Pereira¹⁹⁹, ao detalhar os elementos originais do trabalho ficcional do escritor.

É importante ressaltar que o texto de Paiva em *Dona Guidinha do Poço* difere bastante dos trabalhos elaborados anteriormente. O que percebemos em comum são as longas descrições do ambiente da natureza do sertão em período de abundância. No caso do romance *A Afilhada*, publicado em folhetins, em 1889, nas páginas do *Libertador* – já depois do fim d'*A Quinzena* –, há destaque para variadas temáticas, como a religiosidade e os movimentos políticos, com a abolição, e as manifestações modernas, envoltos pelo cenário da capital cearense²⁰⁰. No centro da narrativa, estão duas personagens femininas: Maria das Dores e Antônia. Essa última, afilhada dos pais da primeira, sofre pela fragilidade de sua posição social, mesmo morando com os padrinhos. Ademais, algumas das passagens do romance nos remetem às discussões dos membros do Clube Literário entre a importância da ciência e da arte, por meio das reflexões do personagem Vicente.

Durante o período em que colaborou para o *Libertador*, Oliveira Paiva chegou a escrever para o jornal enquanto esteve no interior da província – dos municípios de Quixadá e de Quixeramobim, sertão onde passava temporadas devido à saúde debilitada. Foi em Quixeramobim, inclusive, que o escritor teria se inspirado, por meio de influências que reverberaram não só no enredo, mas também no cenário, para a elaboração do romance *Dona Guidinha do Poço* (Cf. PORDEUS 2004)²⁰¹.

¹⁹⁸ Conferir em FACÓ, Américo. Um livro e seu destino. In: PINTO, Rolando Morel (Org.). **Manuel de Oliveira Paiva: obra completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

¹⁹⁹ Ver mais em PEREIRA, Lúcia Miguel. Prefácio (A afilhada). In: PINTO, Rolando Morel (Org.). **Manuel de Oliveira Paiva: obra completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

²⁰⁰ Sobre os detalhes da capital cearense transpostos na obra ver mais em COUTINHO, Tiago. **A Cidade em Letras: uma análise da construção de Fortaleza no final do século XIX**, no romance *A Afilhada*, de Oliveira Paiva. Dissertação de mestrado. Fortaleza, Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFC, 2009.

²⁰¹ O historiador Ismael Pordeus (2004), em *A margem de Dona Guidinha do Poço*, apresenta uma série de indícios sobre um conhecido caso da história do município de Quixeramobim: o assassinato do marido a mando da esposa, aos moldes do romance de Paiva. O pesquisador compara inúmeros indícios reais com a obra ficcional, como o inventário da personagem Guidinha com o da esposa assassina, Maria Francisca de Paula Lessa. Ademais, o pesquisador apresenta outros elementos correspondentes, a exemplo do cenário.

Vale ressaltar que a análise da obra de Oliveira Paiva, com foco nos contos, possibilita-nos ter uma visão do romancista, não apenas ao percebermos a transcrição de passagens, mas também no que diz respeito ao processo de criação literária. Independentemente da crítica, buscamos entender Paiva dentro dos conceitos pelos quais ele mesmo tentou enquadrar na qualidade de ensaísta, provavelmente repercutindo de modo consciente em sua obra ficcional.

Portanto, a constituição de uma vida literária na província, por meio da imprensa literária, foi o único caminho encontrado por escritores como Oliveira Paiva e os demais companheiros do Clube Literário como forma de legitimação local e de construção de um projeto naturalista próprio, como bem demonstrou Tinhorão (2006).

No Clube Literário, Oliveira Paiva foi um dos membros que mais contribuiu, participando desde o início, em 1886, quando tinha 25 anos de idade. No órgão impresso do grupo, também publicou desde a primeira edição, estreando com o conto *Corda sensível*. No total, foram 11 contos²⁰² e uma fábula assinados pelo autor, além de dois editoriais e dois ensaios sobre o naturalismo. Acreditamos na possibilidade de também ter utilizado o pseudônimo de Amphrisio na publicação, uma vez que há um conto que se assemelha bastante com a técnica do escritor, mas não temos comprovações exatas. Além disso, ele ocupou o cargo de tesoureiro e, a partir do segundo ano, de gerente do periódico, momento em que passaram a predominar os textos literários.

A crítica aprofundou-se na análise dos romances do escritor por serem obras de maior relevância, com destaque para *Dona Guidinha do Poço*²⁰³. Porém, tanto Rolando Morel Pinto (1967, 1993) como José Ramos Tinhorão (1986) observaram o conjunto dos trabalhos, incluindo os contos d'*A Quinzena* assim como as publicações anteriores. Vale ressaltar que Pinto (1967) se concentrou muito mais na análise da obra literária, enquanto Tinhorão (1982) nos apresenta mais detalhes da biografia do escritor e do contexto histórico no qual estava

²⁰² Sânzio de Azevedo (1982) esclarece que o texto *Um episódio da via férrea*, impresso dentro de *Estatuetas II*, na edição de 11 do ano I (15 jun. 1887), classificado como crônica – ou conto de fraca qualidade – pelos críticos Braga Montenegro (1966) e Rolando Morel Pinto (1967), estava incompleto. Segundo o pesquisador, *Estatuetas II* era um texto assinado por Antônio Martins – inclusive, o próprio sumário da edição indica isso – mas, como veio com a assinatura final de Gil Bert, provavelmente por erro do tipógrafo, gerou a confusão nos críticos. Tratava-se, na verdade, de um comentário de Antônio Martins, conforme Azevedo (1982), seguido por dois fragmentos, *Desceu dos infernos* e *Um episódio na via férrea*. “Acontece que ‘Desceu aos Infernos’ é parte final de uma crônica estampada no *Libertador*, em 6 de maio de 1886, assinada por Gil Bert, pseudônimo de Oliveira Paiva. Infelizmente não conseguimos localizar, entre as páginas excessivamente estragadas da coleção da Biblioteca Pública, a crônica ou conto (se for o caso) ‘Um episódio da via férrea’, do qual, sem dúvida, foi reproduzida apenas a parte final, como se fizera com a aludida crônica ‘Desceu aos Infernos’. Daí o caráter de indefinição a que se referem os dois críticos, Braga Montenegro e Rolando Morel Pinto, ao falar do texto” (AZEVEDO, 1982, p. 176-177).

²⁰³ Ver discussões sobre regionalismo e naturalismo em relação ao romance de Oliveira Paiva, em Pereira (1981), Süsskind (1984), Bosi (2006) e Sodré (1992).

inserido. No que diz respeito à produção em contos no quinzenário, além desses dois pesquisadores, existem breves análises de que temos conhecimento em trabalhos de Braga Montenegro (1965, 1966), F. S. Nascimento (1985), Nilto Maciel (2008) e Sânzio de Azevedo (1982, 1985). De modo geral, as análises se debruçam nos contos que consideramos serem os mais bem aceitos pela crítica, que são: *Corda sensível*, *O ar do vento*, *Ave Maria!*, *A melhor cartada* e *O ódio*.

Além de nos basearmos nas análises críticas encontradas, levamos em consideração o conjunto de textos de ficção e não ficção do escritor no periódico, com destaque para os ensaios sobre naturalismo, para compreendermos o contexto de produção dos textos literários, notando de que forma os conceitos desenvolvidos por ele acerca da estética naturalista foram postos em prática. Também percebemos o diálogo com os demais ensaios acerca do naturalismo publicados no periódico por Abel Garcia – em *Um romance naturalista* e *N’um álbum de família*²⁰⁴ – e José Carlos Júnior, em *Apontamentos esparsos*, texto dividido em quatro edições.

3.2 Crítica literária

Nos dois ensaios sobre o naturalismo de Oliveira Paiva – assinados com o pseudônimo Gill Bert – divulgados em *A Quinzena*, o mote é o romance *O homem*, de Aluísio Azevedo. O primeiro texto, *O Naturalismo*²⁰⁵, é dividido em duas partes: a primeira traz uma abertura geral sobre a satisfação do sucesso do romance de Azevedo no Brasil, as relações do público com a literatura brasileira e o reconhecimento dos entraves para o desenvolvimento de uma literatura local; a segunda trata acerca do fato de a literatura nacional se colocar à margem da europeia, além da mudança dessa configuração.

Na primeira parte, o esgotamento das três edições de *O homem* é apontado como ponto positivo, uma vez que mostraria o reconhecimento por parte do público de que o Brasil “também possui quem *faça livro*, na eminente expressão da palavra” (BERT, 15 jan. 1888, p. 3, grifo do autor) – trecho desenvolvido no ensaio seguinte, *O que vem a ser uma obra naturalista*²⁰⁶. “Isto nos mostra que nosso público se convenceu, por fim, de que nosso país não tem somente café e algodão e borracha; que não dá somente bacharéis e cônegos; que não trabalha só para sustentar o funcionalismo público e pagar juros ao estrangeiro (...)”²⁰⁷. Lista-

²⁰⁴ Ainda que seja voltado para a análise crítica da produção de Francisca Clotilde, destaca a importância de se trabalhar com a estética naturalista.

²⁰⁵ Texto reproduzido nos anexos desta dissertação.

²⁰⁶ Também reproduzido nos anexos desta dissertação.

²⁰⁷ PAIVA. O naturalismo. *A Quinzena*. Fortaleza, ano II, n.1, p. 3, 15 jan. 1888.

nos, dessa forma, que a literatura não estaria subalterna à economia, assim como a carreira de escritor não estaria atrás da formação bacharelar ou religiosa, tão valorizadas no país; que os gastos também poderiam, e deveriam, estar mais voltados para a impressão e compra de livros, colocando a literatura em um papel primordial, à frente de outras demandas não tão frutíferas economicamente ao Brasil.

Ainda na primeira parte do ensaio, Gil Bert cita a teoria da seleção natural, de Charles Darwin, para justificar a formação de um perfil específico de escritores, em meio “a luta de tantas raças”²⁰⁸. Esse perfil já teria se desenvolvido na Europa e estaria aflorando no Brasil, mostrando que o caminho para uma literatura de qualidade e para a civilização seriam movimentos naturais e garantidos. Desse modo, o autor não importa, mas adapta à demanda local uma corrente teórica em voga no século XIX – assim como outros ensaístas, conforme apresentamos no capítulo dois. Com essa afirmativa, justificar-se-ia que, por ser uma nação jovem, houve no Brasil atraso em se conquistar um modelo de povo e de “indivíduos que eternizam pela palavra a vida das nações”²⁰⁹, no caso, escritores que pudessem produzir uma literatura condizente com o país, pois seguiriam, de modo capenga, até então, o modelo europeu. Isso nos leva a perceber que o autor, ainda que não reproduza de forma evidente o caráter cientificista na ficção, incorpora-o no ponto de vista teórico.

Tivemos escritores no tempo colonial. Assistimos ao convulsionar da revolução romântica. E agora, quando a Europa inteira reatava o fio tradicional da verdadeira Arte; quando entornava a legítima dinastia intelectual apesar da viva guerra dos usurpadores; quando, pelo naturalismo, entrava francamente nas avançadas da evolução literária; que fazia o Brasil, cujos povoadores tão cedo não poderão eximir-se de acompanhar o movimento europeu?

Lia o que vinha de lá. (BERT, 31 jan. 1888, p. 3)

O tom que predomina na segunda parte desse primeiro ensaio também é de crítica à produção literária nacional, reforçando a ideia de inferioridade em relação ao modelo produzido no continente europeu. Acreditamos que, diante da ausência do avanço no Ceará de boa parte dos campos importantes para o progresso moderno, o discurso de ressaltar a nação por meio da literatura era ainda mais reforçado por Oliveira Paiva nos editoriais por ele ter uma inclinação maior à carreira de escritor.

Em um paralelo social e econômico em relação ao lugar da literatura no Brasil, o país, segundo Gil Bert, poderia ser considerado pela Europa uma “senzala” e um país

²⁰⁸ Ibid.

²⁰⁹ Ibid.

“eminentemente agrícola”. Em contrapartida, o autor reforça que a primeira solução para o problema já teria surgido: o reconhecimento do público.

Ora, o público brasileiro acabou de protestar contra a inércia e indiferença de que o acoimavam. E é preciso que sejamos também gratos ao público. Mas também, que havia de ele fazer, se escritores brasileiros tinha abusado? Se escritores, longe de apresentarem-se lidadores fecundos pelo trabalho, como José de Alencar, mostravam-se fátuos e infusos de talento selvagem e infantilmente bobo; se escritores, em vez de rebentarem do seio da nação, do turbilhão da vida, como Cervantes, Shakespeare, Stern, Goethe, Hugo, Balzac, Zola, Ramalho Ortigão, saiam era das academias com uma literatura de caso pensado e uma ideia falsa das pessoas e das coisas da sua terra, enxergando pelos olhos dos estrangeiros e ombreando-se audaciosamente, de primeiro impulso, com os grandes de lá? (BERT, 15 jan. 1888, p. 3)

Gil Bert finaliza o primeiro texto sobre o naturalismo vangloriando a conquista das vendas das edições do livro, como uma mostra de que o caminho adequado estava em construção, dando força para se seguir na “vida literária, vida de que a nação precisa necessariamente, e sem a qual bem poderia desengonçar-se este vastíssimo território” (BERT, 15 jan. 1888, p. 3) – colocando, mais uma vez, a literatura em um papel de alto destaque na constituição da nação. Portanto, o conceito de nação brasileira, para o autor, estaria relacionado à ideia de junção territorial não apenas por meio das ciências, ou mesmo especificamente da política e da geografia, mas pela literatura, já que é colocada de forma sobreposta em muitos momentos. Apesar de ser tratado pela crítica como um escritor de uma obra regionalista (Cf. PEREIRA, 1981), o ensaio nos apresenta uma preocupação literária mais abrangente, pelo menos do ponto de vista teórico, no sentido mais amplo do termo nação.

Percebemos, assim, duas funções d’*A Quinzena*: a demarcação regional, por meio da província do Ceará, mais ressaltada nos ensaios científicos e artigos políticos; e a exaltação nacional, no sentido de se buscar uma junção caracteristicamente brasileira pela literatura. Diante das contradições evidentes entre Centro, Sul e Norte; Brasil e Ceará; prevalece, em muitos momentos, o caráter regional, que reflete na produção ficcional do escritor de diferentes formas. Ainda assim, o que notamos é uma exaltação de um projeto nacional e não apenas regional. Segundo Margarida de Souza Neves (2010), a nação abrange as regiões de forma agregadora, com o nacional estando acima do regional. Sobre o assunto, a pesquisadora diz o seguinte:

Ao se definir uma região, está se definindo as outras regiões; ao se construir uma identidade particular está se definindo igualmente quem faz e quem não faz parte desse subconjunto. Nação e região são, assim, formas similares de representação

social, conferem padrões de referência identitária, permitindo coesão social e constituição de sentimento de pertencimento, ou seja, o reconhecimento de “nós” e do “outro”. Se a identidade regional vai produzir coesão, tensões e conflitos, estes vão também estar presentes e explicitar a luta ideológica e simbólica. (NEVES, 2010, p. 46)

Tanto Gil Bert como Abel Garcia e José Carlos Júnior apresentam a literatura naturalista como o meio de se conquistar o progresso e os postos de nação, de povo e de civilização. Além disso, o romantismo é indicado como um desvio da realidade que deveria ser combatido. Desse modo, a luta simbólica, no que diz respeito à literatura naturalista, seria, segundo os articulistas do periódico *A Quinzena*, a de poder descrever a nação brasileira por meio de seus cenários, de seu povo e de seus costumes a partir do compromisso com a observação da realidade local. Nesses aspectos, estaria distante da estética romântica e absorveria as ciências naturais, como explica Gil Bert:

O naturalismo, no seu rigor de observação, de experiência, ligando intimamente a ideia com a forma, acatando a Ciência, subordinando-se de todo a Arte, elevou o trabalho, o bom senso, o gênio e desprezou a ociosidade dos parasitas que produzem um escrito como uma planta estéril dá uma linda flor infecunda. (BERT, 15 jan. 1888, p. 3)

Não à toa que, nos 12 textos ficcionais publicados no periódico, Paiva, por meio do seu pseudônimo, utiliza-se bastante da descrição para apresentar os personagens, os cenários e os objetos – que poderia nos remeter à preocupação com a forma e com o rigor da observação citados por ele. Para executar o estilo, ele se vale de elementos sensoriais, com destaque para o aspecto visual, reforçado, sobretudo, pela valorização das cores, por meio de referências diretas ou figuradas – o que Braga Montenegro (1966) chamou de “cores deliberadamente impressionistas” (p. 42). É comum entre os críticos fazer uma leitura das descrições enquanto imagem estática, seja como uma câmera, fotografia ou quadro.

Porém, não há descrições longas ou excessivamente detalhistas nos textos do periódico – também impossibilitadas pelo gênero utilizado, uma vez que são mais recorrentes nos romances. Apesar de sua produção apresentar temáticas variadas, ao confrontá-las, conseguimos verificar a repetição de temas e cenários descritos – que são recorrentes nos romances, indicando-nos que os contos d’*A Quinzena* provavelmente serviram de exercício para o romancista. Por meio das descrições, podemos inferir que provavelmente o escritor tomou como base, em alguns casos, a cidade de Fortaleza, quando trata do litoral, e o interior

cearense, ao abordar o sertão. No entanto, essa ligação com o cenário e também com os costumes cearenses é muito mais perceptível nos dois romances do escritor²¹⁰.

Como forma de conceituar o naturalismo, no segundo ensaio, *O que vem a ser uma obra naturalista?*²¹¹, a crítica ao romance de Aluísio Azevedo nos parece muito mais evidente, ainda que teça elogios. Entre os ensaístas d'*A Quinzena* era comum alternar entre a crítica e o elogio, mesmo que a análise fosse mais centrada nos desvios da obra ou do método do escritor. No caso de Abel Garcia, por exemplo, em *N'um álbum de família*, direcionado à Francisca Clotilde, o início do texto trata acerca da contribuição da escritora para a literatura brasileira, para só então dizer o seguinte:

Mas nem a esquisita delicadeza da contextura, da forma, nem a originalidade, o sainete do inesperado, que procurais imprimir em vossa poesia e em vossa prosa, vos pode reunir do defeito que, antes resultado da vossa educação estética e intelectual do que originado por imperfeição orgânica de vosso talento, ressalta em quantos trabalhos vossos tenha lido. Este defeito posso resumir nisto: a preocupação do absoluto e a inexatidão da observação, produtos legítimos do romantismo que desvirtua vossa organização de artista e da crença religiosa metafísica que impede-vos de ter clarividência das coisas. (GARCIA, 31 jul. 1887, p. 6)

A solução para o problema seria, conforme Garcia, o “método naturalista”, considerado como uma “evolução do pensamento”, devendo ter como modelos Zola e Eça de Queiroz. Abel Garcia destaca que, na literatura naturalista, era preciso o estudo dos aspectos da sociedade e da civilização brasileira, assim como da psicologia íntima e social. É importante ressaltar, porém, que não há uma indicação direta a nenhum texto da escritora, mas são listadas características gerais da obra e dos modos pelos quais ela deveria se guiar para figurar, de fato, no que ele considera a verdadeira literatura brasileira.

Já no ensaio *Um romance naturalista*, também de Abel Garcia, a crítica é a mais detalhada e direta de toda a publicação. Por meio de uma análise do romance *O hóspede*, de Pardal Mallet, o autor indica os elementos da obra, pontos fortes e fracos, para observar de que modo o naturalismo poderia ter sido mais bem construído. No romance, portanto, em vez de se concentrar apenas nas características gerais que uma obra naturalista deveria possuir, o ensaísta opta por demonstrar os traços das personagens e seus aspectos inverossímeis. A

²¹⁰ Braga Montenegro (1966) se opõe ao posicionamento de Antônio Sales (1893) em *Poliantéia* por ter afirmado que: “Nesses contos, em que se revela um espírito eminentemente observador, palpita a vida cearense em toda a sua verdade flagrante, revestida de um estilo precioso, vibrante, admiravelmente colorido – verdadeira *écriture artistique*, na deliciosa expressão dos Goucourt” (SALES *apud* MONTENEGRO, 1966, p. 34). Ao se referir à citação, Montenegro destaca que os episódios descritos estão desligados de qualquer incidência local. Em contrapartida, ainda que na maioria deles não haja uma referência direta, remete-nos, em alguns momentos, aos cenários ou mesmo costumes cearenses, ainda que não seja uma regra.

²¹¹ Texto reproduzido nos anexos desta dissertação.

diferença dos textos de Garcia com os ensaios de Gil Bert é bastante clara, mas apresenta pontos em comum. O primeiro faz uma crítica mais direta, incisiva e detalhada, apresentando explicações de como um escritor deve proceder na execução de uma obra naturalista; o segundo aponta avanços gerais que deveriam ser dados na literatura brasileira e se concentra muito mais na própria construção do conceito naturalista. Ambos, porém, enchem de elogios os que se aventuraram em romances voltados para as tendências naturalistas, tratando-os como verdadeiros precursores de uma literatura nacional. Ainda na crítica ao romance de Mallet, Abel Garcia diz o seguinte:

Mais de um trabalhador, cheio de audácia e iniciativa, tem-se insurgido contra a sua decrépita ditadura sobre o gosto público, tentando firmar o respeito pela independência intelectual, proclamando a interpretação nova e positiva da natureza, a sinceridade na arte pela manifestação espontânea da emoção pessoal do artista banindo a imitação favorecida pela ignorância do grosso público. E já vão se tornando apreciáveis no Brasil contemporâneo os resultados dessa criação ao mesmo tempo destruidora e reconstrutora. Semelhante renascimento das energias do espírito e do coração acusa-se nitidamente nas novas inteligências que, cedo desiludidas de ficções e experimentando irresistível necessidade de verdade movem-se para o estado da realidade na ciência e na arte. (GARCIA, 17 jan. 1887, p. 1)

O autor também aproveita para se diferenciar do “jornalismo sem senso crítico”, que colaboraria com a indiferença do grande público, colocando o órgão impresso do Clube junto com os demais precursores da crítica no jornalismo. Assim, crítica e ficção dentro da mesma publicação, permeada por uma série de assuntos, acabavam por exercer uma função mais ampla, além da simples divulgação dos escritores: buscavam delimitar a literatura naturalista e o conceito de nação por meio de um olhar regional.

No caso dos ensaios de José Carlos Júnior, *Apontamentos esparsos*, por ser dividido em quatro edições, aborda uma variedade maior de assuntos. Os primeiros – publicados no primeiro ano do periódico, nas edições 15 (26 ago. 1887) e 16 (4 set. 1887) – tratam sobre o realismo russo e sua independência em relação ao francês. Assim como os outros ensaístas, o autor destaca a importância de se centrar no ambiente local para se elaborar uma literatura de qualidade, voltada para a sociedade brasileira: “(...) os nossos verdadeiros Byrons hão de ter outra fisionomia, quando tivermos uma literatura, que seja filha da nossa sociedade e não hóspede dela” (CARLOS JÚNIOR, 4 set. 1887, p. 4), ou seja, quando conseguir superar o modelo europeu.

Bruno Barretto Gomide (2004), em sua tese sobre o romance russo no Brasil, aprofunda-se na análise dos ensaios de José Carlos Júnior, apresentando as fontes críticas que influenciaram a valorização dos romancistas russos no país. Isso porque, conforme o ensaio

de Carlos Júnior, o romance russo teria repercutido no francês²¹², fazendo um caminho inverso; devendo servir de exemplo para os escritores brasileiros.

O argumento da antecipação cronológica/emancipação estética dos russos, somado à identificação, na bibliografia especializada, da existência de uma escola natural, e à coincidência da recepção de obras naturalistas no Brasil – através das quais discutia-se a possibilidade da própria emancipação brasileira – criou terreno favorável à idéia de que os russos inventaram o naturalismo e seus desdobramentos. Havia luz no fim do túnel para países sem literatura. (GOMIDE, 2004, p. 123)

Portanto, conforme destaca Gomide (2004), a literatura russa apontaria para uma emancipação literária e de não dependência em relação à França, sendo os russos exemplos dos que criaram a partir de si mesmos (p. 126). Ainda que se baseasse nas correntes estrangeiras, fica claro também no texto de José Carlos Júnior o projeto de construção de uma literatura independente, com modelo próprio que deveria ser desenvolvido por meio da realidade local.

Já os dois últimos ensaios – publicados apenas no segundo ano da revista, nos números 1 (15 jan. 1888) e 6 (16 abr. 1888) –, a crítica é centrada no romance brasileiro e, mais uma vez, na necessidade de se elaborar uma literatura voltada para o aspecto local como meio de se formar de fato uma literatura nacional. “No Brasil, porém, o naturalismo foi importado da França, com todo feito e armado com todas as peças; é uma planta exótica, e é isto que constitui o principal defeito dos nossos romances modernos” (CARLOS JÚNIOR, 16 abr. 1888, p. 1). Com base no lançamento de *O homem*, o ensaísta destaca o que seriam, para ele, os erros como romance naturalista, também comuns em outras obras da literatura brasileira, em contraponto aos acertos dos Goncourt e de Tolstói, em *A morte de Ivan Ilitch*. Ao abordar a histeria da personagem central do romance de Aluísio Azevedo, Magdá (ou Madalena), José Carlos Júnior diz o seguinte:

No romance brasileiro as perturbações mentais são resultado imediato e direto da moléstia, são a própria moléstia em si, e o estado psicológico da doente, fora dos acessos, por muito tempo não sofre alteração alguma, porém as observações patológicas ocupam no livro um lugar bastante amplo.
(...) no [*romance*] de Tolstói a psicologia mórbida é o centro, em torno do qual circulam episódios da vida íntima e da vida pública dos funcionários russos, observações, estudos palpitantes da realidade, pormenores triviais, tornados épicos

²¹² Conforme Gomide (2004), essa opinião teria sido obtida por meio de uma leitura equivocada de uma nova crítica, gerada por livros de história da literatura russa acerca da *Escola Natural*, que também influenciou outros críticos brasileiros.

sob sua admirável pena; (...) no [*romance*] do Sr. Aluísio Azevedo porém a doença é tudo, condição e objeto do romance. O Brasil apenas entra ali com os nomes das localidades. (CARLOS JÚNIOR, 16 abr. 1888, p. 2)

A crítica ao modo como a tendência naturalista foi importada assemelha-se a que é feita por Gil Bert quando diz, no trecho já citado, que os escritores brasileiros “saíam era das academias com uma literatura de caso pensado (...), enxergando pelos olhos dos estrangeiros (...)” (BERT, 31 jan. 1888, p. 3). Difere, sobretudo, por meio do raciocínio acerca do modelo literário russo. Apesar de mostrar uma série de defeitos da obra de Azevedo – com destaque ao “(...) defeito que dissemos existir em todos os ensaios naturalistas brasileiros, isto é ser extraído à sociedade propriamente nacional, não ser um estudo do caráter brasileiro”²¹³ –, Carlos Júnior também tece elogios e busca conceituar o que considera como naturalismo, como forma de contribuir na execução desse projeto. Além disso, destaca a importância do romance²¹⁴, desejoso de que os costumes populares e do interior também passassem a ser temáticas abordadas. Em uma das definições da estética, ele traz o seguinte:

Em uma obra naturalista, uma ligeira particularidade relativa ao estado do céu, o vento, um som longínquo ou próximo, um fundo de paisagem, indicada rapidamente, em uma frase, no meio do diálogo ou da ação, representa um modo de ser particular nas ideias ou nas emoções.

A natureza é sempre um fator. (CARLOS JÚNIOR, 16 abr. 1888, p. 2)

Por fim, no ensaio *O que vem a ser uma obra naturalista?*, de Oliveira Paiva com o pseudônimo Gil Bert, o romance *O homem* mais uma vez é o tema de abertura; obra que traz a seguinte epígrafe: “Quem não amar a verdade na arte e não tiver a respeito do Naturalismo ideias bem claras e seguras, fará, deixando de ler este livro, um grande obséquio a quem escreveu” (AZEVEDO, 2003, p. 9). A partir da epígrafe, citada indiretamente no ensaio, Oliveira Paiva alfineta Aluísio Azevedo para apresentar sua noção sobre o tema, ainda em construção. Por esse motivo, como forma de anunciar o segundo momento do ensaio, o escritor se expressa modestamente: “(...) vejam se temos ideia clara e segura do que é uma obra naturalista. Avisa-se aos leitores que ignoramos se estamos ou não na via certa. A nossa função é simplesmente dar depoimento do que havemos sentindo, observando e experimentando” (BERT, 31 jan. 1888, p. 3). Fica evidente, nesse trecho, que o projeto não gira em torno apenas das conceituações críticas, mas inclui também as experimentações ficcionais, como ele mesmo destaca, notáveis, sobretudo nos últimos trabalhos.

²¹³ CARLOS JÚNIOR. Apontamentos esparsos (parte IV). **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 6, p. 2, 16 abr. 1888.

²¹⁴ “Não deixará por isso de ser um livro excelente, útil e fazer época na literatura brasileira; admiramos o talento de Aluísio e entendemos que *O homem* deve ocupar lugar honroso na galeria dos nossos melhores romances (...)”. Op. cit., p. 2-3.

A segunda parte do ensaio é aberta com uma referência a Diderot e sua obra *Pensamentos sobre a interpretação da natureza*, no intuito de se proporcionar uma melhor definição no campo artístico. Com base nas citações referentes à arte e à imitação da natureza, o autor consegue estabelecer algumas noções sobre o naturalismo, afirmando que a imitação da natureza se dá não através da cópia, mas na criação por meio do rigor das leis naturais: “Uma obra naturalista é como um fruto completamente sazonado, que pressupõe uma série de fenômenos perfeitamente realizados, sem teratologia, sem influência estranha” (BERT, 31 jan. 1888, p. 3). Indica, assim, que a boa execução do naturalismo ocorre com o amadurecimento de fenômenos locais, sem o desenvolvimento anômalo por meio de uma influência externa – batendo novamente no ponto de que a literatura nacional ainda era cópia da estrangeira.

Na sequência, Gil Bert critica o posicionamento na epígrafe de Aluísio Azevedo ao afirmar o seguinte: “O naturalismo é uma arte vasta, indefinida. Ninguém poderá jactar de ser um naturalista, do mesmo modo que ninguém dirá: – eu sou sábio; – porque não se trata de escolas, nem de sistema. Seria uma imodéstia” (BERT, 31 jan. 1888, p. 3). Apesar de afirmar não ter uma escola ou um sistema definido, o autor considera alguns elementos fundamentais como método de produção, comuns, de modo geral, na execução da estética naturalista. Dentre eles está a necessidade da consciência de se atravessar a sociedade que o produziu para se alcançar a natureza, criando um mundo “à sua imagem e semelhança”²¹⁵. É evidente, nesse caso, a preocupação metodológica com a observação do ambiente por meio de cenários e de personagens, condizente com o que José Carlos Júnior chamou de “um estudo do caráter brasileiro”, por levar em consideração aspectos da sociedade e da psicologia íntima e social. Esses traços são bastante evidentes nos romances: em *A afilhada* perpassa o cenário e a sociedade fortalezenses devido aos personagens envolvidos com as movimentações políticas e com as questões da modernidade; e em *Dona Guidinha do Poço* – com o sertão cearense como pano de fundo e inspirado em uma história real, de uma fazendeira de Quixeramobim²¹⁶ (Cf. PORDEUS, 2001) –, traz um espaço e personagens também característicos daquela região, desenvolvendo os embates de poder, econômicos e sociais, no ambiente sertanejo. Porém, ainda que traga as peculiaridades locais, esses embates de poder, assim como outras questões levantadas na obra, independem de um aspecto regional.

Segundo Gil Bert, uma obra naturalista poderia ser identificada por meio do envolvimento do leitor, proporcionado pela pintura minuciosa do ambiente e das personagens,

²¹⁵ PAIVA. O que vem a ser uma obra naturalista. *A Quinzena*. Fortaleza, ano II, n.2, p. 3, 31 jan. 1888.

²¹⁶ Município localizado na mesorregião dos Sertões Cearenses.

que possibilitariam uma real transformação interna de quem entra em contato com esse mundo criado num ambiente ficcional, mas que refletiria a sociedade real, brasileira.

Sem me importar com o molde do livro, entro na leitura como se me aventurasse a uma excursão minuciosa, a percorrer, por exemplo, uma floresta que me interesse até pelos seres infinitésimos, ou a visitar, no caráter de policial, uma casa onde se deu um crime que se oculta. Se canso, volto. Depois, torno.

Faço por ler o livro, guardadas as proporções de tempo, mais ou menos como ele foi escrito. Começo a viver multiplicadamente com os personagens, e sobretudo, a me apaixonar, com o autor a quem encontro de vez em quando, - pela natureza que ele pinta. E assim vou indo. E, se, depois de ler a última palavra, meditando sobre aqueles dias de convivência impalpável, eu não sofrer um vácuo nas minhas ideias; se me sentir cheio de natureza e de verdade, e for direitinho à concepção do autor, como pela fresta coada pelo telhado lóbrigo o disco do sol, então me curvo perante o autor do livro, que é mais um Deus que criou um novo cosmos para a minha inteligência e para o meu sentimento, e digo que li uma obra naturalista. (BERT, 31 jan. 1888, p. 3)

3.3 Características gerais da obra de Oliveira Paiva

A primeira tentativa de organização dos contos de Oliveira Paiva, divulgados em *A Quinzena*, partiu do crítico Braga Montenegro, mas só foi de fato publicada em livro em 1976, em *Contos de Oliveira Paiva*, organizado por Sânzio de Azevedo e editado pela Academia Cearense de Letras. De modo geral, toda a crítica ressalta que os contos ainda não evidenciam a real potencialidade do escritor, sendo muitos deles de fraca qualidade literária. É importante destacar, mais uma vez, que entendemos, assim como a crítica, os contos do periódico como um exercício para o romancista. Sobre os contos do escritor, Montenegro diz o seguinte:

O que logo se observa nessa produção breve, melhor abreviada ao poder de síntese a que propendia o estilo enxuto e incisivo do escritor, é a originalidade sem alarde, a força sugestiva dos símbolos, e o inesperado na expressão valorizando os temas, estes muitas vezes perigosos pelo abuso do cotidiano. E mais os tons narrativos ganham cores frescas, estimulantes, saborosas. (MONTENEGRO, 1965, p. 16)

Portanto, o que vamos encontrar na obra de Oliveira Paiva é uma grande preocupação com a descrição dos cenários. Porém, essa preferência pela descrição dos ambientes e das personagens prejudica, em boa parte dos contos, o desenvolvimento do enredo. Para realizar sua obra, o escritor não se utiliza de uma linguagem científicista – comum entre os que incorporaram a tendência naturalista no Brasil, a exemplo do seu colega no Clube Literário Rodolfo Teófilo. É importante perceber, no entanto, que ambos os escritores abordam aspectos da sociedade local – principal elemento para a estética naturalista eminentemente

brasileira, segundo os articulistas d'*A Quinzena* –, mas de modos diferentes, por meio de seus projetos individuais. Oliveira Paiva, muito mais envolto com o projeto literário, se centrou no desenvolvimento de uma técnica e um estilo próprios; Rodolfo Teófilo, cujo lado de cientista era mais aguçado, priorizou, em muitos momentos, a informação científica objetiva ao estilo ou mesmo ao enredo, reverberando, de modos diferentes, em seus romances e nos contos publicados no periódico.

Não há documentação de que Oliveira Paiva tenha publicado outros trabalhos no gênero conto além dos divulgados no periódico do Clube. De todos os elementos presentes nesses textos, analisados no tópico seguinte, o que mais se sobrepôs, a nosso ver, foi o pormenor visual, com uma pintura do cenário, por meio da descrição, reforçado por uma série de pormenores, como cores e texturas. Em todos os contos temos referências diretas e indiretas às cores.

Em *Corda sensível*, a preferência é pelo azul e pelo roxo, com destaque para a cena de um fardão, símbolo de imponência e poder, descansado sobre uma cadeira de balanço. Os contos *A barata e a vela* e *A paixão* variam entre o negro/escuro com o branco. *A melhor cartada* dá destaque para cores vibrantes, como o vermelho e o amarelo, com variações de roxo. *Pobre Moisés que o não foste* varia entre o amarelo, uma cor entre verde e a “cor de fogo” – por meio do bronze, do dourado, do loiro e do sol –, além do negro/preto e o cinza, quando noite ou em dias enluarados. *O velho vovô*, no ambiente praiano, varia entre o roxo-terra, do velho trapiche, com o azul do mar. O verde é destaque em *O ar do vento*, *Ave Maria!*, como a cor do fantástico, apresentando-se com outra função em *Variações de um tema de Buffon*, que traz a mesma cor em diferentes matizes, além do branco. Também percebemos o verde, de forma indireta, no conto *O ódio*, por meio do pirilampo; texto que apresenta mais tons do negro e do amarelo. Em *Ao cair da tarde*, há uma variação maior de cores, sendo citado diretamente o amarelo, o branco, o azul e o preto, ao tratar de casas e edificações, por meio de uma descrição impressionista, também apresentando o céu do final do dia formado pelo azul, o branco (“cor de leite”), o cinza e o laranja, além do azul do mar. No conto *De preto e de vermelho*, além do indicativo do título, há bastante destaque para o tom azul, enquanto em *De pena atrás da orelha* é ressaltado o marrom, por meio da “cor de café”, e o encarnado. Ainda que não tenhamos confirmação de que o conto *A hora da coalhada* seja de autoria de Paiva, já que é assinado por Amphrisio, identificamos também o aspecto visual, por meio do azul do céu misturado com um tom pardo da luminosidade, o castanho escuro no ambiente sertanejo e o branco por meio da “alva toalha de algodão”.

Em outras medidas, como será ressaltado mais adiante, temos como recorrência a infância²¹⁷, a religiosidade, ou as referências bíblicas, e a preferência, em menor medida, pelos costumes e ambientes cearenses, como a praia e o sertão²¹⁸. O tema da seca e da chuva só surge uma vez e pode ser incluído enquanto temática local – também só aparece uma vez o assunto referente à escravidão.

Da obra geral de Oliveira Paiva, Rolando Morel Pinto (1967) também listou alguns pontos mais recorrentes: a) “a objetivação de estados de espírito, a exposição de ideias morais ou a condenação de defeitos do homem e da sociedade” (p. 38); b) recorrência “a episódios bíblicos, práticas religiosas ou rituais litúrgicos” (p. 38); c) “presença dos sentidos na captação do meio físico, e conseqüente registro de, com excessos de pormenores, das variadas sensações, em destaque as visuais e auditivas” (p. 38); d) “empregos frequentes de termos técnicos e neologismos (...) e predileção pelos diminutivos” (p. 38-39). Sobre o método e o projeto literário, Braga Montenegro (1966) também nos indica a dificuldades de encontrar mais detalhes acerca do escritor:

Oliveira Paiva era um escritor que não falava de si, que não dizia de seus projetos nem de suas leituras; não escrevia diários nem cartas nos quais deixasse o rastro de suas preocupações literárias, de sua maneira de trabalhar, de suas inspirações e impossibilidades. Esteve sempre muito absorvido na realização de sua obra, no jornalismo, no ideal político em que tanto se abnegou e comprometeu a saúde. (...) Não nos deixou ele, assim, um roteiro, sequer um indício seguro de suas ideias no plano estético e suas preferências neste particular hão de ser aprendidas das intenções e tendências que lhe estão implícitas na obra, especialmente nos romances. (MONTENEGRO, 1966, p. 34-36)

3.3.1 Contos como exercício

Resgatado pela crítica Lúcia Miguel Pereira, que publicou o romance *Dona Guidinha do Poço* e levou Oliveira Paiva para figurar entre importantes nomes da literatura brasileira, o escritor é classificado pela pesquisadora como regionalista²¹⁹ – em contraponto ao modo de Tinhorão (2006) observar como se deram as manifestações naturalistas na província, nas quais

²¹⁷ Para se remeter aos personagens infantis, a maioria dos contos utiliza um vocabulário mais próprio das crianças, com destaque para o uso do diminutivo.

²¹⁸ O ambiente cearense não fica tão evidente justamente por serem curtas narrativas, mas que fica claro, sobretudo, na relação com a natureza, seja por meio da chuva, da seca ou de cenários que fogem do espaço urbano, remetendo ao sertão. Além disso, a praia evoca ao cenário do litoral cearense, ainda que indiretamente.

²¹⁹ “*D. Guidinha do Poço* (...) merece figurar em nossa literatura no mesmo plano que a *Inocência* e *Luzia-Homem*, vencendo talvez pela densidade psicológica a primeira e pela fluidez da linguagem a segunda. Mais escritor do que Domingos Olímpio, mais penetrante do que Taunay, o seu autor, Manuel de Oliveira Paiva, logrou equilíbrio raro em obras regionalistas, entre a reconstituição do ambiente e o relevo dos tipos. Ao contrário do que muitas vezes sucede, a preocupação do pitoresco não o fez dar valor sobretudo decorativo às personagens”. (PEREIRA, 1988, p. 195-196)

inclui Oliveira Paiva. Por sua vez, Braga Montenegro (1966) se opõe ao posicionamento de Lúcia Miguel Pereira, afirmando ser uma classificação imprecisa. O pesquisador diz o seguinte:

Dentro de determinados conceitos e numa classificação ampla de sua obra, Oliveira Paiva foi um escritor naturalista. Naturalista por destinação histórica – em seu meio e em sua época, esgotado o Romantismo, feito o balanço das ideias estéticas e das aspirações renovadoras que as revoluções espirituais lançaram em circulação, uma só linguagem era entendida, uma só escola era respeitada e aceita em literatura, a da observação direta; naturalista por influência de cultura – tudo a seu redor exalava experimentalismo e análise, e o caudal, cujas fontes já se estancavam na Europa, escorria impetuoso por sobre a vasta planície de nossa incipiente literatura; naturalista por apreço ao documento – em seus romances a marca da realidade documentária mal se disfarça sob o manto da transparente fantasia. (MONTENEGRO, 1966, p. 18-19)

Para Montenegro (1966), o regionalismo de Paiva seria uma “tendência de seu temperamento” (p. 20) e “reflexo de sua formação no seio de uma família e de uma sociedade com profundas tradições no ambiente rural” (p. 21), tendo sua temporada nos sertões de Quixeramobim servido de influência. Se entendermos o conjunto de sua obra, Oliveira Paiva não pode ser visto como um escritor eminentemente regionalista,²²⁰ não apenas por seu romance urbano *A afilhada* – que também poderia ser percebido, em certa medida, como regionalista pela classificação de Pereira (1988) –, mas por seus contos trazerem uma variedade que, em alguns casos, fogem do elemento exótico ou das personagens síntese do meio.

Um desses casos fica evidente no conto *Corda sensível*, com a personagem Maria, descrita por meio de suas ações que revelam uma espontaneidade infantil. Narrado em terceira pessoa e desenvolvido em três cenas, o conto se inicia com uma detalhada, e bem efetuada, descrição dos objetos do ambiente – assemelhando-se a uma pintura da realidade, como defende o ensaio de Paiva sobre o naturalismo. Portanto, a primeira imagem que surge é do imponente fardão de coronel que descansava em uma cadeira de balanço, na sala de estar, diante da janela:

A cor azul escura da casimira, sob a claridade noturna que enchia a sala, modelava macieza de veludo e fingia reflexos de roxo. Nas ombreiras do fardão poisavam as

²²⁰ Lúcia Miguel Pereira diz o seguinte sobre o regionalismo: “Para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. Assim entendido, no início do período aqui estudado, o regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao provincialismo, tendo como principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de ‘cor local’” (PEREIRA, 1988, p. 175).

dragonas maciças, de grande gala, com o seu chuveiro de torçais de ouro; e na frente o papo se escancarava, deixando ver a tela de croché, com que se costuma proteger as mobílias. A um lado corriam-lhe os oito botões, cada um crescido como um olho-de-boi... (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 4)

Ainda na primeira cena, a pequena Maria é descrita por meio da naturalidade de suas ações. Após admirar o fardão de coronel do pai, a menina, atraída pela beleza da vestimenta, decide se aproximar, subindo na cadeira. Enquanto se empenha na tarefa, ela segura um pedaço de pão com manteiga e acaba por sujar a roupa, devido à própria inabilidade infantil em alcançar o objeto. Já na segunda cena, a criada da casa encontra rimbos na roupa do coronel provocados por ratos, atraídos pela sujeira de Maria – fato que, na casa, ninguém soubera ter sido motivado por ela –, gerando um sentimento de raiva aos bichos e a caça a eles.

Na terceira, porém, em uma cena temporalmente mais distanciada das outras duas, os adultos da casa são levados à despensa devido ao barulho das crianças. Maria e seus dois irmãos pequenos se divertem, enquanto brincam com os bichinhos encontrados presos à ratoeira, que acabou por prender uma rata e seus filhotes. Encantados com a cor vermelha, eles tentam pegar e comer os ratinhos recém-paridos. Então, o que seria a morte ou a “prisão”, é o “salvo-conduto” para a ratazana devido à maternidade – transformado em um momento sublime mesmo para o duro militar, pai de Maria. Vale ressaltar que, um dos principais personagens do conto, o coronel, pai das crianças, praticamente não aparece no texto. Sua figura é projetada, quase todo o tempo, por meio da sua imponente farda de coronel.

Publicado na edição de 15 de janeiro de 1887, o conto se concentra em um período posterior à Guerra do Paraguai, o que nos possibilita situar a esfera social da família. O trecho que nos evidencia de uma forma mais nítida as relações sociais dentro da estrutura militar aparece ainda no final da primeira cena, em que surge uma colega de Maria, a filha do cabo de ordens, “que espiava para dentro, pode ser que arrastada pelo cheiro da ceia, cujos tirlintintins se ouvia” (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 4). Logo após a Guerra (1864-1870) – que contou com um total de 5.802 homens cearenses em combate²²¹ –, foi formado um elevado contingente de tropas. Com o Exército constituído, o Império tratou de intervir na escolha dos oficiais, por meio da reforma do ensino militar, sendo estabelecida uma divisão, que é espelho da própria estrutura social: de soldado a sargento, massa do povo; de tenente a coronel, classe média; e os generais, elite (Cf. TINHORÃO, 1986). Dentro dessa perspectiva, podemos observar a

²²¹ Ver em GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

distinção social e de poder representada pela patente do pai de Maria, que é coronel, e do pai da “filha do cabo de ordens” – atraída pelo jantar, provavelmente por estar com fome.

Ademais, o conto é recheado de imagens contrastantes, construídas nas descrições. Durante todo o texto, o coronel – ou os elementos que o representam – é destacado como uma figura imponente de força e de ordem, sempre relacionado ao poder. Ele está contraposto à Maria, que representa ingenuidade e simplicidade. No primeiro trecho citado, em que é descrito o fardão, podemos notar como os símbolos de reconhecimento, por meio dos cargos e patentes militares, formam uma imagem que gera deslumbramento na criança.

O autor não descreve Maria psicologicamente ou fisicamente, muito menos o coronel. Por meio das ações dela é que podemos inferir a ingenuidade empregada na personagem, assim como por intermédio dos símbolos de poder que compreendemos o papel do militar. As descrições do cenário e das ações são feitas com o objetivo de apresentar o ambiente narrado, além de situar o leitor dentro dos acontecimentos.

Durante toda ação da personagem Maria, a “célebre fatia” – que nos remete novamente à simplicidade, já que é apenas um pão com manteiga – acompanha a criança. Célebre porque será aquilo que acarreta a principal ação a ser desenrolada: a quebra do elemento de poder. É por meio de algo simples, nas mãos de uma figura inocente, que a imagem do que está aparentemente intocado é destituído do seu patamar superior. Partindo para a terceira cena, temos a pequena Maria que se junta a mais duas outras crianças: ao caçula e ao pequeno Manuel – esse último podendo representar o próprio escritor, já que possui o mesmo nome, além de estar em um contexto semelhante de oposição entre poder e sociedade. No texto, a partir do momento em que as crianças se juntam para agir inadequadamente sob o julgo dos adultos, elas também passam a ser indicadas com termos que remetem à “revolução” que estão prestes a promover. Maria é denominada como “o cabeça de motim” e os meninos de “bargados consórcios”, ao se unirem na busca pelos ratos.

O tom infantil empregado na linguagem também nos passa a filiação do narrador ao propósito de Maria. Ao fazer a contraposição da ideia do militarismo, ou de uma figura de poder, ao universo infantil e dos ratos, temos sempre o uso do diminutivo para remeter às crianças e aos bichos como: “perninhas”, “bichinhos”, “dedinhos” e “corpinho”. Abaixo, segue o trecho em que as crianças encontram os bichos:

A ratoeira não era mais de que uma cúpula de arame cozida a uma rodelazinha de pinho. Dentro, porém, havia era um bicho cinzento e uma porção de bichinhos vermelhos, da cor dos dedinhos do caçula: fenômeno raro, que provocou uma **gritaria hilariante**, aliás inconveniente, porque atrás acudiram a criada, a mamãe e

até o **coronel**, a ver o que fazia aquela **troça de quenquéns**. (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 5, grifo nosso)

No trecho, a “gritaria hilariante” – atitude infantil diante dos bichos – se relaciona à “troça de quenquéns”. O quem-quem, mais conhecido como canção ou gralha-cancã, é um pássaro que vive na caatinga, conhecido por defender o território de forma agressiva à invasão de outras espécies, sendo encontrado em grupos de três a nove aves – assim como os três filhos do coronel que se unem na despensa. Com isso, quando se trata de uma impressão advinda do coronel sobre a atitude inadequada das crianças, elas passam a ser referidas novamente a partir de termos que indicam essa espécie de agitação.

Já no momento em que a rata dá à luz – presa na ratoeira, que simboliza a prisão –, é possível observar um componente humano dado ao bicho que “saía, como um anão no meio de enormes gigantes de conto de fada” (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 5). Desse modo, a rata recebe o “salvo-conduto”, que é o termo utilizado no meio militar para o documento que permite o trânsito sob escolta policial em determinado território. Há justamente uma relação direta do termo ao que ocorre com a rata, sob os olhos do coronel, ao se encaminhar às prateleiras de queijo sem nenhuma contestação para que retorne à “prisão”. Essa liberdade parcial só é adquirida devido a “sua boa estrela de mãe”, ao deixar até o duro militar basbaque com a situação.

O coronel aparece como um personagem-tipo na posição de militar, no sentido de repreender e agir de forma dura, mesmo estando em um ambiente familiar. Temos o contraponto do repressor, por meio da dureza do coronel, com o aspecto libertário advindo de Maria, que rompe com o símbolo de poder quase que involuntariamente na primeira cena. Por outro lado, a valorização da postura militar é evidenciada no trecho em que a criada inicia a caça aos ratos que roeram o fardão quando propõe: “Ah! se o coronel pudesse estrear toda a ratagem unânime das nações na ponta de seu gládio!” (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 4).

O momento sublime, ocasionado por um fato banal em um ambiente doméstico gera, por alguns instantes, a quebra da figura dura e repressora do militar, que fica inesperadamente sensibilizado. Durante esse momento, a mãe de Maria – que é uma personagem secundária – ganha um pouco mais de destaque ao externar o sentimento materno em relação aos bichos. Apesar do momento de admiração com o nascimento, ao coronel cabe o reflexo do seu próprio papel social apenas com a possibilidade de dar uma liberdade parcial, com o salvo-conduto, à figura de ameaça representada pela rata.

Pensando na perspectiva do projeto literário de Paiva, nos planos teórico e ficcional, há uma junção clara entre o aspecto sensível e prático, representado pela infância e

maternidade e pelo militar, respectivamente. Além disso, se recordarmos o primeiro editorial d'*A Quinzena*, assinado por João Lopes, há uma crítica aos homens práticos e é ressaltada a necessidade da maior relação com a literatura e as artes; aspecto bastante reforçado no editorial de Oliveira Paiva de 31 de julho de 1887, *As conferências do Clube Literário*, do número 14 (ano I). Como destacado no capítulo dois, a árvore do conhecimento seria a tribuna e a imprensa; “o pomo é a parte feminina do ser”. Desse modo, os trechos do editorial podem nos indicar a busca pela sensibilidade dita feminina, materna e infantil, que possivelmente refletiu em sua obra, como diz o editorial:

Todos nós, mesmo na maturidade, temos um que de criança e de mulher, e feliz daquele que, ao másculo de homem voluntarioso, reúne aquelas duas doçuras. Enquanto o homem não abre as suas veias à inoculação do prodigioso filtro do sentimento, não passa de selvagem, ou quando muito, de bárbaro. Para ser nobre é preciso saber sentir. (PAIVA, 31 jul. 1887, p. 1).

O título do conto, *Corda sensível*, provavelmente se refere a uma constante contraposição, que permeia todos os planos da narrativa. A corda pode nos remeter ao torçal de ouro descrito no primeiro parágrafo do texto, que se trata de um cordão traçado nas roupas de militares de diferentes patentes. Assim, o torçal é um elemento que distingue o símbolo de autoridade, transmitindo ordem e força. Esta ordem e esta força simbolizadas serão, com a construção de pormenores, rompidas no decorrer dos acontecimentos. Porém, não há um rompimento total entre o poder e a simplicidade infantil: o militar acaba por se sensibilizar, na cena final, com a maternidade e com o nascimento.

Tomando como mote o ensaio teórico sobre o naturalismo, percebemos que, talvez por valorizar a questão da “pintura” das cenas, o elemento visual também é ponto importante, associado à infância. Na primeira cena, por exemplo, Maria “olhava extasiada” para o fardão. Para desviar a personagem do infeliz episódio em que suja a vestimenta, surgem outros olhos infantis: “brilhavam no escuro da rua, à altura do peitoral da janela, **os olhos** da filha do cabo de ordens” (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 4, grifo nosso). Por meio dos olhos, é desperta nas crianças a busca pelo contato sensorial, evidente no encontro com os “bichinhos vermelhos”, que sucede à exclamação da criada e do coronel: “Recuaram todas as mãos, e a curiosidade das criancinhas **foi achar nos olhos** delas o desejado e inviolável **refúgio**” (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 5, grifo nosso). No trecho, compreendemos que a extasia infantil, a ingenuidade e a simplicidade são o refúgio, que não pode ser violado, mesmo com a reprimenda do pai.

Independentemente do que representa para os adultos, a imagem do fardão – que traz a ideia de imponência – e dos ratinhos – de vida e nascimento –, para as crianças o elemento

visual sensível é o que gera aproximação com o objeto ou com o ser admirado. Na última frase do conto, temos o maior exemplo da extensão do visual para outros sentidos que acarretam alegria e contentamento: “a alma de criança aberta nuns **olhos admirativos**” (PAIVA, 15 jan. 1887, p. 5, grifo nosso).

No conto *A volta das andorinhas*, de 15 de janeiro de 1888 (ano II, n.1) – que mantém diálogo com o poema homônimo de Antônio Sales, da edição de 31 de janeiro de 1888 (ano II, n.2) – também há uma clara valorização da infância. Essa característica da obra do escritor é ressaltada por meio da utilização de termos no diminutivo, com os sufixos “inho(s)” e “inha(s)” aparecendo 14 vezes no conto, cujo espaço ocupado no periódico *A Quinzena* é de apenas um pouco mais de duas colunas. A referência bíblica, também recorrente na obra, aparece em uma indicação à arca de Noé e, em um segundo momento, ao tratar a chuva como “um Messias em domingo de ramos” (PAIVA, 15 jan. 1888, p. 5).

A relação com a natureza é apresentada justamente por meio da chuva, após um longo período de seca, fazendo referência à estiagem de 1877 no Ceará. Narrado em terceira pessoa, o texto abre com três personagens: duas crianças e o poeta Antonico – que podemos inferir ser Antônio Sales, não apenas por ser poeta e pela referência do nome, mas também por finalizar versejando para os pequenos *A volta das andorinhas*, poema presente na edição seguinte e que aborda chuva e seca²²².

Assim como em *Corda sensível*, a sensibilidade infantil é bastante valorizada durante toda a narrativa, seja por meio da lembrança dos mais velhos e suas brincadeiras de criança ou mesmo pela descrição das ações e curiosidade dos personagens, em que o aspecto visual, também por meio dos olhos, é bastante destacado: “(...) vendo, com os olhos, aquilo que a gente parecia até haver esquecido como era e como não era: - as chuvas” (PAIVA, 15 jan. 1888, p. 5). É por meio da chuva, tão importante para o sertão cearense, que o sentimento de satisfação une crianças, adultos e, inclusive, os filósofos, desacreditados de uma interferência divina, mas crentes no poder da natureza. As crianças, assim como Maria e os irmãos do conto anterior, promovem o barulho eufórico e animado, espontaneamente:

E o filósofo incrédulo, por instinto de gratidão à natureza, propunha a si mesmo a Onipotência de quem quer que fosse, timorato e crente pelo efeito apenas de um momento de felicidade.

A água ia minando alegremente todas as coisas, enxurrando estrênuo.
Havia uma zoada hilariante sobre o fundo maravilhoso. (PAIVA, 15 jan. 1888, p. 5)

²²² Além disso, o poema, da edição seguinte, vem dedicado ao Oliveira Paiva.

Ainda abordando o universo infantil, temos dois textos: a fábula *A barata e a vela* e o conto *Variações sobre um tema de Buffon*, ambos considerados de fraca qualidade pela crítica. O primeiro, repleto de termos no diminutivo, trata de uma barata que rói o pé da menina Maricota. Depois do acontecido, a criança sai em busca do inseto, matando-o com cera quente de uma vela. Há uma oposição entre a luz e a escuridão: Maricota na infância²²³, curiosa a caminhar com a luz da vela, e a barata. “A vela! a vela foi quem matou a barata, foi quem a denunciou aos **grandes olhos** negros da **santinha**. Olhe como a **luz** persegue aos criminosos!” (PAIVA, 15 jan. 1888, p. 5, grifo nosso). Além disso, como recorrência na obra de Paiva, temos, nesse trecho, não apenas o elemento visual associado ao personagem infantil, mas também o diminutivo “santinha”. O narrador-personagem observa os acontecimentos, mas não interfere diretamente:

Foi o espetáculo mais deliciosamente bárbaro que já presenciei!

A baratinha deitou a esfuziar com o farol aceso sobre o lombo, correndo como doida, por debaixo das cadeiras, pelo meio da casa, pelos corredores, e a meninada atrás, numa grita sublime, até ao momento em que o fogo devorou-a toda, espalhando um cheiro ruim pela casa.

Ai que Nero que eu era ante aquela viva tocha ardente!

Sim, queridas meninas, incendiai pandegamente, a coto de vela, todas essas nojentas baratinhas que, enquanto vós dormis o belo sonho da puberdade, tentam roer o esperançoso pezinho com que ides trilhar mais tarde o duro caminho da vida! (PAIVA, 4 set. 1887, p. 6).

Já o segundo, *Variações sobre um tema de Buffon*, traz no título uma referência ao naturalista e biólogo Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon, precursor de Lamarck e Darwin, destacando-se nos estudos científicos da origem das espécies. O conto se trata de uma simples história de patos chocados por uma galinha e educados por um capão. No texto, os patinhos são referidos como crianças, e o capão, associado ao padre e ao vigário da vila, preocupado com a educação do grupo. Vale ressaltar que a narrativa não apresenta grandes acontecimentos, uma vez que é destacado o cenário, por meio da descrição, composto por um açude – onde a personagem Luzia, dona dos bichos, lava roupa –, rodeado por um ambiente constituído pela natureza e por animais diversos. Na opinião de Pinto (1967), a escolha pela fábula “tira a seriedade do trabalho, que sofre pela intenção satírica” (p. 57). A nosso ver, a intensa descrição e o pouco comprometimento com as ações do enredo é o que provoca a fraca qualidade desses contos.

²²³ Um exemplo da relação da luz com a infância, também ligada com a natureza, aparece em *Dona Guidinha do Poço*, quando descreve a personagem Lalinha da seguinte forma: “Vivia, por assim dizer, na Natureza, na ave que passa, no mato que adorna o pó, na nuvem, no azul que se doira de astros, com as efusões daquele seu olhar que gerava todo o seu donaire, que buscava a luz, como o da criança, como rebento que, nascido na sombra, persegue a primeira brecha de claridade” (PAIVA, 1993, p. 100).

Outro conto em que o cenário se sobrepõe ao fraco enredo é *Pobre Moisés que o não foste*, em que, ainda conforme Pinto (1967), faltou aproveitamento da matéria, cuja “alegoria não atinge plenamente sua finalidade” (p. 57). Já Azevedo (1982) destaca a atmosfera desenvolvida com a repetição de vários sintagmas. Vale destacar, nesse caso, mais uma referência bíblica, logo evidente no título.

Envolto pela religiosidade, o conto *A paixão*, assinado com o pseudônimo Gil Bert, traz uma intensa descrição sobre um evento espiritual que, conforme constatou Pinto (1967), apresenta o mesmo assunto tratado na crônica *Quadros e Episódios*²²⁴, publicada no jornal *Libertador*. No conto, cujo espaço é uma igreja, há um elaborado trabalho de descrição do cenário, incluindo aspectos sensoriais concernentes à luz, aos sons e aos odores do ambiente. Existe uma intensa emoção e sensibilidade relacionada à prática religiosa, envolvendo todos esses sentidos, em detrimento do visual, normalmente o mais recorrido: “(...) descansava o **olhar**, que era o veículo **por onde o seu espírito mais se impressionava**, percorrendo vagamente o grande todo do templo. Tudo era vendado” (BERT, 16 abri. 1888, p. 5, grifo nosso).

Percebemos que alguns dos trechos do conto nos remetem ao romance *A afilhada*, sobretudo no que diz respeito à relação da personagem Maria das Dores com a igreja, uma vez que ela estudou em colégio de freiras e mantinha uma forte relação com as práticas religiosas. Um exemplo claro está na imensa satisfação em manter atividades espirituais, que também envolvia uma série de manifestações sensoriais. Além disso, ainda que apresente trechos bastante diferentes, algumas imagens do conto nos remetem ao romance. A figura do padre, o ambiente da igreja, assim como simples ações, como a postura durante o rito: de braços abertos ou com as mãos apertadas no peito²²⁵ e, até mesmo, as lágrimas advindas com as sensações e os sentimentos provocados pela prática religiosa.

Em *Dona Guidinha do Poço* também temos o forte sentimento de satisfação por meio desse tipo de atividade, com a personagem Lalinha, que diferia dos demais sertanejos. Assim

²²⁴ Segundo o pesquisador, as crônicas, publicadas em 1886, abordaram “a comunhão dos presos da Cadeia Pública, as novenas do Outeiro e as cerimônias da Semana Santa” (PINTO, 1967, p. 54).

²²⁵ Algumas imagens sugeridas em ambos os textos são bastante semelhantes. Uma que nos chamou atenção foi da borboleta no centro do peito, ainda que descrita de forma diferente. Evidencia-nos, mais uma vez, que os contos serviram de exercício para o romancista. No conto *A paixão*, a descrição inicial é um pouco distanciada das sensações provocadas pelo rito para só depois percebermos o envolvimento. “Daquela varanda ela assistia perfeitamente às cerimônias. (...) estava constantemente a agitar o seu grande leque de seda, que afastava-se e aproximava-se do seu coração como uma enorme borboleta negra (PAIVA, 16 abr. 1888, p. 5)”. Em *A afilhada* há o seguinte: “Abatiam-se diante dele todas as frentes. Era a benção do Santíssimo Sacramento. (...) Maria das Dores não dizia coisa nenhuma. Sentia lágrimas nos olhos, prostrada, e, mãos abertas no coração, em asa de borboleta que repousa (...)” (PAIVA, 1993, p. 167).

como no conto, os elementos sensoriais do ritual são importantes, apesar de aparecerem de forma menos intensa. Sobrepõe-se, portanto, a caracterização do homem sertanejo:

Gostava muito da igreja. Rezar diante dos santos, daqueles mantos dourados, daquelas fisionomias luzentes sob os resplendores em cauda de pavão, não distraía tanto o pensamento, os olhos da alma pelos da carne; ao passo que a oração, sem ter-se a vista nas Imagens, puxava muito pela mente, o sentido estando sempre a esvoaçar para as coisas mundanas. (...)

Em geral o cristão sertanejo, o que vai ver aos domingos e dias santos é a missa, não quer saber de mais nada. O padre não pode pregar, ler no púlpito uma excelente obra; o fiel matuto o que quer é despachar-se do Mandamento. O sermão do Vigário não serve, só o dos santos missionários que andam pelo mundo. Lalinha, não; esta não perdia a mínima exterioridade. Um manual não é nada, é um livrinho monótono com umas vinhetas chilras; na mão dela, porém, aberto para ela, e o terço, debulhado entre o retrós da sua luva, na excitação da atitude e do momento, eram-lhe de um prazer semelhante ao supremo gozo que dá um vício. (PAIVA, 1993, p. 100-101)

Além disso, Pinto (1967) verifica o aproveitamento das crônicas *Quadros e episódios*, do *Libertador*, e do conto *A melhor cartada*²²⁶, da edição de 15 de abril de 1887 (ano I, n. 7), também no romance *A afilhada*, sobretudo pelas cerimônias religiosas, como a Semana Santa e os rituais fúnebres. O conto, considerado o melhor publicado no país em 1887 por F. S. Nascimento (1981)²²⁷, apresenta uma narrativa peculiar em relação aos demais contos de Oliveira Paiva. Com um narrador observador onisciente, a narrativa apresenta três momentos, havendo duas cenas simultâneas em dois espaços: o hotel e uma procissão na rua. No primeiro momento, monótono, entre o horário do almoço e do jantar, são apresentadas as personagens. O segundo, envolto por aspectos sensoriais, com destaque para os sons e os movimentos, além das imagens, apresenta duas cenas simultâneas: uma partida de baralho no hotel e uma procissão na rua. É interessante destacar da análise de Nascimento (1981), em relação ao segundo momento, a observação sobre o modo da “pintura” das cenas: “como se munido de gravador e câmera, a audição e o olhar do narrador passam a captar os sussurros e os movimentos que se alastram e descortinam, crescendo em sua direção, tornando-se mais altos os sons e mais nítidas as figuras que integram o cortejo” (p. 30). O entendimento da descrição como uma câmera e um gravador acaba por atingir o real objetivo do Oliveira Paiva ensaísta, de representação do real.

²²⁶ PAIVA. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n.7, 15 abri. 1887, p. 5-6.

²²⁷ “No plano nacional, Oliveira Paiva se antecipava a Afonso Arinos, em Minas Gerais, e a Valdomiro Silveira, em São Paulo, que em 1887 tinham, respectivamente, 19 e 14 anos, quando o escritor cearense já havia chegado aos 26 anos de idade. (...) Dentro da linha sincrônica estabelecida, admite-se que, com a ‘Melhor Cartada’, Oliveira Paiva tenha produzido um dos mais expressivos contos publicados no país em 1887. Concorreu para isso o fato de Machado de Assis, já consagrado como o maior contista brasileiro, haver comparecido à imprensa do Rio de Janeiro com apenas três curtas narrativas, em que não se repetia a sua exponencialidade no gênero”. (NASCIMENTO, 1981, p. 18-19)

Porém, o destaque do conto se dá não apenas por essa característica, mas também pelo desenvolvimento do suspense do enredo e da forma de utilização dos pormenores, que culminam no ápice da ação final. Um dos personagens do hotel, envolto no jogo de cartas com os demais hóspedes, “ia puxar a melhor carta de sua vida” (PAIVA, 15 abr. 1887, p. 6), enquanto, do lado de fora, ocorria a procissão do Senhor Morto de um dos jogadores daquela sala. O suspense, destacado por Nascimento (1981), se dá exatamente pela estruturação da narrativa que nos faz inferir que um daqueles jogadores estava fadado à morte, sendo os pormenores fundamentais para dar breves noções de qual deles seria, no caso, o capitão Dionísio, evidente no momento final:

E bateu na mesa com a mão cerrada. A carta saltou lá. Era o coringa. E ele embiocou de braços como se o tivessem quebrado pelo meio. Os parceiros recuaram horrorizados, vendo aquele homem cair de repente para diante. (...) — Não há dúvida. Bateu o trinta e um! (PAIVA, 15 abr. 1887, p. 6)

A ambiguidade do trecho ocorre, claramente, porque a expressão é um eufemismo utilizado para uma pessoa que morreu, também comum em brincadeiras infantis, como esconde-esconde, em que se deve “bater o 31” para ganhar a partida, além de ser o nome de um jogo de cartas em que, para vencer, o jogador deve somar 31 pontos.

Além das observações de Nascimento (1981), podemos entender a procissão, paralela ao jogo de cartas, como um momento de transição de morte de Dionísio, com os jogadores do hotel em uma situação que não fosse de vida, quase como o Dionísio mitológico. Isso porque a procissão, tão cheia de imagens vibrantes, mais se assemelha, em alguns momentos, a um evento bastante pulsante para um cortejo fúnebre, como uma festa à morte. Apenas com o silêncio do cortejo, por fim, é que se constata de fato a morte do jogador. A cena da procissão é repleta de elementos sensoriais:

Ao longe avistou-se como uma brasa vermelha muito em baixo, e mais outra, e mais outra. Ouviram-se as pancadas secas da matraca. As brasas multiplicavam-se em número e intensidade, e enfileiravam-se umas por trás das outras formando um corpo comprido, para cada cordão de casaria. Eram duas serpentes de elos de fogo esses grandes bagos de luz amarela e coada. Os focos tinham movimento oscilatório, manquejando e avançando imperceptivelmente, com a mansidão de um enterro. Mais para longe, como pulsações de um coração gigante, palpitava o compasso do bombo, no funeral, como subindo de um subterrâneo. (...) A rua estava cheia, de lado a lado. E no meio alongava-se um vácuo entre confrarias. Adiante, via-se constantemente a massa de espectadores ir abaixando-se para ajoelhar. A matraca estralejava seca e constantemente, e, de espaço, a voz aguda e terna de uma criança partia não sei de onde, como seta, modulando: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et vide te se est dolor sicut dolor meus*. (PAIVA, 15 abr. 1887, p. 6)

Se nesse conto o suspense fica evidente, em *O ar do vento, Ave Maria!*, o fantástico é o aspecto mais relevante, característica ressaltada pelos pesquisadores Pinto (1967), Azevedo (1985) e Vicente de Paula Júnior (2008)²²⁸, esse último destacando ser o primeiro conto fantástico da literatura cearense. A técnica de descrição mais uma vez é explorada, mas, nesse caso, para criar uma atmosfera fantástica, mesclando com o aspecto regional da história da burra sem cabeça. Conforme a história popular, a amante do padre, depois de morta, ganhava a forma de uma mula, ou burra, sem cabeça. A narrativa de Paiva, dividida em duas partes, primeiramente gira em torno do ataque a uma onça pelo narrador-personagem, que constrói a narrativa por meio de um monólogo. No segundo momento, gera-se o sentimento de dúvida com uma possível “visagem”, da burra de padre.

Já o conto *O ódio* apresenta uma temática diferente da dos demais, além de a ação das personagens ganhar destaque em detrimento das descrições – apesar de também serem bastante utilizadas. Narrado em terceira pessoa, tem como pano de fundo a questão da escravidão²²⁹. Logo no início do texto, temos a apresentação do ambiente e dos dois personagens principais: o escravo e a onça.

Junto à amurada engoiava-se uma gaiola de paus, onde, como um pêndulo, sombras de velas e cordagens iam e vinham vagarosamente ao bel prazer da flutuação. Rondava dentro da jaula um gato maior que um cachorro grande. Perto, quando clareava, reluzia o olhar de um negro, acocorado no sopé do mastro, com as mãos cruzadas abarcando os joelhos. Via-se bem o animal preso, movendo-se com pés de seda e garbo de mulher. Passeava desdenhosamente. Amarelo fulvo, lindamente mouriscado com patacos pretos, como não há veludo. Quando alguém aproximava-se, a fera largava uma roncaria por entre presas, e dava botes nos paus, explodindo bufidos espantosos. (PAIVA, 1887, p. 5)

A condição de prisioneiro de ambos faz com que o escravo sinta-se identificado com o bicho. Essa relação aparece descrita sempre em meio aos pensamentos do personagem. Diante do naufrágio da embarcação, a atitude do negro foi a de possibilitar a liberdade do animal que, logo após solto, o atacou ferozmente. Mesmo diante do ocorrido, a simpatia à onça permaneceu: “Amava-o porque o bicho indicava ser insensível ao amor. E foi um grande prazer desaparecer da vida deixando em seu lugar um bruto que era uma concretização do ódio, humor necessário à vida social (...)” (PAIVA, 31 mai. 1887, p. 6).

²²⁸ Ao se referir à utilização da cor verde, o pesquisador diz o seguinte: “O mais interessante é que, na hora de descrever seu ‘espaço fantástico’, utilizou uma técnica semelhante à de Allan Poe em ‘Eleonora’, o que fez com que não se detivesse apenas no uso do *preto*, abrindo caminho para uma nova coloração” (PAULA JÚNIOR, 2008, grifo do autor).

²²⁹ É importante ressaltar que se trata apenas de um pano de fundo, sem qualquer abordagem panfletária comum na sua produção anterior à da revista.

Em contrapartida, no caso do conto *O velho vovô*, publicado na edição 4 do ano 1, o enredo é negligenciado. Narrado em primeira pessoa, ganha espaço a descrição detalhada do ambiente em que está localizado o velho trapiche – apresentado no intervalo de descida e, depois, de subida da maré.

O trapiche estava no seu antigo posto de honra, suspenso por uma elevada escada, a cujos pés havia poços deixados pela maré, que se retraíra, e o oceano parecia magro, com os arrecifes à mostra, fugindo timoratamente, encolhido, medroso da terra. (...) Pausadamente, homens quase nus, de tanga e ceroula curta à guisa de calções, entravam pelo mar adentro e abeiravam-se, com água pelos peitos, dos lanchões que oscilavam apenas, carregados de mercadorias. O calor do sol untava de suor a esses trabalhadores, de linda musculatura atlética, que suspendiam fardos, com admirável precisão mecânica, e traziam-nos para o seco. Outros, em movimento contrário, embarcavam algodão e café e couros, desempilhando altas montanhas de gêneros acumuladas pela areia, entre latadas de escaleres e esqueletos de lanchas velhas. (...) (PAIVA, 28 fev. 1887, p. 6)

O texto nos remete a uma breve cena do romance *A afilhada*, cuja descrição no ambiente da praia traz um trapiche, também suspenso e de mesma cor, roxo-terra, além do movimento da maré, incluindo na cena os trabalhadores da alfândega que carregam fardos.

O cocheiro não quis passar por debaixo do trapiche, cujo conjunto roxo-terra animava-se na areia e metia pelo mar uma ponte suspensa por grossa e longa estacada, muito nua e alta com aquela maré tão seca. Subia um frescor salgado dos poços que a maré deixara, e o arrecife, com uma parte no seco, abrolhava negro e áspero entre espumas e verdes ondas. (...) Os trabalhadores que entravam mar adentro com fardos para os lanchões andavam como o pai Adão, apenas com uma guisa de tanga e, vês de folha de parreira. (PAIVA, 1993, p. 174-175)

O conto *Ao cair da tarde* apresenta uma natureza poética bem descrita, mas traz um fraco enredo, abordando o sentimento de vazio, provocado com o fim de tarde, assim como com a morte, com a visita de um jovem e de um velho a um cemitério; a sensação de preenchimento surge ao final do conto, com o interesse amoroso do jovem. Como traço do elemento local, o texto traz referência a personalidades cearenses, como General Sampaio e Senador Pompeu, além da natureza do norte do país, a exemplo da floresta de cajueiro – planta típica da região. Novamente, o elemento sensorial é destacado, sendo ressaltada “a vista e o ouvido” (PAIVA, 31 jan. 1888, p. 5).

Por fim, restam dois contos do periódico assinados pelos pseudônimos Gil e Gil Bert, respectivamente: *De preto e de vermelho* e *De pena atrás da orelha*, esse último, uma clara continuação do primeiro. *De preto e de vermelho* apresenta, em um primeiro momento, uma descrição de uma jaqueta caída sobre uma cadeira, remetendo ao conto *Corda sensível*, mas

sem a mesma imponência. Se o fardão do coronel tinha “botões de ouro” esse, em contrapartida, possuía “botões de papelão”. A falta de poder e de dinheiro do personagem é demonstrada, nessa primeira cena, por meio de suas vestes simples e pobres: “A camisa, toda manchada, como se fora de um assassino, esparramava-se no pó” (BERT, 23 fev. 1888, p. 3). São três momentos no conto: uma primeira descrição do cenário; um segundo, com a ação, durante um baile de máscaras sonhado pelo protagonista, num típico sarau em um salão cearense, com o espaço descrito pelo narrador observador onisciente; e, o último, o momento em que desperta do sonho.

De pena atrás da orelha é como uma cena subsequente ao momento em que o rapaz, protagonista do conto anterior, desperta. O cenário descrito inclui o bagunçado quarto do jovem, com a sua movimentação para se vestir e ir ao escritório. Porém, os pensamentos, ao sonhar acordado, o acompanham. Há uma detalhada descrição do trajeto a ser cumprido até o trabalho, por meio de um cenário urbano, com imagens dos ambientes, prédios e pessoas com quem o rapaz esbarrava rotineiramente. De volta à realidade do quarto, sente a angústia de ter que, de fato, partir para mais um dia no escritório: “(...) naquela negação absoluta pelo trabalho, ele suspirava ardentemente, imprecativamente, como desgraça, do rico do inferno vendo Lázaro no céu: - Deus, oh Deus! Porque não me fizeste empregado público?!” (BERT 23 fev. 1888, p. 4). Finalmente, há uma breve descrição do quarto vazio.

A nosso ver, os contos não fecham por aí. Na edição de 16 de abril de 1888 (ano II, n. 6), identificamos uma série de traços semelhantes no conto *A hora da coalhada*, assinado por Amphrisio, que nos parece uma continuação desse último texto. Como se trata de um pseudônimo desconhecido, inferimos possivelmente se tratar de Oliveira Paiva, já que inúmeros elementos nos remetem à escrita do autor, ou mesmo de algum jovem escritor inspirado nos textos anteriores do gerente do Clube Literário.

Para entendermos como isso ocorre, faz-se necessário recorrer aos dois contos citados. Em *De preto e de vermelho*, o texto começa com o rapaz acordando para o trabalho, assustado com um relâmpago, que “foi como a voz do patrão que o despertasse com todas as peripécias de um carão em regra” (BERT, 23 fev. 1888, p. 3). A narrativa gira em torno dos sonhos do personagem, que ocorrem enquanto ele tenta se levantar e se arrumar para mais um dia de trabalho. Portanto, acaba com o personagem se lamentando do trabalho e com uma última cena do quarto vazio.

O conto de Amphrisio começa justamente com o rapaz em seu ambiente de trabalho; e os elementos descritos nos remetem ao mesmo ambiente do empregado anterior, além de ambos estarem em uma época chuvosa. Em *De pena atrás da orelha*, temos: “o escritório, o

pavoroso, o soturno escritório com a sua carteira bestial, com os seus livros sem inteligência e a sua pena sem luz...” (PAIVA, 23 fev 1888, p. 1). Um trecho da cena final, diz o seguinte: “Maldita caneta, livros cínicos do comércio! A Inquisição não se lembrou desse tormento pavoroso!” (PAIVA, 23 fev. 1888, p. 2).

Já a abertura do conto de Amphrisio, *A hora da coalhada*, traz esse trecho: “Vergado sobre um grosso livro que tinha aberto na minha carteira somava enfadonhas parcelas de algarismos, quando entrou a chover” (16 abr. 1888, p. 3). Como no primeiro conto traz livros do comércio, faz com que remetamos aos algarismos do livro desse terceiro conto. Ainda no conto do pseudônimo desconhecido, diz o seguinte: “Eu me via privado de prosseguir no trabalho, mas hesitava em levar **a pena à orelha** e a mão ao queixo, porque o patrão, silencioso e carrancudo, conservava-se em sua banca (...)” (16 abr. 1888, p. 3, grifo nosso). A nosso ver, ao falar da “pena trás da orelha”, há uma referência clara ao conto de Oliveira Paiva, assinado como Gil Bert, assim como a figura do patrão carrancudo. Além disso, observamos que ambos tratam do momento do almoço no escritório. No texto de Gil Bert, trata-se de um sonho com o escritório ideal:

Do cantinho da prensa do copiador, entretanto, saía, distintamente, uma senhora... aquele escritório era dele agora... que ventura, ele se transformava no patrão... aquela era a esposa dele que vinha reforçá-lo com os segredos do seu ser... chamava-o para almoçar, e ele voltava-se risonho: — Já vou. Os livros e as penas agora para ele chegavam a sentir: não tinham inteligência, nem luz, mas eram os seus amigos... (BERT, 16 abr. 1888, p. 1).

No texto assinado por Amphrisio, o almoço quebra um sonho do lugar ideal, momento em que ele se recordava da vida no sertão: “(...) o relógio do escritório, mui pachorrento e fanhoso, anunciava dez horas do dia, e a criada chamava-nos para o almoço.” (1888, p. 4). No conto de Gil Bert, quem chama para o almoço é a esposa, por se tratar de um sonho. Nesse último, quem avisa sobre a refeição é a criada, por se tratar da realidade. Nos três contos, a narrativa está entremeada pela realidade e pelos sonhos (ou lembranças) do personagem. Também há o mesmo lamento sobre o trabalho no escritório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reflexo do afastamento do poder central reverberou durante séculos no Ceará e até hoje tem seus efeitos. Restou aos intelectuais filhos das terras alencarinas buscarem caminhos que pudessem dar voz e espaço à província nos diferentes campos necessários para o seu desenvolvimento, muito além do econômico e do social, mas também do cultural. Não à toa que as atividades literárias brasileiras no século XIX se manifestaram de forma mais intensa nas regiões que concentraram o desenvolvimento econômico.

Ademais, a historiografia literária também costuma embarcar nos navios que batem na costa cearense e dão meia volta, sem buscar compreender as contradições do projeto moderno, que contemplava as províncias de forma desproporcional. Pioneiro da imprensa literária no Ceará – mas já muito atrasado, se comparado com as manifestações nacionais –, o Clube Literário e seus membros, entusiasmados com a conquista da abolição, tentaram aproveitar os impulsos modernos que guiavam o Brasil, deixando marcas importantes nesse percurso ao servirem de referência para as manifestações seguintes, a exemplo da Padaria Espiritual.

No papel de coadjuvantes de um processo nacional, reproduziram o pensamento de uma elite, que, na busca pelo desenvolvimento e pelo progresso moderno, de construção de uma civilização aos moldes europeus, promovia embates contraditórios de exclusão do que estava fora do centro. De dentro de uma província que estava longe de ser interesse do poder central, propagar esse tipo de relação poderia significar, em certo sentido, o próprio fracasso.

O projeto do Clube Literário englobava uma elite e projetava um progresso ainda inexistente na província como um todo. O foco era Fortaleza, capital das transformações. Mesmo integrando esse contexto contraditório, é por meio da atividade dessa elite intelectual que temos acesso a diferença entre litoral e sertão: todos os escritores do periódico aproveitaram das peculiaridades locais para produzir literatura; não apenas Rodolfo Teófilo com suas tragédias da seca ou Oliveira Paiva com sua *Guidinha sertaneja* e suas personagens urbanas de *A Afilhada*; Juvenal Galeno, por exemplo, ganhou destaque por meio da poesia popular e Antônio Sales também cantou a própria terra. Portanto, na tentativa de se integrarem a um movimento maior, conseguiram apresentar características particulares na produção literária. No caso de Oliveira Paiva, no entanto, foi necessário o resgate de seu principal romance 60 anos depois de sua morte para que sua posição de agitador de uma vida literária pudesse ser revisitada nos periódicos da época em que viveu.

Se entendermos o Brasil como periferia de um mundo “civilizado” moderno, a província do Ceará poderia ser percebida como a periferia da periferia, cujas atividades pouco efeito teriam gerado em um processo nacional. Os integrantes do Clube Literário, cientes dessa diferença, não buscaram apenas se tornar centro: reconheciam seu atraso e combatiam o tratamento secundário, também nos campos político e econômico.

Portanto, o desenvolvimento deste trabalho nos permitiu refletir sobre os caminhos do periódico *A Quinzena*, integrado a uma imprensa literária em construção no âmbito nacional, mas presa a uma conjuntura cultural peculiar, cujos processos ocorriam naturalmente mais lentos. A questão não é apenas entender o que leva uma província tão pobre como o Ceará a ter uma vida literária menos agitada apenas que a da Corte – até porque, afora o Rio de Janeiro, praticamente todo o resto também era “periferia” –, mas perceber quais acontecimentos possibilitaram a tentativa de construção de uma cultura literária local que também buscava estar integrada ao sentido de nação, entendendo que essa relação fazia parte de um projeto nacional.

Na tentativa de se produzir conhecimento, os escritores do período questionavam as reais funções da imprensa em meio a um mar de analfabetos. Desse modo, antes de serem vistas como áreas necessariamente concorrentes, perceber os pontos de contato e, principalmente, de diferença entre o jornalismo e a literatura foi fundamental no entendimento da necessidade da formação de um público leitor.

Ao analisar detalhadamente as seções do periódico *A Quinzena*, podemos entender os processos que guiaram o projeto coletivo em torno de uma demanda nacional, mas que buscava, antes de tudo, dar respaldo à produção local, por meio de uma intensa vida literária. Nas seções da publicação, ainda que se misturem textos opinativos sobre política, ensaios teóricos científicos, artigos noticiosos e anúncios, o espaço da literatura é sempre bem demarcado: em todas as edições há um poema, um conto e um ensaio crítico literário. Talvez o grande problema estivesse na ingenuidade desses intelectuais em sobrepôr a literatura às demais áreas em uma busca pelo desenvolvimento da província, objetivo evidente nos editoriais.

No periódico, é possível identificar pontos comuns com os demais impressos da imprensa literária brasileira do século XIX, mas também traços peculiares, como a busca pela construção de uma identidade própria no sentido de “ser cearense”. Para isso, a incorporação das tendências teóricas se dava por meio da adaptação às demandas para a construção dessa identidade, sempre com a perspectiva positiva em torno dos potenciais cearenses. A mulher cearense, portanto, é vista como superior à francesa por estar integrada ao homem nos

momentos críticos de seca, por exemplo. O cearense, de modo geral, é tido como forte, por conseguir sobreviver a todas as agruras mesmo diante do descaso do poder imperial e, ainda assim, apresentar avanço econômico e social, em alguma medida.

Além disso, os ensaios críticos de literatura revelam a preocupação em se desenvolver uma literatura nacional que não apenas importasse as tendências europeias, mas que pudesse ser condizente com a sociedade brasileira. Por meio dos ensaios acerca do naturalismo, observamos que a opinião dos articulistas era consonante no sentido da necessidade de uma produção original, embasada pela observação das produções nacionais e estrangeiras.

Desse modo, se em alguns aspectos o periódico age apenas como uma colônia que busca atender as demandas da metrópole, no sentido de se buscar a integração nacional, de interesse do Império, em muitos outros apresenta uma produção crítica e original. É na busca por uma literatura brasileira que vemos o nascer de uma literatura mais propícia a uma demanda local, como identificamos com Tinhorão (2006), ao delimitar os traços das tendências naturalistas nas obras de escritores ligados à vida literária da província cearense.

Essa produção naturalista de maior destaque só veio se constituir, efetivamente, após o fim do periódico. Nas folhas d'*A Quinzena*, as tendências literárias ainda não estavam bem definidas. Nesse sentido, Murari (2011) nos apresenta características da transição do romantismo para o realismo, também observadas na produção local:

No Brasil, a marca da transição do romantismo para o realismo foi sobretudo a ampliação da veia descritiva, sob a ascendência do método científico. O pendor nativista da literatura brasileira, expresso na tematização das realidades locais, através das quais seriam fixados e documentados tipos humanos e paisagens particulares, era doravante empregado na perspectiva do regional, ou seja, a escrita literária passou a ser guiada pelo ambiente que se representava. Nesse contexto, o modelo naturalista ajudou a conformar a incorporação à literatura dos modos de vida daqueles homens que viviam em estreito contato com a natureza. O traço realista do regionalismo pós-romântico, que produziu uma visão tantas vezes negativa da vida no meio rural, conviveu com a tendência de mitificar o sertanejo e sua terra, e com a busca do registro, reconstituição e valorização do folclore regional, no sentido de incorporar à cultura literária a narrativa oral. Daí a prática sistemática da pesquisa, da observação dos usos e costumes locais, e a busca da reprodução da linguagem oral na literatura (...) (MURARI, 2009, p. 198-199)

A preferência pela descrição é um dos traços presentes na produção literária de Oliveira Paiva, que tinha como meta a aproximação com a realidade local, e é o que faz, por outro lado, a crítica demarcar um caráter regional à sua obra. A leitura dos ensaios críticos sobre o naturalismo, porém, possibilita-nos o entendimento das relações do projeto individual do escritor dentro do projeto coletivo do grupo, que só pode ser mais bem compreendido com a observação dos seus romances. Portanto, é por meio dos primeiros passos da imprensa

literária provinciana que a literatura naturalista e, também, a produção regionalista, que ganhou destaque já no século XX, puderam ter seu sustentáculo.

Em relação à tendência naturalista, percebemos que a influência da crítica produzida no periódico do Clube foi fundamental para a produção dos escritores cearenses, como demonstramos no último capítulo. Foi possível, desse modo, observar a integração do projeto coletivo com os projetos individuais, que davam destaque às ciências naturais, nos outros campos, e à literatura naturalista, entre os redatores que se destacaram na produção ficcional.

Verificamos, assim, que além de nos dar acesso a uma produção pouco conhecida de Oliveira Paiva e de outros escritores, *A Quinzena* atende ao papel de formação de uma literatura e de uma imprensa, constituindo, também, um público leitor. Além disso, dá impulso à vida literária nortista e às produções fora do centro, na construção da modernidade nacional. O periódico, colocado como um “castelo de esperanças” por João Lopes, no editorial de abertura, pode não ter conquistado todas as grandes pretensões que projetava, mas, certamente, lançou bases para as manifestações culturais e foi porta de abertura para importantes escritores da literatura brasileira.

Tabela 3: Artigos publicados em *A Quinzena*

Título	Autor	Assunto	Edição	Observações
<i>Preliminares</i>	João Lopes	Sobre a proposta do grupo. Aborda literatura, política, escravidão, educação e religião no Ceará	I-1	Editorial
<i>Origem da palavra Ceará</i>	Paulino Nogueira; Capistrano de Abreu	Investigação histórica e etimológica	I-1, 2, 5	Texto de Paulino Nogueira em I-1 e I-2
<i>Lumen-Numen</i>	Virgílio Brígido	Remete-se a elementos da natureza	I-1	Soneto petrarquiano
<i>Corda sensível</i>	Oliveira Paiva	Conto sobre a naturalidade infantil em contraponto à dureza militar	I-1	—
<i>O Regresso</i>	Juvenal Galeno	Poema sobre a preferência pelo campo em contraponto à cidade	I-1	Canção

<i>Os Quinze Dias</i>	Antônio Martins; João Lopes	Crônica de temas variados: política, projeto moderno, cotidiano e notícias culturais	I-1, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 18, 20; II-6	Assinada por Antônio Martins apenas na primeira edição
<i>A Escola</i>	Justiniano de Serpa	Poema sobre o papel do livro e da educação	I-1	–
<i>Crianças</i>	José Olímpio	Poema sobre a felicidade do lar com as crianças	I-1	–
<i>Expediente</i>	Redação	Sobre a receptividade d' <i>A Quinzena</i> na imprensa e perspectivas	I-2	Editorial
<i>A mulher cearense</i>	Abel Garcia	Justificativa científica, pelas ciências naturais, para a superioridade da mulher cearense e do caráter do povo dessa província	I-2, 3, 4	Ensaio aborda seca, abolição, evolucionismo, determinismo, positivismo
<i>O bem-te-vi</i>	Bruno Jaci	Conto memorialista	I-2	–
<i>Maria de Barros</i>	Juvenal Galeno	Relação amorosa de dois pássaros na construção do ninho	I-2	Poema
<i>Milton e as fases de sua vida</i>	Dr. Guilherme Studart	Sobre o escritor John Milton; aborda tratado sobre a educação	I-2	Artigo
<i>O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará</i>	Paulino Nogueira	Sobre a tentativa civilizatória jesuítica, aceitação e resistência das tribos indígenas e assassinato do padre	I- 3, 4, 5, 6, 7, 8	Ensaio aborda história, etimologia, religião
<i>Duas palavras sobre a psicologia etnográfica</i>	Farias Brito	Desenvolve noções teóricas da escola etnográfica para chegar aos conceitos das ciências naturais	I-3, 4	Relação entre indivíduo e sociedade (direito, moral e religião)
<i>Íntima</i>	Bruno Jaci	Poema sobre o amor	I-3	Escrito em 27 de fevereiro de 1884
<i>Formosa</i>	Martinho Rodrigues	Poema idealiza as formas físicas femininas	I-3	Soneto petrarquiano
<i>História de uma gaivota</i>	Virgílio Várzea	Analogia entre a história triste da ave com a da sua musa	I-3	Miniconto
<i>O ar do vento, Ave Maria!</i>	Oliveira Paiva	Conto sobre credence popular	I-3	–

<i>A educação moral das crianças na escola</i>	Francisca Clotilde	Artigo sobre educação moral e avanços da civilização; religião na formação do caráter; papel do professor	I-3	Destaca o amor às ciências naturais na busca pelo bem e pela verdade; trata da pureza da infância
<i>Da Corte</i>	Mário	Crônica de notícias de ações e eventos culturais do Rio de Janeiro	I-3, 5, 7	–
<i>A ética</i>	Virgílio Várzea	Descrição de uma mulher frágil e doente até a sua morte	I-4	Conto
<i>Messalina</i>	Martinho Rodrigues	Relação negativa entre mulher e política; faz referências às figuras políticas romana e grega	I-4	Soneto
<i>O velho vovô</i>	Oliveira Paiva	Descrição de um velho trapiche e lembrança saudosa do vovô	I-4	Conto
<i>Inânia Régia</i>	Virgílio Brígido	Poema aborda patriotismo e política	I-5	Soneto alexandrino
<i>Planos futuros</i>	Martinho Rodrigues	Poema sobre crianças planejando o futuro juntos	I-5	–
<i>Ignéz</i>	Virgílio Várzea	Conto sobre a beleza de uma jovem descrita por um artista moderno	I-5	–
<i>A carta</i>	José Olímpio	Poema sobre a alegria extrema ao se receber uma carta	I-5	–
<i>A mulher na família</i>	Francisca Clotilde	Sobre a importância da mulher na sociedade por meio da educação dos filhos; destaca a dependência feminina	I-5, 6	Artigo apresenta mulheres revolucionárias da história, mas reforça o protagonismo no lar
<i>O papel da poesia</i>	Farias Brito	Ensaio sobre literatura, ciências naturais e filosofia; ressalta a natureza, a ciência e o contato artístico	I-6, 7, 8, 9	Trata a poesia como a verdadeira interpretação da vida; aborda o naturalismo, o realismo e a modernidade
<i>Jesus</i>	Virgílio Brígido	Poema sobre escravidão, liberdade e amor	I-6	Soneto petrarquiano

<i>Morfético</i>	Virgílio Várzea	Conto com descrição detalhada das doenças físicas do protagonista	I-6	Ateísmo versus religiosidade
<i>Uma observação</i>	L. Cabral	Discussão sobre retórica e estética	I-6	Artigo
<i>Estrada à fora</i>	Virgílio Várzea	Relação entre natureza e política por meio da descrição do ambiente	I-7	Conto
<i>A paixão</i>	Rodolfo Teófilo	Poema sobre a transformação do carinho em paixão; natureza reflete os sentimentos	I-7	Poema de 1886; dodecassílabo
<i>A melhor cartada</i>	Oliveira Paiva	Narra duas cenas paralelas interligadas: a procissão do Senhor Morto e jogadores de baralho num hotel	I-7	Conto
<i>Mors Amor</i>	Jane Davy	Conto sobre um amor platônico	I-7	Crítica ao preconceito em relação à posição social
<i>O primeiro filho</i>	Juvenal Galeno	Poema sobre a dor da perda de um filho; contraponto entre a alegria do nascimento e a tristeza da perda	I-8	Poema; verso sáfico
<i>Contraste</i>	Antônio Martins	Poema sobre a hierarquia do branco sobre o negro determinada desde o nascimento	I-8	Soneto petrarquiano
<i>Deserto</i>	Francisca Clotilde	Poema sobre vazio e degradação relacionados com os sentimentos amorosos	I-8	Soneto petrarquiano
<i>O Manoel Basta</i>	Virgílio Várzea	Conto com descrição sobre vida e morte do protagonista	I-8	Aborda a estrutura econômico-social: indústria do algodão e escassez posterior
<i>Origem da palavra Aquiraz</i>	Paulino Nogueira	Ensaio sobre história e etimologia de um município cearense	I-9	Trata dos nomes de outras cidades do Ceará
<i>A mãe louca</i>	Antônio Sales	Poema sobre o amor materno incondicional	I-9	Soneto petrarquiano

<i>Aqui</i>	Bruno Jaci	Poema sobre o desejo pelo eterno em algo que é efêmero	I-9	Referência a Sully Prudhomme
<i>Pobre Moisés que o não foste</i>	Oliveira Paiva	Conto sobre o nascimento de um filho indesejado pelo pai	I-9	Faz referência à história bíblica de Moisés ao ser lançado no riacho
<i>Nobre</i>	José Olímpio	Conto sobre a condição de nobreza moral de uma menina pobre	I-9	–
<i>Brincar com cinza</i>	Francisca Clotilde	Conto sobre o retorno de um amor antigo	I-9	–
<i>Mariposa</i>	Jane Davy	Poema compara a paixão com a mariposa seduzida pela luz	I-9	Soneto petrarquiano
<i>A Quinzena</i>	Redação	Sobre o sucesso das edições; perspectivas de mudanças; imprensa, progresso e modernidade	I-10; II-1	Editorial
<i>A jangada</i>	Paulino Nogueira; Dr. Guilherme Studart	Sobre surgimento e usos da jangada; história e etimologia	I-10, 11	Nogueira atribui o surgimento ao Ceará; Studart contrapõe
<i>A Canção de <Tragadalbas></i>	Antônio Sales	Poema em referência ao melodrama do escritor francês Auguste Vacquerie	I-10	–
<i>Sehnsucht</i>	Bruno Jaci	Poema sobre ilusão e vazio; natureza reflete sentimentos	I-10	Soneto alexandrino
<i>O jornal</i>	Justiniano de Serpa	Poema de homenagem ao aniversário do <i>Libertador</i>	I-10	–
<i>O ódio</i>	Oliveira Paiva	Conto sobre os sentimentos de um escravo	I-10	–
<i>O filhinho do Pery</i>	Antônio Sales	Poema de homenagem ao filho falecido de Antônio Martins	I-10	–
<i>Estatuetas</i>	Antônio Martins; Pery	Trechos de poemas, contos e crônicas ligados por uma mesma temática	I-10, 11, 16	–

<i>Victor Hugo</i>	Francisca Clotilde	Texto de homenagem sobre vida e obra do autor francês	I-10	–
<i>Pestalozzi</i>	José de Barcelos	Sobre a vida e o trabalho do educador; educação como meio de desenvolvimento	I-11, 12	Mulher é tratada como o caminho para a educação
<i>A seta e a canção</i>	Bruno Jaci	Poema em referência ao poeta americano Henry Wadsworth Longfellow	I-11	Verso alexandrino
<i>Medo de alma</i>	Juvenal Galeno	Poema sobre a alma como representação do sentimento amoroso	I-11	–
<i>O vigário</i>	José Martins	Poema de combate à religião	I-11	–
<i>Letras e Artes</i>	Redação	Notícias e opinião sobre imprensa e literatura	I-11	–
<i>Contraste</i>	Rodolfo Teófilo	Poema sobre a beleza de um rosto	I-11	–
<i>O caipora</i>	Paulino Nogueira	Ensaio sobre história, etimologia e cultura popular	I-11	–
<i>Avisos</i>	Oliveira Paiva; José Olímpio	Sessão do Clube Literário; assinaturas vencidas	I-11	Notas
<i>Hebert Spencer</i>	Joaquim Manoel Simões	Texto de homenagem sobre vida e obra; Critica a tendência metafísica e elogia o espírito positivo	I-12	Destaca a revolução filosófica para o progresso; Spencer como influência no pensamento moderno
<i>Amor de bardo</i>	Juvenal Galeno	Poema sobre o amor do poeta; relação entre a natureza e a virgem amada	I-12, 13	Poema da edição 12 (ano I) teve estrutura dos versos alterada
<i>Antonia e Alice</i>	Farias Brito	Poema sobre duas irmãs virgens; natureza retrata os sentimentos	I-12	Idealização feminina; sofrimento amoroso
<i>O povo à realeza</i>	Justiniano de Serpa	Artigo de elogio à monarquia inglesa e ao progresso: desenvolvimento científico, cultural e econômico	I-12	Destaca a luta pela civilização

<i>História natural</i>	Rodolfo Teófilo	Sobre as donzelinhas, as borboletas, as flores, a reprodução e a vida dos vegetais	I-12, 13, 17, 19, 21, 22	Contos científicistas
<i>Exterioridade</i>	Martinho Rodrigues	Poema sobre beleza externa e “feiuura” interna	I-12	–
<i>Carnaúba</i>	Paulino Nogueira	Descreve as várias utilidades da carnaúba no Ceará, inclusive para a economia e para momentos de seca	I-12	História natural
<i>Nenê</i>	Antônio Olímpio	Conto sobre uma menina que deseja ser mulher	I-12	–
<i>A alma reduzida a um problema de matemática</i>	Farias Brito	Trata sobre linhas teóricas da psicologia, partindo da metafísica para as ciências exatas	I-13	Projeta uma psicologia do futuro baseada nas ciências da natureza
<i>Capoeira</i>	Paulino Nogueira	Sobre história e etimologia, relacionando à cultura brasileira	I-13	–
<i>O vestido azul</i>	Antônio Sales	Poema descritivista sobre os itens de um quarto e de um vestido por meio de elementos da natureza	I-13	Itens descritos remetem à musa
<i>Curiosa fundação de Caldas</i>	J. G. Dias Sobreira	Crônica histórica sobre o surgimento de um povoado no Ceará	I-13	–
<i>As conferências do Clube Literário</i>	Oliveira Paiva	Papel da literatura e da imprensa na construção da civilização moderna	I-14	Editorial
<i>Episódios da guerra de Espanha em 1808</i>	De Viremont	Crônica histórica sobre um episódio do conflito entre franceses e espanhóis	I-14	–
<i>O cajueiro</i>	Paulino Nogueira	Detalha as funções do cajueiro para as terras do norte; elemento da natureza tipicamente cearense	I-14	Ciências naturais; história; etimologia
<i>Visão do futuro</i>	Farias Brito	Sobre as ruínas de uma igreja; passado versus futuro (juventude); legado da geração; patriotismo; progresso	I-14, 17	Versos dodecassílabos; rimas emparelhadas e interpoladas

<i>O falso amigo</i>	José Martins	Poema sobre as certezas dos eventos da natureza em contraponto ao coração do falso amigo	I-14	Soneto
<i>Rosa da Alvorada</i>	Antônio Sales	Poema sobre uma rosa que murcha e despeta	I-14	Soneto petrarquiano
<i>N'um álbum de família</i>	Abel Garcia	Crítica à Francisca Clotilde por ser inclinada à tendência romântica	I-14	Destaca o realismo como modelo a ser seguido
<i>Felicidade!...</i>	Bruno Jaci	Conto sobre a felicidade gerada a um cativo com a libertação	I-14	Faz referências ao grupo de abolicionistas
<i>Apontamentos esparsos</i>	José Carlos Júnior	Exemplo do realismo russo para criação de uma literatura nacional brasileira sem a dependência da influência francesa	I-15, 16; II-1, 6	Aborda realismo e naturalismo; destaca a necessidade do desenvolvimento da literatura
<i>Ígnez</i>	Bruno Jaci	Poema de referência à Lord Byron; pessimismo	I-15	Verso alexandrino
<i>O justo</i>	José Martins	Poema sobre o momento da morte de um pai	I-15	Soneto alexandrino
<i>O papagaio</i>	Paulino Nogueira	Ensaio sobre a importância do papagaio na história	I-15	História e ciências naturais; etimologia
<i>Abismo</i>	Juvenal Galeno	Poema sobre o abismo provocado pelo amor a uma mulher irresistível	I-15	—
<i>Ciências naturais</i>	Rodolfo Teófilo	Sobre a luz, ar e atmosfera, a água e os vulcões	I-15, 18, 20; II-5	Contos científicas
<i>A papisa Joana ou uma legenda parasita</i>	Dr. Guilherme Studart	Ensaio sobre os avanços dos estudos da história na modernidade	I-16	—
<i>Suspirando</i>	Juvenal Galeno	Poema sobre a forte paixão do poeta; amor como oásis	I-16	Versos heroicos
<i>Soneto</i>	Pery	Poema sobre amor de um casal de pombos que desperta inveja	I-16	Soneto petrarquiano
<i>A cor morena</i>	Paulino Nogueira	Elogios à cor morena; traz referências literárias (escritores que cantaram outras cores) e históricas	I-16	Aborda religião, por destacar "Maria Santíssima" como morena

<i>A barata e a vela</i>	Oliveira Paiva	Fábula sobre uma barata que roeu uma criança enquanto dormia	I-16	Sobre os que roem as esperanças da juventude enquanto ela dorme
<i>Mãe dolorosa</i>	Francisca Clotilde	Poema sobre a dor de uma mãe que perde o filho	I-16	Idealização da infância
<i>Livros e Folhetos</i>	Redação	Notícia de jornais e revistas recebidos pelo Clube Literário	I-16	–
<i>Um romance naturalista</i>	Abel Garcia	Crítica sobre <i>O hóspede</i> , de Pardal Mallet	I-17	Destaca o mau emprego do naturalismo
<i>Estatutos do Clube Literário</i>	Redação	Artigos e incisos das determinações da agremiação	I-17	–
<i>Luz e sombra</i>	Farias Brito	Poema em defesa da consciência, da razão e da ciência em contraponto ao despotismo (sombra)	I-18	Luz e sombra são apresentados pelo cenário da natureza
<i>Minh'alma</i>	Juvenal Galeno	Poema em que a natureza transpõe a liberdade da alma	I-18	–
<i>O urubu</i>	Paulino Nogueira	Trata sobre a função sanitária do urubu; traz aspectos históricos e questões de biologia	I-18	História e ciências naturais; etimologia
<i>A enjeitada</i>	Francisca Clotilde	Conto sobre uma mulher que tem de abandonar a filha bastarda	I-18	Crítica à condição da mulher em oposição a do homem; hipocrisia social
<i>Palcos e Salões</i>	Redação	Crítica de teatro	I-19	–
<i>O cavalo</i>	Paulino Nogueira	Mitologia em torno do cavalo; relação com o homem; raças encontradas no Ceará	I-19	História e ciências naturais
<i>Alternativa</i>	Antônio Sales	Poema sobre a oposição entre o íntimo (dor, angústia) e o amor	I-19	Soneto petrarquiano; rima cruzada
<i>Poema instantâneo</i>	José Carlos Júnior	Poema sobre a passagem da infância de uma menina para a vida de mulher	I-19	Soneto alexandrino

<i>Varição sobre um tema de Buffon</i>	Oliveira Paiva	Conto sobre um capão que educava patinhos	I-19	Referência ao conde de Buffon, influenciador de Lamarck e Darwin
<i>A mãe d'água</i>	Paulino Nogueira	Ensaio sobre o elemento formador da cultura indígena	I-20	História natural
<i>Líricas</i>	Antônio Sales	Poemas alternam entre noite (lua) e dia (sol/aurora); natureza reproduz estado dos sentimentos	I-20, 21	Versos em redondilha maior; partes I e II em I-20 e partes II e IV em I-21
<i>Uma carteirinha</i>	José Martins	Poema sobre a projeção da presença da amada. Mulher relacionada aos elementos da natureza	I-20	Soneto petrarquiano
<i>Os dois vultos</i>	Farias Brito	Poema contrapõe passado e futuro representados pela Europa e pela América	I-20	Aborda progresso, despotismo e escravidão
<i>Reconhecimento</i>	Catulle Mendes	Conto sobre paixão de um homem por uma cortesã	I-20	Tradução
<i>O suicídio como consequência da falta de convicção</i>	Farias Brito	Estudo sobre motivos do suicídio: situação de crime, falta de convicção, de religião ou de filosofia	I-21, 22; II-1	Aborda ciências da natureza, psicologia, relação social e progresso pelo trabalho
<i>Barões assinalados</i>	Paulino Nogueira	Sobre os barões da história que se destacaram por suas atividades	I-21	Parte da referência dos <i>Lusíadas</i> , de Camões
<i>O pôr do sol</i>	Martinho Rodrigues	Poema sobre o momento do pôr do sol no campo; animais e natureza	I-22	Soneto petrarquiano
<i>A fidelidade de Colette</i>	Catulle Mendes	Conto sobre a relativização do conceito de fidelidade	I-22	Tradução
<i>O mimo de rosas</i>	Virgílio Brígido	Poema sobre a seleção das rosas para a amada	II-1	Referência ao Visconde de Borelli
<i>O Naturalismo</i>	Gil Bert	Crítica sobre o livro <i>O homem</i> , de Aluísio Azevedo	II-1	Desenvolve conceito de naturalismo
<i>A volta da andorinhas</i>	Oliveira Paiva	Conto sobre a época chuvosa no sertão; aborda a infância	II-1	—

<i>A propósito de uma anedota</i>	Sílvio	Conto sobre o uso de anedotas na conquista e para se safar de um problema	II-1	–
<i>Pelo mundo artístico</i>	Redação	Crônica de notícias de ações e eventos culturais do Brasil e do mundo	II-1, 2, 3, 4, 5	–
<i>Aos nossos anunciantes</i>	Oliveira Paiva	Mudança de administração	II-1	Aviso; nota
<i>Os gênios</i>	Justiniano de Serpa	Sobre a teoria da evolução e não hereditariedade da genialidade	II-2	–
<i>Fases</i>	Bruno Jaci	Soneto de homenagem à esposa	II-2, 3	Publicado em duas edições sem mudanças
<i>A volta da andorinhas</i>	Antônio Sales	Poema sobre a passagem da seca para a quadra chuvosa	II-2	Descrição da natureza
<i>O que vem a ser uma obra naturalista</i>	Gil Bert	Desenvolve conceito de naturalismo; busca pela verdade por meio da relação entre arte e natureza	II-2	Continuação do ensaio <i>O Naturalismo</i> (II-1)
<i>A encruzilhada</i>	Bruno Jaci	Conto sobre o contraponto entre tristeza e felicidade; referência a Dostoiévski	II-2	Também foi publicado no jornal <i>O Pão</i> (n. 25, ano II, 1895)
<i>Ao cair da tarde</i>	Oliveira Paiva	Conto sobre a sensação de vazio	II-2	–
<i>Recibos</i>	Redação	Crítica sobre imprensa literária	II-2, 4	–
<i>Grafologia criminal</i>	Justiniano de Serpa	Sobre o crime na perspectiva da psicologia e das ciências naturais	II-3	Se abstém da discussão no campo do direito
<i>De preto e de vermelho</i>	Gil	Conto descreve o protagonista acordando para o trabalho enquanto sonha com um baile	II-3	Continua na edição seguinte com o conto <i>De pena atrás da orelha</i>
<i>Os insetos na fecundação dos vegetais</i>	Antônio Bezerra	Sobre ciências naturais, entomofilia e botânica	II-3	Se refere aos textos de Rodolfo Teófilo sobre o tema
<i>Dúvidas</i>	Antônio Sales	Poema de descrição da natureza aos moldes parnasianos	II-3	Soneto petrarquiano

<i>A saudade de um anjo</i>	Jane Davy	Conto sobre a morte de uma criança; desigualdades sociais são criticadas; papel da mãe é ressaltado	II-3	–
<i>O lazareto</i>	Rodolfo Teófilo	Conto sobre a seca e a varíola; faz referência ao dia dos mil mortos, em Fortaleza	II-3	Descrições fortes sobre os doentes
<i>De pena atrás da orelha</i>	Gil Bert	Conto sobre um funcionário público que odeia seu trabalho	II-4	Continuação do conto <i>De preto e de vermelho</i>
<i>Beleza forense</i>	Francisca Clotilde	Poema sobre a beleza que leva à perdição	II-4	Soneto petrarquiano
<i>Le Palmier qui parle</i>	De Viremont	Poema sobre amores efêmeros	II-4	De março de 1887, Rio de Janeiro; publicado em francês
<i>Paisagens</i>	Edmundo Barros	Poema sobre as paisagens brasileiras: as da natureza e da composta pela escravidão	II-4	Transcrição da <i>Revista da Família Acadêmica</i>
<i>O bom visco</i>	Paul Aréne	Conto sobre a superstição em relação ao visco de Natal	II-4	Tradução
<i>Ao luar</i>	Antônio Sales	Poema descreve o cenário da natureza iluminado pela lua	II-4	–
<i>O bom gosto fortalezense</i>	Redação	Artigo sobre o avanço das preferências artísticas do povo cearense	II-4	–
<i>O avô</i>	Amphrisio	Conto sobre as transformações geradas por um acidente e pelo nascimento de uma criança	II-5	–
<i>Contradição</i>	J. M. Brígido	Conto sobre as contradições dos desejos adolescentes	II-5	Transcrição da <i>Gazeta do Norte</i>
<i>Roubo de 9 contos</i>	Mademoiselle***	Duas notas de elogio à autora; conto sobre a sensação provocada pelo vento da meia-noite	II-5	Uma nota antecede e outra sucede o conto

<i>O anel</i>	Papi Júnior	Poema sobre um pajem enamorado por uma princesa	II-5	Contém três partes
<i>Em pleno azul</i>	Álvaro Martins	Poema sobre o amor e a natureza	II-5	Soneto petrarquiano
<i>Conselho</i>	Ana Nogueira	Poema sobre a mudança de perspectiva da beleza da natureza	II-5	Soneto petrarquiano
<i>Olhos moleques</i>	Pery	Poema sobre o risco em se apaixonar por meio do olhar	II-5	Versos em redondilha maior
<i>Olhos moleques</i>	José Martins	Poema sobre olhos desejosos	II-6	Versos em redondilha maior
<i>O rapto</i>	Pery	Poema sobre o roubo do tesouro de uma princesa	II-6	Soneto petrarquiano
<i>A hora da coalhada</i>	Amphrisio	Conto sobre a fuga do trabalho no escritório com a lembrança da vida no sertão	II-6	Remete a uma possível continuação do conto <i>De pena atrás da orelha</i>
<i>Páginas soltas</i>	Iza	Conto descreve a cena de uma moça na praia, que brinca com as ondas do mar	II-6	Transcrição do <i>Libertador</i>
<i>O Natal</i>	Mademoiselle***	Sobre o envolvimento das pessoas com o Natal e o sentido da celebração	II-6	–
<i>A paixão</i>	Gil Bert	Conto sobre o amor na religião; descrição de um ritual católico	II-6	–
<i>Homenagem</i>	Jane Davy	Poema sobre o valor acima da nobreza e do dinheiro	II-6	Soneto petrarquiano
<i>Teu Olhar</i>	Ana Nogueira	Poema sobre a preferência pelo olhar do amado às belezas naturais	II-6	Soneto petrarquiano
<i>Noite de amor</i>	Álvaro Martins	Poema sobre a descrição de uma noite envolta por elementos da natureza	II-6	Natureza transparece as sensações do sentimento amoroso
<i>A fórmula psicológica x---lg.y</i>	Farias Brito	Critica as ciências do espírito e ressalta as ciências objetivas (da natureza) mesmo no estudo da psicologia	II-7, 8	Ciências naturais; psicologia; psicofísica; filosofia; modernidade

<i>O nosso progresso</i>	Antônio Bezerra	Sobre a evolução do cenário cearense no campo intelectual por meio do jornalismo e da literatura	II-7	Ausência de instituições de ensino; surgimento de agremiações e dos debates na imprensa
<i>A'A Bezerra</i>	Xavier de Castro	Poema sobre o sentimento de desilusão	II-7	–
<i>Nessum maggior dolore</i>	Ana Nogueira	Poema sobre os sentimentos de saudade, tristeza e esperança	II-7	Soneto petrarquiano
<i>Gostos</i>	José Martins	Poema sobre os “gostos” provocados pelas mulheres ou pela natureza	II-7	Versos em redondilha maior
<i>Impressões dispersas</i>	Manoel Cezar	Conto retrata os costumes locais do interior	II-7	Oposição entre campo e cidade
<i>Romancite</i>	Domício Gama	Crítica aos romances nacionais publicados em grande quantidade	II-7	Transcrição d' <i>A Semana</i>
<i>O luz de ouro</i>	François Copée	Conto sobre a ambição de um jogador e o peso na consciência	II-7	Tradução
<i>Divagações</i>	Farias Brito	Poema sobre os braços de uma moça	II-8	–
<i>Uma eleição</i>	Júlio Tabosa	Poema sobre a mudança do período romântico para o naturalismo	II-8	Soneto alexandrino
<i>As borboletas</i>	José Martins	Poema sobre o fim das ilusões infantis	II-8	–
<i>Impressões dispersas</i>	M. de Mello Cezar	Conto sobre as impressões acerca da multidão em um movimento político	II-8	–
<i>A saudade</i>	Mademoiselle***	Sobre os sentidos da palavra saudade	II-8	–
<i>O casamento</i>	Amphrisio	Conto retrata festa no interior sertanejo	II-8	–
<i>Núpcias de Jesus</i>	Emanuel Carneiro	Conto sobre os personagens bíblicos	II-8	–

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia geral

ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza; Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.

_____. Renascimento Literário Cearense. In: MARTINS, Cláudio (Org.). **A Quinzena: Propriedade do Clube Literário**. Edição Fac-similar. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

ASSIS, Machado de. História de Quinze Dias. **Machado de Assis Obra Completa**. Crônica. Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr07.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

AZEVEDO, Aluísio. **O homem**. São Paulo: Itatiaia, 2003.

AZEVEDO, Sânzio de. **Aspectos da Literatura Cearense**. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.

_____. **Breve história da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. **Dez ensaios de literatura cearense**. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

_____. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. (Coleção Antônio Sales; v.3)

_____. A Padaria Espiritual, um grêmio cultural. In: CARDOSO, Gleudson Passos; PONTE, Sebastião Rogério (Org.). **Padaria Espiritual: vários olhares**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

_____. Prelúdios Poéticos: romantismo e regionalismo. In: GALENO, Juvenal. **Prelúdios Poéticos**. Fortaleza: Comercial, 2010.

_____. (Org.). **O Pão: da Padaria Espiritual**. Fortaleza. Edição Fac-similar. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Academia Cearense de Letras, 1982. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 15 de março de 2015.

BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – I: de Gutemberg a Diderot**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

_____. **Românticos, Pré-Românticos, Ultra-românticos: vida literária e romantismos brasileiro**. São Paulo: Polis, 1979.

BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro**. São Paulo: Pioneira, 1977.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRUNO, Arthur; FARIAS, Airton de. **Fortaleza: uma breve história**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

CAIRO, Luiz Roberto. **O salto por cima da própria sombra: O discurso crítico de Araripe Júnior: uma leitura**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

CAMPOS, Gabriela Vieira de. **O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado “O Novo Mundo” (Nova Iorque, 1870-1879)**. Dissertação de mestrado. Campinas, PPGTHL, IEL - Unicamp, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos 1750-1880. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006**.

CARDOSO, Gleudson Passos. Literatura, imprensa e política (1873-1904). In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

CENSO DEMOGRÁFICO. População nos censos demográficos, segundo os municípios das capitais – 1872/2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

COSTA LIMA, Luiz. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Pallas; Brasília, INL, 1976.

COUTINHO, Tiago. **A Cidade em Letras: uma análise da construção de Fortaleza no final do século XIX, no romance *A Afilhada*, de Oliveira Paiva**. Dissertação de mestrado. Fortaleza, Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFC, 2009

CEARENSES ILUSTRES. **Portal da História do Ceará**. Webmaster Gildásio Sá, 2008. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28612&catid=332&Itemid=101>. Acesso em: 10 ago. 2015.

CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FACÓ, Américo. Um livro e seu destino. In: PINTO, Rolando Morel (Org.). **Manuel de Oliveira Paiva: obra completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Charles Frederick Hartt: um naturalista no império de Pedro II**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **Contradições da Modernidade: o jornal *Aurora brasileira* (1873-1875)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides, elite modernizadora e enquadramento. In: **Euclides da Cunha**. São Paulo, Ática, 1984.

GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984

_____. **Evolução da histórica cearense**. Fortaleza: BNB. ETENE, 1985.

_____. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

GOMIDE, Bruno Barretto. **Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)**. Tese de doutorado. IEL – Unicamp, Campinas, SP, 2004.

HABERMAS, Jürgen. Do jornalismo literário aos meios de comunicação de massa. In: FILHO, Ciro Marcondes (Org.). **Imprensa e Capitalismo**. São Paulo: Kairós, 1984.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança de Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

KETTERRES, Valérie. Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública. **Revista de Letras**. Jul/dez, 1996, vol.18, nº 2, p. 102-110. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl18Art16.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Congressos Profissionais no final do século XIX e início do século XX: ciência e política. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

KURY, Lorelai Brilhante. **Comissão científica do Império**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Studio, 2009.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Os precursores do conto no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

MACIEL, Nilto. **Contistas do Ceará: d'A Quinzena ao Caos Portátil**. Fortaleza: Impreco Editorial, 2008.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Cláudio (Org.). **A QUINZENA: Propriedade do Clube Literário**. Edição Fac-similar. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MENEZES, Djacir. A educação no Ceará: repasse histórico-social (das origens coloniais a 1930). In: FILHO, Antônio Martins; GIRÃO, Raimundo (Org.). **O Ceará**. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966.

MONTENEGRO, Braga. **Correio retardado: estudos de crítica literária**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

_____. **Uma antologia do conto cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual**. UFC/Casa de José de Alencar, 1994.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2009.

_____. O real inverossímil: ficcionalidade e pedagogia social na prosa regionalista de Rodolfo Teófilo. In: ARAÚJO, Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de (Org.). **Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira**. São Paulo: Nankin, 2010.

NASCIMENTO, F. S. **Três momentos da ficção menor**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.

NETO, Lira. **O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

NEVES, Margarida de Souza. Nação, região e geografia. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

NOBRE, F. da Silva. 1001 Cearenses notáveis. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996. In: **Portal da História do Ceará**. Webmaster Gildásio Sá, 2008. Disponível em: <<http://portal.ceara.pro.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Edição fac-similar – Fortaleza: NUDOC/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006.

OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **Banquete Literário: as idéias “científicas” do século XIX nas produções literárias de Fortaleza (O Club Literário)**. Dissertação de mestrado. Recife, CFCH, PPH – UFPE, 2000.

PAIVA, Manuel de Oliveira. Dona Guidinha do Poço. In: PINTO, Rolando Morel (Org.). **Manuel de Oliveira Paiva: obra completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

_____. A Afilhada. In: PINTO, Rolando Morel. **Manuel de Oliveira Paiva: obra completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. O Verde é Fantástico! **Web Artigos**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-verde-e-fantastico/5795/>>. 3 mai. 2008. Acesso em 2 nov. 2015.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1988.

_____. Manuel de Oliveira Paiva. In: PINTO, Rolando Morel. **Manuel de Oliveira Paiva: obra completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

PINTO, Rolando Morel. **Experiência e ficção de Oliveira Paiva**. São Paulo: USP - Instituto de Estudos Brasileiros, 1967.

_____. (Org.). **Manuel de Oliveira Paiva: obra completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

PONTE, Sebastião Rogério de. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014.

PORDEUS, Ismael. **À margem de Dona Guidinha do Poço**. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

RIO, João do. **O momento literário**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. 1905. Disponível em: <

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf> >. Acesso em: 20 mai. 2015.

RIOS, Kênia Sousa. Apresentação: A Comissão Científica e a seca do Ceará. In: CAPANEMA, Guilherme Schurch de. **A Seca no Ceará**: escritos de Guilherme Capanema e Raja Gabaglia. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Museu do Ceará, 2006.

SALES, Antônio. História da Literatura Cearense. In: FILHO, Antônio Martins; GIRÃO, Raimundo (Org.). **O Ceará**. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966.

SEVCENKI, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Ozângela de Arruda. Lugares de compra, itinerários de leitura: circulação de romances em Fortaleza Oitocentista. In: ABREU, Márcia (Org.). **Trajetórias do romance**: circulação e escrita nos Séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

_____. **O naturalismo no Brasil**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992

STUDART, Barão de, (Guilherme Studart). Dicionario Bio-bibliographico Cearense. Fortaleza: Typo-lithographia, 1910. In: **Portal da História do Ceará**. Webmaster Gildásio Sá, 2008. Disponível em: < <http://portal.ceara.pro.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. 1876. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/o_cabeleira.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2015.

TINHORÃO, José Ramos. **A província e o naturalismo**. Fortaleza: NUDOC. UFC – Museu do Ceará, Arquivo Público do Estado do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. **Os romances em folhetins no Brasil**: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

_____. **Vida, tempo e obra de Manoel de Oliveira Paiva**. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

VERGARA, Moema Rezende. A divulgação da ciência e a ideia de território na Primeira República: a fase José Veríssimo da *Revista Brasileira* (1895-1900). In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

VERÍSSIMO, José. **Que é literatura? e outros escritos**. São Paulo: Landy, 2001.

VIANNA, Helio. **Contribuição à história da Imprensa Brasileira (1812-1869)**. Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

Periódicos

AMPHRISIO. A hora da coalhada. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 6, p. 3-4, 16 abr. 1888.

A NOSSA CORRESPONDÊNCIA. **O Pão**. Fortaleza, ano II, n. 8, p. 5, 15 jan. 1895. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

A QUINZENA. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 10, p. 1, 31 mai. 1887.

ARQUIVO. **O Pão**. Fortaleza, ano II, n. 15, p. 6, 1 mai. 1895. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BERT, Gil. A paixão. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 6, p. 5-7, 16 abr. 1888.

_____. De pena atrás da orelha. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 4, p. 1-3, 11 mar. 1888.

_____. De preto e de vermelho. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 3, p. 3-4, 23 fev. 1888.

_____. O Naturalismo. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 1, p. 3-4, 15 jan. 1888.

_____. O que vem a ser uma obra naturalista?. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 1, p. 3, 31 jan. 1888.

BEZERRA, Antônio. O nosso progresso. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 7, p. 3, 3 mai. 1888.

BIBLIOGRAFIA. **O Pão**. Fortaleza, ano II, n. 7, p. 5, 1 jan. 1895. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BRITO, Farias. O papel da poesia (parte III). **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 8, p. 1-2, 30 abr. 1887.

_____. O papel da poesia (parte IV). **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 9, p. 2-3, 15 mai. 1887.

ESTATUTOS DO CLUBE LITERÁRIO. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n.17, p. 7-8, 17 set. 1887.

D'A PROVÍNCIA DO RECIFE. **O Pão**. Fortaleza, ano I, n. 1, p. 2, 10 jul. 1892. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CAMINHA, Adolfo. Sabatina. **O Pão**. Fortaleza, ano I, n. 2, p. 1-2, 17 jul. 1892. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 15 mar. 2015.

CARTEIRA. **O Pão**. Fortaleza, ano I, n. 2, p. 6, 30 out. 1892. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CARLOS JÚNIOR, José. Apontamentos esparsos (parte I). **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 15, p. 1-2, 26 ago. 1887.

_____. Apontamentos esparsos (parte II). **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 16, p. 3-4, 4 set. 1887.

_____. Apontamentos esparsos (parte III). **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 1, p. 1-2, 15 jan. 1888.

_____. Apontamentos esparsos (parte IV). **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 6, p. 2-3, 16 abr. 1887.

CLOTILDE, Francisca. A enjeitada. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 18, p. 7-8, 15 out. 1887.

_____. A mulher na família (parte I). **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 5, p. 8, 15 mar. 1887.

_____. A mulher na família (parte II). **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 6, p. 7-8, 30 mar. 1887.

CORREIA, Raimundo. Padaria Espiritual. **O Pão**. Fortaleza, ano II, n. 22, p. 6, 15 ago. 1895. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 15 mar. 2015.

GARCIA, Abel. A mulher cearense (parte I). **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 2, p. 1-2, 30 jan. 1887.

_____. N'um álbum de família. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 14, p. 6, 31 jul. 1887.

_____. Um romance naturalista. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 17, p. 1-3, 17 set. 1887.

IMPRESA LITERÁRIA. **O Pão**. Fortaleza, ano II, n. 14, p. 5-6, 15 abr. 1895. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

LETRAS E ARTES. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n.11, p. 5-6, 15 jun. 1887.

LIVROS E FOLHETOS. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 16, p. 7-8, 4 set. 1887.

LOPES, João. Preliminares. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 1, p. 1-2, 15 jan. 1887.

_____. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 4, p. 4-5, 28 fev. 1887.

_____. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 6, p. 2-4, 30 mar. 1887.

_____. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 8, p. 6-7, 30 abr. 1887.

_____. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 11, p. 5, 15 jun. 1887.

_____. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 15, p. 5-6, 26 ago. 1887.

_____. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 18, p. 4-6, 15 out. 1887.

_____. Os quinze dias. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 20, p. 6-7, 2 dez. 1887.

MEDALHAS. **O Pão**. Fortaleza, ano II, n. 7, p. 5, 1 jan. 1895. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

OS ACONTECIMENTOS de 27, 30 e 31 de janeiro. **Libertador**. Fortaleza, ano II, n. 3, p. 1-3, 7 fev. 1881. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

O BOM GOSTO FORTALEZENSE. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 3, p. 7, 23 fev. 1888.

PÃO. **O Pão**. Fortaleza, ano I, n. 1, p. 2, 10 jul. 1892. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 15 mar. 2015.

PAIVA, Oliveira. A barata e a vela. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 16, p. 6, 4 set 1887.

_____. A melhor cartada. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 7, p. 5-6, 15 abr 1887.

_____. As conferências do Club Literário. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 14, p. 1-2, 31 jul 1887.

_____. Ao cair da tarde. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 1, p. 4-6, 31 jan, 1888.

_____. A volta das andorinhas. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 1, p. 5-6, 15 jan, 1888.

_____. Corda sensível. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 1, p. 4-5, 15 jan, 1887.

_____. O ar do vendo, Ave Maria!. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 3, p. 4-5, 15 fev, 1887.

_____. O ódio. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 10, p. 5, 31 mai 1887.

_____. O velho vovô. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 4, p. 5-6, 28 fev. 1887.

_____. Pobre Moisés que o não foste. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 9, p. 3-5, 15 mai 1887.

_____. Variações sobre um tema de Buffon. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 19, p. 4-5, 18 nov. 1887.

PALCO E SALÕES. **A Quinzena**. Fortaleza, ano I, n. 19, p. 1-2, 18 nov. 1887.

RECIBOS. **A Quinzena**. Fortaleza, ano II, n. 2, p. 6-7, 31 jan. 1888.

_____. **A Quinzena**. Fortaleza ano II, n. 4, p. 8, 11 mar. 1888.

VOLTANDO. **O Pão**. Fortaleza, ano II, n. 7, p. 1, 1 jan. 1895. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Periodicos/O_Pao/>. Acesso em: 15 mar. 2015.

APÊNDICES

Apêndice A: Membros e colaboradores do Clube Literário²³⁰

Participantes

Abel Garcia (1864-1907) – Formou-se bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, tendo sido juiz de direito, desembargador, no Ceará, e chefe da polícia do Amazonas. Também atuou como jornalista nos periódicos *Libertador*, *Voz do Povo* e *Jornal da Tarde*. Destacou-se como orador, defendendo a campanha abolicionista e o movimento republicano.

Álvaro Martins (Álvaro Dias Martins) (1868-1906) – Professor, promotor público, poeta e jornalista, atuou entre 1885 e 1887 no Rio de Janeiro nos jornais *Cidade do Rio* e *Gazeta Nacional*. Também colaborou no *Libertador* e no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores do Centro Literário (1895), do Congresso Republicano e do Centro Republicano. Publicou *Os Pescadores da Taíba* (1895), *Capela Milagrosa* (1898), *Agonia Suprema* (1901), *Casa Mal Assombrada* (1903), *O Beijo da Morte* (1906), dentre outras obras.

Ana Nogueira (Ana Batista Nogueira)²³¹ (1870-1965) – Poetisa, professora e tradutora de poetas franceses (Paul Verlaine, François Coppée e Sully Prudhomme), foi casada com o poeta Sabino Batista, da Padaria Espiritual. Colaborou em jornais do Ceará e de diversas províncias, além o Ceará – como Pará, Amazonas, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. Ganhou, em 1899, o concurso d'*A República* com a melhor tradução de um poema de François Coppée. Trabalhou na revista *O Lírio*, do Recife, ao lado de Amélia Beviláqua.

Antônio Bezerra (Antônio Bezerra de Menezes) (1841-1921) – Escritor e historiador, fundador do Instituto do Ceará, foi membro da Academia Cearense, do Centro Literário e

²³⁰ As informações deste tópico foram obtidas por meio da reunião de diversas fontes de conhecimento geral, com destaque para o Portal da História do Ceará, que possibilita um sistema de buscas que copia diferentes fontes bibliográficas, sobretudo as Revistas do Instituto Histórico do Ceará, o *Diccionario Bio-bibliographico Cearense* (1910), de Barão de Studart (Guilherme Studart), e a obra *1001 Cearenses Notáveis* (1996), de F. da Silva Nobre. CEARENSES ILUSTRES. **Portal da História do Ceará**. Webmaster Gildásio Sá, 2008. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28612&catid=332&Itemid=101>. Acesso em: 10 ago. 2015.

²³¹ Ver também em KETTERRES, Valérie. Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública. **Revista de Letras**. Jul/dez, 1996, vol.18, nº 2, p. 102-110. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/r118Art16.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

presidente da Sociedade de Ciências Práticas. É considerado um dos poetas da abolição com Antônio Martins e Justiniano de Serpa, escritores com os quais publicou *Três Liras* (1883). Também publicou *Sonhos de Moços* (1872), de poemas, além de outros trabalhos, sobretudo no campo da história. Fundou os jornais *Libertador* e *O Ceará*.

Antônio Martins (1852-1895) – Foi caixeiro, empregado da alfândega, escritor, jornalista e político. Conhecido como um dos poetas da abolição, também utilizou o pseudônimo Pery. De 1881 a 1882, publicou folhetins no jornal *Constituição* sob o pseudônimo de Delisle. Atuou intensamente na imprensa do Ceará, com destaque para os periódicos *Mocidade*, *Tribuna do Povo* e *Libertador*. Era irmão de Álvaro Martins.

Antônio Sales (1868-1940) – Foi comerciante antes de se tornar escritor e também atuou como funcionário público, político e jornalista no Ceará. Publicou nos jornais *Libertador*, *O Meirinho* e *O Pão*, no Ceará, e nos periódicos *Revista Brasileira*, *O País* e *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro. Fundou o Centro Republicano (1889) e a Padaria Espiritual (1892). É autor de *Versos Diversos* (1890), *Trovas do Norte* (1895), *Poesias* (1902), *Minha Terra* (1919), *Aves de Arribação* (1914), dentre outros trabalhos.

Farias Brito (Raimundo de Farias Brito) (1862-1917) – Filósofo, professor e escritor, formou-se na Faculdade de Direito do Recife, tendo ocupado no Ceará os cargos de promotor público, de secretário do governo e de deputado. Publicou *Cantos Modernos* (1889), de poemas, *Pequena História* (1891), *Finalidade do Mundo* (1894/1899), *A Verdade Como Regra das Ações* (1905), *A Base da Física do Espírito* (1912), *O Mundo Interior* (1914), dentre outros trabalhos. Foi um dos fundadores e patrono da Academia Cearense de Letras.

Francisca Clotilde (Francisca Clotilde Barbosa de Lima) (1862-1935) – Primeira professora do sexo feminino a lecionar na Escola Normal do Estado do Ceará, em 1882, escreveu poemas, contos e publicou o romance *A Divorciada* (1902). Destacou-se como pedagoga, fundando o Externato Santa Clotilde, no município de Aracati. Colaborou em diversos jornais do Ceará, como *O Domingo*, *A Evolução* e *A Estrela*. Publicou contos, poemas e artigos com o pseudônimo de Jane Davy.

Guilherme Studart (Guilherme Chambly Studart; Barão de Studart) (1856-1838) – Vice-cônsul do Reino Unido no Ceará, foi historiador e médico pela Faculdade de Medicina da

Bahia. Participou da fundação do Centro Abolicionista, do Instituto do Ceará, do Centro Literário, do Centro Médico Cearense e de outras entidades. Autor de inúmeros trabalhos, inclusive na medicina, distinguiu-se na área da história do Ceará, com destaque para *Datas e Fatos para a História do Ceará* (1924) e *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* (1924).

José Carlos Júnior (José Carlos da Costa Ribeiro Júnior) (1860-1896) – Paraibano radicado no Ceará, foi um dos fundadores da Academia Cearense de Letras. Poliglota, historiador e professor, também foi promotor no Recife, procurador fiscal e juiz de Direito no Ceará. Escrevia para o *Libertador* e, na Padaria Espiritual, foi o segundo Padeiro-Mor. Publicou *O Sino* (1882), uma tradução do poema de Schiller²³². Também utilizava o pseudônimo de Bruno Jaci.

José de Barcelos (1843-1919) – Foi professor, jornalista, historiador, tradutor e encarregado pela Biblioteca e Arquivo Público no Ceará (1867). Enquanto estudante, fundou o periódico *A Estrela*, com Antônio Bezerra. Na Europa, estudou na Escola Agrícola de Grignon, tendo de retornar por motivo de doença. Responsável por várias missões de estudo no Brasil e na Europa, de métodos e processos de ensino aplicáveis à província, publicou diversos trabalhos na área da pedagogia. Também foi tradutor de Octave Feuillet, Émile Zola e Heinrich Heine.

João Lopes (João Lopes Ferreira Filho) (1854-1928) – Político, professor e jornalista, iniciou os estudos na Faculdade de Direito do Recife, mas não chegou a concluir. Foi secretário dos governos do Ceará e do Amazonas. Participou da Fênix Estudantil e da Academia Francesa, sendo um dos fundadores da Escola Popular. Escreveu para vários periódicos, sobretudo os de cunho político, como o *Libertador*, *Fraternidade*, *Cearense*, *Gazeta do Norte* e *República*, no Ceará, e *Tempo*, *Tribuna* e *Dia*, no Rio de Janeiro.

José Martins (José Martins de Souza Brasil) – Poeta, fundou, em 1888, *O Domingo*, em parceria com Jorge Miranda e José Olímpio. Era sobrinho de Martinho Rodrigues²³³.

José Olímpio da Rocha (1866-1913) – Poeta, foi gerente do Clube Literário e proprietário do *Jornal da Tarde* (1895), de Fortaleza. Filho do teatrólogo e primeiro oficial da Junta Comercial de Fortaleza, Hermínio Olímpio da Rocha, também era irmão dos escritores

²³² Em AZEVEDO, 1972, p. 162.

²³³ Conforme STUDART (1910) *apud* PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ (2008). Disponível em: <<http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=33716>>.

Antônio, Joaquim e Júlio Olímpio da Rocha. Faleceu no Amazonas, onde era secretário da Intendência²³⁴.

Júlio Tabosa (Júlio Nogueira Tabosa) (1861-1909): Graduado pela Faculdade de Direito do Recife, exerceu as funções de promotor e juiz no Ceará e no Amazonas. Também chegou a estudar na Escola de Engenharia do Rio de Janeiro. Cearense radicado no Amazonas, publicou artigos e poemas em jornais do Amazonas, do Ceará e do Pará.

Justiniano de Serpa (1852-1823) – Graduado pela Faculdade de Direito do Recife (1888), atuou como professor e político nos cargos de deputado e de presidente do Ceará (1921-1923). Ainda jovem, destacou-se no jornal *Constituição*, do Partido Conservador. Participou do Centro Literário e foi um dos fundadores da Academia Cearense de Letras. Também foi catedrático e vice-presidente da Faculdade de Direito do Pará. Autor de *Oscilações* (1883), *O Nosso Meio Literário* (1896) e *Questões de Direito e Legislação* (1920), dentre outras obras.

Juvenal Galeno (1838-1931) – Poeta e funcionário público, era de uma abastada família de cafeicultores. Fundou o primeiro jornal literário do Ceará, o *Sempre Viva* (1849), além de ter atuado em vários periódicos do estado, chegando a ter uma tipografia própria. Atuou na *Marmota Fluminense*, no Rio de Janeiro, com o trabalho reunido em *Prelúdios Poéticos* (1856), que inaugurou o romantismo no Ceará. Publicou uma obra variada, com destaque para *Lendas e Canções populares* (1865) e *Cenas Populares* (1891). Também fundou o Instituto do Ceará.

Martinho Rodrigues (Martinho Rodrigues de Sousa) (sem informações-1905) – Foi professor, advogado e político. Teve forte papel na imprensa partidária, escrevendo para os jornais *Constituição*, *O Norte*, *O Estado*, de Fortaleza. Graduado pela Faculdade de Direito do Recife, atuou na campanha abolicionista e foi membro do Centro Republicano. Ocupou o primeiro Conselho Municipal instituído no Ceará com a República.

Paulino Nogueira (Paulino Nogueira Borges da Fonseca) (1842-1908) – Historiador, professor, político e funcionário público, era bacharel pela Faculdade de Direito do Recife (1865). Foi deputado, vice-presidente do Ceará (1878), desembargador do Tribunal do Estado

²³⁴ Informações colhidas no Portal da História do Ceará, já referenciado, por meio dos perfis de seus familiares: Hermínio, Joaquim e Júlio. Não foi encontrado um perfil específico de José Olímpio em nenhuma fonte buscada, exceto as datas de nascimento e falecimento.

do Ceará e secretário do governo da Bahia. Também foi um dos fundadores do Instituto do Ceará, em 1887, do qual foi presidente, destacando-se com publicações no campo da história na revista da entidade.

Rodolfo Teófilo (Rodolfo Marcos Teófilo) (1853-1932)²³⁵ – Baiano radicado no Ceará, era farmacêutico pela Faculdade de Medicina da Bahia. Recebeu do Congresso Nacional o título de Varão Benemérito da Pátria por suas atividades de vacinação contra a varíola. Publicou obras de ciências e história, com destaque para *História da Seca no Ceará* (1884), e participou da Padaria Espiritual com o pseudônimo Marcos Serrano. Seus romances são: *A Fome* (1890), *Os Brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897), *Violação* (1899), *Paroara* (1899) e *O Reino de Kiato* (1922).

Oliveira Paiva (Manoel de Oliveira Paiva) (1861-1892) – Estudou no Seminário do Crato, no Ceará, e na Escola Militar do Rio de Janeiro. Foi secretário do governo e primeiro oficial da Secretaria do Ceará. Atuou na revista *A Cruzada* e no jornal *Libertador*, onde teve ativa participação na campanha abolicionista, além de ter publicado, em folhetins, o romance *A Afilhada* (1889). Seu maior trabalho, o romance *Dona Guidinha do Poço*, foi escrito em 1892, publicado 60 anos após a sua morte. Utilizava o pseudônimo Gil ou Gil Bert.

Virgílio Brígido (1854-1920) – Político, professor e funcionário público, estudou no Seminário Episcopal e no Liceu do Ceará, bacharelando-se em 1880 na Faculdade de Direito do Recife. Foi professor de geografia e religião, além de ter ocupado o cargo de promotor em 1884 e de deputado federal pelo Ceará de 1900 a 1912. Atuou no *Libertador* e fundou o *Correio Mercantil* (1902), no Rio de Janeiro. Publicou *Cantos do Amanhecer* (1879), livro de poemas, e *Traços Biográficos do General Tibúrcio* (1888).

Virgílio Várzea (Virgílio dos Reis Várzea) (1863-1841) – De Florianópolis, Santa Catarina, liderou de 1883 a 1887 a “Guerrilha Literária Catarinense” contra o conservadorismo romântico e em busca pela renovação do realismo-naturalismo. Estudou na Escola Naval do Rio de Janeiro, foi professor, promotor público e político. Publicou vários livros, com destaque para *Santa Catarina: A Ilha* (1900) e *Tropos e Fantasias* (1885), em parceria com Cruz e Sousa.

²³⁵ Mais em NETO, Lira. **O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

Xavier de Castro (Augusto Xavier de Castro) (1858-1895) – Funcionário público, foi secretário do governo e diretor do Tesouro Público do Estado. Destacou-se como poeta, participando da Padaria Espiritual com o pseudônimo Bento Pesqueiro. A agremiação foi responsável por publicar seus poemas em uma obra póstuma: *Cronos* (1895).

Colaboradores esporádicos

Antônio Olímpio (Antônio Olímpio da Rocha) (1803-1885)²³⁶ – Foi estudante da Faculdade de Direito do Recife. Deixou inéditas as obras de poesias *Farfalhas*, *Musa Antiga* e *Fagulhas*. Atuante como jornalista, usava os pseudônimos Fabrino e Sérgio Pessoa nos jornais *Cearense* e *Constituição*, de Fortaleza. Também redigiu o jornal *O Porvir* (1880), em parceria com Figueira Lima. Era irmão de José Olímpio, gerente do Clube Literário.

Capistrano de Abreu (João Capistrano Honório de Abreu) (1853-1827) – Responsável por renovar métodos de interpretação historiográfica, também se destacou com estudos no campo da etnografia e da linguística. Foi um dos membros da Academia Francesa, além de ter atuado como jornalista, colaborando com vários jornais, e como professor. Foi oficial da Biblioteca Nacional de 1879 a 1883 e eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1887.

J. G. Dias Sobreira (João Gonçalves Dias Sobreira) (1847-sem informações) – Foi telegrafista e professor, tendo publicado *Tratado de Pronúncia Francesa* (1873), *Geografia Especial do Ceará* (1887), *Apontamentos para a Carta Topográfica do Ceará* (1892), *Simplificação da Gramática Portuguesa*, dentre outros trabalhos.

Joaquim Manoel Simões – Foi acionista na empresa Ferro Carril do Ceará ao lado de Guilherme Studart. Também foi um dos redatores do *Tribuna Comercial*, lançado em 1889 pelo Clube Comercial Cearense.

Mário – Correspondente do Rio de Janeiro.

²³⁶ Faleceu antes mesmo da publicação do Clube Literário se iniciar. Porém, como era irmão de José Olímpio, acreditamos que seu único conto em *A Quinzena* foi divulgado no periódico por intermédio desse participante.

Papi Júnior (1854-1934) – Carioca radicado no Ceará, chegou à província como praça do exército. Foi professor e escritor, destacando-se por sua produção regionalista. Publicou, dentre outras obras, *O Simas* (1898), *Gêmeos* (1914), *Sem Crime* (1920), *A Casa de Azulejos* (1927) e *Almas Excêntricas* (1931). Pertenceu à Academia Cearense de Letras, além de ter fundado o Clube de Diversões Artísticas (1897).

Viremont (De Viremont) – Médico francês. Antes de chegar ao Ceará, havia passado por outras províncias do país, como Pernambuco e Bahia, atendendo pacientes por meio do estudo da fisionomia, voltado para a leitura das mãos, no intuito de identificar enfermidades e de ler o futuro. Seus conhecimentos eram concentrados em frenologia, fisiognomia e quiromancia. Seus anúncios eram divulgados no jornal *Libertador*²³⁷.

Traduções de escritores franceses

Catulle Mendes

François Coupée

Paul Aréne

Transcrições de redatores de outros periódicos brasileiros

Domício da Gama – Do periódico *A Semana*, do Rio de Janeiro.

Edmundo de Barros – Da *Revista da Família Acadêmica*, da Escola Militar do Rio de Janeiro.

J. M. Brígido – Da *Gazeta do Norte*.

Iza – Do jornal *Libertador*.

Pseudônimos e colaboradores pouco ativos e desconhecidos

Amphrisio

²³⁷ Conferir em Oliveira (2000).

Emanuel Carneiro

L. Cabral

Mademoiselle***

Manoel Cezar (M. de Mello Cezar)

Sílvio

TABELA 4: Participações de membros e colaboradores

Autor	Textos	Edições
Abel Garcia	Ensaio	I-2,3,4,14,17
Álvaro Martins	Poema	II-5,6
Ana Nogueira	Poema	II-5,6,7
Antônio Bezerra	Artigo	II-3,7
Antônio Martins (Pery)	Conto; crônica; poema	I-1,8,10, 11,16; II-5,6
Antônio Sales	Poema	I-9,10,13,14,19,10, 21; II-2,3,4
Antônio Olímpio	Conto	I-12
Capistrano de Abreu	Ensaio	I-5
Farias Brito	Ensaio; poema	I-3, 4, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 17, 18, 20, 21, 22; II-1,7,8
Francisca Clotilde (Jane Davy)	Artigo; conto; poema	I-3,5,6,7,8,9,10,16,18; II-3,4,6
Guilherme Studart	Ensaio	I-2,11,16
João Gonçalves Dias Sobreira (J.G. Dias Sobreira)	Crônica histórica	I-13
Joaquim Manoel Simões	Artigo	I-12
José Carlos Júnior (Bruno Jaci)	Conto; ensaio; poema	I-2,3,9,10,11,14,15,16,17,19; II-1,2,3,6
José de Barcelos	Artigo	I-11,12
João Lopes	Editorial; crônica	I-1,4,6,8,9,10,11,15,18,20; II-6
José Martins	Poema	I-11,14,15,20; II-6,7,8
José Olímpio	Poema	I-1,5,9
Júlio Tabosa	Poema	II-8
Justiniano de Serpa	Artigo; ensaio; poema	I-1,10,12; II-2,3
Juvenal Galeno	Poema	I-1,2,8,11,12,13,15,16,18
Martinho Rodrigues	Poema	I-3,4,5,12,22
Papi Júnior	Poema	II-5
Paulino Nogueira	Artigo; ensaio	I-1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11, 12, 13, 14,15,16,18,19,20,21
Rodolfo Teófilo	Conto; poema	I-7, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22; II-3, 5
Oliveira Paiva (Gil/Gil Bert)	Editorial; ensaio; conto; fábula	I-1, 3, 4, 7, 9, 10, 14, 16, 19; II-1, 2, 3, 4, 6
Virgílio Brígido	Poema	I-1, 5, 6; II-1
Virgílio Várzea	Conto	I-3,4,5,7,8; II-1
Viremont	Crônica histórica; poema	I-14; II-4
Xavier de Castro	Poema	II-7

Traduções e transcrições da imprensa		
Catulle Mendes	Conto (tradução)	I-20,22
Domício Gama	Artigo (<i>A Semana</i>)	II-7
Edmundo Barros	Poema (<i>Revista da Família Acadêmica</i>)	II-4
François Copée	Conto (tradução)	II-7
J. M. Brígido	Conto (<i>Gazeta do Norte</i>)	II-5
Iza	Conto (<i>Libertador</i>)	II-6
Paul Aréne	Conto (tradução)	II-4
Pseudônimos e escritores desconhecidos		
Amphrisio	Conto	II-5,6,8
Emanuel Carneiro	Conto	II-8
L. Cabral	Artigo	I-6
Mademoiselle***	Conto; crônica	II-5,6,8
Manoel Cezar (M. de Mello Cezar)	Conto	II-1, 8
Mário	Crônica	I-3, 5, 7
Sílvio	Conto	II-1

Apêndice B: Índice onomástico

Para este índice onomástico, o primeiro algarismo é referente ao ano da publicação, seguido pelo número da edição e pelas páginas. Optamos por não incluir nomes como Galileu, Newton, Virgílio, Horácio e Ovídio, por exemplo. Também incluímos periódicos e instituições citadas. A listagem nos interessa por evidenciar as personalidades, linhas teóricas ou pensadores mais influentes naquele período.

A

ABBEVILLE, Claude d' (I-4, p. 8; I-6, p. 4) – Religioso e etnólogo francês.

ABOUT, Edmond (II-4, p. 3) – Escritor francês.

ABREU, Capistrano de (I-1, p. 3,4; I-2, p. 4; I-4, p. 6,7) – Historiador cearense.

ADOLPHE, Millet de Saint (I-1, p. 3; I-2, p. 3, 4; I-12, p. 6) – Pesquisador francês, autor do *Dicionário Geográfico do Brasil*.

Academia de Belas-Artes (I-3, p. 6; I-7, p. 8) – Fundada por Dom João VI e utilizada por Dom Pedro II no programa cultural nacionalista.

Academia Francesa (II-4, p. 3, 4) – Instituição francesa criada em 1635.

Academia Francesa (II-7, p. 4) – Agremiação literária do Ceará criada em 1872 por Rocha Lima.

Academia Real das Ciências (II-1, p. 7) – Instituição científica portuguesa.

ACKERMANN, Louise-Victorine (I-14, p. 7) – Escritora francesa.

AGASSIZ, Louis (I-10, p. 2) – Naturalista suíço.

ALARDO, Barba (Luiz Barba Alardo de Menezes) (I-5, p. 3, 4) – Governador da capitania do Ceará em 1808.

ALEGRE, Porto (Manuel de Araújo Porto Alegre; Barão de Santo Ângelo) (I-8, p. 4; I-13, p. 4; I-15, p. 3; I-18, p. 6) – Escritor brasileiro, autor de *Colombo*.

ALENCAR, José de (I-1, p. 2, 3; I-2, p. 4; I-3, p. 7; I-5, p. 4, 6; I-13, p. 4; I-15, p. 3, 6; I-20, p. 2; II-2, p. 3; II-4, p. 8) – Escritor e político brasileiro.

ALEXANDRE, O Grande (Alexandre II da Macedônia) (I-15, p. 3) – Rei da Macedônia, no reino grego antigo.

ALEXANDRE VI, Papa (Rodrigo Bórgia) (I-16, p. 1) – Religioso italiano.

ALFREDO, João (João Alfredo Correia de Oliveira) (I-15, p. 6) – Político brasileiro, foi ministro no Império.

ALIGHIERI, Dante (I-1, p. 4; I-2, p. 6; I-6, p. 2,4) – Escritor italiano.

ALLAIN, Émile (I-13, p. 4) – Autor de *Quelques données sur la capitale et sur la administration du Brésil*.

ALMEIDA, Belmiro de (I-5, p. 6) – Pintor brasileiro.

ALMEIDA, Teodoro de (I-4, p. 8) – Padre e escritor português.

ALVARENDA, Silva (Manuel Inácio da Silva Alvarenga) (I-13, p. 4) – Poeta luso-brasileiro.

ALVES, Castro (Antônio Frederico de Castro Alves) (I-16, p. 4) – Poeta brasileiro.

AMÉRICO, Pedro (I-3, p. 6) – Pintor brasileiro.

ANDREINE, Giovan Battista (I-2, p. 8) – Ator e dramaturgo italiano. Autor de peças teatrais.

ANCHIETA, José de (I-3, p. 1; I-5, p. 2; I-6, p. 5) – Padre jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo.

ANDRADE, Anselmo de (I-11, p. 6) – Político e escritor português, autor de *Viagem na Espanha*.

ANDRADE, Francisco de (I-11, p. 3) – Cronista português, autor de *Crônica de Dom João*.

ARAGÃO, Teixeira de (Augusto Carlos Teixeira de Aragão) (II-2, p. 7) – Militar e historiador português.

ARAÚJO, João Vieira de (I-16, p. 7) – Professor da Faculdade de Direito do Recife. Escreveu para a revista *Arquivo Brasileiro*, de Clóvis Beviláqua.

ARDITI, Luigi (II-4, p. 4) – Maestro italiano.

Arquivo Brasileiro (I-16, p. 7) – Revista publicada em Recife por Clóvis Beviláqua e João Alfredo de Freitas.

ASSIS, Machado de (I-5, p. 6,7) – Escritor brasileiro.

AUGIER, Émile (II-5, p. 8) – Escritor francês.

AULETE, Caldas (I-11, p. 3; I-12, p. 6; I-13, p. 3; I-15, p. 3) – Autor do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*.

AUSÔNIO, Décio Magno (I-19, p. 2) – Poeta e imperado romano.

AVITUS (St. Avitus; Ávito de Vienne; Alcimius Ecdius Avitus) (I-2, p. 8) – Poeta latino, arcebispo de Vienne.

AYRES, Chrystovão (Cristovão Aires de Magalhães Sepúlveda) (II-2, p. 7) – Militar e político português.

AZEVEDO, Aluísio de (Manuel Antonio Aluísio de Azevedo) (I-5, p. 7; II-1, p. 3; II-2, p. 1; II-6, p. 1,2,3) – Escritor brasileiro.

AZEVEDO, Álvares (I-16, p. 3) – Escritor brasileiro.

AZEVEDO, Artur (I-3, p. 7; I-5, p. 7; I-7, p. 8) – Escritor e jornalista brasileiro, irmão de Aluísio de Azevedo.

AZEVEDO, Cyro de (I-5, p. 6) – Membro do Grêmio de Letras e Artes, grupo de escritores do Rio de Janeiro.

B

BACON, Francis (I-12, p. 5; I-15, p. 6) – Filósofo inglês.

BAIN, Alexander (I-12, p. 5; II-7, p. 1) – Filósofo escocês.

BAGEHOT, Walter (I-2, p. 2) – Jornalista britânico, editor da revista *The Economist*, também escrevia sobre literatura e ciências naturais.

BAHIA, Xisto (I-3, p. 7; I-5, p. 7) – Compositor brasileiro.

BALZAC, Honoré de (II-1, p. 3; II-2, p. 3) – Escritor francês.

BANVILLE, Theodoro de (I-5, p. 7; II-4, p. 3) – Escritor francês, autor da comédia *Le Baiser*.

BARBOSA, Augusto (Augusto Barbosa de Castro e Silva) (II-7, p. 3) – Promotor e juiz de direito cearense.

BARCELOS, José de (II-7, p. 3) – Jornalista e professor cearense, membro do Clube Literário.

BARLAEUS, Caspar (Gaspar Barléu) (I-8, p. 5) – Teólogo, historiador e poeta holandês, autor da *Carta Topographica do Ceará*.

BARRA, Barão Vila da (Francisco Bonifácio de Abreu) (II-2, p. 7) – Político e médico brasileiro, participou da Guerra do Paraguai.

BARRETO, Tobias (I-4, p. 1; II-3, p. 1,2) – Filósofo e escritor brasileiro, integrante da Escola de Recife.

BARROS, André de (I-6, p. 4) – Padre jesuíta português.

BARROSO, Benjamin Liberato (II-2, p. 6) – Militar e político cearense.

BARROS, Edmundo de (II-2, p. 6; II-4, p. 8) – Redator da *Revista da Família Acadêmica*.

BARTAS, Guillaume du (I-2, p. 8) – Escritor francês, autor do poema *La Sepmaine*.

BASTOS, José Joaquim Rodrigues de (I-19, p. 2) – Magistrado, político e escritor português. Autor de *O médico do deserto*.

BAUDELAIRE, Charles-Pierre (I-15, p. 1) – Poeta francês.

BEAUCHAMP, Alphonse de (I-6, p. 4,5) - Historiador francês.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique Pedro Carlos de (I-13, p. 3,4) – Político e militar brasileiro, autor do *Glossário de vocábulos brasileiros*.

BELÍNSKI, Vissarion Grigorievich (I-15, p. 1) – Escritor russo.

BENALVANFOR, Visconde de (Ricardo Augusto Pereira Guimarães) (II-2, p. 7) – Político, jornalista e escritor português.

BENEDICTO III, Papa (I-16, p. 1) – Religioso italiano.

BERKELEY, George (I-12, p. 5) – Filósofo irlandês.

BERNADELLI, Félix (I-3, p. 7) – Músico brasileiro, irmão de Rodolfo Bernadelli.

BERNADELLI, Rodolfo (I-3, p. 7; I-5, p. 6) – Escultor mexicano naturalizado brasileiro.

BERNHARDT, Sarah (Henriette Rosine Bernardt) (II-4, p. 3) – Atriz francesa.

BERREDO, Bernardo Pereira de (I-8, p. 5) – Historiador e administrador colonial português, autor de *Annaes históricos do estado do Maranhão*.

BEVILÁQUA, Clóvis (I-16, p. 7) – Jurista cearense.

BICHAT, Marie François Xavier (I-12, p. 1; I-13, p. 1) – Anatomista e fisiologista francês.

BILAC, Olavo (I-5, p. 6,7) – Escritor brasileiro.

BIOT, Jean-Batiste (I-15, p. 7) – Físico, matemático e astrônomo francês.

BLUTEAU, Rafael (I-13, p. 4) – Inglês, clérigo da Ordem de São Caetano, em Portugal, autor do *Diccionario castellano y portuguez*.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du (I-16, p. 4) – Poeta português.

BOIS-REYMOND, Emil du (I-7, p. 4) – Fisiologista alemão.

BONAPARTE, Napoleão (Napoleão I) (I-12, p. 1; I-19, p. 2) – Político e militar francês.

BONIFÁCIO, José (I-3, p. 7; I-5, p. 6; I-6, p. 3; I-10, p. 1; I-21, p. 4) – Naturalista e político brasileiro.

BOURGET, Paul (Paul Charles Joseph Bourget) (I-15, p. 1; II-3, p. 5; II-5, p. 8) – Escritor francês, autor de *Mensonges*.

BOVIN, François (II-4, p. 4) – Pintor francês.

BRAGA, Teófilo (Joaquim Teófilo Fernandes Braga) (I-4, p. 6; I-12, p. 5; II-1, p. 3) – Político e escritor português.

BRANCO, Camilo Castelo (Visconde de Correia Botelho) (I-5, p. 3) – Escritor português.

BRANCO, Castelo (Hermínio Castelo Branco) (I-8, p. 7) – Professor e poeta piauiense, autor de *Lira Sertaneja*.

BRANCO, João Alberto Castelo (I-17, p. 7) - Desembargador responsável por plantar café no Rio de Janeiro, levando também para outras províncias na segunda metade do século XVIII.

BRANCO, Manoel Bernardes (I-11, p. 2) – Autor do *Diccionario Portuguez Latino*.

BRAND, Hennign (I-15, p. 6) – Alquimista alemão, descobrir do elemento químico fósforo.

Brasil Ilustrado (I-16, p. 7) – Revista do Rio de Janeiro.

BREHM, Alfred Edmund (I-15, p. 3; I-18, p. 6) – Zoólogo e escritor alemão.

BRÍGIDO, João (I-2, p. 3, 4; I-4, p. 6, 7, 8; I-8, p. 5; II-7, p. 3) – Historiador e jornalista cearense, autor de *Resumo Histórico do Ceará*.

BUCKLE, Henry Thomas (I-2, p. 2; I-12, p. 5) – Historiador britânico, defensor do positivismo historiográfico.

BUFFON, Georges-Louis Leclerc (conde de Buffon) (I-19, p. 2, 4) – Naturalista francês.

BURDACH, Karl Friedrich (II-3, p. 5) – Fisiologista alemão.

BURNEY, Charles (I-2, p. 7) – Compositor inglês.

BUSCHE, Hermann von dem (I-2, p. 8) – Escritor e humanista alemão.

BYRON, Lord (George Gordon Byron) (I-12, p. 5; I-15, p. 1,2; I-16, p. 4; I-19, p. 2) – Poeta inglês.

C

CAETANO, Baptista (Baptista Caetano de Almeida Nogueira) (I-1, p. 4; I-2, p. 4; I-4, p. 7,8; I-13, p. 3; I-18, p. 6; I-20, p. 2) – Historiador brasileiro, autor de *Ensaios de Sciencias*.

CALDEIRA, Fernando (II-1, p. 7) – Escritor português, escreveu a peça *Médicas*, em parceria com Gervásio Lobato.

CALÍGULA (Caio Júlio César Augusto Germânico) (I-19, p. 2) – Terceiro imperador romano.

CÂMARA, Manuel Arruda (I-12, p. 7) – Botânico brasileiro.

CÂMARA, Paulo Perestrello da (I-9, p. 1) – Autor do *Diccionario Geographico* de Portugal.

CAMARATE, Alfredo (I-7, p. 8) – Crítico musical no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro.

CAMINHA, Pero Vaz de (I-2, p. 4) – Escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral.

CAMÕES, Luís de (I-2, p. 6; I-3, p. 3; I-5, p. 3; I-7, p. 1; I-10, p. 2; I-13, p. 3; I-16, p. 4; I-19, p. 2; I-21, p. 3,4,5) – Poeta português.

CAMPOS, Francisco Gomes de (Barão de Campo Grande) (I-13, p. 4) – Político e magistrado brasileiro.

CARDIM, Padre Fernão (I-4, p. 6,7; I-5, p. 2) – Jesuíta português.

CARDOSO, Miguel (I-5, p. 6) – Crítico musical do jornal *A Semana*, do Rio de Janeiro.

Carioca, O (I-3, p. 7) – Teatro de revista de Artur Azevedo e Moreira Sampaio.

CARLOS I (I-2, p. 7) – Rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda.

CARLOS V (I-15, p. 4) – Rei da França.

CASAL, Manuel Aires de (Padre Aires de Casal) (I-1, p. 3) – Historiador português, autor de *Corografia Brazilica*.

CASTILHO, Antonio Feliciano de (I-16, p. 4) – Escritor português.

CASTELAR, Emilio (I-8, p. 3) – Político e escritor espanhol.

CASTRO, João Baptista de (I-9, p. 1) – Autor do *Mappa de Portugal*.

CATUNDA, Joaquim de Oliveira (I-1, p. 3; I-2, p. 3,4; I-4, p. 6; I-5, p. 1; II-1, p. 3) – Político e historiador cearense, autor de *Estudos de História do Ceará*.

CELSO, Afonso (Afonso Celso de Assis Figueiredo; Visconde de Ouro Preto) (I-11, p. 5) – Político brasileiro, foi ministro imperial.

CERVANTES, Miguel de (II-1, p. 3; II-2, p. 3,6) – Escritor espanhol.

CHAGAS, Manuel Pinheiro (I-6, p. 4) – Escritor português, autor de *A Virgem Guaraciaba* (1866).

CHARPENTIER, Marc-Antoine (II-5, p. 8; II-7, p. 6) – Compositor francês.

CHATEAUBRIAND, François-René de (Visconde de Chateaubriand) (I-5, p. 4; I-7, p. 2; I-11, p. 3) – Escritor e político francês.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão (I-13, p. 4) – Médico e escritor polonês, migrou para o Brasil no Segundo Império.

CHOMPRÈ, Mr. (I-19, p. 2) – Autor de *Dicionário da fábula*.

CLADEL, Léon (II-5, p. 8) – Escritor francês.

CLARETIE, Jules (II-1, p. 7; II-5, p. 8) – Escritor e crítico francês.

CLAUS, Karl Ernst (I-21, p. 6) – Naturalista e químico alemão.

CLEMENTE, Papa (I-16, p. 1) – Religioso italiano.

CLOTILDE, Francisca (Francisca Clotilde Barbosa Lima) (I-14, p. 6) – Escritora e pedagoga cearense, participante do Clube Literário.

Clube Iracema (I-20, p. 6; II-2, p. 6) – Fundado em 1884, era um espaço que recebia variadas atividades da sociedade cearense.

COCHIN, Augustin (Pierre-Suzanne-Augustin Cochin) (I-11, p. 1) – Escritor e político francês, autor de *Pestalozzi: sa vie, ses uvres, ses méthodes d'instruction et d'éducation*.

COLOMBO, Cristóvão (I-15, p. 3) – Explorador espanhol.

COMTE, Auguste (I-2, p. 2; I-12, p. 1) – Criador da filosofia positivista.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano (I-13, p. 4) – Médico e jornalista português, autor do *Novo dicionário crítico e etymologico da lingua portuguesa*.

COPÉRNICO, Nicolau (I-6, p. 2; I-13, p. 3) – Astrônomo e matemático polaco.

COPPÉE, François (II-4, p. 3) – Escritor francês.

CORDAY, Charlotte (Marie-Anne Charllote Corday d’Armont) (I-4, p. 1) – Girondina, responsável pelo assassinato de Jean-Paul Marat, na Revolução Francesa.

COSTA, Álvares da (I-16, p. 7) – Bacharel em direito pela Faculdade de Recife. Escreveu para a revista *Arquivo Brasileiro*, de Clóvis Beviláqua.

COSTA, João Alfredo da (I-12, p. 7) – Autor de *Excursão pelos domínios da Ontologia: estudos e observações sobre as formigas*.

COTEGIPE, Barão de (João Maurício Wanderley) (I-9, p. 7; I-10, p. 4; I-15, p. 6; I-18, p. 4,5) – Político brasileiro.

CRISPI, Francesco (II-3, p. 6) – Político italiano, foi primeiro-ministro na Itália.

CRISTINA DA SUÉCIA (I-2, p. 8) – Rainha da Suécia.

CROMWELL, Oliver (I-2, p. 6,7; I-12, p. 5) – Político inglês.

D

DARRAS, Joseph-Epiphanie (I-16, p. 1) – Historiador francês.

DARWIN, Charles (I-2, p. 2; I-6, p. 2; II-1, p. 3; II-3, p. 4) – Naturalista britânico.

DAUDET, Alphonse (I-14, p. 7; II-3, p. 6; II-5, p. 8) – Escritor francês, autor de *Lettres de mon moulin* (1869).

DÉCLIEUX, Capitão (Antoine de Jussieu) (I-17, p. 6) – Botânico e naturalista francês.

DELBOEUF, Joseph Rémi Léopold (II-7, p. 1) – Filósofo, psicólogo e matemático belga, responsável pelo método de ilusão Delboeuf, da psicologia experimental.

DELPINO, Federico (II-3, p. 4) – Botânico italiano.

DESCARTES, René (I-15, p. 6) – Filósofo, físico e matemático francês.

D’EU, Conde (Gastão de Orléans) (I-11, p. 5) – Nobre francês casado com a princesa Isabel.

D’EU, Condessa (princesa Isabel) (I-11, p. 5) – Primogênita de Dom Pedro II.

Diário de Notícias (I-5, p. 7) – Jornal do Rio de Janeiro.

DIAS, Gonçalves (I-1, p. 3; I-4, p. 7, 8; I-6, p. 4; I-11, p. 6; I-13, p. 3, 4; I-15, p. 3; I-20, p. 1, 2) – Poeta brasileiro.

DIDEROT, Denis (II-2, p. 3) – Filósofo francês.

DISRAELI, Benjamin (1º Conde de Beaconsfield) (I-2, p. 7) – Político e escritor inglês.

DITTES, Friedrich (I-11, p. 1) – Educador e político alemão, autor de *Geschichte der Erziehung und des Unterrichts (História da educação e ensino)*.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor (I-15, p. 1) – Escritor russo.

DRAPER, John William (I-12, p. 5) – Cientista, filósofo e historiador inglês-americano.

DRYDEN, John (I-2, p. 8) – Escritor e crítico inglês.

DUCHARTRE, Pierre Étienne Simon (I-21, p. 6,7,8) – Botânico francês.

DUMAS, Alexandre (Filho) (II-2, p. 7; II-3, p. 5) – Escritor francês.

DUMONT, Leon (I-7, p. 4; II-8, p. 2) – Filósofo e psicólogo francês.

DUPLESSIS, Marie (II-1, p. 7) – Cortesão francesa.

DURÃO, Santa Rita (I-2, p. 4; I-4, p. 8; I-5, p. 4; I-10, p. 1; I-14, p. 4; I-15, p. 3; I-16, p. 4; I-21, p. 4) – Religioso e poeta brasileiro, autor de *Caramuru*.

E

ELIOT, George (Mary Ann Evans) (II-6, p. 1) – Escritora britânica.

Escola Popular (II-7, p. 4) – Fundada pela Academia Francesa, do Ceará, era voltada para a formação de pessoas das classes mais baixas e operários.

ESCRICH, Enrique Pérez (II-1, p. 1) – Escritor popular espanhol.

F

FACÓ, José Baltasar Ferreira (I-21, p. 1) – Promotor, juiz e escritor cearense.

FARIA, Eduardo de (I-1, p. 3) – Autor do *Novo dictionario de lingua portugueza*.

FECHNER, Gustav Theodor (I-13, p. 3; II-7, p. 1, 2; II-8, p. 1, 2) – Filósofo alemão.

FERRAZ, Luiz Pedreira do Couto (Visconde do Bom Retiro) (I-12, p. 7) – Advogado e político brasileiro.

FERREIRA, José Dias (II-2, p. 7) – Político português.

FERRIÈRE, Émile (II-2, p. 1) – Autor de *Le Darwinisme*.

FÉVAL, Paul (filho; Paul Auguste Jean Nicolas Féval) (II-1, p. 2) – Escritor francês, filho de Paul Féval.

FÉVAL, Paul (pai; Paul Henri Corentin Féval) (II-1, p. 2) – Escritor francês.

FEYDEAU, Georges (II-3, p. 5) – Dramaturgo francês.

FICHTE, Johann Gottlieb (I-13, p. 1; II-1, p. 3; II-3, p. 2) – Filósofo alemão.

FIGUEIRA, Luís (I-4, p. 6; I-5, p. 3; I-7, p. 1) – Jesuíta português.

FIGUEIREDO, Candido de (Antonio Candido de Figueiredo) (II-2, p. 7) – Filólogo português.

FIORITO, Archangelo (I-7, p. 8) – Maestro e professor no conservatório de música do Rio de Janeiro.

FLAUBERT, Gustave (I-5, p. 7; I-15, p. 1) – Escritor francês.

FLORENCE, Hercule (Antoine Hercule Romuald Florence) (I-18, p. 6) – Pioneiro da fotografia franco-brasileira, também foi pintor, desenhista e polígrafo francês.

FOSCOLO, Ugo (I-7, p. 4) – Escritor italiano.

FRANKLIN, Benjamin (I-15, p. 4) – Político, cientista e inventor norte-americano, conhecido por suas descobertas em relação à eletricidade.

Fraternidade (I-1, p. 2; II-7, p. 4) – Jornal maçônico de Fortaleza.

FREIRE, Junqueira (I-16, p. 3) – Poeta brasileiro.

FREITAS, Augusto Teixeira de (I-15, p. 4) – Jurisconsulto brasileiro no período imperial.

FREITAS, João Alfredo (I-16, p. 7) – Piauiense, bacharel em direito, parceiro de Clóvis Beviláqua na direção da revista *Arquivo Brasileiro*.

FREITAS, José Antônio de (I-11, p. 6) – Tradutor e crítico português.

FREYTAG, Gustav (II-6, p. 1) – Escritor alemão.

G

Gabinete de Leitura (Gabinete Cearense de Leitura) (II-7, p. 4) – Fundado em 1876, em Fortaleza, funcionava no prédio da Biblioteca Pública.

GALENO, Juvenal (I-5, p. 3; I-10, p. 2; II-7, p. 3) – Escritor cearense.

GALL, Franz Joseph (I-13, p. 1,3) – Médico e anatomista alemão, criador da frenologia.

GAMA, Basílio da (I-5, p. 3,4) – Poeta português.

GAMA, Vasco da (Conde de Vidigueira) (I-21, p. 4) – Explorador português.

GANDERAX, Louis (II-5, p. 8) – Jornalista e crítico de teatro francês.

GARRETT, Almeida (João batista da Silva Leitão de Almeida Garret) (I-16, p. 4; I-21, p. 3; II-8, p. 5) – Escritor português.

GARRIDO, Eduardo (I-5, p. 7; I-7, p. 8) – Tradutor e escritor teatral.

GAUDEN John (I-2 , p. 7) – Bispo e escritor inglês.

Gazeta de Notícias (I-1, p. 2, 3; I-5, p. 1; I-11, p. 6; II-4, p. 3) – Periódico do Rio de Janeiro.

Gazeta Literária (I-4, p. 6) – Periódico do Rio de Janeiro.

Gil Blas (II-1, p. 7) – Periódico parisiense.

GLADSTONE, William Ewart (Marquês de Salisbury) (I-12, p. 5) – Político liberal britânico, foi primeiro-ministro do Reino Unido.

GLEDITSCH, Johann Gottlieb (II-3, p. 5) – Botânico alemão.

Globo (I-15, p. 4) – Publicação do Rio de Janeiro no período Imperial.

GREGÓRIO, Papa (Gregório, o Grande) (I-16, p. 1) – Religioso italiano.

Grêmio de Letras e Artes (I-5, p. 6) – Grupo formado por escritores do Rio de Janeiro em 1887.

GRIBOYEDOV, Alexander Sergueievitch (I-15, p. 1) – Escritor e compositor russo.

GROTIUS, Ortwin (I-2, p. 8) – Teólogo e humanista alemão.

GODEBSKI, Cyprien (II-4, p. 3) – Escultor francês.

GOETHE, Johann Wolfgang (I-6, p. 2, 5; I-7, p. 3; II-1, p. 3; II-2, p. 1) – Escritor alemão.

GOGOL, Nikolai (II-6, p. 1) – Escritor russo.

GONCOURTS (Edmond de Goncourt; Jules de Goncourt) (II-6, p. 1,2) – Escritores franceses da escola naturalista.

GONZAGA, Tomás Antonio Gonzaga (I-16, p. 4) – Escritor português.

GÓIS, Damião de (I-11, p. 3) – Historiador e humanista português.

GOUNOD, Charles (II-5, p. 8) – Compositor francês.

GUILHERME II (I-11, p. 5) – Imperador alemão.

GUILHERME IV (do Reino Unido) (I-12, p. 5) – Foi rei do Reino Unido.

GUILLAUME, James (I-11, p. 2) – Fundador da Internacional Anarquista de Saint-Imier, é autor de *Pestalozzi, étude biographique* (1890).

GUIMPS, Roger de (I-11, p. 1, 2) – Aluno do Instituto Pestalozzi Yverdon, autor de *Historie de Pestalozzi*.

GUMPLOWICZ, Ludwing (I-15, p. 2) – Cientista e político polonês, um dos fundadores da sociologia europeia.

H

HACHETTE, Joanna (I-4, p. 2) – Heroína nacional francesa conhecida durante a ocupação do exército de Carlos, o Temerário, o Duque de Borgonha em Beauvais, em 1472.

HAILMAN, W. N. (I-11, p. 2) – Autor de *Twelve lectures on the history of Pedagogy*.

HEFELE, Karl Josef von (I-16, p. 1) – Teólogo alemão.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (II-3, p. 2) – Filósofo alemão.

HEINE, Henrique (II-1, p. 7; II-2, p. 1) – Poeta alemão.

HELMHOLTZ, Hermann von (I-13, p. 3) – Médico e físico alemão.

HENNIQUE, Léon (II-6, p. 1,2) – Escritor naturalista francês.

HENRIQUE VIII (I-15, p. 4) – Foi rei da Inglaterra.

HEPP, Alexandre (II-3, p. 6) – Escritor francês.

HERBART, Johann Friedrich (I-13, p. 1,2,3) – Filósofo, psicólogo e pedagogo alemão.

HERCKMANS, Elias (I-5, p. 2; I-13, p. 3) – Geógrafo e cartógrafo holandês, governou a capitania da Paraíba.

HERCULANO, Alexandre (Alexandre Herculano de Carvalho Araújo) (I-16, p. 4) – Escritor português.

HOMEM, Torres (João Vicente Torres Homem) (I-9, p. 7) – Médico particular de Dom Pedro II.

HUGO, Victor (I-5, p. 6; I-6, p. 2; I-10, p. 7,8; I-11, p. 5; I-12, p. 5; II-1, p. 3; II-2, p. 3) – Escritor francês.

HUMBOLDT, Alexander Von (I-12, p. 1; I-13, p. 3; II-2, p. 1) – Naturalista alemão.

HUME, David (I-12, p. 5) – Filósofo escocês.

HUTTEN, Ulrich von (I-2, p. 8) – Humanista e poeta alemão.

I

ISABEL, Dona (I-11, p. 5) – Ver Condessa D’Eu.

J

JAIME I (Duque de Bragança) (I-2, p. 7; I-21, p. 4) – Rei da Inglaterra e Irlanda.

JAIME, Moniz (II-2, p. 7) – Político português.

JOÃO II (I-15, p. 4) – Rei de Portugal.

JOÃO III (I-2, p. 8; I-21, p. 4) – Rei de Portugal.

JOÃO VIII, Papa (I-16, p. 1) – Religioso italiano.

Jornal do Comércio (I-7, p. 8) – Periódico do Rio de Janeiro.

JÚNIOR, Araripe (Tristão de Alencar Araripe) (I-4, p. 6, 7, 8; I-8, p. 3, 4; I-9, p. 1; I-12, p. 7; II-1, p. 3; II-2, p. 6; II-4, p. 8; II-7, p. 4) – Crítico literário e escritor cearense.

JÚNIOR, Isidoro Martins (I-11, p. 6) – Jornalista e escritor brasileiro.

JÚNIOR, Pinto (Conselheiro João José Pinto Júnior) (I-16, p. 7) – Professor da Faculdade de Direito do Recife.

JUNQUEIRO, Guerra (I-9, p. 8) – Poeta português.

K

KANT, Immanuel (I-7, p. 4; I-13, p. 3; II-3, p. 2) – Filósofo prussiano.

KENT, Duque de (príncipe Eduardo Augusto) (I-12, p. 5) – Foi pai da rainha Vitória, do Reino Unido.

KEPLER, Johannes (I-6, p. 2; I-13, p. 3) – Astrônomo e matemático alemão.

KNIGHT, Thomas Andrew (II-3, p. 4) – Botânico britânico.

KNIVET, Antonio (I-10, p. 1) – Inglês, autor de *Notável viagem no ano de 1591 da Inglaterra ao Mar do Sul*.

KOCK, Paul de (II-1, p. 1) – Romancista francês.

KOSERITZ, Carolina von (I-14, p. 6) – Escritora e tradutora brasileira.

KOSTER, Henry (Henrique da Costa) (I-10, p. 2) – Português, filho de ingleses, foi senhor de engenho em Pernambuco e cronista, autor de *Travels in Brazil*.

L

LAMARCK, Jean-Baptiste de (I-2, p. 2; I-6, p. 2; I-12, p. 1) – Naturalista francês, criador da teoria da transmissão dos caracteres adquiridos.

LAMARTINE, Alphonse de (I-3, p. 1; I-8, p. 4) – Escritor francês.

LANGE, Friedrich Albert (I-4, p. 3; I-7, p. 4; I-8, p. 1,2; I-9, p. 2,3; I-13, p. 2,3; II-1, p. 3; II-7, p. 1) – Filósofo e sociólogo alemão.

LASTARRIA, José Victorino (I-8, p. 1) – Escritor chileno, autor de *Lecciones de política positiva* (1874).

LAUGEL, Antonie-Auguste (I-12, p. 2) – Engenheiro, historiador e filósofo francês.

LAVOISIER, Antoine Laurent de (I-18, p. 1; I-20, p. 5) – Químico francês.

LAZARUS, Moritz (I-4, p. 3) – Filósofo e psicólogo alemão.

LEÃO, Duarte Nunes (I-11, p. 3) – Gramático e historiador português.

LEÃO IV, Papa (I-16, p. 1) – Religioso italiano.

LE BON, Gustave (I-3, p. 8; II-2, p. 1) – Psicólogo e sociólogo francês.

LE MAOUT, Emmanuel (I-15, p. 4) – Médico e naturalista francês.

LEMONNIER, Camille (II-3, p. 6) – Escritor belga.

LEOPARDI, Giacomo (I-7, p. 4) – Escritor italiano.

LEOPOLDO, Visconde de São (José Feliciano Fernandes Pinheiro) (I-7, p. 2) – Escritor e político brasileiro.

LERMONTOV, Mikhail Iúrievich (I-15, p. 1; I-16, p. 4) – Escritor russo.

LÉRY, João de (Jean de Lery) (I-4, p. 8) – Francês, autor de *Viagem à terra do Brasil*.

LETOURNEAU, Charles Jean Marie (I-7, p. 3, 4) – Antropólogo francês, autor de *Physiologie des passions*.

LEVAILLANT, François (I-15, p. 3) – Explorador e naturalista francês.

LIAIS, Emmanuel (I-5, p. 4) – Político e explorador francês, autor de *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil* (1872).

Libertador (I-16, p. 7; I-10, p. 5; p. 4; II-4, p. 8; II-6, p. 8; II-7, p. 3) – Jornal político de Fortaleza defensor da causa abolicionista.

LITTRÉ, Émile (I-12, p. 2) – Lexicólogo e filósofo francês.

LIMA, Rocha (Raimundo Antônio da Rocha Lima) (II-7, p. 3) – Fundador da Academia Francesa, intelectual cearense, autor de *Crítica e literatura*.

LOBATO, Gervasio (II-1, p. 7) – Escritor português, escreveu a peça *Médicas*, em parceria com Fernando Caldeira.

LOCKE, John (I-12, p. 1; I-15, p. 4) – Filósofo inglês, pensador do liberalismo clássico.

LOMBROSO, Cesare (II-3, p. 1) – Psiquiatra e criminologista italiano.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth (I-11, p. 2) – Poeta norte-americano.

M

MACAULEY, Thomas Babington (1º Barão de Macauley) (I-2, p. 8) – Político e historiador inglês.

MACEDO, Joaquim Manuel de (I-16, p. 4) – Escritor brasileiro.

MACEDO, Marcos Antônio de (I-12, p. 6) – Escritor e político, foi presidente do Piauí. A partir de suas investigações científicas, publicou o mapa topográfico do Crato.

MAGALHÃES, Couto de (I-4, p. 7; I-5, p. 4; I-8, p. 4; I-11, p. 3; I-13, p. 3; I-14, p. 4) – Político, militar e escritor brasileiro, autor de *O selvagem* (1876).

MAGALHÃES, Gonçalves de (Visconde de Araguaia) (I-2, p. 3; I-3, p. 2; I-19, p. 2) – Escritor brasileiro.

MAGALHÃES, Valentim (I-5, p. 6; II-2, p. 6) – Jornalista e escritor brasileiro.

MALOT, Madame Hector (Marthe Oudinot de La Faverie) (II-5, p. 8) – Escritora francesa, segunda esposa do escritor Hector Malot, autora de *Folie D'amour*.

MALLET, Pardal (I-17, p. 1, 2, 3) – Jornalista e escritor brasileiro.

MAMEDE, Catão (Catão Paes da Cunha Mamede) (II-7, p. 3) – Farmacêutico cearense.

MAMIANI, Luiz Vicêncio (I-1, p. 4) – Linguista e jesuíta italiano.

MARTINS, Antonio (I-10; p. 4) – Escritor cearense.

MARTINS, Silveira (Gaspar da Silveira Martins) (I-11, p. 5) – Político brasileiro.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von (I-1, p. 3; I-2, p. 4) – Médico, antropólogo e pesquisador alemão.

MAUDSLAY, Henry (I-12, p. 5) – Psiquiatra inglês.

MAUPASSANT, Guy de (I-17, p. 2; II-3, p. 6; II-5, p. 7, 8; II-7, p. 6) – Poeta francês.

MELO, Teixeira de (José Alexandre Teixeira de Melo) (I-19, p. 3) – Médico, jornalista e escritor brasileiro.

MEIRELLES, Victor (I-3, p. 6) – Pintor brasileiro.

MENDES, Cândido (Cândido Mendes de Almeida) (I-1, p. 3; I-2, p. 3; I-3, p. 3; I-4, p. 7,8; I-5, p. 1, 2, 3, 4; I-8, p. 5) – Político e professor brasileiro, autor de *Memória para a história do extinto estado do Maranhão*.

MENDES, Odorico (I-8, p. 6; I-19, p. 2) – Tradutor e político brasileiro.

MENDONÇA, Henrique Lopes de (II-2, p. 7) – Escritor e militar português.

MENDONÇA, Lúcio de (II-4, p. 3) – Magistrado e escritor brasileiro, idealizador da Academia Brasileira de Letras.

Mercurio (I-5, p. 7; I-7, p. 8) – Teatro de revista de Artur Azevedo e Moreira Sampaio.

MEYERBEER, Giacomo (II-2, p. 7) – Compositor alemão.

MICKIEWICZ, Adam Bernad (I-15, p. 1; II-4, p. 3) – Escritor polonês.

MIGUEZ, Leopoldo (I-5, p. 7) – Maestro brasileiro.

MILL, John Stuart (I-12, p. 2) – Filósofo e economista inglês.

MILTON, John (I-2, p. 6,7,8) – Poeta inglês.

MONTEVERDE, Emílio Aquiles (I-15, p. 4) – Autor do *Manual Enciclopédico para Brasil e Portugal*.

MORAES, Alexandre José Mello (I-2, p. 3; I-13, p. 3) – Historiador e médico brasileiro, autor de *Corographia Historica do Brazil*.

MORAES, Alexandre José Mello (filho) (I-20, p. 1) – Médico e poeta brasileiro.

MORAES, Antonio de (Antonio de Moraes Silva) (I-5, p. 4; I-6, p. 4; I-7, p. 1; I-10, p. 1; I-11, p. 3; I-15, p. 4) – Lexicólogo brasileiro, autor do *Dicionário da Língua Portuguesa*.

MORAES, Padre José de (I-3, p. 3; I-4, p. 6, 7, 8; I-5, p. 5; I-7, p. 1, 2; I-8, p. 4, 5, 6, 7) – Jesuíta, autor de *História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará*.

MORENO, Diogo de Campos (I-4, p. 6. I-8, p. 6; I-11, p. 3) – Militar português, autor de *Jornada do Maranhão* (1614).

MORENO, Martins Soares (I-4, p. 6, 7; I-8, p. 5) – Militar português, foi capitão-mor do Ceará no período da colonização.

MONSARAZ, Visconde de (Antonio de Macedo Papança) (II-2, p. 7) – Político e escritor português.

MONTAGNE, Eduardo (II-1, p. 7) – Escritor francês.

MORE, Alexander (Alexander Morus) (I-2, p. 7) – Pregador calvinista franco-escorcês.

MOTA, Silveira da (II-2, p. 7) – Político português.

MOULIN, Peter (I-2, p. 7) – Clérigo anglicano.

MOURA, Alexandre de (I-4, p. 7) – Capitão-mor português em Pernambuco.

MOURA, Benjamin (II-7, p. 4) – Membro da Academia Francesa, grupo de intelectuais do Ceará.

MÜLLER, Hermann (II-3, p. 4, 5) – Botânico alemão, irmão do botânico Fritz Müller.

MÜLLER, Karl Otfried (I-8, p. 5) – Estudioso alemão, autor de *Histoire de la littérature grecque*.

Município, O (I-1, p. 2) – Jornal de Fortaleza.

N

NABUCO, Joaquim (I-18, p. 4,5) – Político e diplomata brasileiro.

NAJAC, Emilio (Émile de Najac) (II-3, p. 6) – Libretista francês.

NANTES, Padre Bernardo (I-1, p. 4) – Catequista capuchino.

NASCIMENTO, Francisco José do (Dragão do Mar; Chico da Matilde) (I-10, p. 3) – Jangadeiro abolicionista cearense.

NETO, Coelho (Henrique Maximiano Coelho Neto) (II-2, p. 7) – Escritor brasileiro.

NEPOMUCENO, Alberto (II-5, p. 7) – Compositor e regente cearense.

NEVES, Joaquim de Andrade (Barão do Triunfo) (I-21, p. 4) – Militar brasileiro.

NEY, Francisco de Paula (Paula Ney) (I-5, p. 6) – Poeta cearense.

NERY, Frederico José de Santa-Anna (Barão de Santa-Anna Nery) (I-18, p. 6; I-20, p. 2) – Historiador brasileiro.

NICOLINI, Ernesto (II-4, p. 4) – Tenor e marido de Adelina Patti.

NOGUEIRA, Paulino (Paulino Nogueira Borges da Fonseca) (I-5, p. 1; I-11, p. 2) – Historiador e político, foi participante do Clube Literário.

NORDAU, Max (II-1, p. 3; II-2, p. 1,2) – Médico húngaro, adepto do darwinismo social.

O

OLIVEIRA, Alberto de (Antônio Mariano de Oliveira) (I-5, p. 6) – Poeta brasileiro.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de (I-13, p. 4) – Poeta e político luso-brasileiro, autor de *A Ilha da maré*.

OLIVEIRA, Martins (Joaquim Pedro de Oliveira Martins) (I-4, p. 1) – Político português, autor de *Regime das nações*.

ONDINOT, Camille (II-3, p. 6) – Escritor francês.

ORBIGNY, Alcide Dessalines d' (I-18, p. 6) – Naturalista e explorador francês.

ORLÉANS, Gastão (I-11, p. 5) – Ver Conde D'Eu.

ORTIGÃO, Ramalho (I-11, p. 6; II-1, p. 3) – Escritor português.

P

Pacotilha (I-11, p. 6) – Jornal de São Luís, MA.

PAILLERON, Édouard (II-5, p. 8) – Escritor francês.

PAMPLONA, Iclirérico Narbal (I-15, p. 4) – Servidor público e político cearense, foi comendador.

PATTI, Adelina (II-4, p. 4) – Soprano espanhola.

Paiz, O (I-5, p. 6; I-9, p. 8) – Periódico do Rio de Janeiro.

PEEL, Robert (I-12, p. 5) – Político britânico, foi primeiro-ministro do Reino Unido.

PERDENEIRAS, Oscar (I-3, p. 7; I-5, p. 7) – Jornalista brasileiro, autor de peças em teatro de revista.

PERDIGÃO, Carlos (Carlos Frederico Marques Perdigão) (I-13, p. 4) – Jurista, redator e proprietário da *Gazeta Jurídica*, do Rio de Janeiro.

PEREIRA, Pedro (Pedro Pereira da Silva Guimarães) (I-1, p. 2) – Político, juiz de direito e jornalista cearense.

PESTALOZZI, Johann Heinrich (João Henrique Pestalozzi) (I-11, p. 1,2; I-12, p. 3) – Pedagogo suíço.

PINHEIRO, João Chagas (II-2, p. 7) – Político e jornalista português.

PINHEIRO, José Pedro Xavier (II-5, p. 7) – Tradutor, fez a primeira tradução da *Divina Comédia* para o português.

PINTO, Cônego (Antônio Pinto Mendonça) (I-1, p. 2) – Político e religioso cearense, foi vice-presidente da província do Ceará.

PINTO, Padre Francisco (I-3, p. 1, 2; I-4, p. 6; I-5, p. 2; I-6, p. 4, 6; I-7, p. 1; I-8, p. 3, 4, 5) – Jesuíta português, tentou catequizar os índios no Ceará.

PINTO, Silva (Antonio José da Silva Pinto) (I-11, p. 6) – Escritor e crítico literário português.

PISEMSKY, Aleksey Feofilaktovich (I-15, p. 1) – Escritor russo.

PIZARRO, Monsenhor (José de Souza Azevedo e Araújo Pizarro) (I-1, p. 3) – Historiador brasileiro.

POLYHISTER, Alexandre (Alexandre, o Polímata; Lúcio Cornélio Alexandre Polímata) (I-19, p. 2) – Erudito grego.

POLÔNIO, Cinira (I-5, p. 6; I-7, p. 8) – Atriz e cantora brasileira, destacou-se no teatro de revista.

POMPEO, Tomaz (Tomaz Pompeo de Sousa Brasil; Senador Pompeu) (I-1, p. 3; I-2, p. 4; I-5, p. 3, 4; I-7, p. 1; I-12, p. 7; I-13, p. 3, 4; II-7, p. 3) – Político, jornalista e professor cearense.

POMPEO, Tomaz (filho) (Tomaz Pompeo de Sousa Brasil) (II-7, p. 3) – Advogado, político e escritor cearense.

POMBAL, Marquês de (Sebastião José de Carvalho e Melo) (I-9, p. 2) – Estadista português.

PONSARD, François (II-5, p. 8) – Escritor francês.

PORT, Arnold Dodel (II-3, p. 5) – Botânico suíço.

POSSER, Pedro M. (I-15, p. 3) – Autor de *Maravilhas da criação*.

PRIESTLEY, Joseph (I-20, p. 5) – Pedagogo, filósofo natural, químico, teólogo e político britânico.

PRUDHOMME, Sully (I-6, p. 1; I-7, p. 3; I-8, p. 1; I-9, p. 3; I-14, p. 6; II-5, p. 8) – Poeta francês.

PUSHKIN, Alexander Sergueievitch (I-15, p. 1; I-16, p. 4) – Escritor russo.

Q

QUEIROZ, Eça (I-11, p. 6; I-14, p. 7; I-17, p. 2) – Escritor português.

QUINET, Edgar (I-9, p. 3) – Escritor e político francês.

R

RABELAIS, François (II-2, p. 6) – Escritor francês.

RATTAZZI, Maria (Maria Bonaarte-Wyse) (I-4, p. 1; I-21, p. 5) – Escritora e jornalista francesa.

REID, Thomas (I-12, p. 5) – Filósofo escocês.

RENAN, Ernest (II-2, p. 7; II-4, p. 4) – Escritor francês.

Revista da Família Acadêmica (II-2, p. 6; II-4, p. 8) – Publicação da Escola Militar do Rio de Janeiro.

Revista do Instituto do Ceará (I-16, p. 7; II-7, p. 5) – Publicação do Instituto Histórico do Ceará.

Revista do Norte (I-8, p. 7) – Publicação de Recife.

Revista Federal (I-16, p. 7) – Publicação do Clube Republicano Rio Grandense do Sul.

RIBOT, Théodule-Armand (I-4, p. 3; I-13, p. 1, 2, 3; II-7, p. 1; II-8, p. 1) – Psicólogo francês.

RICHEPIN, Jean (I-15, p. 1) – Escritor francês, membro da Academia Francesa.

RIO BRANCO, Visconde do Rio (José Maria da Silva Paranhos) (I-1, p. 2) – Político brasileiro.

RODRIGUES, João Barbosa (I-13, p. 4; I-18, p. 6; I-20, p. 2) – Naturalista brasileiro.

ROLAND, Manon (I-4, p. 1; I-5, p. 8) – Integrante do partido Girondino, foi morta na guilhotina durante a Revolução Francesa.

ROLLINAT, Maurice (I-15, p. 1) – Poeta francês.

ROLLOT, Hyppolute (II-5, p. 8) – Poeta francês.

ROMARIZ, Maria Lúcia (Maria Lúcia Duarte; Maria Luíza Duarte) (I-14, p. 6) – Escritora alagoana.

ROMERO, Sílvio (I-13, p. 4; I-14, p. 7; II-2, p. 6) – Crítico literário e escritor brasileiro.

ROSSEAU, Jean-Jacques (I-11, p. 2; I-12, p. 3) – Filósofo suíço.

ROTTERDÃ, Erasmo de (I-2, p. 8) – Teólogo humanista neerlandês.

RUBIM, Braz da Costa (I-5, p. 4) – Autor de *Vocábulos indígenas e outros introduzidos no uso vulgar* (1853).

S

SACHER-MASOCH, Leopold Ritter von (I-15, p. 1,2) – Escritor austríaco.

SAENS, Camille de Saint (II-3, p. 6) – Compositor francês.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet (I-1, p. 3; I-2, p. 3) – Autor do *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil*.

SALES, Antonio (I-10; p. 4) – Escritor cearense, criador da Padaria Espiritual.

SAMPAIO, Moreira (Francisco Moreira Sampaio) (I-3, p. 7; I-5, p. 7; I-7, p. 8) – Jornalista e escritor, parceiro de Artur Azevedo.

SAND, George (Amandine Aurore Lucile Dupin) (I-4, p. 1) – Escritora francesa.

SAND, Karl Ludwing (I-22, p. 1) – Estudante de prussiano na Universidade de Jena, assassino de August von Kotzebue.

SALMASIUS, Claude (I-2, p. 7, 8) – Erudito francês.

SCALIGER, Joseph Justus (I-2, p. 7) – Religioso e pesquisador francês

SCHILLER, Friedrich (Johann Chirstopher Friedrich Schiller) (II-2, p. 1) – Poeta alemão.

SCHOPENHAUER, Arthur (I-8, p. 1; I-9, p. 3; I-15, p. 1, 2; I-21, p. 1, 3; I-22, p. 1; II-1, p. 3) – Filósofo alemão.

SELIM I (I-17, p. 6) – Sultão do Império Otomano.

Semana, A (I-5, p. 6; I-11, p. 6; II-2, p. 6; II-4, p. 8) – Periódico do Rio de Janeiro (1885-1899).

SERPA, Antonio de (II-2, p. 7) – Político português.

SERPA, Justiniano de (I-1, p. 8) – Escritor e político cearense, foi presidente da província do Ceará.

SHAKSPEARE, William (I-2, p. 7; I-6, p. 2; I-12, p. 5; II-1, p. 3; II-2, p. 1) – Escritor inglês.

SILVA, Cândido Mariano da (Cândido Rondon) (II-2, p. 6) – Militar e sertanista brasileiro.

SILVA, Domingos da Costa e (I-17, p. 7) – Responsável pelas primeiras plantações de café no Ceará, cultivadas nas regiões serranas.

SILVA, Pereira (João Manuel Pereira da Silva) (I-13, p. 4) – Escritor brasileiro, autor de *Segundo período do reinado de Dom Pedro I no Brazil: narrativa histórica*.

SLOWACKI, Juliusz (I-15, p. 1) – Escritor polonês.

SOARES, Antônio Joaquim Macedo Soares (I-5, p. 2) – Escritor e político brasileiro no Império.

SOARES, Gabriel (Gabriel Soares de Sousa) (I-1, p. 3; I-2, p. 4; I-5, p. 2) – Historiador português, estudioso do Brasil, autor de *Notícia do Brasil* (1587).

Sociedade Cearense Libertadora (II-7, p. 4) – Fundada em 1880, era um grupo com mais de 200 sócios voltado para a busca pela abolição dos escravos no Ceará.

SOUTHEY, Robert (I-1, p. 4; I-12, p. 7; I-13, p. 3, 4) – Historiador britânico, autor de *História do Brasil*.

SOUSA, Francisco de (I-19, p. 4) – Jesuíta luso-brasileiro, autor de *Do Oriente conquistado a Jesus Cristo pelos padres da Companhia de Jesus, da província de Goa*.

SOUSA, Gaspar de (I-4, p. 6) – Administrador colonial português.

SOUSA, Joaquim de (I-21, p. 1) – Poeta e jornalista cearense.

SOUSA, Pero Coelho de (I-2, p. 3, 4; I-4, p. 6; I-5, p. 1, 2) – Explorador português, um dos primeiros a tentar colonizar o Ceará.

SOUZA, Luiz Jacome de Abreu e (I-19, p. 3) – Militar, fundador da escola de equitação do São Cristóvão, responsável por trazer o hipismo para o Brasil.

SCHMITZ, Bernard (Bernard Maria Schmitz) (II-3, p. 2) – Linguísta alemão.

SPENCER, Herbert (I-7, p. 3; I-12, p. 1, 2, 5; I-19, p. 3, 7; I-22, p. 2; II-7, p. 1) – Filósofo e sociólogo inglês.

SPENSER, Edmund (I-2, p. 8) – Poeta renascentista inglês.

SPITZER, Daniel (II-3, p. 1) – Escritor e advogado austríaco.

SPRENGEL, Christian Konrad (II-3, p. 4) – Botânico alemão.

STAEL, Germaine (I-4, p. 1) – Escritora suíça, atuante na Revolução Francesa.

STEINTHAL, Heymann (I-4, p. 3) – Filólogo e filósofo alemão.

STENTHAL, Henri-Mari Beyle (I-3, p. 3) – Escritor francês.

STERNE, Laurence (II-1, p. 3) – Escritor irlandês, autor de *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman* (1759).

T

TAINE, Hippolyte (I-2, p. 2; I-14, p. 7) – Crítico e historiador francês, representante do positivismo sociológico.

TAUNAY, Visconde de (Alfredo d'Escragnolle Taunay) (I-3, p. 6,7; I-5, p. 6; I-18, p. 6) – Escritor e político brasileiro.

TEIXEIRA, Múcio (II-2, p. 7) – Escritor brasileiro.

TIBÚRCIO, General (Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza) (I-15, p. 5; I-16, p. 7; II-6, p. 8) – Cearense, general na guerra do Paraguai.

TIEGHEM, Phillipe Édouard Léon Van (I-21, p. 6) – Botânico e biólogo francês.

THEBERGUE, Pedro (I-6, p. 5) – Autor de *Esboço histórico sobre a província do Ceará*.

THOMAZIA, Maria (Maria Thomazia de Abreu Machado) (I-4, p. 1) – Professora portuguesa.

Tribuna Católica (II-7, p. 4) – Jornal de Fortaleza.

TOLAND, John (I-2, p. 7) – Filósofo racionalista inglês.

TOLSTÓI, Liev Nikolayevich (I-15, p. 1,2; II-6, p. 1,2) – Escritor russo.

TURGUENIEV, Ivan Sergeievitch (I-15, p. 1) – Escritor russo.

V

VACQUERIE, Auguste (I-10, p. 4) – Escritor e jornalista francês.

VANDERBILT, Cornelius (II-5, p. 8) – Empreendedor americano.

VARELA, Fagundes (I-6, p. 5) – Poeta brasileiro.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (Visconde de Porto Seguro) (I-1, p. 3; I-4, p. 6, 7, 8; I-5, p. 4; I-7, p. 1; I-10, p. 2; I-11, p. 2; I-13, p. 3; I-20, p. 2) – Historiador brasileiro.

VASCONCELOS, Padre Simão de (I-4, p. 7; I-15, p. 3) – Jesuíta português.

VASQUES, Francisco Correa (I-19, p. 1) – Ator e dramaturgo carioca.

VERDE, Cesário (I-11, p. 6) – Poeta português.

VERDI, Giuseppe (I-5, p. 7) – Compositor italiano.

VERÍSSIMO, José (I-13, p. 3; I-18, p. 6; I-20, p. 2) – Escritor e crítico brasileiro.

VERNE, Júlio (I-5, p. 4; I-7, p. 2; I-10, p. 1, 2) – Escritor francês.

VÉRON, Eugène (I-14, p. 7) – Teórico de arte francês.

VIENNE, Romain (II-1, p. 7) – Escritor francês.

VIEIRA, Adéline Lopes (I-14, p. 6) – Escritora luso-brasileira.

VIEIRA, Julia (I-14, p. 6) – Escritora brasileira.

VIEIRA, Padre Antônio (I-4, p. 7; I-5, p. 5; I-6, p. 5; I-7, p. 1; I-8, p. 4) – Escritor e jesuíta português.

VIREMONT, Mr. De (I-20, p. 7) - Médico francês.

VONDEL, Joost van den (I-2, p. 8) – Escritor holandês.

W

WAITZ, Franz Theodor (I-4, p. 3) – Antropólogo e psicólogo alemão.

WATT, James (I-20, p. 5) – Matemático e engenheiro escocês.

WEBER, Ernst Heinrich (II-7, p. 2) – Médico alemão, fundador da psicologia experimental.

WUNDT, Wilhelm (I-13, p. 3) – Médico e filósofo alemão, foi um dos fundadores da psicologia moderna.

Z

Zé Caipora (I-3, p. 7; I-5, p. 7) – Teatro de revista de Oscar Pederneiras.

ZOLA, Émile (I-5, p. 6; I-10, p. 1; I-14, p. 7; I-15, p. 1, 2; I-17, p. 1, 2, 3; II-1, p. 6, 7; II-5, p. 8; II-6, p. 1, 2) – Escritor naturalista francês.

ANEXOS

Anexo A: Sumários das 30 edições d'*A Quinzena*

Ano 1, n.º 1, 15 de janeiro de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“Preliminares”. João Lopes. (Editorial);

“Origem da palavra Ceará” (parte I). Paulino Nogueira. (Ensaio);

“Lumen-Numen”. Virgílio Brígido. (Poema);

“Corda sensível”. Oliveira Paiva. (Conto);

“O Regresso”. Juvenal Galeno. (Poema);

“Os Quinze Dias”. Antônio Martins. (Crônica);

“A Escola”. Justiniano de Serpa. (Poema);

“Crianças”. José Olímpio. (Poema).

Ano 1, n.º 2, 30 de janeiro de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”. (Editorial);

“A mulher cearense” (parte I). Abel Garcia. (Ensaio);

“O bem-te-vi”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Conto);

“Origem da palavra Ceará” (parte II). Paulino Nogueira (Ensaio);

“Maria de Barros”. Juvenal Galeno. (Poema);

“Milton e as fases de sua vida”. Dr. Guilherme Studart. (Artigo).

Ano 1, n.º 3, 15 de fevereiro de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará” (parte I). Paulino Nogueira. (Ensaio);

“Duas palavras sobre a psicologia etnográfica” (parte I). Farias Brito. (Ensaio);
 “Íntima”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Poema);
 “Formosa”. Martinho Rodrigues. (Poema);
 “História de uma gaivota”. Virgílio Várzea. (Conto);
 “O ar do vento, Ave-Maria”. Oliveira Paiva. (Conto);
 “A educação moral das crianças na escola”. Francisca Clotilde. (Artigo);
 “Da Corte”. Mário. (Crônica de notícias);
 “A mulher cearense” (parte II). Abel Garcia. (Ensaio).

Ano 1, n.º 4, 28 de fevereiro de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;
 “A mulher cearense” (parte III). Abel Garcia. (Ensaio);
 “A ética”. Virgílio Várzea. (Conto);
 “Duas palavras sobre a psicologia etnográfica” (parte II). Farias Brito. (Ensaio);
 “Messalina”. Martinho Rodrigues. (Poema);
 “Os Quinze Dias”. João Lopes. (Crônica);
 “O velho vovô”. Oliveira Paiva. (Conto);
 “O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará” (parte II). Paulino Nogueira. (Ensaio).

Ano 1, n.º 5, 15 de março de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;
 “Origem da palavra Ceará”. Capistrano de Abreu. (Ensaio);
 “Inânia régia...”. Virgílio Brígido. (Poema);
 “O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará” (parte III). Paulino Nogueira. (Ensaio);
 “Planos futuros”. Martinho Rodrigues. (Poema);
 “Ignez”. Virgílio Várzea. (Conto);
 “A carta”. José Olímpio. (Poema);
 “Da Corte”. Mário. (Crônica de notícias);

“A mulher na família” (parte I). Francisca Clotilde. (Ensaio).

Ano 1, n.º 6, 30 de março de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“O papel da poesia” (parte I). Farias Brito. (Ensaio);

“Os Quinze Dias”. João Lopes. (Crônica);

“Jesus”. Virgílio Brígido. (Poema);

“O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará” (parte IV). Paulino Nogueira. (Ensaio);

“Morfético”. Virgílio Várzea. (Conto);

“A mulher na família” (parte II). Francisca Clotilde. (Ensaio);

“Uma observação”. L. Cabral. (Artigo).

Ano 1, n.º 7, 15 de abril de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará” (parte V). Paulino Nogueira. (Ensaio);

“O papel da poesia” (parte II). Farias Brito. (Ensaio);

“Estrada à fora”. Virgílio Várzea. (Conto);

“A paixão”. Rodolfo Teófilo. (Poema);

“A melhor cartada”. Oliveira Paiva. (Conto);

“Mors Amor”. Jane Davy (Francisca Clotilde). (Conto);

“Da Corte”. Mário. (Crônica de notícias).

Ano 1, n.º 8, 30 de abril de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“O papel da poesia” (parte III). Farias Brito. (Ensaio);

“O primeiro filho”. Juvenal Galeno. (Poema);

“Contraste”. Antônio Martins. (Poema);
 “O padre Francisco Pinto ou A primeira catequese de índios no Ceará” (parte VI). Paulino Nogueira. (Ensaio);
 “Os Quinze Dias”. João Lopes. (Crônica);
 “Deserto”. Francisca Clotilde. (Poema);
 “O Manoel Basta”. Virgílio Várzea. (Conto).

Ano 1, n.º 9, 15 de maio de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;
 “Origem da palavra Aquiraz”. Paulino Nogueira. (Ensaio);
 “A mão louca”. Antônio Sales. (Poema);
 “O papel da poesia” (parte IV). Farias Brito. (Ensaio);
 “Aqui”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Poema);
 “Pobre Moisés que o não foste”. Oliveira Paiva. (Conto);
 “Nobre”. José Olímpio. (Poema);
 “Brincar com cinza”. Francisca Clotilde. (Conto);
 “Mariposa” Jane Davy (Francisca Clotilde). (Poema);
 “Os Quinze Dias”. João Lopes. (Crônica).

Ano 1, n.º 10, 31 de maio de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;
 “A Quinzena”. (Editorial);
 “A jangada”. Paulino Nogueira. (Ensaio);
 “Os Quinze Dias”. João Lopes. (Crônica);
 “A Canção de <Tragadalbas>”. Antônio Sales. (Poema);
 “Sehnsucht”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Poema);
 “O jornal”. Justiniano de Serpa. (Poema);
 “O Ódio”. Oliveira Paiva. (Conto);
 “O filhinho do Pery”. Antônio Sales. (Poema);
 “Estatuetas”. Antônio Martins. (Conto);

“Victor Hugo”. Francisca Clotilde. (Artigo).

Ano 1, n.º 11, 15 de junho de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“Pestalozzi” (parte I). José de Barcelos. (Artigo);

“A seta e a canção”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Poema);

“A jangada”. Dr. Guilherme Studart. (Ensaio);

“Medo de Alma”. Juvenal Galeno. (Poema);

“Estatuetas”. Antônio Martins²³⁸. (Conto);

“Os Quinze Dias”. João Lopes. (Crônica);

“O vigário”. José Martins. (Poema);

“Letras e Artes”. (Crônica de notícias);

“Contraste”. Rodolfo Teófilo. (Poema);

“O Caipora”. Paulino Nogueira. (Ensaio);

“Avisos”;

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 12, 5 de julho de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“Herbert Spencer”. Joaquim Manoel Simões. (Artigo);

“Amor de bardo”. Juvenal Galeno. (Poema);

“Pestalozzi” (parte II). José de Barcelos. (Artigo);

“Antonia e Alice”. Farias Brito. (Poema);

“O povo à realeza”. Justiniano de Serpa. (Artigo);

“História natural: As donzelinhas”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Exterioridades”. Martinho Rodrigues. (Poema);

“Carnaúba”. Paulino Nogueira. (Ensaio);

“Nenê”. Antônio Olímpio. (Conto);

²³⁸ O sumário da edição indica o nome de Antônio Martins, mas o texto vem com a assinatura de Gil Bert (Oliveira Paiva). Contudo, como as outras partes do texto *Estatuetas* vieram assinadas por Martins ou seu pseudônimo, Pery, acreditamos que a indicação do sumário está correta.

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 13, 18 de julho de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“A alma reduzida a um problema de matemática”. Farias Brito. (Ensaio);

“Capoeira”. Paulino Nogueira. (Ensaio);

“O vestido azul”. Antônio Sales. (Poema);

“História natural: As borboletas”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Amor de bardo”. Juvenal Galeno. (Poema);

“Curiosa fundação de Caldas”. J. G. Dias Sobreira. (Crônica histórica);

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 14, 31 de julho de 1887.

Redação: João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio.

“Expediente”;

“As conferências do Clube literário”. Oliveira Paiva. (Editorial);

“Episódios da guerra de Espanha em 1808”. De Viremont. (Crônica histórica);

“O Cajueiro”. Paulino Nogueira. (Ensaio);

“Visão do futuro”. Farias Brito. (Poema);

“O falso amigo”. José Martins. (Poema);

“Rosa d’Alvorada”. Antônio Sales. (Poema);

“N’um álbum”. Abel Garcia (Ensaio);

“Felicidade!...”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Conto);

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 15, 26 de agosto de 1887.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

Redação: João Lopes, José Carlos Júnior, Abel Garcia, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

“Expediente”;

“Apontamentos esparsos” (parte I). José Carlos Júnior. (Ensaio);
 “A Iguéz”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Poema);
 “O Justo”. José Martins. (Poema);
 “O papagaio”. Paulino Nogueira. (Ensaio);
 “Abismo”. Juvenal Galeno. (Poema);
 “Os quinze dias”. João Lopes. (Crônica);
 “Ciências naturais: A Luz”. Rodolfo Teófilo. (Conto);
 “Anúncios”.

Ano 1, n.º 16, 4 de setembro de 1887.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

Redação: João Lopes, José Carlos Júnior, Abel Garcia, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

“Expediente”;
 “A papisa Joana ou uma legenda parasita”. Dr. G. Studart. (Ensaio);
 “Suspirando”. Juvenal Galeno. (Poema);
 “Soneto”. Pery (Antônio Martins). (Poema);
 “Apontamentos esparsos” (parte II). José Carlos Júnior. (Ensaio);
 “Estatuetas”. Pery (Antônio Martins). (Conto);
 “A cor morena”. Paulino Nogueira. (Ensaio);
 “A barata e a vela”. Oliveira Paiva. (Fábula);
 “Mãe dolorosa”. Francisca Clotilde. (Poema);
 “Livros e folhetos”. (Crônica de notícias/notas);
 “Anúncios”.

Ano 1, n.º 17, 17 de setembro de 1887.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

Redação: João Lopes, José Carlos Júnior, Abel Garcia, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

“Expediente”;
 “Um romance naturalista”. Abel Garcia. (Ensaio);
 “Visão do futuro”. Farias Brito. (Poema);

“Historia natural: O cafeeiro”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Estatutos do Clube Literário”. (Editorial);

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 18, 15 de outubro de 1887.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

Redação: João Lopes, José Carlos Júnior, Abel Garcia, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

“Expediente”;

“Ciências naturais: Ar e atmosfera”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Luz e sombra”. Farias Brito. (Poema);

“Minh’alma”. Juvenal Galeno. (Poema);

“Os quinze dias”. João Lopes. (Crônica);

“O urubu”. Paulino Nogueira. (Ensaio);

“A enjeitada”. Francisca Clotilde. (Conto);

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 19, 18 de novembro de 1887.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

“Expediente”;

“Palco e salões” (Crônica de notícias/crítica)

“O Cavallo”. Paulino Nogueira. (Ensaio).

“Alternativa”. Antônio Sales. (Poema).

“Poema instantâneo”. José Carlos Júnior. (Poema);

“Variação sobre um tema de Buffon”. Oliveira Paiva. (Conto);

“História natural: As flores”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 20, 2 de dezembro de 1887.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

Redação: João Lopes, José Carlos Júnior, Abel Garcia, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

“Expediente”;

“A Mãe D’água”. Paulino Nogueira. (Ensaio);

“Líricas”. Antônio Sales. (Poema);

“Uma carteirinha”. José Martins. (Poema);

“Os dois vultos”. Farias Brito. (Poema);

“Reconhecimento” (tradução). Catulle Mendes. (Conto);

“Ciências naturais: A água”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Os quinze dias”. João Lopes. (Crônica);

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 21, 15 de dezembro de 1887.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

Redação: João Lopes, José Carlos Júnior, Abel Garcia, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

“Expediente”;

“O suicídio como consequência da falta de convicção” (parte I). Farias Brito. (Ensaio);

“Líricas”. Antônio Sales. (Poema);

“Barões Assinalados”. Paulino Nogueira. (Ensaio);

“História natural: Reprodução dos vegetais”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Anúncios”.

Ano 1, n.º 22, 3 de janeiro de 1888.

Gerente: José Olímpio da Rocha.

Redação: João Lopes, José Carlos Júnior, Abel Garcia, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

“Expediente”;

“O suicídio como consequência da falta de convicção” (parte II). Farias Brito. (Ensaio);

“Ao pôr do sol”. Martinho Rodrigues. (Poema);

“A fidelidade de Colette” (tradução). Catulle Mendes. (Conto);

“História natural: A vida dos vegetais”. Rodolfo Teófilo. (Conto);

“Anúncios”.

Ano 2, n.º 1, 15 de janeiro de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;

“A Quinzena”. (Editorial);

“Apontamentos esparsos” (parte III). José Carlos Júnior. (Ensaio);

“O mimo de rosas”. Virgílio Brígido. (Poema);

“O Naturalismo”. Gil Bert (Oliveira Paiva). (Ensaio);

“O suicídio como consequência da falta de convicção” (parte III). Farias Brito. (Ensaio);

“A volta das andorinhas”. Oliveira Paiva. (Conto);

“A propósito de uma anedota”. Sílvio. (Conto);

“Pelo mundo artístico”. (Notas/notícias literárias);

“Aos nossos assinantes”. (Aviso);

“Aviso”;

“Anúncios”.

Ano 2, n.º 2, 31 de janeiro de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;

“Os gênios”. Justiniano de Serpa. (Artigo);

“Fases”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Poema);

“A volta das andorinhas”. Antônio Sales. (Poema);

“O que vem a ser uma obra naturalista”. Gil Bert (Oliveira Paiva). (Ensaio);

“A encruzilhada”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Conto);

“Ao cair da tarde”. Oliveira Paiva. (Conto);

“Recibos”. (Crônica de notícias/notas);

“Pelo mundo artístico”. (Notas/notícias literárias);

“Anúncios”.

Ano 2, n.º 3, 23 de fevereiro de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;
 “Grafologia criminal”. Justiniano de Serpa. (Artigo);
 “De preto e de vermelho”. Gil (Oliveira Paiva). (Conto);
 “Os insetos na fecundação dos vegetais”. Antônio Bezerra. (Artigo);
 “Pelo mundo artístico”. (Notas/notícias literárias);
 “Dúvidas”. Antônio Sales. (Poema);
 “Fases”. Bruno Jaci (José Carlos Júnior). (Poema);
 “A saudade de um anjo”. Jane Davy (Francisca Clotilde). (Conto);
 “O lazareto”. Rodolfo Teófilo. (Conto);
 “Anúncios”.

Ano 2, n.º 4, 11 de março de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;
 “De pena atrás da orelha”. Gil Bert (Oliveira Paiva). (Conto).
 “Pelo mundo artístico”. (Notas/notícias literárias);
 “Beleza Forense”. Francisca Clotilde. (Poema);
 “Le Palmier qui parle”. De Viremont. (Poema);
 “O bom visco” (tradução). Paul Aréne. (Conto);
 “Paisagens” (transcrito). Edmundo de Barros (Poema);
 “Ao luar”. Antônio Sales. (Poema);
 “O bom gosto fortalezense”. (Artigo);
 “Recibos”. (Notas/notícias/crítica);
 “Anúncios”.

Ano 2, n.º 5, 28 de março de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;
 “O avô”. Amphisio. (Conto);
 “Contradição” (transcrito). J. M. Brígido (Conto);
 “Roubo de 9 contos” / “Em uma noite de luar”. Mademoiselle***. (Comentário da redação; conto);

“O anel”. Papi Júnior. (Poema);
 “Em pleno azul”. Álvaro Martins. (Poema);
 “Conselho”. Ana Nogueira. (Poema);
 “Olhos moleques”. Pery (Antônio Martins). (Poema);
 “Ciências naturais: Os vulcões”. Rodolfo Teófilo. (Conto);
 “Pelo mundo artístico”. (Notas/notícias literárias);
 “Anúncios”.

Ano 2, n.º 6, 16 de abril de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;
 “Apontamentos esparsos” (parte IV). José Carlos Júnior. (Ensaio);
 “Olhos moleques”. José Martins. (Poema);
 “O rapto”. Pery (Antônio Martins). (Poema);
 “A hora da coalhada”. Amphrisio. (Conto);
 “Páginas Soltas” (transcrito). Iza. (Conto);
 “O natal”. Mademoiselle***. (Crônica);
 “A paixão”. Gil Bert (Oliveira Paiva). (Conto).
 “Homenagem”. Jane Davy (Francisca Clotilde). (Poema);
 “Teu olhar”. Ana Nogueira. (Poema);
 “Noite de amor”. Álvaro Martins. (Poema);
 “Os quinze dias”. João Lopes. (Crônica);
 “Anúncios”.

Ano 2, n.º 7, 3 de maio de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;
 “A fórmula psicológica x---lg.y” (parte I). Farias Brito. (Ensaio);
 “O nosso progresso”. Antônio Bezerra. (Artigo);
 “A’A Bezerra”. Xavier de Castro. (Poema);
 “Nessum maggior dolore”. Ana Nogueira. (Poema);
 “Gostos”. José Martins. (Poema);

“Impressões dispersas”. Manoel Cezar. (Conto);
 “Romancite”. Domício da Gama. (Artigo);
 “O Luiz de ouro” (tradução). François Coupée (Conto);
 “Anúncios”.

Ano 2, n.º 8, 10 de junho de 1888.

Gerente: Manoel de Oliveira Paiva.

“Expediente”;
 “A fórmula psicológica x---lg.y” (parte II). Farias Brito. (Ensaio);
 “Divagações”. Farias Brito. (Poema);
 “Uma eleição”. Júlio Tabosa. (Poema);
 “As borboletas”. José Martins. (Poema);
 “Impressões dispersas”. M. de Mello Cezar. (Conto);
 “A saudade”. Mademoiselle***. (Crônica);
 “O casamento”. Amphrisio. (Conto);
 “Núpcias de Jesus”. Emanuel Carneiro. (Conto);
 “Anúncios”.

Anexo B: Ensaio sobre o naturalismo, por Oliveira Paiva

Ano 2, nº 1, 15 de janeiro de 1888, p. 3-4.

O Naturalismo

O ano de 1888 recebeu de seu antecessor os feitos de um acontecimento auspicioso para a literatura brasileira, qual o de em poucos dias esgotaram-se três edições do romance *O homem*, de Aluísio Azevedo. Isto mostra que o nosso público se convenceu, por fim, de que o nosso país não tem somente café, algodão e borracha; que não dá somente bacharéis e cônegos; que não trabalha só para sustentar o funcionalismo e pagar juros ao estrangeiro; mas que também possui quem *faça livro*, na eminente expressão da palavra.

Com efeito, não se podia compreender que uma região tão vasta, original, pujantemente variegada, onde trava-se a luta de tantas raças diferentes, não continuasse, por

um processo de seleção natural, a produzir indivíduos que eternizam pela palavra a vida das nações.

Tivemos escritores no tempo colonial. Assistimos ao convulsionar da revolução romântica. E agora, quando a Europa inteira restava o fio tradicional da verdadeira Arte; quando entornava a legítima dinastia intelectual apesar da viva guerra dos usurpadores; quando, pelo naturalismo, entrava francamente nas avançadas da evolução literária; que fazia o Brasil, cujos povoadores tão cedo não poderão eximir-se de acompanhar o movimento europeu?

Lia o que vinha de lá.

*

* *

Entretanto, si é que aspiramos ao grão de nação e de povo, a Europa estaria em todo o seu direito nos julgando assim a modo de uma senzala, um país *essencialmente agrícola*; pois que era tal o nosso descuido e «falta de caráter» que, possuindo os mais profundos e operosos talentos, desdenhávamos tributar a nossa atenção e o nosso óbolo.

Ora, o público brasileiro acabou de protestar contra a inércia e indiferença de que o acoimavam. E é preciso que sejamos também gratos ao público.

Mas também, que havia de ele fazer, se escritores brasileiros, longe de apresentarem-se lidadores fecundos pelo trabalho, como José de Alencar, mostravam-se fátuos e infusos de talento selvagem e infantilmente bobo; se escritores, em vez de rebentarem do seio da nação, do turbilhão da vida, como Cervantes, Shakespeare, Stern, Goethe, Hugo, Balzac, Zola, Ramalho Ortigão, saíam era das academias com uma literatura de caso pensado e uma ideia falsa das pessoas e das coisas da sua terra, enxergando pelos olhos dos estrangeiros e ombreando-se audaciosamente, do primeiro impulso, com os grandes de lá?

A tudo aquilo deu lugar à desordem implantada pela fase romântica. Hoje, porém, há indícios de orientação. O naturalismo, no seu rigor de observação, de experiência, ligado intimamente à ideia como forma, acatando a Ciência, subordinando-se de todo à Arte, elevou o trabalho, o bom senso, o gênio e desprezou a ociosidade dos parasitas que produzem um escrito como uma planta estéril dá uma linda flor infecunda.

É por tudo isto que nos mostramos sumamente satisfeitos com as repetidas edições d'*O Homem*, tomando novo fôlego para prosseguir na espinhosa mas consoladora vida

literária, vida de que a nação precisa necessariamente, e sem a qual bem poderia desengonçar-se este vastíssimo território.

Mas a literatura brasileira terá com efeito entrado pelo caminho do naturalismo? E o que vem a ser o naturalismo?

Esta pergunta é difícil de responder, e tanto, que no próximo número dedicaremos um artigo especial para tentar, se não de todo, ao menos em parte, da uma ideia ao leitor.

Gil Bert.

Ano 2, nº 2, 31 de janeiro de 1888, p. 3.

O que vem a ser uma obra naturalista?

Os leitores não estranhem a pergunta. O Sr. Aluísio Azevedo escreveu no póstico d' *O Homem* que as pessoas que não tivessem uma ideia clara sobre o naturalismo não lessem o seu livro. Ora, o dito livro teve e continua a ter sucesso. É preciso, pois, que a gente se entenda, que cada qual compareça e se pronuncie sem rodeios, sem flamância, sem dialética. Antes, pois, e proferir sequer uma palavra acerca d' *O Homem*, vejam se temos ideia clara e segura do que é uma obra naturalista. Avisa-se aos leitores que ignoramos se estamos ou não na via certa. A nossa função é simplesmente dar depoimento do que havemos sentido, observado e experimentado.

*

* *

Primeiro que tudo folheemos o volumezito dos *Pensamentos sobre a interpretação da natureza*, do imortal Diderot; e sigamos a galgar um ponto de vista d'onde se abranja com a segurança e sem ilusões de ótica o campo da arte.

Diz o simpático Diderot:

«As produções da arte serão comuns, imperfeitas e fracas enquanto não nos propusemos a uma imitação mais rigorosa da natureza.»

Mas em que consiste esta imitação rigorosa da natureza? – dizemos nós. Será em copiar fatos, pessoas e coisas?

Citemos ainda um trecho do autor da Enciclopédia:

«A natureza é tenaz e lenta nas suas operações. Se é preciso afastar, aproximar, unir, dividir, amolgar, condensar, enrijar, liquefazer, dissolver, assimilar, ela prossegue no seu intento pelas mais insensíveis gradações.

«A arte, ao contrário, se apressa, afadiga e cansa.

«A natureza leva séculos para preparar grosseiramente os metais; a arte propõe-se a aperfeiçoá-los em um dia.

«A natureza emprega séculos em formar as pedras preciosas; a arte pretende contrafazê-los em um momento.»

A imitação rigorosa da natureza é, portanto, não somente copiar, mas produzir, proceder, criar no rigor das leis naturais.

Uma obra naturalista é como um fruto completamente sazonado, que pressupõe uma série de fenômenos perfeitamente realizados, sem teratologia, sem influência estranha.

O naturalismo é uma arte vasta, indefinida. Ninguém poderá jactar se de ser um naturalista, do mesmo modo que ninguém dirá: – eu sou sábio; - porque não se trata de escolas, nem de sistema. Seria uma imodéstia.

Os artistas que se apegam de preferência à imaginação esses podem dizer e obrar o que quiserem porque não têm responsabilidade. Mas os que preferem abismar se durante a vida inteira no seio da Criação e d'aí prescrutando as infinitas e imutáveis leis, fazer sentir aos seus semelhantes a beleza suprema da verdade, na tendência contínua para o real, para o inatingível, esses têm o que perder. Quando eles deitam uma obra ao mundo, são encarados como se um mundo lhes caísse das mãos, criado, na incompatível expressão bíblica, à sua imagem e semelhança.

A tendência universal da Arte é o naturalismo. Mas o artista para penetrar na natureza tem de atravessar a sociedade que o produziu.

Quando devo, pois, dizer que uma obra é naturalista?

Cada qual faça como quiser, mas procedo é pelo modo seguinte:

Sem me importar com o molde do livro, entro na leitura como se me aventurasse a uma excursão minuciosa, a percorrer, por exemplo, uma floresta que me interesse até pelos seres infinitésimos, ou a visitar, no caráter de policial, uma casa onde se deu um crime que se oculta. Se canso, volto. Depois, torno.

Faço por ler o livro, guardadas as proporções de tempo, mais ou menos com ele foi escrito. Começo a viver multiplicadamente com os personagens, e sobretudo, a me apaixonar, com o autor a quem encontro de vez em quando, - pela natureza que ele pinta. E assim vou

indo. E, se, depois de ler a última palavra, meditando sobre aqueles dias de convivência impalpável, eu não sofrer um vácuo nas minhas ideias; se me sentir cheio de natureza e de verdade, e for direitinho à concepção do autor, como pela fresta coada pelo telhado lobrigo o disco do sol, então me curvo perante o autor do livro, que é mais um Deus que criou um novo cosmos para a minha inteligência e para o meu sentimento, e digo que li uma obra naturalista.

Gil Bert